



UNICAMP

EDUARDO ALVES VASCONCELOS

**INVESTIGANDO A HIPÓTESE
CAYAPÓ DO SUL-PANARÁ**

**CAMPINAS,
2013**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

EDUARDO ALVES VASCONCELOS

**INVESTIGANDO A HIPÓTESE
CAYAPÓ DO SUL-PANARÁ**

Tese de Doutorado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem (IEL),
Universidade de Campinas – Unicamp,
para obtenção do Título de Doutor em
Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis

**CAMPINAS,
2013**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

V441i Vasconcelos, Eduardo Alves, 1982-
Investigando a hipótese Cayapó do Sul-Panará / Eduardo Alves Vasconcelos.
– Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Wilmar da Rocha D'Angelis.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Índios Cayapó. 2. Índios Kreen-akarôre. 3. Língua Jê - Fonologia. 4. Índios - Línguas. 5. Índios - Línguas - Vocabulários, glossários, etc. I. D'Angelis, Wilmar, 1957-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Investigating the South-Cayapó-Panará hypothesis

Palavras-chave em inglês:

Cayapo indians

Kren-akarore indians

Je language - Phonology

Indians - Language

Indians - Language - Vocabularies, glossaries, etc

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutor em Linguística

Banca examinadora:

Wilmar da Rocha D'Angelis [Orientador]

Maria Bernadete Marques Abaurre

Angel Humberto Corbera Mori

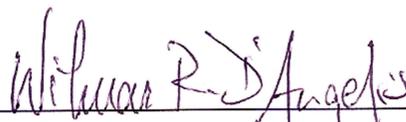
Beatriz Protti Christino

Data de defesa: 16-12-2013

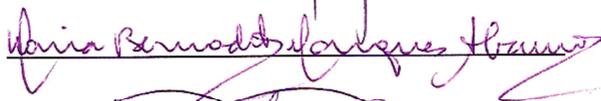
Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Wilmar da Rocha D'Angelis



Maria Bernadete Marques Abaurre



Angel Humberto Corbera Mori



Beatriz Protti Christino



Frantome Bezerra Pacheco



Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Andérbio Márcio Silva Martins

Antonio Carlos Silvano Pessotti

ABSTRACT

The comparative analysis between the records of the South Cayapó and Panará languages (Jê languages) were performed by Heelas (1979), Schwartzman (1988), Rodrigues & Dourado (1993), Giralдин (1997, 2000), and Dourado (2004), aiming to evaluate the hypothesis raised by Heelas (1979) that Brazilian South Cayapó indigenous people, who maintained intermittent and conflictuous contact with the colonization fronts of central Brazil between the 18th and 19th centuries, and who were considered extinct in the early decades of the 20th century, are the ancestors of the Panará indigenous people contacted in the 1960s, in Northern Mato Grosso, near the border with the state of Pará. In common, these comparisons do not address systematically the South Cayapó items, judging *a priori* its similarity with the records of Panará, delegating the found discrepancies due to the quality available data. One consequence of this *a priori* assignment of identity between South Cayapó records and Panará is the absence of comparisons with other languages of the Ge family. Thus, the purpose of this analysis is to re-assess the comparison between South Cayapó records and Panará recent records by adopting the following methodology: analysis and systematization of South Cayapó lists and vocabularies, and subsequent phonological interpretation; revision of Dourado's (1990, 2001) phonemic analysis of Panará, comparing both South Cayapó and Panará with other languages of Ge family; and finally, the proposition of a comparative analysis between South Cayapó and Panará records. There are only seven records of the language spoken by the South Cayapós: the Baptismal Records of the town of Vila Boa (1782); the word lists compiled by Emmanuel Pohl (1832) and Auguste de Saint-Hilaire (1848), in 1819, in the village of São José de Mossâmedes; the word lists compiled by Dr. Kupfer (1870), by Captain Joaquim Lemos da Silva (1882), and by Carl Nehring (1894), collected among the South Cayapó village, near the town of Santana do Paranaíba (current Paranaíba, in Northeastern Mato Grosso do Sul); and another list from the Triângulo Mineiro, produced by Alexandre de Souza Barbosa, in 1911, among a group of South Cayapó families from the village of Água Vermelha, on the banks of the Rio Grande. The Panará records are those presented by Dourado in her MSc. dissertation (1990), and PhD thesis (2001), along with the *corpus* gathered during fieldwork conducted in 2012. The analysis of the records were performed in accordance with the procedures listed by Grannier Rodrigues (1990) during her Guarani Antigo analysis and, where appropriate, with the procedures of the Restitution Method (UMAÑA, 2000). The phonological analysis followed the assumptions of the Linguistic Circle of Prague, mainly its later developments, such as the theory of distinctive features advocated by Jakobson, Fant & Halle (1952). The distinctive features of Standard Generative Phonology (Chomsky & Halle, 1968) were also used, as well as the geometry of features proposed by D' Angelis (1998) when an explanatory benefit was identified.

Keywords: South Cayapó. Panará. Ge languages. Brazilian indigenous languages. Graphemic analysis. Phonological analysis.

RESUMO

As análises comparativas existentes entre os registros das línguas Cayapó do sul e Panará (família Jê) foram realizadas por Heelas (1979), Schwartzman (1988), Rodrigues & Dourado (1993), Giralдин (1997, 2000) e Dourado (2004), com o intuito de avaliar a hipótese levantada por Heelas (1979) de que os Cayapó do Sul, povo indígena brasileiro que manteve contato intermitente e conflituoso com as frentes de colonização do Brasil Central entre os séculos XVIII e XIX, considerados extintos nas primeiras décadas do século XX, são os antepassados dos Panará, povo indígena contatado na década de 1960, no norte do Mato Grosso, divisa com o Pará. Em comum, estas comparações não tratam de forma sistemática os itens Cayapó do Sul, julgando *a priori* a semelhança com os registros do Panará, delegando as discrepâncias encontradas à qualidade dos registros disponíveis. Uma das consequências dessa atribuição de identidade *a priori* entre os registros do Cayapó do Sul e o Panará é a ausência de comparações com outras línguas da família Jê. Assim, a proposta desta análise é refazer a comparação entre os registros do Cayapó do Sul e registros recentes do Panará, seguindo a seguinte metodologia: análise e sistematização das listas e vocabulários Cayapó do Sul e subsequente interpretação fonológica; revisão da análise fonêmica de Dourado (1990, 2001) feita para o Panará; comparação tanto do Cayapó do Sul quanto do Panará com línguas da família Jê; e, finalmente, propor uma análise comparativa entre os registros Cayapó do Sul e Panará. Sobre a língua falada pelos Cayapó do Sul há somente sete registros: Registro de Batismo de Vila Boa (1782); as listas de palavras coligidas por Emmanuel Pohl (1832) e Auguste de Saint-Hilaire (1848), em 1819, no aldeamento de São José de Mossâmedes; as listas de Dr. Kupfer (1870), Capitão Joaquim Lemos da Silva (1882) e Carl Nehring (1894), coligidas entre os Cayapó do Sul da aldeia próxima à Vila de Santana do Paranaíba (atual município de Paranaíba, no nordeste do Mato Grosso do Sul); e mais uma lista do Triângulo Mineiro, produzida por Alexandre de Souza Barbosa, em 1911, entre um núcleo familiar dos Cayapó do Sul da aldeia da Água Vermelha, às margens do rio Grande. Os registros do Panará são aqueles apresentados por Dourado em sua dissertação de mestrado (1990) e tese de doutorado (2001), mais o *corpus* obtido em Trabalho de Campo realizado em 2012. Para a análise dos registros Cayapó do Sul, foram utilizados os procedimentos listados por Grannier Rodrigues (1990) em sua análise do Guaraní Antigo e, quando necessário, procedimentos do Método Restitutivo (UMAÑA, 2000). As análises fonológicas seguem os pressupostos do Círculo Linguístico de Praga e, principalmente, seus desenvolvimentos posteriores, como a teoria de traços distintivos defendida por Jakobson, Fant & Halle (1952); também foram utilizados os traços distintivos da Fonologia Gerativa Padrão (CHOMSKY; HALLE, 1968) e, ainda, quando foi identificado ganho explicativo, a proposta de Geometria de Traços de D'Angelis (1998).

Palavras-chave: Cayapó do Sul; Panará; Línguas Jê; Línguas Indígenas Brasileiras; Análise grafêmica; Análise fonológica.

SUMÁRIO

0.	INTRODUÇÃO	29
1.	CAYAPÓ DO SUL E PANARÁ	33
1.1.	CAYAPÓ DO SUL	33
1.2.	PANARÁ	39
1.3.	A HIPÓTESE CAYAPÓ DO SUL-PANARÁ	37
2.	REGISTROS LINGUÍSTICOS DO CAYAPÓ DO SUL	45
2.1.	PRESSUPOSTOS DA ANÁLISE DOS REGISTROS LINGUÍSTICOS DO CAYAPÓ DO SUL	46
2.2.	OS REGISTROS DE MOSSÂMEDES	54
2.2.1.	Registro de Batismo de Vila Boa (1782)	54
2.2.2.	Considerações sobre as publicações da lista de Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848)	60
2.2.3.	“Sprachproben der Cayapós in der Aldeya S. José de Mossamedes” – Pohl (1832)	61
2.2.4.	“Les Indiens Coyapós” – Saint-Hilaire (1848)	69
2.2.5.	Proposta de sistema fonológico para o Cayapó do Sul de Mossâmedes	75
2.2.5.1.	Fricativas e africadas	76
2.2.5.2.	Soantes	77
2.2.5.3.	Obstruintes e soantes	80
2.2.5.4.	Clusters	83
2.2.5.5.	Coda	86
2.2.5.6.	Vogais	89

2.3.	OS REGISTROS DE SANTANA DO PARANAÍBA	90
2.3.1.	“Die Cayapo-Indianer in der Provinz Matto-Grosso” – Kupfer (1870)	95
2.3.2.	“Os índios Cayapós” – Lemos da Silva (1882)	91
2.3.3.	“Sud-Cayapo” – Nehring (1894)	99
2.3.4.	Proposta de sistema fonológico para os registros de Santana do Paranaíba	105
2.3.4.1.	Consoantes	105
2.3.4.2.	Vogais	112
2.4.	“CAYAPÓ E PANARÁ”, BARBOSA (1918)	115
2.4.1.	Síntese da análise grafemática da lista de Barbosa (1918)	117
2.4.2.	Os diacríticos	119
2.4.3.	Quadro de consoantes e quadro de vogais em Barbosa (1918)	121
3.	FONOLOGIA DO CAYAPÓ DO SUL	123
3.1.	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DAS ANÁLISES FONOLÓGICAS	123
3.2.	QUADRO DE VOGAIS E CONSOANTES SEGUNDO A REGIÃO DE REGISTRO	132
3.3.	SISTEMA CONSONANTAL	133
3.3.1.	Fricativas	133
3.3.2.	Obstruintes, nasais e pré-nasalizadas	134
3.3.3.	Codas	142
3.3.4.	Clusters	147
3.4.	VOGAIS	149
3.5.	QUADRO CONSONANTAL E VOCÁLICO DO CAYAPÓ DO SUL	150

4.	PANARÁ: ANÁLISE DE DOURADO (1990, 2001)	155
4.1.	AS VOGAIS	156
4.2.	AS CONSOANTES	157
4.3.	CODA SILÁBICA E CLUSTERS	162
5.	REANÁLISE DA FONOLOGIA DO PANARÁ	165
5.1.	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	165
5.2.	CONSOANTES	167
5.2.1.	Codas	175
5.2.2.	Clusters	177
5.2.3	Fonemas consonantais do Panará	179
5.3.	VOGAIS	180
6.	CAYAPÓ DO SUL, PANARÁ E A FAMÍLIA JÊ	189
6.1.	COMPARAÇÕES ANTERIORES ENTRE CAYAPÓ DO SUL E PANARÁ	189
6.2.	CAYAPÓ DO SUL E APINAJÉ	192
6.3.	CAYAPÓ DO SUL E APÑNIEKRÁ	203
6.4.	CAYAPÓ DO SUL E TAPAYÚNA	210
6.5	CAYAPÓ DO SUL E PANARÁ	223
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	235
	BIBLIOGRAFIA	241
	APÊNDICE: Registros Cayapó do Sul	251

... nada mais efêmero do que homem...

(Koch-Grünberg)

*Aos Panará,
os gigantes do Brasil Central.*

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos é como fazer um balanço emocional do que representou o tempo dedicado a produção de uma tese e creio, sinceramente, que é tão difícil e gratificante quanto escrever e entregar a tese. A tensão e a conseqüente alegria de dedicar, ao menos uma frase, a pessoas que tornaram esse caminho possível, saindo assim da visão solitária do pesquisador. Lembrando, aos possíveis leitores, que aqui há um trabalho coletivo, não observável na escrita, mas presente nos amparos e incentivos abundantes durante todo o processo.

Entre estes amparos e incentivos, fundamental é a presença do meu orientador, Wilmar da Rocha D'Angelis, que desde a confecção do projeto acreditou nos frutos dessa pesquisa. Linguista competente e indigenista incansável, Wilmar D'Angelis escancara para a comunidade acadêmica que é possível produzir ciência sem desconsiderar a ação social. Meus sinceros agradecimentos ao aprendizado linguístico e social.

Ainda no crescimento profissional e pessoal, não poderia deixar de agradecer à Juracilda Veiga, que em longas conversas, acompanhadas de um bom café, trouxe-me intensas reflexões sobre a questão indígena e as políticas indígenas e indigenistas. Nestas conversas eu tive a feliz possibilidade de ver a história dos povos indígenas e do movimento indígena pelo olhar de uma experiente antropóloga, envolvida ativamente em tais questões.

Agradeço também aos professores e funcionários do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), em especial, Angel Corbera Mori, pela gentileza e carisma.

Meus agradecimentos à Banca Examinadora pela leitura cuidadosa e pelos acertados apontamentos, possibilitando um texto mais limpo e com um menor número de labirintos.

Aos Panará, que me receberam de forma tão generosa, pela experiência indescritível que é a vida na aldeia. Em especial a Kupere e Sajakiá, senhores que guardam a sabedoria e o conhecimento ancestral deste povo. Também a Akâ, que deitado em sua rede, permitiu a minha imersão no passado recente dos Panará.

Aos colegas e amigos do IEL que me acompanharam mais de perto: Raphael Barbosa, Nayara Camargo, Ivana Pereira Ivo, Solange Gonçalves, Pablo, Francisco Meneses, Graziela Antonioli, Amanda Bastos e tantos outros, que minha memória não conseguiu alcançar.

À linguista Juliana Santos pelo apoio essencial em diversos trechos desta jornada e principalmente com a imensurável ajuda na realização do trabalho de campo entre os Panará.

À Beatriz Christino, pelo entusiasmo com esta pesquisa, pelas críticas, sutis e essenciais. Pelas agradáveis conversas.

À Samima Patel, hoje em Moçambique, pelos essenciais conselhos, provindo de uma maturidade que ainda preciso alcançar. Obrigado pela simpatia e empatia.

À Anna Raissa, por quem guardo profunda admiração e respeito; amizade alimentada pela constante preocupação com o se tornar presente e com o estreitar laços.

À Angela Luna (ou simplesmente Luna), uma das minhas felizes descobertas em Campinas; inteligente, competente, de sorriso fácil e de personalidade encantadora. Obrigado por compartilhar risadas e choros.

A Rafael Silveira Porto, pelos votos de encorajamento e pela paciência, também pelas palavras acertadas em momentos de fragilidade, pelo incentivo advindo da sua seriedade em suas atividades. Meus agradecimentos pelos ensinamentos de um velho jovem.

A Pedro Maluendas, para quem não é possível mensurar a importância para este trabalho. Homem de coração aberto, munido de raro desejo de ajudar; meus mais profundos agradecimentos por me apresentar seres humanos humanos.

A Amilcar José, pela gentileza, companheirismo, preocupação, pelo abraço sincero. Espero sinceramente que nossos caminhos nos leve a praias ensolaradas.

A Gilberto Machel e Nádia Reciola, pelas discussões sobre Vida e sobre como buscar autonomia em um mundo antiautonomia.

À Angela Chagas, pela crítica sincera, pelo carinho, pela fé. A Antonio Almir e seu incansável otimismo “se vida sorrir para você, sorria de volta”.

Aos amigos Lilian da Rosa, Thiago Bulhões, Sarah Gurgel, Camilo Kolomi, Nara, Michella Lima, Pedro Henrique, Leandro Sena, André Sena, Ana Lúcia e Eduardo Porto e tantos outros.

À *Eliete*, mulher guerreira, que precisou lidar com a distância, com a minha ausência, com as venturas e desventuras do doutorado do seu filho e a quem guardo o mais sincero sentimento de amor.

Aos meus pequenos *Fernando, Luiz Henrique e Geovana*.

RECONHECIMENTOS

Para a realização desta pesquisa, obtive, e agradeço, o financiamento por meio de Bolsa de Estudo da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2008/10995-1.

Mapas

MAPA 1	Território Cayapó do Sul e povos vizinhos	34
MAPA 2	Aldeias Cayapó do Sul	38
MAPA 3	Aldeias Panará	41
MAPA 4	Cayapó do Sul e Panará	44
MAPA 5	Registros Cayapó do Sul	46
MAPA 6	T. I. Panará	166
MAPA 7	Cayapó do Sul-Panará: proposta de rota de migração	239

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Lista de Vila Boa (GO) – Consoantes	58
Quadro 2	Lista de Vila Boa (GO) – Vogais	59
Quadro 3	Lista de Pohl (1832) – Consoantes	66
Quadro 4	Lista de Pohl (1832) – Vogais	69
Quadro 5	Lista de Saint-Hilaire (1848) – Consoantes	73
Quadro 6	Lista de Saint-Hilaire (1848) – Vogais	75
Quadro 7	Hipótese para as consoantes de Mossâmedes	89
Quadro 8	Hipótese para as vogais de Mossâmedes	90
Quadro 9	Lista de Kupfer (1870) – Consoantes	94
Quadro 10	Lista de Kupfer (1870) – Vogais	95
Quadro 11	Lista de Lemos da Silva (1882) – Consoantes e Vogais	99
Quadro 12	Lista de Nehring (1894) – Consoantes e Vogais	104
Quadro 13	Hipótese para as consoantes de Santana do Paranaíba	112
Quadro 14	Hipótese para as vogais de Santana do Paranaíba – vogais	115
Quadro 15	Vocabulário de Barbosa (1918) – Consoantes	121
Quadro 16	Vocabulário de Barbosa (1918) – Vogais	121
Quadro 17	Hipótese de sistema fonológico do Cayapó do Sul – Consoantes	152
Quadro 18	Hipótese de sistema fonológico do Cayapó do Sul – Vogais	153
Quadro 19	Fones consonantais do Panará	167
Quadro 20	Consoantes em Panará	180
Quadro 21	Fones vocálicos do Panará	182
Quadro 22	Vogais orais em Panará	184
Quadro 23	Vogais nasais em Panará	186

ABREVIATURAS

- REGISTRO DE BATISMO DE VILA BOA, 1782 (**VB**)
- LISTA DE PALAVRAS DE EMMANUEL POHL, 1832 (**P**)
- LISTA DE PALAVRAS DE AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE, 1848 (**SH**)
- LISTA DE PALAVRAS DE DR. KUPFER, 1870 (**K**)
- LISTA DE PALAVRAS DE LEMOS DA SILVA, 1882 (**L**)
- LISTA DE PALAVRAS DE CARL NEHRING, 1894 (**N**)
- VOCABULÁRIO DE ALEXANDRE DE SOUSA BARBOSA, 1918 (**B**)
- APĀNIEKRÁ (**Ap**)
- APINAJÉ (**Aj**)
- PANARÁ (**Pa**)
- TAPAYÚNA (**Tp**)
- XAVANTE (**Xa**)
- XERENTE (**Xe**)
- MEBENGOKRE (**Mb**)
- KAINGANG (**Kg**)

INTRODUÇÃO

No Brasil atual, apesar das inestimáveis e enormes perdas das línguas indígenas ainda há uma considerável diversidade linguística¹. Para Seki (1999), “embora não haja dados totalmente precisos, os estudiosos em geral concordam com a estimativa de que atualmente são ainda faladas no Brasil cerca de 180 línguas indígenas”². Rodrigues (1999b) pontua que

há grande diversidade entre as línguas indígenas do Brasil, tanto de natureza tipológica, quanto de natureza genética. Do ponto de vista tipológico há tanto línguas de gramática predominantemente analítica, quanto outras fortemente polissintéticas, com características que só se encontram nas Américas; tanto línguas com inventários fonológicos abundantes, como outras com um número extremamente reduzido de vogais e consoantes, assim como há línguas tonais, que caracterizam as palavras por sílabas de tom mais alto e de tom mais baixo, e línguas que, como a maioria das européias, só usam o tom para caracterizar tipos de sentenças.

Essas línguas, do ponto de vista genético, podem ser classificadas em grupos com características mais próximas ou mais distantes, e assim seriam distribuídas em cerca de 40 famílias linguísticas (RODRIGUES, 1999b). Essas famílias estariam assim distribuídas: dez famílias integrando o tronco Tupí, entre as quais a família Tupí-Guaraní, com maior distribuição geográfica no território brasileiro; um total de doze famílias compondo o tronco Macro-Jê, sendo a família Jê a mais numerosa; as famílias Arawá, Aruak, Guaikuru, Karib, Katukina, Makú, Mura, Nambikwára, Pano, Tukano, Txapakúra e Yanomami; e os isolados linguísticos Aikana, Arikapú, Awaké, Irantxe/Mÿky, Kanoê, Koazá, Jabuti, Koaiá, Máku, Trumai e Tikúna (RODRIGUES, 2006; SEKI, 1999, 2000; TEIXEIRA, 1995).

O tronco Macro-Jê abrange um total de 12 famílias: Jê, Kamakã, Maxakali, Krenák, Purí, Kariri, Yatê, Karajá, Ofayé, Bororo, Guató e Rikbaksá (RODRIGUES, 1999a). Esse conjunto de línguas, hoje, é encontrado exclusivamente no território brasileiro³. A família Jê merece destaque por apresentar o maior número de línguas e uma maior distribuição geográfica, ocupando, sobretudo, toda a região central do Brasil.

¹ Segundo Rodrigues (1993), em 1500 seriam faladas cerca de 1.150 línguas no território brasileiro atual.

² Segundo o Censo Demográfico de 2010, são faladas 274 línguas indígenas no Brasil (cf. IBGE, 2010).

³ Os Kindá e Ingain, Jê meridional, são os únicos que foram registrados fora do atual território Brasileiro; habitavam, até o início do século XX, a região do Alto Paraná, na divisa entre Brasil e Paraguai. Também há registros de um grupo Kaingang em San Pedro de Misiones, Argentina (cf. JOLKESKY, 2010; D'ANGELIS; FERNANDES, 2004).

Entre as línguas da família Jê, está aquela que foi falada pelos Cayapó do Sul e a que hoje é falada pelos Panará. Os primeiros entraram em contato com as frentes de colonização do Brasil Central ainda no século XVII e desde meados do século XVIII mantiveram contato intermitente e conflituoso com os não-índios que adentravam seu território e nas primeiras décadas do século XX foram dados como extintos⁴. Os Panará, por sua vez, foram contatados na década de 60 do século XX, no norte do Estado do Mato Grosso, divisa com Pará, numa região conhecida como Serra do Cachimbo. Após uma brusca redução populacional, foram transferidos para o Parque Indígena do Xingu, de onde saíram pra retomar o seu território tradicional no início da década de 1990. Os Panará, hoje, estão na Terra Indígena Panará – Guarantã (MT), Alta Floresta (MT) e Altamira (PA) – onde já constituíram duas aldeias.

O primeiro antropólogo a estudar a cultura dos Panará, Richard Heelas, levantou a hipótese de que estes tinham como antepassados os Cayapó do Sul. Tal hipótese foi corroborada por Schwartzman (1988), Rodrigues & Dourado (1990), Giralдин (1997, 2000) e por Dourado (2001, 2004). Em Heelas (1979), Schwartzman (1988) e Giralдин (1997) são apontadas características culturais, mas a análise de registos linguísticos está presente no trabalho dos três pesquisadores. As análises linguísticas, por sua vez, têm um caráter muito sintético – são comparados não mais que duas dezenas de termos – e não são conclusivas.

Assim, na presente investigação retomamos a hipótese de Heelas (1979) e discutimos a relação do Cayapó do Sul com o Panará a partir de uma sistematização e análise fonológica dos registos linguísticos da língua que foi falada pelos Cayapó do Sul, para então propor a análise comparativa com o Panará. No **Capítulo 1** há uma breve resenha sobre a história Cayapó do Sul e sobre o contato dos Panará com a sociedade envolvente na década de 1960, acompanhado de uma primeira discussão da hipótese Cayapó do Sul-Panará. No **Capítulo 2** são apresentadas as análises grafêmicas de cada registro linguístico Cayapó do Sul, com a discussão inicial sobre o sistema fonológico que pode ser depreendido desse material. No **Capítulo 3** o foco é desvendar o que foi a fonologia do Cayapó do Sul, levantando hipóteses sobre suas oposições básicas e como elas operam no licenciamento de segmentos em *coda* e em *clusters*. O **Capítulo 4** é dedicado a expor a

⁴ Segundo Nimuendajú (1952, p. 429): “depois de lutas prolongadas, a tribo reconciliou-se em Goiás, em 1780, e em 1910 estava reduzida a umas trinta e tantas pessoas que moravam em ambas as margens do Rio Grande, abaixo do Salto Vermelho (19° 50'1 S., 50° 30' long. O.). Hoje os Kaiapó Meridionais desapareceram como tribo”. A mesma informação é dada por Lowie (1946) e Schaden (1954).

proposta de análise fonêmica para o Panará pela linguista Luciana Dourado. Já no **Capítulo 5** é proposta uma reanálise da fonologia do Panará, a partir do *corpus* constituído para essa investigação. E, por fim, no **Capítulo 6** os itens Cayapó do Sul e Panará são comparados com registros recentes de três línguas Jê: Apinajé, Apãniekrá e Tapayúna. Neste mesmo capítulo, comparamos cerca de 200 itens Cayapó do Sul com o Panará, para testar a hipótese de Heelas (1979).

1. CAYAPÓ DO SUL E PANARÁ

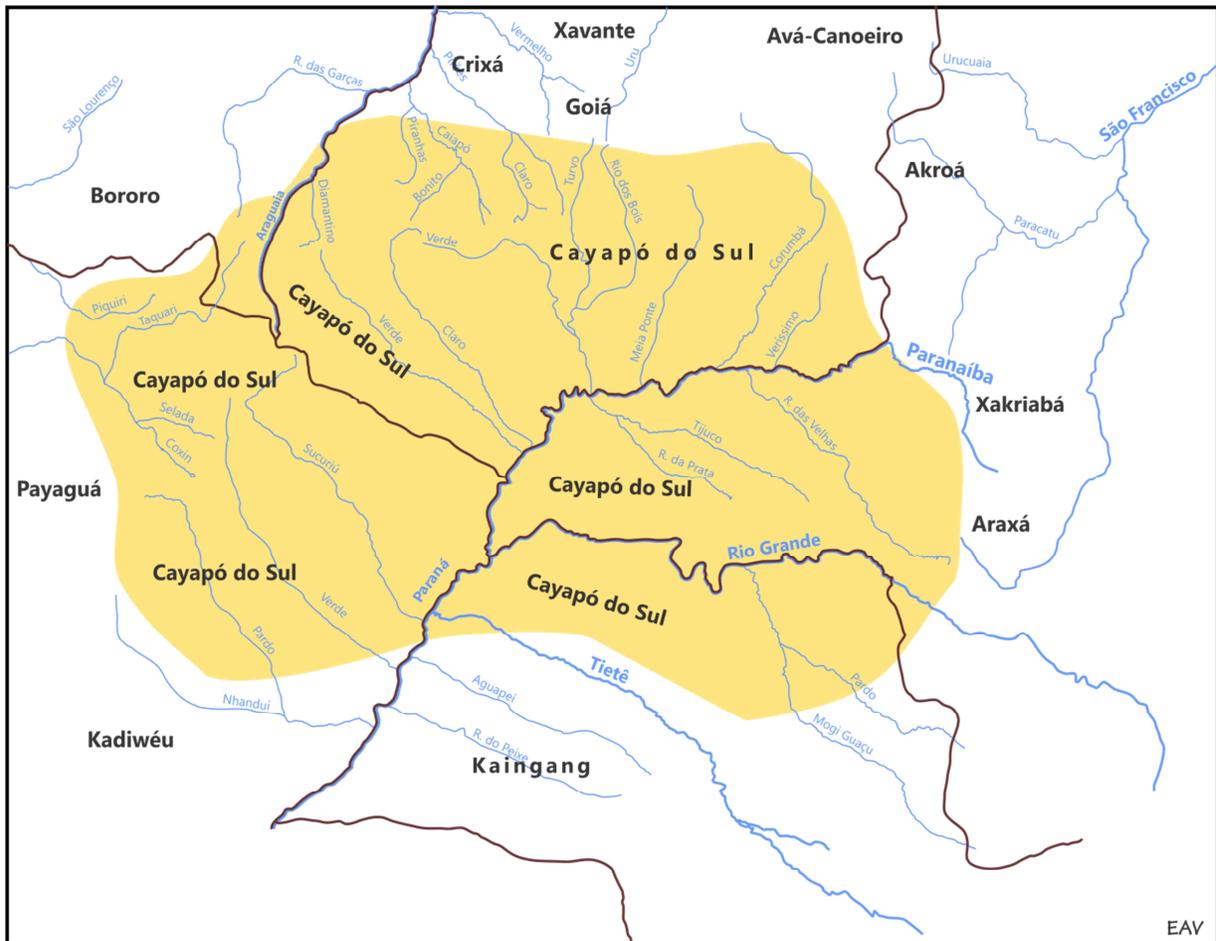
1.1. Cayapó do Sul⁵

O contato dos Cayapó do Sul com a sociedade não-indígena, segundo Rasteiro (2013), iniciou-se ainda nas primeiras décadas do século XVII. Nos primeiros documentos há evidências de que o início do contato foi pacífico e de que suas aldeias serviam de ponto de parada e reestabelecimento das tropas que adentravam os sertões do Brasil Central. A relação conflituosa estabelecida entre os Cayapó do Sul e as frentes de colonização decorreu, ainda no século XVII, da prática bandeirante de escravização e depois, no século XVIII, da expansão da economia mineradora, levando os colonizadores para o interior da colônia, atingindo o centro do território Cayapó do Sul.

As aldeias Cayapó do Sul, segundo Nimuendajú (1952[1940]), situavam-se “no Sul de Goiás (afluentes da margem direita do Paranaíba e formadores do Araguaia), no Sudeste de Mato Grosso⁶ (afluentes da margem direita do Paraná até o Rio Pardo-Nhandui, Alto Taquari e Piqueri-Correntes), no Noroeste de São Paulo e no Triângulo Mineiro”. Giralдин (1997) explica que o seu território fazia fronteira, ao sul, com Kadiwéu, Payaguá e Kaingang; a leste, com Xacriabá, Akroá e Araxá; ao norte, com Goiá, Crixá, Xavante e Ava-Canoeiro; a oeste, com Bororo. No Mapa 1, a seguir, apresenta-se de forma esquemática o território Cayapó do Sul e os povos com os quais fazia fronteira, considerando esta proposta de Giralдин (1997) e os apontamentos do “Mapa Etno-Histórico” de Nimuendajú (1981 [1944]).

⁵ Adoto o termo Cayapó com “c” para distinguir do grupo Kayapó (do norte) ou Mebengokre e, ainda, para seguir o uso de Giralдин (1994, 1997, 2000) e Dourado (2001, 2004).

⁶ Atualmente, abrange também território sul-mato-grossense.



Mapa 1: Território Cayapó do Sul e povos vizinhos. Segundo Giralдин (1997). Adaptado de Giralдин (*op. cit.*).⁷

O contato se deu mais intensamente na estrada que ligava Vila Boa, Capital de Goiás, à Vila de Piratininga. Tal estrada, conhecida como “caminho de Goiás”, adentrava, justamente, o território Cayapó do Sul, tendo como principal ponto de conflito a região hoje conhecida como Triângulo Mineiro. Já para as minas de Cuiabá, o “caminho de Cuiabá”, a viagem era feita a partir de Porto Feliz, descendo o Tietê até sua foz no rio Paraná, os exploradores alcançavam a Bacia do Paraguai pelo Varadouro de Camapuã, margeando, assim, o limite sul do território Cayapó do Sul (GIRALDIN, 1997; KARASCH, 1998).

Durante o século XVIII, a política indianista nas regiões centrais da colônia se preocupava unicamente com a proteção dos núcleos populacionais recém-formados e das estradas que levavam o ouro do interior para São Paulo e Rio de Janeiro. Tal política refletia a necessidade de

⁷ A proposta dos povos vizinhos ao sul no “Mapa Etno-Histórico” de Curt Nimuendajú é divergente de Giralдин (1997), onde este propõe fronteira com os Payaguá e kadiwéu, Nimeundajú (1981 [1944]) aponta os Ofayé-Xavante.

expulsar os índios das regiões de mineração e dos caminhos que possibilitavam a comunicação entre os povoados. Com o declínio da economia mineradora, tais regiões sofreram um enorme esvaziamento populacional e aqueles que ali permaneceram promoviam a ascensão da economia agropecuária e, com o advento desta, os índios não eram somente expulsos, deveriam ser “domesticados” ou mortos (GIRALDIN, 1997; ATAÍDES, 1998; KARASCH, 1998).

O primeiro aldeamento Cayapó do Sul só ocorre após cerca de meio século de conflitos com os colonizadores. O primeiro grupo, com cerca de 200 índios, foi recepcionado em Vila Boa no ano de 1782, pelo então presidente da província, Luís da Cunha Menezes. Aos Cayapó do Sul foi reservada uma região a sete léguas da capital goiana. Seu aldeamento recebeu o nome de Maria I, em homenagem à soberana do Império Português. Maria I chegou a reunir por volta de 600 guerreiros e suas famílias, estimando-se aproximadamente 3.600 índios, contudo, os conflitos entre Cayapó do Sul e colonizadores não cessaram, principalmente no chamado “caminho de Goiás” (GIRALDIN, 1997).

A ascensão dos aldeamentos em Goiás refletia a política da “domesticação” dos índios da região. Para Karasch (1998), São José de Mossâmedes deveria ser um aldeamento modelo para toda a província. Em menos de 70 anos, já na primeira metade do século XIX, esse aldeamento entrou em declínio, segundo Giraladin (1997, p. 100), “informações de 1846 davam conta de que o aldeamento de São José das Mossâmedes já estava vazio, sendo extinto oficialmente em 1879”. Saint-Hilaire (1975 [1848]) e Pohl (1976 [1832]) explicam que São José de Mossâmedes foi inicialmente habitado por Akroá, depois por Karajá e Javaé e, quando estava completamente desabitado, os Cayapó do Sul de Maria I foram para lá transferidos, segundo Rasteiro (2013), em 1813. Sobre essa transferência, Pohl (1976 [1832]), em 1819, apontava o descontentamento dos Cayapó do Sul com São José de Mossâmedes e o evidente abandono deste aldeamento.

Diferentemente de Goiás, o território Cayapó do Sul em Mato Grosso nos primeiros séculos de exploração não despertava interesse dos colonizadores, pois estava distante da região de exploração de minérios, atividade que se concentrava nos arredores de Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade. A região dos afluentes sudoestes do Paranaíba só despertaria interesse no início do século XIX, após o declínio da economia mineradora e o estabelecimento de núcleos populacionais dedicados à economia rural. Das aldeias desta região, segundo Giraladin (1997), três tiveram contato mais próximo com os não-índios: uma localizada nas proximidades da Vila de

Santana do Paranaíba e outras duas às margens dos rios Piquiri e Taquari. Nenhuma delas chegou a reunir a quantidade de Cayapó do Sul que havia em São José de Mossâmedes. Estas aldeias se diferenciavam pela pouca intervenção do Estado, permitindo, assim, a manutenção de sua cultura (GIRALDIN, 1997).

Já os Cayapó do Sul do Triângulo Mineiro foram duramente combatidos no século XVIII. No ano de 1744, Antonio Pires de Campos, contratado pelo governo de Goiás, instalou em seu território índios Bororo que tinham o objetivo de guardar o “caminho de Goiás”. O conflito intensificou-se nos anos de 1746-1751. Após a morte de Antonio Pires de Campos, as ofensivas contra os Cayapó do Sul foram lideradas por Manoel Campos Bicudo e João Godoy. Após estes ataques, segundo Giralдин (1997), os Cayapó do Sul se instalaram no extremo oeste do Triângulo Mineiro na confluência do rio Paranaíba e Grande. Tal como no território de Mato Grosso, essa região só despertou interesse dos colonizadores no início do século XIX. Segundo Barbosa (1918), em 1830 havia pelo menos três aldeias nesta região: Macahuba, localizada na margem esquerda do Paranaíba; outra localizada no arraial de São Francisco de Salles; e a da Cachoeira da Água Vermelha, na margem direita do rio Grande, mais a oeste de São Francisco de Salles. As duas primeiras tiveram suas terras vendidas e a última não contava com mais de 50 indivíduos no início do século XX (cf. Mapa 2).

As informações existentes sobre a língua e a cultura dos Cayapó do Sul são encontradas em documentos oficiais do Brasil Colônia, principalmente aqueles referentes à capitania de Goiás, e em relatos de cronistas e naturalistas. Dentre os registros realizados por viajantes-naturalistas, destacam-se os de Emmanuel Pohl (1782-1834), que esteve em Goiás em 1819, e Auguste de Saint-Hilaire (1799-1853), o qual também fez sua incursão por Goiás em 1819, porém, alguns meses após a viagem de Pohl. Estes dois naturalistas entraram em contato com os Cayapó do Sul aldeados em São José de Mossâmedes. Em seus relatos há tanto considerações culturais quanto linguísticas e seus registros linguísticos foram os mais conhecidos e divulgados entre os pesquisadores de língua Jê até a última década do século XX. Em Kupfer (1870) e Lemos da Silva (1882) são encontradas descrições da organização das aldeias e da expedição de caça, como explica Giralдин (1997, p. 102), “como não eram aldeamentos oficiais e regulares, os Cayapó do Sul do Piquiri e Santana do Paranaíba mantiveram algumas características de sua cultura [...]”. Já em Barbosa (1918), há um primeiro estudo histórico, reunindo informação de diversas fontes,

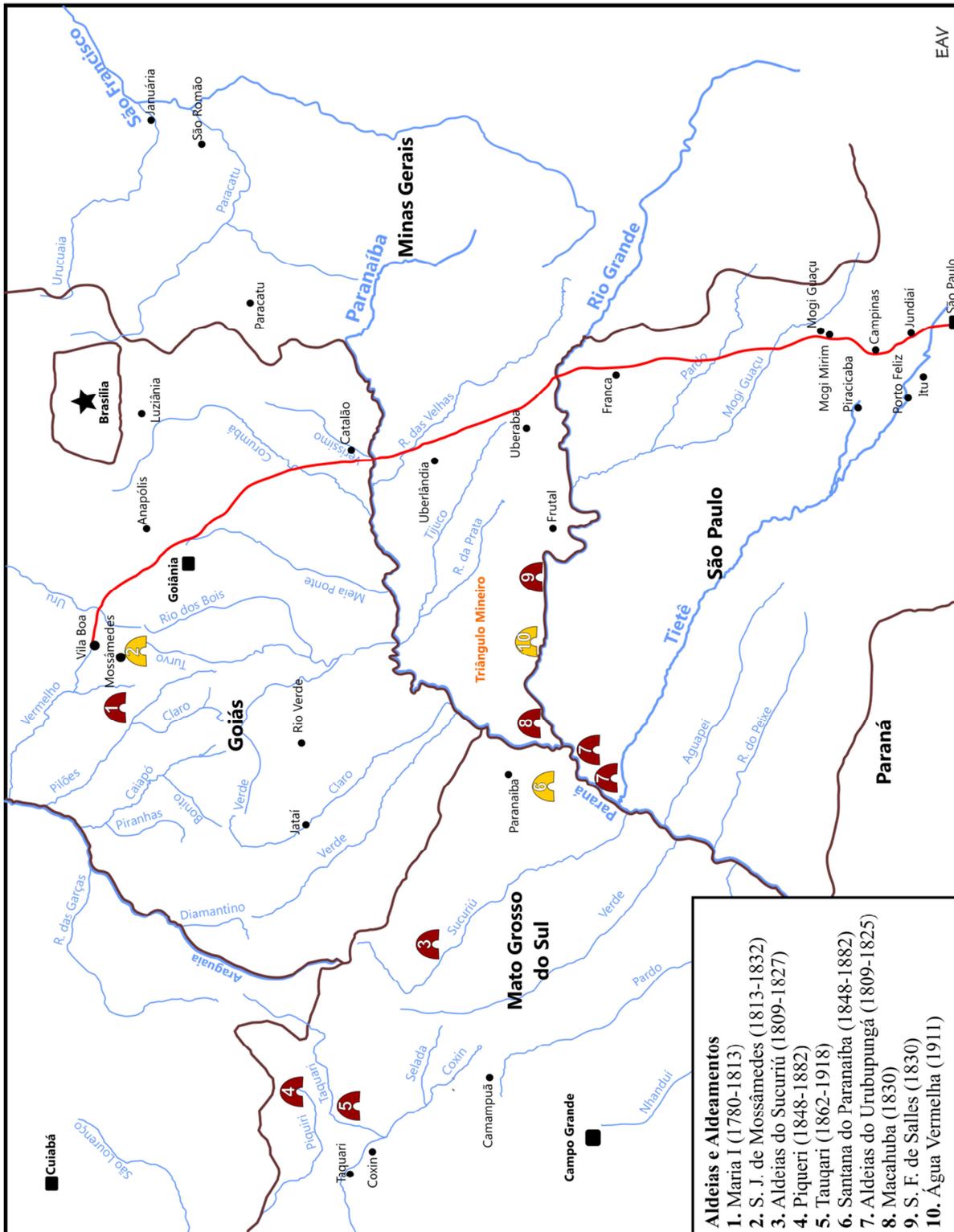
desde as narrações dos bandeirantes, passando pelos relatos dos viajantes-naturalistas, até o breve estudo publicado por Ehrenreich (1894), a então publicação mais recente sobre este povo e sua língua.

Os registros linguísticos disponíveis são: Registro de Batismo de Vila Boa, datado de 1782, ano em que os Cayapó do Sul foram levados para a capital da província e aldeados em Maria I; em 1819, com pequenos meses de diferença, Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848) coletaram pequenas listas de palavras com os índios aldeados em São José das Mossâmedes, transferidos de Maria I em 1813 (GIRALDIN, 1997; RASTEIRO, 2013); as listas de Kupfer (1870), anotada em 1850, e a de Lemos da Silva (1882) foram anotadas em Santana do Parnaíba. Enquanto a de Carl Nehring, publicada por Ehrenreich (1894), segundo o responsável pela publicação foi coletada entre índios de Santana do Parnaíba, porém não há informação se tal coleta se deu na aldeia ou com índios que trabalhavam, por exemplo, como remadores no interior de São Paulo; por fim, o registro mais relevante é, sem dúvida, o de Alexandre Barbosa (1918), anotado em 1911, no Triângulo Mineiro. Exceto o Registro de Vila Boa (1782), todos os demais registros foram reunidos e publicados por Giralдин (1997, pp. 147-184).⁸

Por fim, a localização das aldeias Cayapó do Sul conhecidas é ilustrada no mapa seguinte (Mapa 2), adaptado da versão elaborada por Giralдин (1997). Neste mapa está assinalada a rota de São Paulo para Vila Boa perpassando o território Cayapó do Sul a sudeste. As aldeias do rio Sucuriú são noticiadas no relatório da expedição de exploração deste rio chefiada por Manoel Dias, realizada entre 1826-1827. Já aldeia do rio Paraná, próximo ao Salto do Urubupungá, foi visitada por Luis D'Alincourt, em 1911, e pela expedição Langsdorff, em 1826⁹.

⁸ Tanto o vocabulário de Barbosa (1918) quanto a lista de Lemos da Silva (1882) fazem parte do acervo do Arquivo Histórico do IHGB e só se tornaram conhecidos para o meio científico na década de 1990 por conta da pesquisa de Odair Giralдин.

⁹ Sobre esta última visita, Langsdorff (1997) explica que: “pretendíamos visitar um velho caiapó, na margem direita desse rio, do outro lado da foz do Tietê: o Capitão Manoel, cacique dessa pequena nação. Ao desembarcar, encontramos pequenos sinais que indicavam a presença recente de seres humanos, mas não vimos ninguém.



Mapa 2: Aldeias Cayapó do Sul. Segundo Giralдин (1994, 1997), com destaque (em amarelo) para aquelas onde houve registros linguísticos (Adaptado de Giralдин, 1994, 1997).

1.2. Panará

Os Panará, por sua vez, foram contatados no norte do Mato Grosso, na divisa com o Pará, em uma região conhecida como Serra do Cachimbo. Suas aldeias estavam distribuídas entre as margens do Peixoto de Azevedo, tributário do Teles Pires, e as cabeceiras do Iriri, afluente do Xingu. Foram identificados ainda na década de 1950, quando os irmãos Vilas Boas sobrevoaram seu território na época da construção da base área da Serra do Cachimbo. Em 1961, teriam se envolvido com a morte do geógrafo Richard Manson, encarregado de encontrar as cabeceiras do rio Iriri. Em 1966, o SPI (Serviço de Proteção ao Índio) realiza a primeira expedição de contato, chefiada por Francisco Meireles, contudo, por conta da extinção deste órgão, em 1967, ela foi desativada (HEELAS, 1979; SCHWARTZMAN, 1988).

A expedição chefiada por Cláudio e Orlando Vilas Boas, em 1968¹⁰, tinha o objetivo de realizar o contato com os Panará antes que a construção da BR-163 (Cuiabá-Santarém), que atravessava seu território no eixo norte-sul, chegasse às matas do rio Peixoto de Azevedo. Após diversas tentativas, somente em 1973 o contato foi realizado efetivamente, quando os índios já sofriam as consequências da construção e posterior abertura ao tráfego da rodovia. A presença dos não-índios, através da BR-163, acarretou uma drástica e trágica redução populacional, as estimativas de 1968 é que existiam naquela região entre 350 e 600 índios, em 1975, eram somente 79.

Com o objetivo de conter o extermínio dos Panará, os irmãos Vilas Boas transferiram, em 1975, os sobreviventes para o Parque Indígena do Xingu (PIX). Foram recepcionados no posto Diauarum, onde receberam os primeiros cuidados médicos. De lá foram para a aldeia Kayabi (Prepuri), mas por conta da escassez de alimentos, naquele mesmo ano foram transferidos para uma aldeia dos Metuktire (aldeia Kretire), seus inimigos tradicionais. Durante a permanência entre os Kayabi, houve cinco mortes e a população Panará foi reduzida para 74 indivíduos. A permanência na aldeia Kretire significava mais disponibilidade de alimentos, mas também uma conjectura extremamente opressiva por parte dos Metuktire. Ainda em 1975 decidiram por retornar ao posto Diauarum e, depois de mais uma sessão de tratamentos médicos, foi designada a eles uma aldeia Suyá. Nesta transferência contavam somente com 69 indivíduos (HEELAS, 1979; ARNT, PINTO & PINTO, 1998).

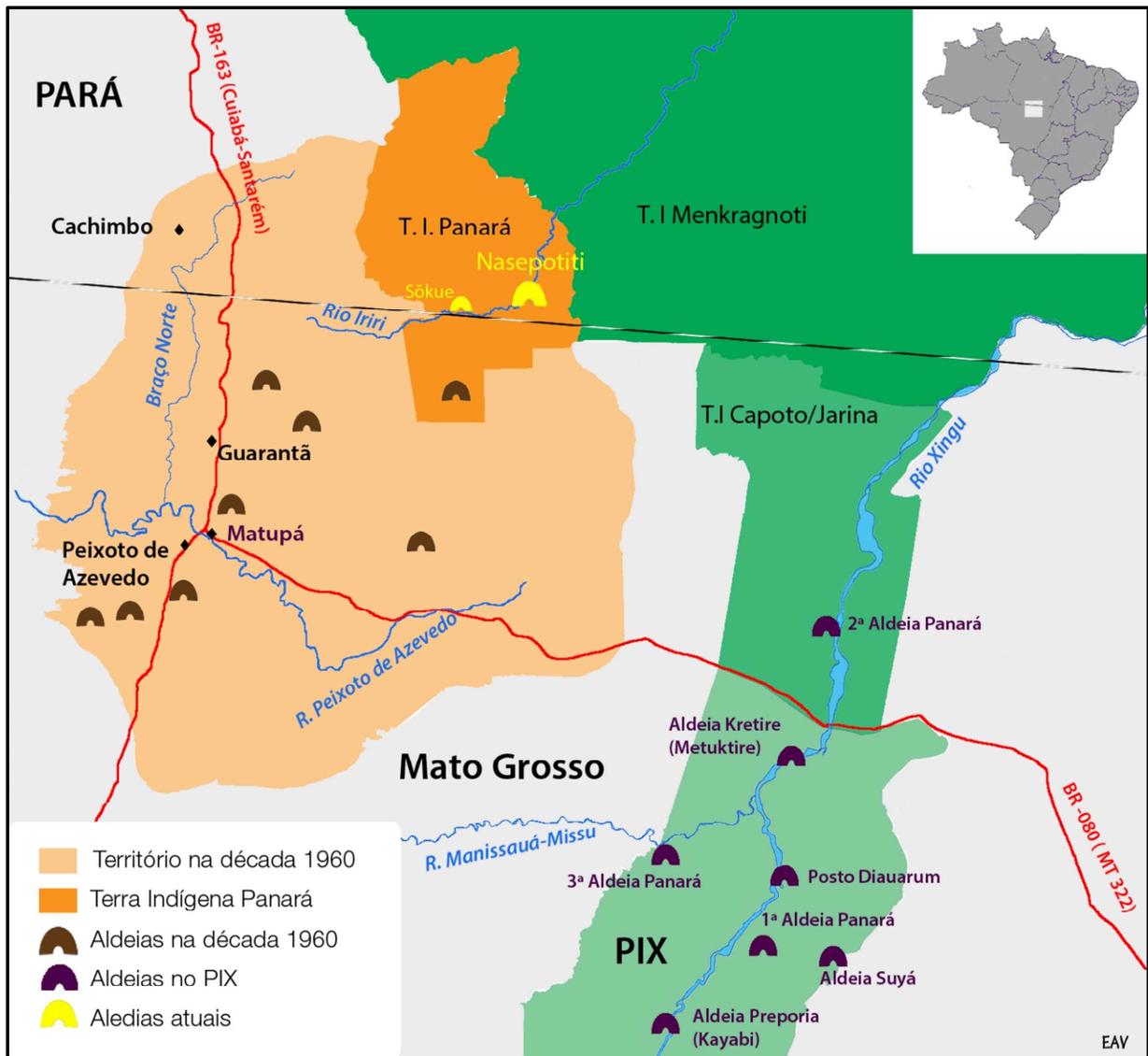
¹⁰ Financiada pela Fundação Nacional do Índio (Funai), órgão que assumiu as funções do SPI.

No ano seguinte, os Panará vão identificar uma antiga aldeia Suyá e, nesta região, construir sua primeira aldeia no Parque Indígena do Xingu. A construção de sua primeira aldeia representa também o início do processo de recuperação populacional e a retomada de suas práticas rituais. No início da década de 1980, mantendo o processo de recuperação, se mudam, novamente, para as margens da BR-080 (MT 322), nos limites norte do Parque Indígena do Xingu; e em 1989, fazem mais uma transferência, fixando a sua aldeia às margens do rio Manissauá-Missu, no limite oeste do Parque. Segundo Schwartzman (1996):

eles viveram [no PIX] em sete lugares, numa busca permanente de terras semelhantes àquelas da região do Peixoto e do Iriri. No seu modo de ver as coisas, a diferença entre essas terras e a que ocupam no Xingu é a mesma que existe entre riqueza e pobreza, e sua passagem para o Xingu é encarada como um processo de empobrecimento.

A volta para o seu território tradicional foi uma preocupação permanente dos Panará nos cerca de 20 anos que permaneceram no Parque Indígena do Xingu. Em outubro de 1991, uma comissão com seis Panará e “seis brancos” visitou a região do contato, de onde foram transferidos em 1975. Em um sobrevoo pela região indicaram um sítio nas cabeceiras do Iriri como sendo uma parte do seu território e ali resolveram estabelecer uma aldeia. Nos primeiros anos da década de 1990 os Panará reivindicaram a demarcação de um território com cerca de 500 mil hectares e iniciaram a sua transferência do Parque para Nasepotíti, aldeia fundada às margens do rio Iriri (cf. Mapa 3). Atualmente, os Panará contam com aproximadamente 480 indivíduos¹¹, residentes na Terra Indígena Panará, homologada em novembro de 1996, e estão divididos em duas aldeias: Nasepotíti, que concentra a maior parte das famílias, e Sõkue, em processo de estabelecimento. O Mapa 3, seguinte, ilustra as aldeias conhecidas durante o contato nas décadas de 1960 e 1970, os deslocamentos no Parque Indígena do Xingu e, em amarelo, são apontadas as atuais aldeias na Terra Indígena Panará.

¹¹ Segundo Coordenação Regional da Funai - Colíder (2010), *apud* Ricardo & Ricardo (2011).



Mapa 3: Aldeias Panará (adaptado de ARNT, PINTO; PINTO, 1998)

1.3. A hipótese Cayapó do Sul-Panará

Richard Heelas, em seu estudo etnográfico sobre os Panará, levantou a hipótese de que estes teriam como antepassados os Cayapó do Sul. Uma das motivações foi a conclusão de que os Panará teriam uma grande separação histórica e cultural dos povos Jê setentrionais, apesar da proximidade geográfica (HEELAS, 1979, p. 2). Outro ponto crucial para esta hipótese é o termo *'panariá'* encontrado na lista de palavras anotada por Saint-Hilaire entre os Cayapó do Sul de São José de Mossâmedes, em 1819. Nas palavras do antropólogo: “what is perhaps surprising is

the initial use of ‘Cayapo’, as Saint-Hilaire was given the term panaria for “Indian”, a term later emphasised, though not adopted by Martius” (*idem*).

Schwartzman (1988) irá pontuar mais traços comuns entre as informações disponíveis sobre os Cayapó do Sul e os Panará: além da confecção das flechas, destacada por Heelas (1979), a prática de escarificação para curar dores de cabeça, uso de forno de terra para o preparo da carne (em Pohl, 1832), a corrida de toras e a confecção de cestos (em Saint-Hilaire, 1848). Ressalta que na tradição Panará os antepassados deles vieram de uma área de campos abertos, ao leste, em que havia muitos inimigos. Tanto Heelas (1979) quanto Schwartzman (1988) comparam os termos coletados em São José de Mossâmedes com o Panará, apontando a porcentagem de itens comuns, e creditando à semelhança linguística uma das principais evidências da estreita relação entre os dois povos.

Por sua vez, Giralдин (1997), em seu estudo sobre a etno-história dos Cayapó do Sul, acrescentará mais evidências à hipótese Cayapó do Sul-Panará tanto do ponto de vista linguístico como cultural. Enquanto os estudos de Heelas (1979) e Schwartzman (1988) estão balizados pelas informações disponíveis em Pohl (1832), Saint-Hilaire (1848) e Martius (1867), Giralдин lançará mão das informações disponíveis em Kupfer (1870) e Nehring (EHRENREICH, 1894), além das informações disponíveis em dois registros desconhecidos e esquecidos no Arquivo Histórico do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB): a lista de Joaquim Lemos da Silva (1882) e o rico vocabulário de Alexandre de Sousa Barbosa (1918). Inclusive, neste último vocabulário também é encontrado o termo ‘*panará*’ para autodenominação do grupo Cayapó do Sul contatado no Triângulo Mineiro. A análise comparativa proposta por Giralдин (1997, p. 36-39) não só aumenta o número de cognatos entre os Cayapó do Sul e Panará, como também insere termos de vocabulário básico. À análise das listas, acrescenta ainda traços culturais comuns: os rituais funerários, a escarificação ritual e a presença do amendoim nas roças Cayapó do Sul, ressaltando sua importância na sociedade Panará.¹²

O acréscimo de informações culturais e linguísticas após as ‘descobertas’ de Giralдин (1997) não foi acompanhado de estudos mais aprofundados, do ponto de vista linguístico, dos registros Cayapó do Sul. Apesar dos 700 termos disponíveis na lista de Alexandre Barbosa (coletado em 1911), as

¹² Na cosmologia Panará, foi *Kjarasə* ‘cutia’ que introduziu o amendoim, *səti*, nas aldeias Panará.

análises comparativas foram realizadas com pouco mais de duas dezenas de itens, como podemos conferir em Rodrigues & Dourado (1993) e Dourado (2001, 2004). Somente as análises de Giraldin (1997, 2000) reúnem um maior número de itens, mas não ultrapassando uma centena. Em comum, as comparações linguísticas carecem de maiores aprofundamentos, pois tanto aquelas realizadas por antropólogos, quanto as realizadas por linguistas estão limitadas à comparação lexical, não considerando diferenças – ou semelhanças – do ponto de vista fonológico e, quando possível, morfológico.

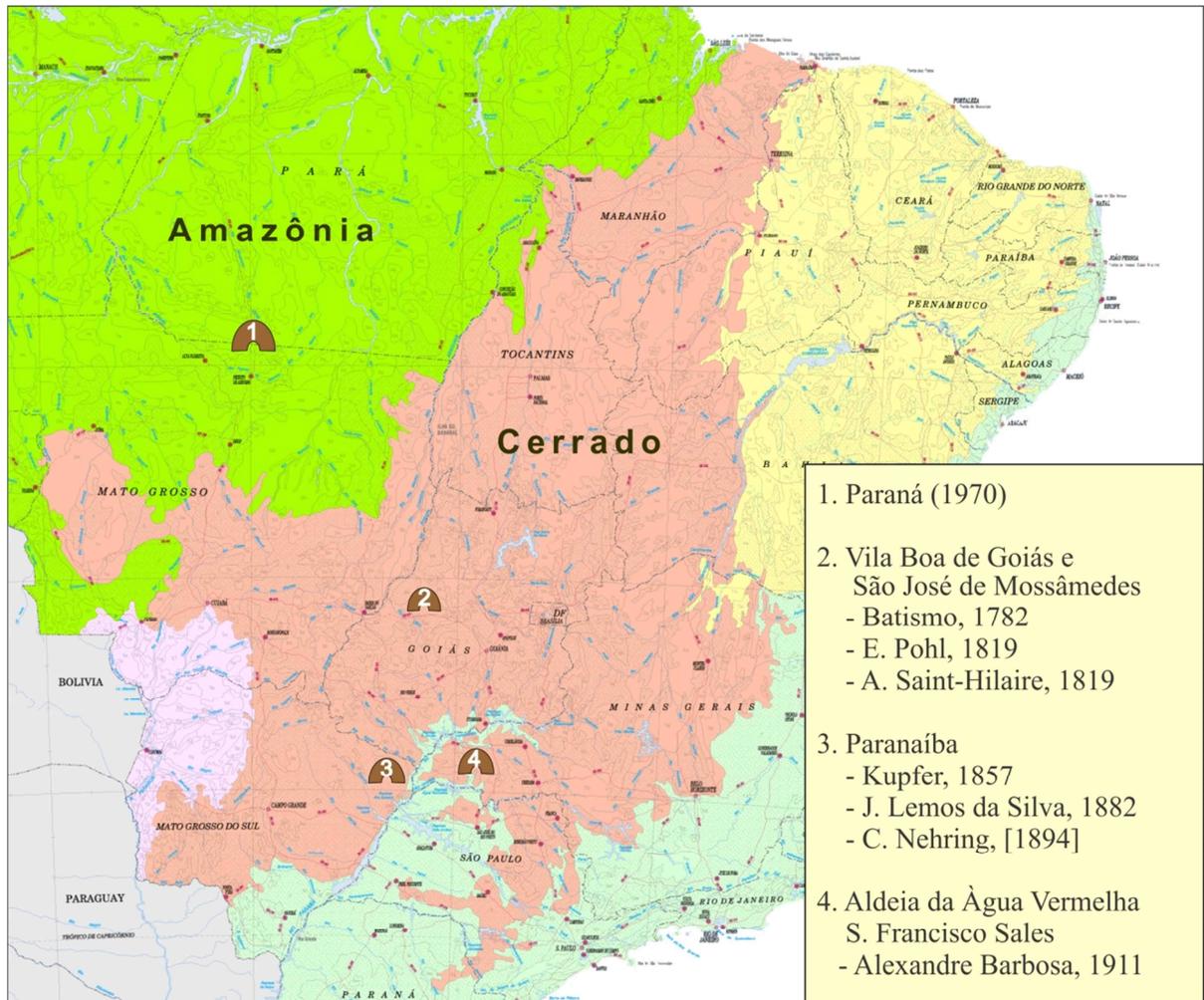
A comparação com demais línguas Jê está presente somente Barbosa (1918), em que são comparados 12 itens do seu vocabulário Cayapó-Panará com itens da lista de Saint-Hilaire (1848), Martius (1867)¹³ e itens da lista de palavras do Kayapó Setentrional de Eduardo Sócrates (1892). O intuito é investigar a relação do grupo contatado no Triângulo Mineiro com os demais grupos denominados ‘Kayapó’. Barbosa (1918) também compara seis itens do seu vocabulário com as listas do Xavante, Xerente e Xacriabá, disponíveis em Martius (1867), para as quais ele encontra “interessantes analogias”:

(...) *ióp* = cão – correspondem o chavante *oapsa* e o cherente *ouapxon*; ao panará *tókót* = cachoeira – corresponde a *teucaia* chavante; ao panará *impó* = veado – correspondem ao *pó* cherente e *chicriaba*; ao panará *intá* = chuva – correspondem o chavante *tá* e o cherente *tam* (...). (BARBOSA, 1918, p. 31)

Para averiguar a hipótese de Heelas (1979), entendemos que é crucial contrastar os registros linguísticos do Cayapó do Sul e o Panará com línguas da família Jê, pois é preciso verificar se tais comparações podem dar ao Cayapó do Sul tanta similaridade quanto lhe foi atribuída em relação ao Panará.

Por fim, apresentamos o Mapa 4, em que é apresentada a localização dos registros Cayapó do Sul entre o fim do século XVIII e início do XX, contrastados com a localização dos primeiros contatos dos Panará no norte do Mato Grosso, na divisa com o Pará. Destaca-se também a mudança de bioma, enquanto os Cayapó do Sul estavam no cerrado, os Panará foram contatados nas matas fechadas do Peixoto de Azevedo, já pertencente ao bioma amazônico.

¹³ Barbosa (1918) equivocadamente entende a lista presente em Martius (1867) como um registro diferente daqueles de Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848) – conferi seção 2.2.2.



Mapa 4: Cayapó do Sul e Panará. Localização dos registros Cayapó do Sul e a região de contato dos Panará na década de 1970 (adaptado de IBGE: Brasil Biomas).

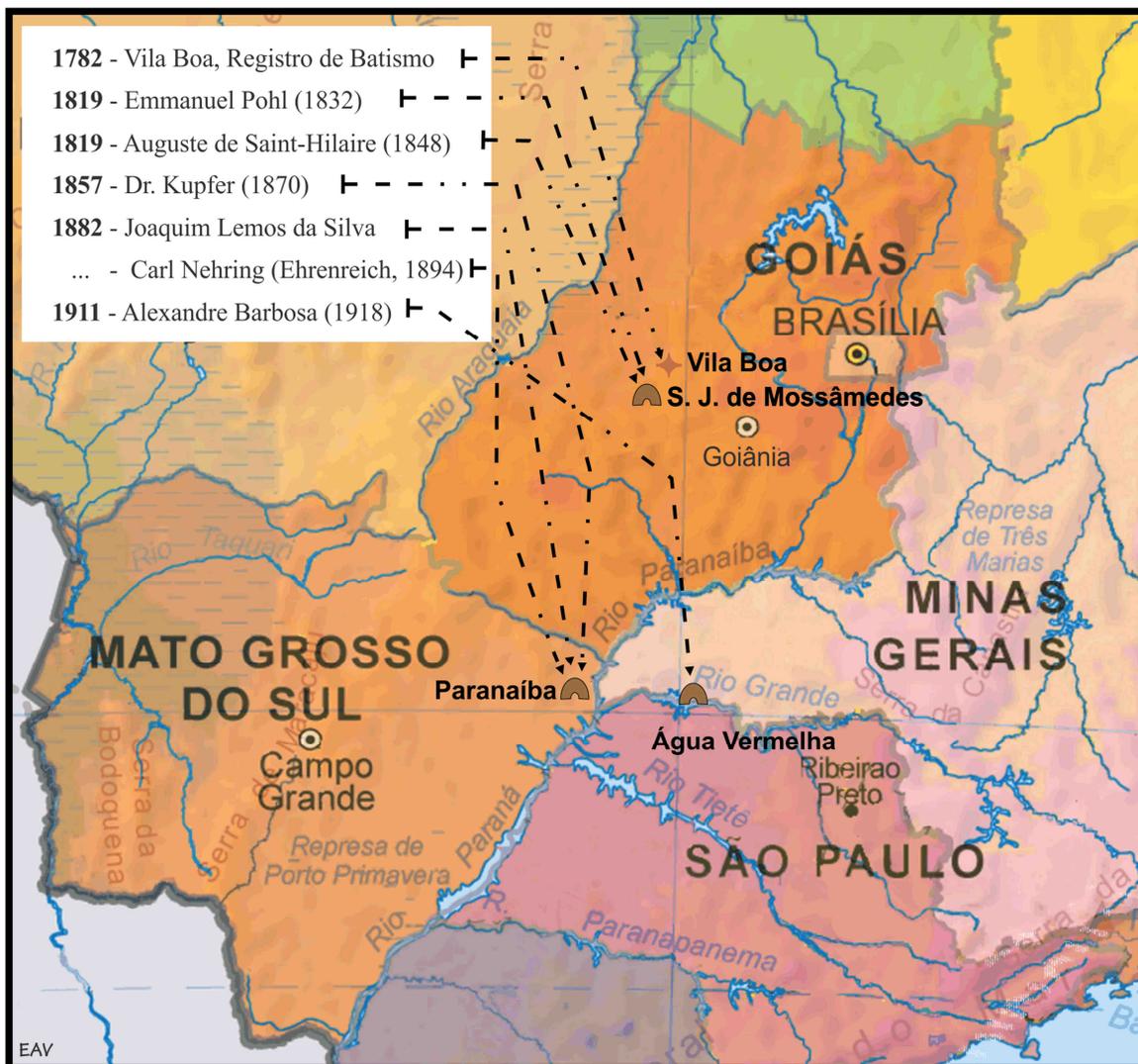
2. REGISTROS LINGUÍSTICOS DO CAYAPÓ DO SUL

Sobre a língua que foi falada pelos Cayapó do Sul há somente sete listas de palavras anotadas entre o final do século XVIII e início do século XX. Três delas foram registradas com os Cayapó do Sul aldeados próximos à Vila Boa, antiga capital de Goiás; outras três nas aldeias próximas à vila de Sant'Anna do Paranaíba, hoje município sul mato-grossense de Paranaíba; e a última na Aldeia da Água Vermelha, no Triângulo Mineiro, nos arredores de São Francisco de Sales, na época, distrito de Frutal (cf. Mapa 2, seção 1.1 e Mapa 5, a seguir).

O registro mais antigo, e possivelmente aquele que foi anotado com menos acuidade, é o Registro de Batismo das crianças Cayapó do Sul, datado de 1782, no qual constam 60 nomes próprios anotados provavelmente pelo Vigário João Antunes de Noronha, em ortografia portuguesa vigente naquele século. Em São José de Mossâmedes, foram coletadas duas listas, no ano de 1819, pelos viajantes naturalistas Emmanuel Pohl (1782-1834) e Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853). Pohl, austríaco, anotou 64 palavras em ortografia alemã e sua lista foi publicada pela primeira vez em 1832, em um apêndice à Parte 1 do seu *Reise in Innern von Brasilien*. Saint-Hilaire, francês, visitou o aldeamento Cayapó do Sul alguns meses após a visita de Pohl, anotou 52 palavras, em ortografia portuguesa, e sua lista foi publicada em 1848¹⁴. Em Paranaíba, Kupfer, médico alemão, anotou uma lista, em 1857, com 79 itens, em ortografia alemã, publicada no ano de 1870 na *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*. Entre o mesmo grupo, o Capitão do exército brasileiro, Joaquim Lemos da Silva, anotou cerca de 80 palavras e meia dúzia de frases. A terceira lista desta região também foi coletada por um alemão, o boticário Carl Nehring, que enviou sua lista, com 39 itens, a Paul Ehrenreich, que a publicou na *Zeitschrift für Ethnologie*, em 1894. O último registro conhecido é o vocabulário coligido por Alexandre de Souza Barbosa, no Triângulo Mineiro, em 1911, e enviada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1918. Esta lista tem aproximadamente 700 palavras e duas dezenas de frases, em ortografia de língua portuguesa.

¹⁴ Na Coleção de Obras Raras da Biblioteca Central César Lattes da Universidade Estadual de Campinas (BCCL/Unicamp), foi possível consultar a primeira edição dos diários de viagem de Emmanuel Pohl e Auguste de Saint-Hilaire.

No mapa 5, a seguir, são destacadas as regiões em que houve registro linguístico do Cayapó do Sul, o ano da coleta, o transcritor responsável e, quando for o caso, o ano da publicação.



Mapa 5: Registros Cayapó do Sul
(adaptado de IBGE: Brasil Físico; Brasil Político).

2.1. Pressupostos da análise dos registros linguísticos Cayapó do Sul

Os registros Cayapó do Sul têm por característica a heterogeneidade de anotadores e, conseqüentemente, de grafias; são inseridos no que se convencionou denominar registros impressionísticos. Segundo Câmara Jr. (1965), tais registros têm por características serem listas vocabulares em que não há a tentativa de sistematização gramatical, nem de interpretação do

quadro de fonemas e das regras de silabificação e sândi. Particularmente sobre o registro do Acroá-Mirim, feito por Martius (1867), Câmara Jr. (*op. cit.*) explica que: i) há problemas quanto ao conceito de vocábulo, o que na língua do anotador é uma palavra na língua-alvo pode ser uma locução ou um semantema; ii) o vocabulário é uma lista arbitrária e irregular, resultado da consulta de momento; iii) o naturalista utiliza a grafia alemã sem ‘fidelidade’ à fonética da língua-alvo; e iv) não há análise mórfica. Tais características podem ser estendidas também aos registros Cayapó do Sul, ou seja, neles encontramos questões relacionadas ao que seja o vocábulo, arbitrariedade dos itens coletados, uso de ortografia de vernáculos europeus e somente esboços de análise mórfica. O vocabulário de Barbosa (1918) é o único apresentado em ordem alfabética e no qual se encontra um esboço de análise mórfica. Os itens coletados por Saint-Hilaire (1848), por sua vez, não são completamente arbitrários, pois, devido aos seus objetivos comparatistas, a maior parte dos termos recolhidos entre os Cayapó do Sul são comuns a outras listas de palavras coletadas pelo viajante naturalista nas províncias do litoral e Minas Gerais.

Gleason Jr. (1985) explica que transcrições preliminares de uma língua podem apresentar “desvios de transcrições”: i) em alguns casos ela é “diferenciada em excesso”, ou seja, o uso de mais de um símbolo para representar um mesmo som; ii) ela pode ser subdiferenciada, sons diferentes representados por um mesmo símbolo; iii) pode apresentar segmentação equivocada; e iv) pode conter equívocos pessoais grosseiros. Devido às características dos registros Cayapó do Sul, mesmo não sendo uma análise preliminar, pode depreender-se deles tanto casos de diferenciação em excesso como subdiferenciação, ou nos termos de Umaña (2000) “supradiferenciación” e “infradiferenciación”, respectivamente. Assim, quando Pohl (1832) utiliza tanto o *c* quanto *k* para transcrever a oclusiva velar [k] estamos diante de um caso de diferenciação em excesso, enquanto o uso do grafema nasal em, por exemplo, *intó* ‘olho’, comum a todos os registros, é um caso de subdiferenciação, pois esta sequência tanto representaria uma vogal nasal, quanto uma sequência vogal (oral ou nasal) seguida de consoante nasal em coda.

A diferenciação em excesso, como aponta Gleason Jr. (1985), não representa grandes dificuldades, pois é possível depreender os sons que os símbolos (ou grafemas) utilizados estão representando e, em alguns casos, até encontrar o padrão de uso de tais símbolos. Já a subdiferenciação é mais problemática, porque traços são apagados ou desconsiderados e a

identificação do som e, conseqüentemente, do fonema é prejudicada, como é o caso de possíveis nasais em coda silábica nos registros do Cayapó do Sul.

Seguindo a terminologia de Gleason Jr. (1985) as listas de palavras Cayapó do Sul são classificadas como “análises deficientes”, pois foram produzidas sem o “rigor técnico” desenvolvido na linguística descritiva pós Saussure.¹⁵ Entre as características elencadas para uma “análise deficiente”, as seguintes são encontradas nos registros Cayapó do Sul:

- a) descrição de pronúncia por equivalência – “o *u* se pronuncia *ou* e o *nh*, *gn*, de acordo com a pronúncia francesa” (SAINT-HILAIRE, 1875 [1848], p. 68);
- b) o uso de termos impressionistas – “A sua língua [a dos Cayapó do Sul] se compõe de palavras acentuadamente cortantes e batidas, que parecem como se estiveram gaguejando” (KUPFER, 1870, p. 253);
- c) traços linguísticos relacionados a termos raciais – “eu já disse em outro relato que há na pronúncia das línguas indígenas características que são encontradas em toda a raça indígena e que podem servir para diferenciar essa raça das outras” (SAINT-HILAIRE, 1875 [1848], p. 67);
- d) preocupação com sons que não existem na língua – “faltam nesta língua as modificações vocaes *fe*, *je*, *le*, *re* (vibrante) e *z*” (BARBOSA, 1918, p. 41);
- e) confusão som e letra – “a letra *v* só tive a ocasião de empregar em voçum = *pae*” (*idem*).

Quando a análise tem como objeto uma língua viva, o pesquisador, segundo Gleason Jr. (1985), deve buscar meios de aprofundar a análise preliminar com o falante-nativo, contudo, para os registros Cayapó do Sul, por se tratar do registro de um povo dado como extinto, é necessário utilizar procedimentos que possam tanto avaliar o registro quanto o responsável pela coleta.

¹⁵ Gleason Jr. (1985) desconsidera, também, a prática linguística desenvolvida pelos sulamericanistas no último quarto do século XIX, notadamente Karl von den Steinen e Koch Grrünberg. Contudo, o autor não assume que somente após o desenvolvimento das técnicas da linguística descritiva é que surgirá análise “relativamente boa”, pois “dispomos de algumas descrições excelentes feitas por autores com escasso treino técnico, ou, então, anterior ao estado actual de desenvolvimento da terminologia fonológica. Outras feitas por linguistas com consciência fonológica plena, mas numa linguagem deliberadamente não-técnica. Inversamente, também há alguns autores que utilizam terminologia técnica sem um adequado conhecimento do seu significado.” (GLEASON JR., 1985, p. 372).

Entre estes procedimentos adotados para análise de registros impressionísticos, merecem destaque aqueles aplicados por Grannier Rodrigues (1990)¹⁶ para estabelecer a fonologia do Guaraní Antigo¹⁷. A pesquisadora, a partir do material linguístico produzido por Ruiz de Montoya, no século XVII, depreende o quadro de fonemas desta língua, bem como seus alofones, restrições silábicas e padrão acentual. Sua análise está dividida entre a interpretação do material disponível (“análise grafêmica”) e a descrição do sistema fonológico, esta última seguindo os pressupostos da fonêmica taxionômica de K. Pike (1943). Para a “análise grafêmica”, especificamente, Grannier Rodrigues (1990) explica:

Para obter-se uma aproximação da realidade fonética da língua foram considerados os seguintes tipos de evidência: (a) indicação explícita da natureza do som por Ruiz de Montoya; (b) o valor que tinham no Espanhol do século 17 as letras utilizadas na escrita do Guaraní; (c) particularidades da escrita do Espanhol de Ruiz de Montoya; (d) a ordenação alfabética do Tesoro; (e) a provável coerência do sistema fonológico do Guaraní; (f) alternâncias morfofonêmicas do Guaraní; e (g) a situação correspondente em dialetos guaranis atuais. (p. 15)

Para aplicar estes procedimentos ao material disponível do Cayapó do Sul foram necessárias algumas adaptações, a saber: **(i)** indicação explícita da natureza do som pelos anotadores; **(ii)** o valor que tinham as letras utilizadas pelos anotadores na grafia adotada; **(iii)** particularidades do registro; **(iv)** a provável coerência do sistema fonológico do Cayapó do Sul; **(v)** alternâncias morfofonológicas que o registro permite depreender; **(vi)** correspondências entre os registros do Cayapó do Sul e **(vii)** correspondências em línguas da família Jê.

As adaptações aos procedimentos são necessárias, pois o material disponível do Cayapó do Sul tem características bem diversas daquele utilizado por Grannier Rodrigues (1990) para o Guaraní Antigo. Segundo Araújo (1992, p. 20-21):

o material em que se baseou D. [Grannier] Rodrigues é evidentemente superior, tanto sob o aspecto quantitativo, quanto sob o aspecto qualitativo. Inclui gramática, dicionário e textos, cujo o autor detinha um contato contínuo de 25 anos com os falantes nativos e possuía, portanto, um sólido conhecimento da língua.

¹⁶ A dissertação foi defendida em 1974. Aqui utilizo a versão publicada em livro de 1990.

¹⁷ Araújo (1992), ao realizar análise do Wörterbuch der botokudensprache de Bruno Rudolph, esclarece: “na determinação dos procedimentos a serem adotados na análise [...], de grande auxílio foi o trabalho de D. [Grannier] Rodrigues (1974), que apresenta uma análise fonológica do Guaraní do século XVII, documentado pelo Padre Ruiz de Montoya” (ARAÚJO, 1992, p. 20).

Bem diferente é a situação dos registros Cayapó do Sul, pois, com exceção da lista do Capitão Lemos da Silva, que manteve, no século XIX, contato intermitente com as aldeias próximas à Vila de Santana do Paranaíba, os demais registros linguísticos foram realizados em uma primeira e rápida visita dos transcritores entre os Cayapó do Sul: Pohl e Saint-Hilaire, em suas incursões por Goiás, não permaneceram mais que uma semana entre os índios aldeados em São José de Mossâmedes; Kupfer (1870) explica que sua visita à aldeia de Santana do Paranaíba durou quatro dias; Barbosa (1918) trabalhou com a senhora Candida, no Triângulo Mineiro, também por quatro dias; e não temos notícias sobre a lista de palavras coligida por Nehring.

Acrescenta-se, ainda, que a relativa homogeneidade do material do Guaraní Antigo, possibilitada pelo fato da existência de um único sujeito responsável pelo registro e, por conseguinte, somente um padrão de grafia nas transcrições, contrasta com a heterogeneidade dos registros do Cayapó do Sul, em que, por exemplo, nem todos os transcritores se preocuparam em explicar, minimamente, a grafia utilizada. Nas sessões seguintes, então, é aplicado em cada registro o conjunto de procedimentos utilizados por Grannier Rodrigues (*op. cit.*) e, somente na proposta de sistema fonológico, algumas discrepâncias são solucionadas.

Quanto aos procedimentos desenvolvidos para a análise de registros impressionísticos, é preciso citar também o “método reconstitutivo”, desenvolvido por Umaña (2000). Em sua proposta são reunidas técnicas de análise grafêmica, do método histórico-comparativo e da fonêmica pikeana, com o intuito de propor o sistema fonológico de uma determinada língua, para a qual há somente registros escritos. A aplicação do método segue os seguintes passos:

- a) reunião de todos os materiais disponíveis sobre a língua e elaboração de um léxico com todas as entradas na língua;
- b) estudo grafêmico dos dados em cada fonte com o objetivo de determinar o valor fonético das letras empregadas no registro;
- c) inventário de correspondências que se repetem e identificar a distribuição de cada correspondência segundo seu entorno;
- d) estabelecer pares de correspondências com relação máxima;

- e) determinar se existe ou não oposição entre as correspondências – aqui se teria um inventário de fonemas;
- f) anotação dos resultados obtidos no inventário fonêmico, descrevendo as realizações de cada fonema e marcando qual é a representação em cada anotador;
- g) elaboração de uma transcrição fonêmica de cada lexema do léxico geral organizado inicialmente, assim, é possível obter conclusões sobre aspectos da fonologia da língua, como também, distribuição e frequência dos fonemas;
- h) apresentação final dos dados, em que estarão integrados o estudo grafêmico e a descrição da fonologia da língua.

Segundo Umaña (*op. cit.*), “parte muy importante de este trabajo es el reunir bajo un mismo lema todas las versiones de un mismo elemento que las fuentes recogieron bajo distintas traducciones” (UMAÑA, 2000, p. 165). O passo seguinte refere-se, justamente, às “cuestiones grafêmicas” e o autor vai pontuar os aspectos fundamentais para que se possa alcançar uma determinação adequada do valor fonético das letras, a saber: b1) sistema de escrita empregado no registro; b2) época em que foi realizado; b3) as tradições locais, ou seja, característica de escrita da comunidade linguística do transcritor; b4) traços pessoais na grafia do transcritor – neste aspecto pontua-se a importância de consultar, na medida do possível, os manuscritos e considerar problemas de transposição para a versão impressa; b5) as observações do transcritor sobre a grafia utilizada; b6) como se deu a transcrição dos empréstimos; b7) a comparação com demais registros da mesma língua; b8) utilizar as informações existentes e resultantes de pesquisas histórico-comparativas e tipológicas areais. Importante observar que é justamente neste ponto que os procedimentos de Grannier Rodrigues (1990) e Umaña (2000) se aproximam, pois os aspectos listados pelo último são encontrados nos procedimentos adotados para a análise do Guaraní Antigo. Os procedimentos seguintes reúnem as técnicas do método-comparativo (inventário e estabelecimento de correspondências) e da fonêmica distributiva (determinar as oposições, inventário de fonemas, distribuição e frequência). Por fim, são apresentados os resultados.

Para a aplicação do método restitutivo é fundamental que a língua disponha de mais de um registro e a existência de termos comuns entre eles, pois após as “preliminares” toda a análise está baseada nas correspondências (tal como uma análise de cunho histórico-comparativa). Também são problemáticos registros díspares quanto a número de itens. Para Umaña (2000), quando há somente um registro, só é possível realizar o estudo grafêmico, o qual permitiria eliminar os equívocos da “diferenciação excessiva” (“supradiferenciación”) e somente apontar os casos mais evidentes de variação combinatória e livre. Neste ponto, análises mais abertas como aquela de Grannier Rodrigues (1990), em que a aplicação do método de análise fonológica fica a cargo do pesquisador, tem um caráter mais produtivo e abrangente. A heterogeneidade dos registros Cayapó do Sul e a discrepância de número de termos da lista de Barbosa (1918) tornam a aplicação do método restitutivo bastante limitada, pois, o número de correspondências, como exposto, base para a aplicação do método restitutivo, não abrangeria a maioria dos itens do vocabulário de Barbosa (1918.), o qual, como observaremos no decorrer desta análise, é fundamental para a delimitação do sistema fonológico do Cayapó do Sul. Contudo, quando necessário os procedimentos desenvolvidos por Umaña (2000) são aplicados na tentativa de solucionar impasses quanto à determinação de som ou fonema.

No processo de análise dos registros Cayapó do Sul é também necessário avaliar a percepção do responsável pela transcrição. O que sabemos desta língua é resultado direto do como ela foi percebida por sujeitos de diferentes origens e com diferentes sistemas fonológicos. Além da atenção ao uso particular da ortografia adotada – procedimento ressaltado tanto por Grannier Rodrigues (1990) quanto por Umaña (2000) –, a percepção do sujeito vai possibilitar, nos termos de Gleason Jr. (1985) a “diferenciação em excesso” ou a “subdiferenciação”, gerando, em alguns casos, a perda de traços importantes na delimitação das oposições da língua. Sobre a percepção de um sistema fonológico diferente daquele do transcritor, Trubetzkoy (1939) explica que:

O sistema fonológico de uma língua é como um filtro através do qual passa tudo o que é dito. Apenas aquelas marcas fônicas que são relevantes para a identidade do fonema são retidas nele. [...] O sistema de ‘filtros’, no entanto, que torna possível tal análise, é estruturado diferentemente em cada língua. Cada pessoa adquire o sistema da sua língua materna. Mas quando ela ouve outra língua sendo falada ela intuitivamente usa o familiar ‘filtro fonológico’ da sua língua materna para analisar o que foi dito. (p. 14)

Trubetzkoy (1939) entende que o filtro fonológico do ouvinte fornece avaliações equivocadas da fonologia da língua alvo, o que nos termos do autor significa que o ouvinte tem uma avaliação

equivocada das oposições desta língua. Neste sentido, as diferenças encontradas de um registro para outro envolvem, necessariamente, o filtro fonológico do ouvinte, no caso o transcritor do Cayapó do Sul. Nas palavras de Trubetzkoy (*op. cit.*):

uma vez que esse filtro não é adaptado para a língua estrangeira, disso resultam numerosos erros e interpretações equivocadas. Os sons da língua estrangeira recebem uma interpretação fonológica incorreta uma vez que eles são passados pelo "filtro fonológico" da língua materna do ouvinte. (p.14)¹⁸

Nas sessões seguintes são apresentadas as análises grafêmicas dos registros Cayapó do Sul e, também, são delineadas características fonológicas, que serão retomadas no capítulo 3, seguinte. Antes de passarmos aos registros, porém, nos deteremos ainda na delimitação de dois termos abundantes nas sessões seguintes: grafema e análise grafêmica. Segundo Crystal (2000, p. 128), grafema é “a unidade mínima contrastiva do sistema de escrita de uma língua” e, por conseguinte, “a **grafêmica** (ou grafologia) trata da ‘análise de grafemas’”. Por sua vez, Trask (2004, p. 274) define sistema de escrita como “um sistema convencional para representar uma língua por meio de sinais permanentes”. Claramente, nos registros Cayapó do Sul, não se está diante de um sistema de escrita convencional ou de uma análise da constituição ou, nos termos de Aurox (1992), “transferência tecnológica” de um sistema de escrita para esta língua.¹⁹ Os termos adotados referem-se ao sistema de escrita empregado pelo transcritor na tentativa de representação dos sons do Cayapó do Sul. Segue-se, assim, o uso encontrado em pesquisadores que se detiveram em análise deste tipo *corpus*, como os citados Grannier Rodrigues (1990) e Umaña (2000), bem como Jolkesky (2010). Aproxima-se, também, de Campell (2004, p. 361-377).²⁰

Como não poderia deixar de ser, busca-se na filologia instrumentos para a análise dos registros, contudo, dentro de uma perspectiva em que “a filologia é entendida como uma atividade acadêmica a qual procura obter informação sistemática sobre uma língua a partir de registros

¹⁸ Os trechos citados são traduções de Wilmar D’Angelis.

¹⁹ Para Aurox (1992, p. 65) “a gramatização pelos europeus supõe a alfabetização, isto é, majoritariamente, a transcrição de uma língua em caracteres latinos”. Entendendo gramatização como “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (*idem, ibidem*).

²⁰ Ainda segundo Campbell (2004, p. 364) “the notation <...> is used to enclose written attestations, to symbolize that material is presented precisely as found in the source”, porém, por questões da legibilidade, preferi usar o itálico para marcar os grafemas dos registros Cayapó do Sul.

escritos” (CAMPBELL, 2004, p. 362).²¹ Entre estes instrumentos está a tentativa de identificar a data de produção, cópias, traduções e, quando possível, condições de produção.

Estabelecidos os pontos que guiam esta análise, nas próximas sessões, nos ocuparemos dos registros Cayapó do Sul, que foram divididos segundo a região de coleta. Assim, em um primeiro grupo estão reunidos os registros de Mossâmedes: Registro de Batismo de Vila Boa (1782), Emmanuel Pohl (1832) e Auguste de Saint-Hilaire (1848). Já no segundo são aqueles de Santana do Paranaíba: Kupfer (1870), Lemos da Silva (1882) e Nehring (1894). Por fim, o registro de Alexandre de Sousa Barbosa (1918), entre os Cayapó do Sul da aldeia da Água Vermelha, no Triângulo Mineiro.

2.2. Os registros de Mossâmedes

2.2.1. Registro de Batismo de Vila Boa (1782)

Luís da Cunha Menezes (Governador da Província de Goiás de 1778-1783), ao noticiar à coroa portuguesa sobre o aldeamento dos Cayapó do Sul envia, em anexo ao seu comunicado, uma lista das crianças que foram batizadas no ano de 1782, na Matriz de Vila Boa, em cerimônia realizada pelo Vigário João Antunes de Noronha. Este documento ganha importância quanto ao registro da língua que era falada pelos Cayapó do Sul por constarem nele os nomes indígenas dos pais das crianças: são 60 nomes próprios, anotados em ortografia de língua portuguesa, e, possivelmente, pelo responsável da cerimônia.²² Trata-se do registro mais antigo da língua que foi falada por este povo e, apesar da falta de acuidade do registro, é uma peça relevante na tentativa de propor o funcionamento e a organização do sistema fonológico do Cayapó do Sul.²³ A seguir, é apresentada a lista dos nomes próprios do registro de Vila Boa e, na sequência, uma hipótese de interpretação grafêmica.

²¹ Tradução livre de: “[...] philology is understood as the scholarly activity which attempts to get systematic information about a language from written records”.

²² A cópia enviada à coroa portuguesa não está assinada, o que levanta dúvidas inclusive sobre quem foi o responsável pela cópia do documento paroquial.

²³ O Ofício do Governador Luís da Cunha Menezes faz parte dos documentos enviados ao Brasil pelo Projeto Resgate Barão de Rio Branco. Os documentos estão disponíveis para consulta no *site* do Centro de Memória Digital da UnB (www.cmd.unb.br). A cópia deste ofício foi retirada do CD-ROM relativo à Província de Goiás, disponível no acervo do Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas (AEL/Unicamp).

*Lista de nomes próprios anotada em Vila Boa (GO) em 1782*²⁴

1. Angrayocha	13. Ungaptuai	25. Apluace	37. Banequere	49. Unxepaan
2. Chiunequa	14. Combono	26. Xecrâ	38. Xuxiê	50. Inqueciare
3. Chaquenonan	15. Xuanampiae	27. Enconâ	39. Caxique	51. Cananquete
4. Cequaquai	16. Carampea	28. Tuuntu	40. Incunan	52. Poimre
5. Queampia	17. Pitubâ	29. Amixon	41. Canampuaxi	53. Mixiela
6. Yamaroi	18. Cambriopixom	30. Tanqueré	42. Toyoto	54. Pamquaque
7. Caçacabe	19. Canapixo	31. Emponi	43. Chaponhece	55. Tonito
8. Coimpa	20. Incapuim	32. Xampeu	44. Xampea	56. Conapicici
9. Pembaque	21. Quipanto	33. Poquea	45. Xataqueare	57. Carampea
10. Romexi	22. Potuaré	34. Bazeque	46. Pupuare	58. Cocri
11. Xaquean	23. Potinii	35. Taxiú	47. Caceterê	59. Tuinta
12. Uncrixiu	24. Acotamaâ	36. Xapamapixixi	48. Ecotpaen	60. Canampui

Neste registro [p, b, t] estariam representados por *p*, *b* e *t*, enquanto [k] seria representado tanto por *c*, diante de *a*, *o*, *u*, quanto por *qu*, para *i*, *e*. A sequência *qua* é interpretada como [kwa].²⁵ A oclusiva [g] seria representada por *g*, porém, ela só ocorre precedida por *n* (cf. 1 e 13), sugerindo que essa sequência seja uma representação para a nasal velar [ŋ], ou mesmo uma pré-nasalizada [ŋ̃g]. Consoantes pré-nasalizadas como [ŋ̃g], seriam representadas, nesta lista, pela sequência grafema nasal (*m*, *n*) seguido do grafema das obstruintes: *mp*, *mb*, *nt*, *nc*, *nq* (cf. exemplos em (1), a seguir). Outra obstruinte descontínua sonora encontrada no registro é [b], que também pode ser associada às pré-nasalizadas: [mb]~[b]. Uma possibilidade de interpretação para estas ocorrências é que sejam consoantes pré-nasalizadas que se realizam com contorno oral diante de uma vogal oral [m̃p̃, m̃b̃, ñt̃, ñk̃, ñg̃], mas diante de vogal nasal realizar-se-iam como nasal [m, n, ŋ].

(1) Sequência de grafema nasal-grafema de obstruinte no Registro de Batismo de Vila Boa (1782)

<i>a. Queampia</i> [keãmp̃ja] ou [keãpja]	<i>f. Quipanto</i> [kipãnto] ou [kipãto]
<i>b. Coimpa</i> [koĩmp̃a] ou [koĩpa]	<i>g. Tuuntu</i> [tu:ntu] ou [tũ:tu] ou [tuũtu]
<i>c. Emponi</i> [em̃ponĩ] ou [ẽponi]	<i>h. Tanqueré</i> [taŋke're] ou [tãke're]
<i>d. Pembaque</i> [pemb̃ake] ou [pẽbake]	<i>i. Incunan</i> [ĩŋkuna(n)] ou [ĩkuna(n)]
<i>e. Combono</i> [komb̃onõ] ou [kõbonõ]	<i>j. Angrayocha</i> [aŋkrajot̃ja] ou [ãkrajot̃ja]

²⁴ Esta é a ordem dos nomes tal como na cópia do Registro de Batismo enviado à Coroa Portuguesa por Luís da Cunha Menezes. Neste documento, os nomes portugueses dados às crianças seguem ordem alfabética.

²⁵ Em português, por exemplo: quadrado [kwa'dado], adequado [ade'kwado], aquarela [akwa'rela].

O grafema nasal, tal como nas demais listas Cayapó do Sul, indicaria: (i) consoante nasal, (ii) marca da nasalidade da vogal ou, ainda, (iii) nasalidade intrínseca à obstruinte seguinte. Nos demais registros em que há ocorrência das obstruintes sonoras, elas apresentam variação com a contraparte surda ou com a contraparte nasal. Curiosamente, nesta lista, as obstruintes sonoras registradas são aquelas que compartilham o traço grave, lançando mão aqui da proposta de traços acústicos de Jakobson, Fant & Halle (1952).²⁶

As obstruintes contínuas [s], [z] estão representadas, neste registro, por: *c*, diante de *i*, *e*; *ç*, diante *a*, *o*, *u*; para [s] e *z* para [z], esta última restrita a uma única ocorrência – 34. *Bazeque*. O uso, por parte do transcritor, de *ch* e *x* não está claro. Segundo Teyssier (2007) o português europeu mantinha o uso de *ch* para [tʃ] e *x* somente para [ʃ], porém, a partir do século XVII “vai ocorrer o desaparecimento de [tʃ] que perde o seu elemento inicial e se confunde, assim, com [ʃ]” (TEYSSIER, p. 45). O autor acrescenta que “trata-se, ainda uma vez mais, de um fenômeno vindo do Sul e que se torna a norma da língua comum” (*idem, ibidem*). Teyssier (*op. cit.*) explica, ainda, que a distinção *ch* para [tʃ] e *x* para [ʃ] é mantida em grande parte das províncias do norte de Portugal. Contudo, no capítulo dedicado ao português falado no Brasil, o autor explica que:

O português instalou-se no Brasil em meados do século XVI, ou seja, numa data em que as primeiras evoluções estudadas no capítulo precedente [cap. 3] já se haviam realizado: eliminação de numerosos encontros vocálicos, unificação do singular das palavras do tipo *mão*, *cão*, *leão*, manutenção da distinção entre /b/ e /v/, simplificação dos sistemas das sibilantes. Em todos esses pontos a *koiné* brasileira generalizou a norma portuguesa do Centro-Sul, tendo eliminado as particularidades marcadas do Norte. E, durante parte do período colonial, ele continuou a evoluir segundo a deriva do português europeu: monotongou *ou* em [o] e simplificou [tʃ] em [ʃ] em palavras do tipo *chamar*, seguindo nisso o uso do Centro-Sul de Portugal. (TEYSSIER, 2007, p. 65)

Apesar de o registro ser datado de 1782, esta já abandonada distinção é o único indício para a realização de africadas, presentes tanto na lista de Pohl (1832) quanto na de Saint-Hilaire (1848). Se o transcritor utiliza tal distinção, os itens em que ocorre *ch* e *x* são interpretados como em (2).

(2) Fricativas e africadas no Registro de Batismo de Vila Boa (1782)

a. *Cequaquai* [sekwakwaj] ou [sekwakwai]

b. *Caçacabe* [sasakabe]

c. *Chiunequa* [tʃʰünẽkwa]

d. *Xaquean* [ʃakeã] ou [ʃakeə]

²⁶ Jakobson, Fant & Halle (1952) distinguem 12 traços acústicos binários. A oposição grave x agudo é definida em relação à concentração de energia em região alta vs. região baixa do espectro. São graves as consoantes labiais e velares e as vogais posteriores, enquanto as consoantes coronais e palatais e vogais anteriores são agudas.

Nas três listas da região de Mossâmedes estão presentes os grafemas *l* e *r* em *onset* ou como C2 de um *cluster*. O primeiro representa a lateral [l], enquanto o segundo representa o tepe [r]. A língua portuguesa, segundo Câmara Jr. (1982; 1985), opõe “r brando” a um “r forte”, este último para designar a vibrante múltipla e marcado na ortografia pelo dígrafo *rr*. Segundo Câmara Jr. (1985, p. 51):

Por outro lado, simplificaram-se [do latim] as consoantes geminadas sem deixar vestígio. Apenas /rr/, perdida a articulação geminada embora, manteve-se distinto de /r/ simples intervocálico, que sofre uma lenização e se tornou o chamado /r/ brando, enquanto o /rr/, como /r/ inicial ou, pelo menos, não intervocálico, mantinha uma articulação ‘forte’, de vibração múltipla (/r̄/).

Teyssier (2007) explica ainda:

O português sempre possuiu, como o espanhol, uma oposição fonológica entre um /r/ brando (uma vibração) e um /r̄/ forte (várias vibrações) em posição intervocálica; ex.: *caro e carro*. [...] Até uma data recente o ponto de articulação era, nos dois casos, apical: a ponta da língua batia uma vez para [r] e várias para o [r̄]. (TEYSSIER, 2007, p. 54)

Assume-se, no entanto, que o grafema *r* esteja representando o tepe [r], inclusive no início de palavras como em 10. *Romexi*. Esta interpretação tem as seguintes motivações: (i) a presença do tepe em início de palavras em Pohl (1832) – *robú* ‘cachorro’ (Apinajé [rɔp]; Apãniekrá [rɔp]); (ii) a variação [r] ~ [l], justificada pela observação de Saint-Hilaire (1848) ao item *poré*, “o *r* tem o som de *l*” (p. 67); e (iii) ausência de consoantes vibrantes em línguas da família Jê, como por exemplo, Apinajé (OLIVEIRA, 2005), Apãniekrá (ALVES, 2007), Tapayúna (CAMARGO, 2010) e Xavante (QUINTINO, 2000).

A lateral [l] tem duas ocorrências: 25. *Apluace* [apluase] e 53. *Mixiela* [mĩʃ̃ela] ou [mĩʃ̃i.e.la]. Enquanto o tepe é registrado em dezesseis itens: (a) 10. *Romexi* [romêʃ̃i], 6. *Yamaroi* [jamaroj] ou [jamãroi], 16. (=57) *Carampea* [karam̃pea] ou [karãpea], 22. *Potuaré* [potu.a're], 30. *Tanqueré* [taŋk̃e're] ou [tãke're], 37. *Banequere* [banekere] ou [banẽkere], 45. *Xataqueare* [ʃatakeare], 46. *Pupuaré* [pupua're], 47. *Caceterê* [kasete're], 50. *Inqueciare* [ĩŋkes̃a're] ou [ĩkesi.a're]; (b) 1. *Angrayocha* [aŋk̃rayot̃ja] ou [ãk̃rayot̃ja], 12. *Uncrixiu* [ũkri.ʃ̃iu] ou [uŋk̃riʃ̃iu], 18. *Cambriopixom* [kam̃br̃opixõ] ou [kãbr̃opixõm], 26. *Xecrâ* [ʃekrã], 52. *Poimre* [poĩmre], 58. *Cocri* [ko'kri].

Já as soantes [j] e [w] estão representadas pelas vogais *i* e *u*, como em 4. *Cequaquai* [sekwakwaj] ou [sekwakwa.i] e 32. *Xampeu* [ʃãpew] ou [ʃam̃pe.u]; já a palatal também é representada por *y*, quando em *onset* em 1. *Angrayocha* [aŋk̃rayot̃ja] ou [ãk̃rayot̃ja], 6. *Yamaroi* [jamãroj] ou

[jamaroi] e 42. *Toyoto* [tojoto]. O [w] nos itens 13. *Ungaptuai* [uŋgaptwai] ou [ũgaptuai], 41. *Canampuaxi* [kanãpwaʃi] ou [kanãpuaʃi] estaria na posição de *cluster* silábico.

As consoantes nasais [m, n] são representadas pelos grafemas nasais *m* e *n*. Realizam-se em ataque silábico como em 10. *Romexi* [romẽʃi] e 31. *Emponi* [em̃ponĩ] ou [ẽponĩ]; e a sua ocorrência em coda insere-se na problemática do estabelecimento do valor fonético destes grafemas nesta posição silábica.

No Quadro 1, seguinte, é apresentada a proposta dos fones das consoantes do registro de Vila Boa de 1782; os segmentos sombreados em cinza são aqueles que têm sua ocorrência duvidosa, ou seja, o grafema utilizado não permite identificar com total segurança a qualidade do som.

Quadro 1: Lista de Vila Boa (GO) – Consoantes			
p	t		k
	s ~ z	ʃ	
m̃b ~ b			ŋg
m	n	ɲ	ŋ
w	r ~ l	j	

Nesta lista, são encontrados possíveis casos de alongamento vocálico como em: 23. *Potinii*, 24. *Acotamaã*, 28. *Tuuntu* e 49. *Unxepaan*. Curiosamente, estas ocorrências estão relacionadas à presença de algum grafema nasal: o nome em 23 pode ser interpretado como [potinĩ] ou [potinĩ:]; enquanto 24 como [akotamãə], [akotamã] ou, ainda, [akotamã:]; já o 28 como [tũ:tu], [tu.ũ.tu] ou [tuũtu]; e, por fim, 49 [ũʃepã], [ũʃepã:] ou [ũʃepa.ã]. A presença de nasalidade nestes itens pode indicar que o transcritor tenha percebido este traço como duração. A duração também pode resultar de ênfase por parte do falante no momento em que informa o nome para o transcritor.

Neste registro também são identificados possíveis hiatos, como: 11. *Xaquean*, 15. *Xuanampiae*, 16 = 57. *Carampea*, 33. *Poquea*, 44. *Xampea* e 48. *Ecotpaen*. Em 11 e 48 a vogal final é nasal, e, dos demais, somente em 15 a sequência não é *ea*. A vogal final [a] pode ser interpretada como um morfema, apesar de não podermos identificar o seu significado, talvez elemento necessário para a frase-resposta a perguntas como: ‘qual o seu nome?’ ou ‘como você se chama?’. A pouca

informação sobre a condição de coleta, em que, por exemplo, é possível sugerir que os nomes foram ditados para o transcritor por um intérprete, não nos permite esclarecer a constituição de tais hiatos. Acrescenta-se ainda uma interpretação na qual mesmo a vogal média [e], nestes casos, seria resultante da percepção do transcritor ou de um possível intérprete.

No Quadro 2, a seguir, são apresentadas as vogais depreendidas deste registro, em que interpreto o â como a representação para a vogal [ə] e as vogais nasais são representadas pela sequência v+ç.

Orais			Nasais	
i		u	ĩ	ũ
e	ə	o	ẽ	õ
a			ã	

Considerando a qualidade do registro, é possível levantar hipóteses sobre possíveis morfemas, mesmo que não se possa estabelecer a sua função/significado. Assim, na tentativa de segmentar os itens em 3. *Chaquenonan*, 27. *Enconâ* e 40. *Incunan*, depreende-se um elemento *-nan*, *-nâ*, muito próximo do termo para *nan*, *inân* ‘grande, grosso’, encontrado na lista de Barbosa (1918), morfema comum também a *çakuáinán* (B) ‘boca grande’ e *tepinán* (B) ‘jaú’ (lit. ‘peixe grande’). A comparação com a lista de Barbosa (*op. cit.*) permite identificar, também, o morfema *-paan*, em 49. *Unxepaan*, que se aproxima de (B) *pan* ‘pequeno’, comum também a (B) *tépán* ‘lambari’ (lit. ‘peixe pequeno’). A seguir, são listados possíveis morfemas identificados no Registro de Batismo de Vila Boa (1782) e para os quais não foi possível levantar indícios que permitam identificar o seu significado/função.

Possíveis morfemas	Ocorrências
<i>xa-</i>	11. <i>Xaquean</i> , 32. <i>Xampeu</i> , 36. <i>Xapamapixixi</i> , 44. <i>Xampea</i> e 45. <i>Xataqueare</i> ;
<i>cha-</i>	3. <i>Chaquenonan</i> e 43. <i>Chaponhece</i> ,
<i>canam-</i> , <i>caram-</i>	16. <i>Carampea</i> , 41. <i>Canampuaxi</i> e 51. <i>Cananquete</i> , 60. <i>Canampui</i>
<i>-eré</i> , <i>-erê</i> , <i>-ere</i> , <i>are</i>	30. <i>Tanqueré</i> , 37. <i>Banequere</i> , 45. <i>Xataqueare</i> , 46. <i>Pupuare</i> , 47. <i>Caceterê</i> , 50. <i>Inqueiare</i> .
<i>-xiu</i> , <i>xiú</i>	12. <i>Uncrixiu</i> , 35. <i>Taxiú</i>
<i>po-</i>	22. <i>Potuaré</i> , 23. <i>Potiniú</i> , 33. <i>Poquea</i> , 52. <i>Poimre</i>
<i>ba-</i>	34. <i>Bazeque</i> , 37. <i>Banequere</i>

2.2.2. Considerações sobre as publicações das listas de Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848)

As listas de palavras de Emmanuel Pohl e Auguste de Saint-Hilaire foram publicadas nos seus respectivos relatos de viagem produzidos após o retorno à Europa. O “*Reise im Innern von Brasilien*” de Pohl foi publicado em dois volumes, o primeiro em 1832 e o segundo, já após o seu falecimento, em 1837. O “*Voyage aux Source du Rio S. Francisco II*” de Saint-Hilaire foi publicado em 1848, tendo como título principal “*Voyages dans L’Intérieur du Brésil – Troisième partie*”. Os diários de Saint-Hilaire foram publicados em quatro partes (volumes), com dois tomos cada uma, entre 1830 e 1851. O volume referente à viagem ao Rio Grande do Sul e Missões Paraguaiaias foi publicado somente em 1887, após o seu falecimento.

Na segunda metade do século XIX, Carl von Martius publica o “Glossarios de diversas lingoas e dialetos, que fallao os Indios no imperio do Brazil”²⁷, em que ele reúne 101 listas de palavras de línguas indígenas coletados no Brasil e países vizinhos por diferentes viajantes, em diferentes expedições. Na lista de palavras do Cayapó do Sul, disponível no Glossário, há a seguinte nota: “lista elaborada por Pohl (Viagem) transcrita em grafia alemã; outras palavras, as quais designamos por H, são de Saint-Hilaire da lista presente no Viagem às Nascentes do Rio São Francisco II” (MARTIUS, 1863, p. 134)²⁸, ou seja, segundo esta nota, a lista publicada é uma reprodução de toda a lista de Pohl (1832) e também da lista de Saint-Hilaire (1848), porém, somente algumas palavras da lista de Saint-Hilaire estão devidamente marcadas. A falta de uma marca que distinguisse as duas listas fez com que os pesquisadores que se detiveram na análise destas listas atribuíssem à lista de Pohl palavras que são da lista elaborada por Saint-Hilaire, ou ainda, atribuíssem a Saint-Hilaire somente aquelas palavras marcada com *H* no Glossário. Tal confusão ocorre nos trabalhos de Heelas (1979) e Schwartzman (1988) ao comparar os dados da língua Panará com as listas de palavras de Pohl e Saint-Hilaire, tal como em Giraldin (1994, 1997, 2000). As palavras selecionadas a seguir foram retiradas de Pohl (1832), Saint-Hilaire (1848) e Von Martius (1867).

²⁷ Segundo Cruz (2005, p. 32), “os GLB [Glossaria linguarum Brasiliensium] foram publicados pela primeira vez em 1863 pela editora Druck von Junge & Sohn de Erlangen, cidade natal do naturalista. Em 1867, o material foi reimpresso por Friedrich Fleischer de Leipzig, como segundo volume de *Beitraege zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika’s zumal Brasiliens*, cujo primeiro volume reúne textos sobre a visão de Martius sobre povos indígenas publicados anteriormente”. Sobre a obra linguística de Karl von Martius, conferir Cruz (2005).

²⁸ Tradução livre de: “Die liste rührt von Pohl (Reise) her und ist in deutscher Schreibung abgefasst; andere worte, die wir durch H bezeichnen, sind aus S. Hilaire's voyage aux sources du Rio de S. Francisco II” (Martius, 1867:134).

- (i) Pohl (1832)
 - a. Branntein (aguardente) – *incója*
 - b. Bogen (arco) – *itsché*
- (ii) Saint-Hilaire (1848)
 - a. Arc (arco) – *itse*
 - b. Oreilles (orelha) – *chiccré*
- (iii) Martius (1867)
 - a. Sincera (aguardente) – *incoja* (caxasa: port)
 - b. Arcus (Arco) – *itsché, itsé*
 - c. auris (orelha) – *chiccré H*

A compilação realizada por Martius apresenta ainda diferenças quanto ao uso dos diacríticos por estes dois viajantes naturalistas, como podemos observar para a palavra ‘aguardente’ em (i.a) e (iii.a). A ausência de uma marca separando quais seriam as palavras anotadas por Pohl e as anotadas por Saint-Hilaire, faz o leitor desavisado inferir que em Pohl há uma variação no registro, tal como a palavra para ‘arco’, em (iii.b).

Para este estudo, foram utilizadas a lista de Pohl publicada em 1832 no “*Reise im Innern von Brasilien*”, traduzida para português pelo Instituto Nacional do Livro (INL) em 1951, e a lista de Saint-Hilaire publicada em 1848 no “*Voyage aux Source du Rio S. Francisco II*”, e as traduções para o português realizadas em 1937 (Companhia Editora Nacional) e em 1975 (Editora Itatiaia em parceria com a Editora da Universidade de São Paulo).²⁹

2.2.3. “Sprachproben der Cayapós in der Aldeya S. José de Mossamedes” – Pohl (1832)³⁰

Emmanuel Pohl (1782-1834) foi um naturalista austríaco que fez parte da comissão científica que acompanhou a Arquiduquesa Leopoldina quando do seu casamento com o então príncipe Dom Pedro. Comissão formada, entre outros, por Johann Spix (1781-1826), Carl von Martius (1794-1868) e Johann Natterer (1787-1843). Após o retorno à Europa do botânico Johann Mikan (1769-1844), Pohl, até então responsável pela coleta do material mineralógico, também assume a coleta de material botânico, ao lado de von Martius. Ao deixar o Rio de Janeiro, em setembro de 1818, seguiu para as províncias de Minas Gerais e Goiás. Em Goiás, após chegar à capital Vila

²⁹ As edições originais dos livros de Pohl e Saint-Hilaire, como exposto, foram consultadas na Coleção Obras Raras da Biblioteca Central César Lattes, da Universidade Estadual de Campinas (BCCL/Unicamp).

³⁰ Na tradução do Instituto Nacional do Livro, de 1951, “Amostra de palavras dos caiapós da aldeia de São José de Mossâmedes”.

Boa, continuou seu percurso pelo norte da província, alcançando Porto Real, onde iniciou uma viagem pelo rio Tocantins³¹ até a vila de Cocal, já na divisa com o Maranhão³². Faz por terra o retorno a Porto Real e Vila Boa, para depois empreender sua viagem pelo norte de Minas Gerais, região então conhecida como Minas Novas. Desce o rio Jequitinhonha, depois segue para Vila Rica e retorna ao Rio de Janeiro em fevereiro de 1821.

Quanto às línguas indígenas, são encontrados dois registros em seus diários, um dos Cayapó do Sul aldeados em São José de Mossâmedes e outro dos Xavante do aldeamento do Carretão de Pedro III³³. Estes são os únicos registros de línguas indígenas realizados por Pohl, apesar do contato com outros grupos Xavante (do rio Tocantins), com os Craôs e Porecamecrãs, no norte de Goiás, e ainda Botocudo e Maxacali, em Minas Gerais. Para os Porecamecrãs, Pohl (1951[1837]) explica que “como amostra, dou, no apêndice, algumas das palavras desses índios” (p. 153), porém, como aponta o responsável pela tradução brasileira de 1951, Teodoro Cabral, “a prometida lista não aparece no Apêndice” (N. T., p. 153)³⁴.

A lista de palavras dos Cayapó do Sul segue em apêndice ao capítulo em que narra sua estada em São José de Mossâmedes, foi publicada no primeiro volume do seu relato de viagem, em 1832. É uma lista com 64 itens, disposta em duas colunas, a primeira com os itens em alemão e a segunda com a correspondência em Cayapó do Sul. A grafia utilizada foi a do alemão acrescida do diacrítico agudo. Pohl (1832) não faz comentários ao seu registro, explicando somente que “a língua dos caiapós consiste, na maior parte, em palavras isoladas ditas umas após as outras. Eles a proferem, em parte, com a boca aberta. Não pude reunir expressões conexas, mas várias palavras soltas” (POHL, 1976[1832], p. 155). O viajante-naturalista também não nos informa quem foi o seu informante, bem como em que condições o registro foi realizado. Pelo seu relato, o viajante naturalista permaneceu cerca de uma semana no aldeamento de São José das Mossâmedes.

³¹ Pohl opta por utilizar a denominação Maranhão para este rio e explica em nota que “este grande rio é chamado sempre de Tocantins pelos habitantes de Goiás, ao passo que os habitantes do Pará o denominam Maranhão; é, porém, um único rio” (POHL, 1976 [1832], p. 122).

³² O então norte da Capitania de Goiás corresponde hoje ao estado de Tocantins.

³³ O aldeamento recebe este nome em homenagem ao Rei de Portugal e Algarves, Pedro III, que governou, ao lado de Maria I, entre 1777 e 1786.

³⁴ A Grafia dos nomes indígenas segue tal como a publicação de Pohl (1832).

A proposta a seguir é uma hipótese de interpretação do seu registro, partindo de características do alfabeto alemão e da comparação, quando possível, com o registro de Saint-Hilaire (1848), dos demais registros do Cayapó do Sul e com línguas da família Jê.

Na lista de Pohl (1832), as letras *p*, *t*, *k* representam [p], [t], [k], respectivamente; ocorrem em *onset* e somente a alveolar [t] é realizada em coda não final.³⁵

- | | | | |
|--------|-------------------|-------------|----------------|
| (3) a. | <i>potinaschá</i> | [potina'ʃa] | ‘vaca’ |
| b. | <i>kitaschá</i> | [kita'ʃa] | ‘burro’ |
| c. | <i>itpé</i> | [it'pe] | ‘homem branco’ |

Os registros com a letra *b*, todos em *onset* de sílaba, corresponderiam à labial [b]:

- | | | | |
|--------|------------------|-------------|---------|
| (4) a. | <i>robú</i> | [ro'bu] | ‘cão’ |
| b. | <i>cubu papa</i> | [kubu papa] | ‘caçar’ |

Segundo Prévot (1913, p. 9), *c*, em alemão, “encontra-se isolado só em palavras estrangeiras; pronuncia-se como *ts* (equivale a *z* alemão) antes de *ä*, *e*, *i*, e *y* (...) antes das outras vogais e consoantes (menos *ch*), equivale a *k* (...)”. Na lista de Pohl *c* e *k* são usadas para registrar o som [k], palavras como *uncuá* ‘casa’ e *pujanka-unkua* ‘igreja’ (lit. ‘casa de Deus’) indicam que tanto *c* como *k* representam o mesmo som.

- | | | | |
|--------|-----------------|-------------|-----------|
| (5) a. | <i>cupá</i> | [ku'pa] | ‘terra’ |
| b. | <i>kupajotú</i> | [kupajo'tu] | ‘ouro’ |
| c. | <i>capité</i> | [kapi'te] | ‘sabre’ |
| d. | <i>kó</i> | [ko] | ‘borduna’ |

O dígrafo *tsch* representa a africada [tʃ]:

- | | | | |
|--------|---------------------|-------------|--------|
| (6) a. | <i>itsché</i> | [i'tʃe] | ‘arco’ |
| b. | <i>tschúnquantú</i> | [tʃũkuã'tu] | ‘cama’ |

As palavras nas quais Pohl (1832) utiliza o grafema *z* são interpretadas aqui como a realização do segmento [tʃ], seguindo Prévot (1913, p. 12), “*z* deve-se pronunciar como *ts* intimamente ligados, de modo a não intercalar *e* mudo entre *t* e *s*”.

³⁵ Segundo Duanmu (2010) a sílaba pode ser dividida em “*onset*” e “*rhyme*”, esta, por sua vez, está dividida em “*nucleus*” e “*coda*”. Jakobson & Halle (1956) definem a sílaba em termos de ápice (“*creast*”) e encosta (“*slope*”), em uma sílaba CV, os fonemas em C são de encosta, enquanto os fonemas em V são de ápice (termos utilizados na tradução de Câmara Jr., 1972).

- (7) a. *caitpóze* [kait'pot̃se] 'enxada'
 b. *inpóazo schú kriti* [ĩ'poat̃so 'ʃu kriti] 'ovelha'
 c. *zápio* [ʃap̃jo] 'casar'

Na ortografia alemã *s* em *onset* de sílaba pronuncia-se [z], essa letra só é pronunciada como [s] em posição de coda. Contudo, é preciso considerar: (i) a lista produzida por Pohl para os Xavante da Aldeia do Carretão de Pedro III em que também encontramos o grafema *s* e, ao comparar os itens dessa lista com registros recentes da Língua Xavante (MCLEOD, 1974; PICKERING, 2010) e do Xerente (SOUZA, 2008), observamos que *eka* corresponde a [tʃ]³⁶ em McLeod (1974) e a [s] em Pickering (2010) e ainda [s] no Xerente (SOUZA, 2008); e (ii) as correspondências encontradas nas demais listas Cayapó do Sul (8a-c). Assim, interpreta-se o grafema *s* representando a fricativa surda [s]³⁷. Além dos itens apresentados em (8a-c), nesta lista ainda temos: *sucomú* [suko'mu] 'serra' e *kitesi* ['kitesi] 'ferro'.

- (8) a. 'galinha' *schuninsi* (P) *zurinzi* [ʃurĩt̃si] (K) *chuninxi* [ʃũnĩʃi] (L) *xinunxi* [ʃĩnũʃi] (B)
 b. 'pai' *usúm* (P) *uxum* [uʃũ] (L) *uçúm* [usũ](B)
 c. 'mãe' *unisi* (P) *kuinzi* [kuĩt̃si] (K)³⁸

Na ortografia utilizada o dígrafo *sch* representa [ʃ]. Nos itens de (9a-e), são ocorrências em *onset* silábico. Há somente um item (9f) em que o dígrafo *sch* ocorre em posição de coda. Curiosamente, este termo não segue na lista de palavras no apêndice, ou seja, ela é anotada somente no corpo do relato de viagem (*kó* 'borduna' é outro termo que está presente no relato, mas não na lista de palavras). Considerando os demais registros Cayapó do Sul, as obstruintes contínuas não são encontradas em coda silábica, sugerindo que em (9f), o naturalista não tenha percebido a realização, mesmo que breve, de uma vogal, que proponho que seja a alta [i], por compartilharem de traços acústicos e articulatórios comuns.

- (9) a. *tetaschú* [teta'ʃu] 'feijão'
 b. *potinaschá* [potina'ʃa] 'vaca'
 c. *schapú* [ʃa'pu] 'roupa'
 e. *schápa* [ʃapa] 'machado'
 f. *kutuschná* [kutuʃ'na] ou [kutuʃĩ'na] 'instrumento para escarificação'

³⁶ Mantém-se o símbolo utilizado pela pesquisadora.

³⁷ A interpretação dada por mim, em trabalho anterior (VASCONCELOS, 2009b), ao grafema *s* desta lista, em itens como *unisi* 'mãe', *usúm* 'pai', *schuninsi* 'galinha', *schuninsischumá* 'galo', *sucomú* 'serra' e *kitesi* 'ferro', foi a favor da sonora [z], seguindo assim o padrão da ortografia alemã. A observação das correspondências da lista do Xavante foi crucial para a reinterpretação destes itens.

³⁸ As representações entre colchetes são hipotéticas.

Sobre o uso que Pohl (1832) faz do dígrafo *sch*, Saint-Hilaire (1975 [1848]) faz a seguinte observação: “[...] não encontrando em sua língua [o alemão] uma letra correspondente ao *j* dos portugueses e dos franceses, ele [Pohl] escreveu *caschoné* ao invés de *cajoné* (...)”, ou seja, segundo Saint-Hilaire (*idem*) *sch* representaria [ʒ] e não [j]. Na lista anotada por Saint-Hilaire (cf. 2.2.4) há distinção entre essas duas consoantes, a primeira sendo marcada por *j* a segunda por *ch*. Na lista de Pohl (1832) essa distinção não estaria marcada porque ela não existe em alemão, a opção aqui foi manter a surda e somente análises comparativas com a lista de Saint-Hilaire (1848) e com as demais listas poderão dar indicações mais precisas sobre o valor de *sch*.

As nasais labial [m] e alveolar [n], por sua vez, são registradas em *onset*, como em (10a-i).

(10)	a. <i>muschiú</i>	[mu'ʃiu] ou [muʃi'u]	‘milho’
	b. <i>sucomú</i>	[suko'mu]	‘serra’
	c. <i>inromú</i>	[ĩro'mu]	‘mata’
	d. <i>schuninsischumá</i>	[ʃunĩsiʃu'ma] ou [ʃunĩnsiʃu'ma]	‘galo’
	e. <i>potináschain</i>	[poti'naʃãĩ] ou [poti'naʃãĩn]	‘carne de vaca’
	f. <i>pinató</i>	[pina'to]	‘dançar’
	g. <i>schótine</i>	[ʃotine]	‘dormir’
	h. <i>keni</i>	[ʔeni] ou [ʔkēni]	‘pedra’
	i. <i>caschoné</i>	[kaʃo'ne]	‘flecha’

A identificação do valor fonético dos grafemas nasais na posição de coda está condicionada à interpretação da sequência grafema vocálico-grafema nasal. É preciso considerar que, nesta posição silábica, estamos diante de uma “subdiferenciação” (GLEASON JR., 1985), em que um único elemento, o grafema nasal, marcaria tanto o traço nasal de supostas vogais nasais, quanto a realização de consoantes nasais ou pré-nasalizadas. Isso implica que um mesmo grafema marca vogais nasais (i), consoantes nasais em coda silábica (ii), ou ainda, quando o grafema subsequente ao nasal é obstruinte, uma consoante pré-nasalizada (iii). O ponto crucial da problemática da marcação das vogais nasais é assumir que o Cayapó do Sul se comporta como as demais línguas da família Jê e realiza a oposição *oral vs. nasal* entre as vogais. Uma das consequências é assumir, também, que são justamente as vogais nasais que desencadeiam os processos de circum-oralização em consoantes nasais (cf. RODRIGUES, 1999a; D'ANGELIS, 1998, 2002). As questões que envolvem a nasalidade nos registros Cayapó do Sul serão retomadas mais adiante (cf. 2.2.5 e 3.3.2). Os itens em (11a-d) exemplificam a problemática dos grafemas nasais em coda.

- (11) a. *usúm* [usũ] ou [usũm] ‘pai’
 b. *inromú* [ĩromu] ou [ĩnromu] ‘mata’
 c. *impó* [ĩ'po] ou [ĩn'po] ou [i'm̃po] ‘corça’
 d. *incója* [ĩ'koja] ou [ĩn'koja] ou [i'ŋkoja] ‘aguardente’

As soantes apresentam as seguintes representações: o grafema *r* representa o som [r], pois, segundo Prévot (1913, p.10), “R, r no princípio duma palavra é mais brando do que em português; geralmente tem a pronúncia do r em caro”. O tepe [r], representado por *r* ocorre em *onset* complexo com as obstruintes [p] e [k].³⁹

- (12) a. *robú* [ro'bu] ‘cão’
 b. *arená* [are'na] ‘fumo (tabaco)’
 c. *itpé-pri* [it'pe pri] ‘menino’
 d. *inpóazo schú kriti* [ĩ'poatso 'ʃu kriti] ‘ovelha’
 e. *inromú* [ĩro'mu] ‘mata’
 f. *lenkré* [lẽ'kre] ‘dedo’

Já o grafema *l* representa [l] e foi registrado somente em *onset*:

- (13) a. *póli* ['poli] ‘pão’
 b. *lempánia* [lempania] ‘comer’
 c. *lenkré* [lẽ'kre] ‘dedo’

Nos itens seguintes, o grafema *j*, que segundo Prévot (*idem*) “corresponde ao *y* inglês em *year* (...) O *j* de Julio não existe em palavras nacionais [germânicas]”, representa a aproximante [j]:

- (14) a. *incója* [ĩ'koja] ‘aguardente’
 b. *pujanka* ['pujãka] ‘deus’
 c. *kupajotú* [kupajo'tu] ‘ouro’

As consoantes identificadas na lista de Emmanuel Pohl (1832) são apresentadas no Quadro 3, a seguir:

p b	t	ts̃	tʃ̃	k
	s		ʃ	
m	n			
w	r̃ l		j	

³⁹ Tal como para o Registro de Batismo de Vila Boa, assume-se que o *r* esteja representando o tepe e não a vibrante, neste caso, seguindo um dos procedimentos da análise: a relação do Cayapó do Sul com demais línguas da família Jê.

Para determinar a ocorrência das vogais é necessário especularmos sobre a função desempenhada pelo diacrítico agudo. Dos 66 termos do registro de Pohl (1832), 52 são marcados por este diacrítico, dos quais somente cinco itens em mais de uma sílaba. O uso deste diacrítico tem três funções possíveis: (i) distinguir abertura vocálica, (ii) marcar sílaba tônica ou, ainda, (iii) marcar o limite de palavra ou morfema.

O diacrítico agudo acompanha as vogais *é, á, ó, ú* e, ainda, *úm/ún* e *óm*. O uso deste diacrítico na ortografia do português, por exemplo, marca sílaba tônica e abertura vocálica, ou seja, os grafemas das vogais médias, *e o*, com este diacrítico são pronunciados [ɛ] e [ɔ], respectivamente. O alemão, por sua vez, para distinguir a vogal [ɛ] utiliza o grafema *ä*, ou mantém o grafema *e* em dois contextos: precedendo consoantes duplas ou consoantes em coda silábica. Apesar da ausência de um grafema específico para [ɔ], ele é realizado em contexto semelhante à vogal [ɛ] – “O, o não tem se não dois valores em alemão: [...] breve e aberto [ɔ] quando seguido de consoante dobrada” (PRÉVOT, 1913, p. 7). Como explicitado, este diacrítico não está restrito às vogais médias, ocorrendo também com *u, a* (*itú* ‘morrer’, *intá* ‘chuva’). Desta forma, considerando o uso não só com as vogais médias e o contexto de ocorrência das vogais médias abertas em alemão, descarta-se a hipótese (i), segundo a qual a função do agudo é marcar a qualidade da vogal.

Dos 52 termos marcados com o diacrítico agudo, trinta são em sílaba final e dezesseis em fronteira de morfema. Nos itens em (15a-c) o diacrítico recai justamente no radical da palavra, o qual pode ser identificado a partir da comparação com as demais listas do Cayapó do Sul – *incó* (SH) e *inkô, nkô* (B) para (15a) e *impó* (SH) e *impó, mpó* (B) para (15b-d). Em (15b, d), o morfema *ti* é um dos termos encontrados em Barbosa (1918) para ‘grande’. E, ainda, para (15d) *náscha ~ naschá* (*potinaschá* ‘vaca’) e *in* ‘carne’ (cf. (B) *potinaçâín* ‘carne de vaca’). Nos itens em (15e-f) é possível depreender o morfema *itpé* e, particularmente, em (15f) o acento estaria marcando os dois morfemas envolvidos na formação da palavra – conferir (N) *imprím* ‘criança’ para (15e), (B) *intié* ‘mulher’ para (15f). Dos termos listados a seguir, em (15h) o radical para ‘arma’ difere do termo para ‘munição’, para tal discrepância é preciso considerar um possível equívoco na transposição do manuscrito para a versão impressa ou, ainda, a percepção equivocada da nasalidade, gerando certa aleatoriedade no uso do diacrítico. Já em (15j) a

mudança da sílaba que recebe o diacrítico pode ser resultado de uma dupla função: marcação da fronteira de morfema e sílaba tônica do radical, ou seja, (15j¹) o morfema é átono, enquanto em (15j²) o último morfema é tônico. Marcação semelhante é encontrada em (15L) e em (15n).

(15)

a. <i>incója</i>	<i>incó-ja</i> ‘água-?’	‘aguardente’
b. <i>inpóti</i>	<i>inpó-ti</i> ‘veado-grande’	‘veado’
c. <i>inpóazo shú kriti</i>	<i>inpó-azo schú kriti</i> ‘veado-?? similitativo ⁴⁰ ’	‘ovelha’
d. <i>potináschain</i>	<i>po-ti-náscha-in</i> ‘veado-grande -?-carne’	‘carne de vaca’
e. <i>itpé-pri</i>	<i>itpé-pri</i> ‘h. branco-criança’	‘menino’ lit.: ‘criança branca’
f. <i>itpéntié</i>	<i>itpé-ntié</i> ‘h. branco -mulher?’	‘menina’ lit.: ‘mulher branca’
g. <i>kiúti</i>	<i>kiú-ti</i> ‘frio-grande’	‘frio’ lit.: ‘frio grande’
h ¹ . <i>antoaáschú</i>	<i>anto-aschú</i> ‘arma-semente’	‘municação’
h ² . <i>atoná</i>	‘arma’	
i. <i>káaschá</i>	<i>ká-aschá</i> ‘?-machado?’	‘faca’
j ¹ . <i>caitpóze</i>	<i>cait-pó-ze</i>	‘enxada’
j ² . <i>caitpopó</i>	<i>cait-po-pó</i>	‘foice’
k. <i>schápa</i>	<i>schá-pa</i> ‘machado?-?’	‘machado’
L ¹ . <i>putúa</i>	<i>put-úa</i> ‘sol?-luz’	‘lua’
L ² . <i>itpúti</i>	‘sol’	
m. <i>schótine</i>	<i>schót(i)-ne</i>	‘dormir’
n. <i>piankákianká</i>	<i>pianká-kianká</i>	‘papel’

Por conta da ausência de comentários de Pohl (1832) ao seu registro não é possível afirmar se este viajante naturalista empreendeu uma tentativa de segmentação e marcação dos radicais Cayapó do Sul a partir do diacrítico agudo. A interpretação da delimitação de palavra ou morfema está baseada na observação do padrão de uso do diacrítico agudo, para o qual há contraexemplo como *unkua* ~ *uncuá* ‘casa’ e monossílabos acentuados (*kó* ‘borduna’, *intá* ‘chuva’, etc.). Por fim, em (16) são listadas as vogais orais identificadas na lista de Pohl (1832), por falta de evidências, tal conjunto de segmentos se aproxima das vogais presentes em línguas europeias, mais adiante, porém, a partir da comparação dos registros Cayapó do Sul, são apontadas evidências a favor de vogais posteriores não-arredondadas.

⁴⁰ Seguindo a interpretação de Dourado (2001) para o morfema *-akriti* do Panará.

- (16) a. [i] *kítaschá* [kita'ʃa] 'burro'
 b. [e] *kitesi* [kitesi] 'ferro'
 c. [a] *átóna* ['atona] 'espingarda'
 d. [o] *schótine* ['ʃotine] 'dormir'
 e. [u] *tetaschú* [teta'ʃu] 'feijão'

As vogais nasais, como já foi discutido anteriormente, são marcadas pelos grafemas nasais (*m*, *n*). Os exemplos de (17a-e) são exemplos de itens em que é possível deprender as vogais nasais e para cada um deles são apresentadas hipóteses alternativas, que serão discutidas e aprofundadas mais adiante (cf. 2.2.5 e 3.2.1).

- (17) a. [ĩ] *inromú* [ĩromu] ou [ĩnromu] 'mata'
 b. [ẽ] *lenkré* [lẽ'kre] ou [lẽ'kre] ou [le'ŋkre] 'dedo'
 c. [ã] *amschiti* [ãʃiti] ou [ãmʃiti] 'estrela'
 d. [õ] *kientóm* [kjẽ'tõ] ou [kjën'tõm] 'sacerdote'
 e. [ũ] *usúm* [u'sũ] ou [u'sũm] 'pai'

No Quadro 4 é apresentada a proposta de interpretação para as vogais da lista de palavras de Pohl (1832).

Quadro 4: Lista de Pohl (1832) – Vogais			
Orais		Nasais	
i	u	ĩ	ũ
e	o	ẽ	õ
a		ã	

2.2.4. “Les Indiens Coyapós” – Saint-Hilaire (1848)⁴¹

Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), botânico francês, viajou pelo Brasil com o apoio do Museu de História Natural de Paris e financiamento do Ministério do Interior francês. Este naturalista veio como membro da comissão diplomática, chefiada pelo conde de Luxemburgo, constituída para solucionar a questão da Guiana Francesa, a qual foi anexada ao território brasileiro por Dom João VI, logo após a transferência da coroa portuguesa para o Rio de Janeiro. Saint-Hilaire desembarcou no Brasil em 1816 e permaneceu até 1822 (KURY, 2003; RIOS,

⁴¹ Na tradução da Editora Itatiaia, de 1975, “Os índios coiapós”.

2009), sua missão era realizar coletas botânicas para enviar a Paris. Nos seis anos que aqui permaneceu, fez uma longa jornada pelo interior, percorrendo as então províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Chegou até o rio da Prata, percorrendo a província da Cisplatina, de onde seguiu até as missões jesuíticas no Paraguai. Retornou para a Europa em junho de 1822 (MORAES, 1940).

Em seu percurso, Saint-Hilaire elaborou quatorze listas de palavras entre os seguintes povos: Coroado de Ubá, Malali, Monoxó, Macuni, Botocudo de São Miguel, Maxacali, Língua Geral da Aldeia de São Pedro (RJ), Língua Geral da Vila Nova de Almeida (ES), Cayapó do Sul⁴², Língua Geral da Aldeia das Pedras (Triângulo Mineiro), Xacriabá⁴³, Guanhanã⁴⁴, Coroado de Guarapuava⁴⁵ e Guaicuru⁴⁶. Seus registros têm como característica comum contar com um pequeno número de itens (as listas mais extensas têm pouco mais de 60 palavras) e a opção pela ortografia do português que, segundo Saint-Hilaire (1975 [1848]), “acompanha mais de perto a maneira como as palavras são pronunciadas. Além disso, essa grafia admite uma acentuação prosódica e indica vogais nasais” (p. 68).

Diferentemente de Pohl, Saint-Hilaire, na tentativa de aproximar seu leitor da realidade fonética da língua registrada, faz inúmeras considerações sobre como certos grafemas devem ser pronunciados. Tais informações seguem ou no corpo do relato ou na própria lista ou ainda em nota de rodapé. Para o Cayapó do Sul, tal como o naturalista austríaco, Saint-Hilaire (1848) também lança mão dos diacríticos, porém, explicitando sua função: “a tônica cai geralmente na penúltima sílaba, a menos que o acento (´) indique uma ou várias sílabas acentuadas; quando o acento é sobre a letra *o*, ela é pronunciada como a nossa [língua francesa] *or*. O *e* acentuado tem o som do nosso *ê* [...]” (Saint-Hilaire, 1975 [1848], p. 68). Além do diacrítico agudo, Saint-Hilaire (1848) também utiliza o macro.

⁴² Em Saint-Hilaire (1848), Coiapós, pois, segundo o autor, é “como se diz geralmente na região” (p.62).

⁴³ Saint-Hilaire (1848) anota Chicriabá, sendo estes os mesmo Xacriabás do norte de Minas Gerais, aldeados aí junto com os índios de Antônio Pires de Campo contratados para expulsarem os Cayapó do Sul da estrada de Goiás (Cf. ALMEIDA, 2006).

⁴⁴ Kaingang de São Paulo.

⁴⁵ Também Kaingang, porém da região de Guarapuava.

⁴⁶ Saint-Hilaire (*Voyage a Rio-Grande do Sul*) encontra duas mulheres Guaicuru na cidade de Salto (hoje território uruguaio, às margens do rio Uruguai, divisa com a província Argentina de Corrientes), em que anota uma curta lista de palavras. Nas proximidades da cidade uruguaia de Belén, também à margem do rio Uruguai, ele encontra um homem, para qual eles repete as palavras coletadas em Salto. O índio guaicuru explica que sua aldeia ficava nas proximidades da cidade de Santa Fé (Argentina).

Uma das divergências entre os dois viajantes naturalistas é a forma como percebem a língua, pois, para Saint-Hilaire (1848): “os Coiapós falam pela garganta e com a boca quase fechada” (p. 67), enquanto para Pohl (1976 [1832]) “eles a proferem, em parte, com a boca aberta”. Segundo Saint-Hilaire (*op. cit.*), “a memória do doutor Pohl traiu-o certamente quando disse o contrário” (p. 67). Esta divergência evidencia questões que envolvem tanto acuidade do transcritor, como também o seu filtro fonológico. A aparente contradição entre as duas afirmações é, antes, o efeito de filtragem de traços.

Antes de apresentarmos a interpretação grafêmica da lista, pontuamos, também, a descrição do procedimento adotado pelo viajante naturalista francês na coleta dos itens:

transcrevo aqui várias palavras que me foram ditadas por um Coiapó muito inteligente, que falava muito bem o português e fazia parte da companhia de pedestre. Conforme o meu costume, depois de escrever as palavras eu as li em voz alta para quem as havia ditado para mim, a fim de verificar se eram compreendidas e se eu as tinha registrado corretamente (SAINT-HILAIRE, 1975 [1848], p. 67).

Seguindo as informações fornecidas por Saint-Hilaire e os demais procedimentos descritos na seção 2.1, apresentamos, nos parágrafos seguintes, a proposta de interpretação grafêmica para a lista Cayapó do Sul registrada por Auguste de Saint-Hilaire.

As consoantes [p], [t] e [k] são representadas, respectivamente, por *p*, *t* e *c*. Diante de *i* Saint-Hilaire (1848) usa o dígrafo *qu* pra representar [k].

- | | | | |
|------|----------------------|--------------------------|----------------|
| (18) | a. <i>puturuá</i> | [puturu'a] ou [putu'rua] | ‘lua’ |
| | b. <i>cotú</i> | [ko'tu] | ‘preto’ |
| | c. <i>tapanhocua</i> | [tapa'ɲokua] | ‘mulher negra’ |
| | d. <i>iquitachó</i> | [ikita'ʃɔ] | ‘cavalo’ |
| | e. <i>pupti</i> | [pupti] | ‘rio’ |

Enquanto *b* e *d* são utilizados para as ocorrências de [b] e [d], respectivamente. Cada um destes segmentos apresenta somente uma ocorrência em todo registro, ocupando *onset* silábico.

- | | | | |
|------|------------------|-----------------------|-----------|
| (19) | a. <i>jóbo</i> | [ʒɔbo] | ‘carne’ |
| | b. <i>impudé</i> | [impu'dɛ] ou [ĩpu'dɛ] | ‘pescoço’ |

Os sons [t̂s] e [t̂ʃ] são representados, respectivamente, por *ts* e *tch*. Enquanto pra [t̂s] são registrados três itens, para [t̂ʃ] há somente uma ocorrência, todas em *onset*.

(20)	a. <i>itse</i>	[it̃se]	‘arco’
	b. <i>impantsa</i>	[impañ'tsa] ou [ĩpa'ñtsa]	‘penas’
	c. <i>patsó</i>	[pa'tsɔ]	‘fruto’
	d. <i>itchune</i>	[i't̃ʃune]	‘pássaro’

Já a fricativa [s] é representada somente por *s*, com uma única ocorrência em todo o registro, a saber, *amsiti* ‘estrelas’, que pode ser interpretada como [ãmsiti] ou [ã'siti]. Entre os itens que apresentam somente uma ocorrência, há ainda a fricativa [h] em *puhancá* ‘Deus’, [puhã'nka] ou [puhã'ka]. Na tradução da Editora Itatiaia, de 1975, a forma encontrada é *punhacá*, porém, a tradução da Companhia Editora Nacional, 1937, está em conformidade com a versão francesa.

Diferentemente de Pohl, o *j* representa, na lista de Saint-Hilaire, o som [ʃ], enquanto o *ch* representa [ʃ].

(21)	a. <i>cajone</i>	[kaʒone]	‘flecha’
	b. <i>jóbo</i>	[ʒɔbo]	‘carne’
	c. <i>chapé</i>	[ʃa'pɛ]	‘boca’
	d. <i>chuá</i>	[ʃu'a] ou [ʃua]	‘dentes’
	e. <i>chacaré</i>	[ʃaka're]	‘nariz’

A letra *r* representa [r], ocorre tanto em *onset* simples como *cluster* com a consoante obstruinte velar [k]. Para a palavra *poré* ‘pedaço de pau’, Saint-Hilaire acrescenta: “o *r* tem o som de *l*”, neste caso, [po'le]. Sugerindo uma variação entre a lateral [l] e o tepe [r].

(22)	a. <i>intiera</i>	[ĩ'tiera] ou [in'tiera]	‘mulher’
	b. <i>icriã</i>	[i'kriã] ou [i'kriã]	‘cabeça’
	c. <i>icria</i>	[i'kria] ou [ikria]	‘coxa’

Há ainda uma realização do grafema *r* em posição de coda silábica: *intomarca* ‘feio’. Além de ser a única no registro de Saint-Hilaire (1848), também é a única de todos os registros do Cayapó do Sul. A correspondência para ‘feio’ em Kupfer (1870) é *tamancáre*, enquanto em Lemos da Silva (1882) é *tamancare* e por fim em Barbosa (1918) é *tómanká*. Não se descarta, neste caso, problema na transposição do original manuscrito para a versão publicada, possivelmente um *n* transposto como *r*, e, assim, o item anotado por Saint-Hilaire se aproxime daquela encontrada em Barbosa (1918).

Os grafemas nasais *m*, *n* e *nh*, por sua vez, quando em *onset*, representam, respectivamente, as consoantes nasais [m], [n] e [ɲ].

- (23) a. *macacá* [maka'ka] 'branco'
 b. *intomarca* [ĩto'marka] 'feio'
 c. *cajone* [ka'zone] 'flecha'
 d. *itchune* [i'tʃune] 'pássaro'
 e. *nhontuára* [ɲõtu'ara] ou [ɲõntu'ara] 'recém-nascido'
 f. *tapanho* [ta'paɲo] 'negro'

A identificação do valor fonético dos grafemas nasais em posição de coda, ou mais especificamente, na sequência grafema vocálico-grafema nasal, tem a mesma problemática encontrada em Pohl (1832). O ponto é o uso de um mesmo grafema para marcar tanto vogal nasal, quanto uma possível coda com consoante nasal, e ainda, como será discutido mais adiante, com segmento constitutivo de uma consoante pré-nasalizada. Saint-Hilaire, desde a justificativa para o uso da ortografia do português, evidencia a realização de vogais nasais. Na nota de rodapé que segue a lista de palavras Cayapó do Sul, em que o autor, voltando-se para o leitor francês explicando características da pronúncia dos itens coletados, acrescenta: o “*im* final é um *i* muito nasal” (SAINT-HILAIRE, 1875 [1848], p. 67). Ou mesmo no corpo da lista “*an fort long*” (SAINT-HILAIRE, 1848, p. 109). Os itens seguintes apresentados em 24 (a-b) ilustram a problemática do uso dos grafemas nasais para marcar tanto consoante nasal quanto vogal nasal.

- (24) a. *iquim* [i'ki] ou [i'kim] 'cabelo'
 b. *intó* [ĩtɔ] ou [in'tɔ] ou [i'ntɔ] 'olho'
 c. *impéimpāré* [ĩpɛj pa:'re] ou [im'pɛm pa:'re] 'bonito'
 ou [i'mpej mpa:'re]

No Quadro 5, seguinte, é apresentada a interpretação para os segmentos consonantais do Cayapó do Sul, a partir da lista de Saint-Hilaire (1848). A fricativa glotal [h] segue como uma realização não confirmada, pois além de apresentar somente uma ocorrência, não é comum ao Registro de Batismo de Vila Boa e nem à lista de Pohl (1832).

p b	t d	ts̃	tʃ	k
	s		ʃ ʒ	
m	n		ɲ	
w	r l		j	h

Quanto às vogais, o diacrítico marca a sílaba tônica – “a tônica cai geralmente na penúltima sílaba, a menos que o acento (´) indique uma ou várias sílabas acentuadas” –, mantém uma estreita relação com a qualidade da vogal, pois “quando o acento é sobre a letra *o*, ela é pronunciada como a nossa [língua francesa] *or*. O *e* acentuado tem o som do nosso *ê* [...]” (Saint-Hilaire, 1975 [1848], p. 68). A partir dessas informações, nos itens em 25 (a-e), os grafemas *é*, *ó* são interpretados como [ɛ] e [ɔ], respectivamente.⁴⁷

(25)	a. <i>imputé</i>	[impu'tɛ]	‘sol’
	b. <i>cacatéta</i>	[kaka'tɛta]	‘homem branco’
	c. <i>chucóto</i>	[ʃu'kɔto]	‘peito’
	d. <i>parachó</i>	[para'ʃɔ]	‘folha’
	e. <i>tépo</i>	[tɛpo]	‘peixe’

Além do diacrítico agudo, três itens da lista de Saint-Hilaire seguem com o diacrítico macro, todas as três ocorrências são com a vogal *a*: *impéimpâré* ‘bom’, *intompéipâré* ‘bonito’ e *ipânré* ‘pequeno’. Esta última segue com a seguinte observação: “o *an* é muito prolongado”. Nos dois primeiros itens temos uma vogal longa [a:], enquanto para a terceira ocorrência estaríamos diante de uma vogal longa e nasal [ã:], ou, ainda, uma vogal oral seguida por grafema nasal. A descrição dada por Saint-Hilaire corrobora a interpretação de vogal nasal.

O uso do diacrítico agudo em *í*, *á*, *ú* marca somente a sílaba tônica e, junto com os grafemas vocálicos não acentuados *i*, *a*, *u*, representam respectivamente as vogais [i], [a] e [u]. Enquanto os grafemas *e*, *o*, sem o diacrítico agudo, correspondem a [e] e [o].

(26)	a. <i>ípa</i>	[i'pa]	‘braço’ ⁴⁸
	b. <i>ité</i>	[i'tɛ]	‘perna’
	c. <i>chuá</i>	[ʃua] ou [ʃu'a]	‘dente’
	d. <i>patso</i>	[patso]	‘fruto’
	e. <i>cotú</i>	[ko'tu]	‘preto’
	f. <i>impudé</i>	[ĩpu'dɛ] ou [ĩmpu'dɛ]	‘pescoço’
	g. <i>icrite</i>	[ikrite]	‘anta’
	h. <i>chucóto</i>	[ʃu'kɔto]	‘peito’

⁴⁷ O ê, em francês, corresponde a [ɛ], como em palavras como *fenêtre* [fenétre], *fête* [féte], *abêtir* [abéti] e *acémètes* [acéméte]. As transcrições são retiradas do “Novo Dicionário francez-portuguez” de José da Fonseca (1895).

⁴⁸ Uma interpretação possível para o uso do diacrítico agudo nas duas sílabas é a ocorrência de uma oclusiva glotal, neste caso [iʔpa].

O grafema *u* na palavra *cúpa* segue com a informação: “a pronúncia de *u* nessa palavra corresponde ao *iou* francês” (SAINT-HILAIRE, 1975 [1848], p. 67). Tal sequência em palavras como *lioube* e *pioupiou*, é transcrita, no dicionário de José da Fonseca (1895) como [liúbe] e [piupiú], assim, o termo *cúpa* tem como interpretação fonética [k^hupa] ‘terra’.

Como discutido anteriormente, os grafemas vocálicos seguidos pelos grafemas das consoantes nasais têm como uma das funções, neste registro, assinalar vogais nasais.

- (27)
- | | | |
|---------------------|---------------------|-----------------|
| a. <i>iquim</i> | [ikĩ] ou [ikim] | ‘cabelos’ |
| b. <i>incó</i> | [ĩ'kɔ] ou [in'kɔ] | ‘pequeno’ |
| c. <i>icrian</i> | [ikriã] ou [ikrian] | ‘cabeça’ |
| d. <i>nhontuára</i> | [nõ'tuara] | ‘recém-nascido’ |

No Quadro 6 são apresentadas as vogais identificadas na lista de palavras de Saint-Hilaire. Nesta lista não foram encontrados indícios para [ẽ] e [ũ]. Não se descarta a sua ocorrência na língua, como podemos observar em Pohl (1832) e no Registro de Batismo (1782), a ausência de tais segmentos pode ter um caráter fortuito. Já a ausência de vogais centrais, comuns às línguas da família Jê, é resultado da ausência de indícios e evidências à sua realização.

Quadro 6: Lista de Saint-Hilaire (1848) – Vogais			
Orais		Nasais	
i	u	ĩ	
e	o		õ
a		ã	

2.2.5. Proposta de sistema fonológico para os Cayapó do Sul de Mossâmedes

A interpretação grafêmica busca identificar que som as letras adotadas em cada registro representam, em uma tentativa de propor o que seria um inventário fonético e, a partir dessas observações, iniciar uma tentativa de interpretação fonológica e, se possível, o estabelecimento de um sistema fonológico, mesmo com lacunas. Diferentemente do que ocorre com um *corpus* fonético, a interpretação fonológica dos registros traz maiores esclarecimentos à análise grafêmica, pois revela traços fonéticos não percebidos ou não anotados pelo transcritor. Nesta seção, o foco é a proposta de sistema fonológico para os Cayapó do Sul aldeados nos arredores de

Vila Boa, a partir do Registro de Batismo de Vila Boa (1782) e das listas de palavras de Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848).

2.2.5.1. Fricativas e africadas

Nestes registros foram identificadas as fricativas [s], [z], [ʃ] e [ʒ] e as africadas [t͡s] e [t͡ʃ]. Em Saint-Hilaire (1848), a fricativa vozeada [ʒ] pode ser interpretada como variante da contraparte desvozeada, tal interpretação pode ser estendida à vozeada [z] do Registro de Batismo de Vila Boa, contudo, as ocorrências das africadas [t͡s] e [t͡ʃ] e das fricativas [s] e [ʃ] não podem ser explicadas como casos de variação. Considerando os segmentos vocálicos que seguem as consoantes fricativas e africadas, nas três listas, temos, para Vila Boa (cf. 2.2.1):

[s, z] i, e	[ʃ] i, a, e, o, u, om
	[t͡ʃ] i, a

Já em Pohl, as realizações estão assim distribuídas (cf. 2.2.3):

[s] i, u	[ʃ] i, a, o, ó, u
[t͡s] e, a, o	[t͡ʃ] é, un ⁴⁹ .

Por fim, em Saint-Hilaire (cf. 2.2.4):

[s] i	[ʃ, ʒ] i, e, o, ó, u
[t͡s] e, a, o	[t͡ʃ] u.

Propõe-se, segundo a qualidade do registro, que há, ao menos, dois fonemas nesse conjunto de realizações. A questão é saber como se dá a oposição: pelo traço [\pm anterior] diferenciando t͡s e t͡ʃ; ou pelo traço [\pm contínuo], opondo t͡s a ʃ. A opção, considerando que a oposição se dê pelo traço [contínuo], é por /t͡s/ vs. /ʃ/ e não /s/ vs. /t͡ʃ/, pois o contexto da realização deste último par é mais restrito: [s] somente diante de *i, e, u*; enquanto [t͡ʃ] diante de *i, a* (Vila Boa) *é, un, u* (Pohl e Saint-Hilaire). É preciso considerar que dos poucos itens comuns às listas de Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848) é regular a correspondência do traço [contínuo], ou seja, se em Pohl temos t͡ʃ (*tsch*, não-contínuo) em Saint-Hilaire teríamos t͡s (*ts*, não-contínuo), a única exceção a esta regularidade é o termo ‘galinha/pássaro’.

⁴⁹ Optei por manter a grafia do anotador.

		Pohl	Saint-Hilaire
(28)	a. ‘arco’	<i>itsché</i>	<i>itse</i>
	b. ‘flecha’	<i>caschoné</i>	<i>cajone</i>
	c. ‘estrela’	<i>amschiti</i>	<i>amsití</i>
	d. ‘burro’	<i>kitaschá</i>	<i>iquitachó</i> (‘cavalo’)
	e. ‘galinha’	<i>schuninsi</i>	<i>itschune</i> (‘pássaro’) ⁵⁰

A hipótese de diferenciação pelo traço de continuidade tem como resultado uma série das obstruintes descontínuas com quatro elementos /p, t, ts, k/ e uma série das contínuas com apenas um representante: /ʃ/ (cf. Quadro 7, adiante).

2.2.5.2. Soantes

Nas listas de palavras de Vila Boa, Pohl e Saint-Hilaire é possível identificar a realização do tepe [ɾ] que tem como variante a líquida [l]. Ele ocorre em *onset* e em *cluster* com labiais e velares: *pr*, *mr*, *kr*. A ausência, nestes registros, da realização do tepe com /t/ pode ser resultante de uma restrição de OCP⁵¹ comum às línguas Jê, segundo a qual o *cluster* não pode ser formado por consoantes que têm o mesmo articulador⁵². Para o Cayapó do Sul, por conta da falta de evidências para *clusters* que envolvem as labiais e velares, esta restrição pode ser postulada segundo a oposição *grave* x *agudo*, seguindo a proposta de traços acústicos de Jakobson, Fant & Halle (1952) e Jakobson & Halle (1956).⁵³ A restrição, nesse caso, proibiria dois segmentos graves ou dois agudos em *cluster*, ou seja, além da ausência de [tr] e [tj], coronais, também não ocorreriam *clusters* [pw] e [kw]. Mais adiante, a discussão do *cluster* é retomada (cf. 2.2.5.4).

Quanto à ocorrência das soantes, os itens apresentados em (29) são candidatos a serem interpretados como as aproximantes [j, w]:

⁵⁰ D’Angelis (comunicação pessoal) aponta que o registro de Saint-Hilaire para esse termo pode ser resultado de um contorno ou passagem dessoantizada em junção de morfema, neste caso, um morfema inicial ãn diante de j. Sendo este o caso, mantém-se a correspondência do traço [contínuo].

⁵¹ Obligatory Contour Principle (Princípio do Contorno Obrigatório) princípio o qual estabelece que dois elementos idênticos adjacentes são proibidos (CLEMENTS; HUME, 1995).

⁵² Cf. D’Angelis (1998), Alves (2007), entre outros.

⁵³ Na seção 3.1. apresento em detalhe os pressupostos teóricos das análises fonológicas constantes nesta tese.

(29) Possíveis ocorrências de [j, w] nos registros de Mossâmedes.

Vila Boa	Pohl	Saint-Hilaire
<i>Angrayocha</i>	<i>incója</i> ‘aguardente’	<i>intompépārē</i> ‘bonito’
<i>Cequaquai</i>	<i>pujanka</i> ‘deus’	<i>ampiampio</i> ‘vermelho’
<i>Yamaroi</i>	<i>uncuá</i> ‘casa’	<i>impuaria</i> ‘homem’
<i>Uncrixiu</i>	<i>kiapio</i> ‘chapéu’	<i>intiera</i> ‘mulher’
<i>Xuanampiae</i>	<i>zápio</i> ‘casar’	<i>iprintué</i> ‘rapaz’
<i>Potuaré</i>	<i>putúá</i> ‘lua’	<i>tapanhocua</i> ‘mulher negra’
<i>Xampeu</i>	<i>schampuá</i> ‘trabalhar’	<i>impéimpāre</i> ‘bom’
<i>Pupware</i>	<i>caĩpopó</i> ‘foice’	<i>iprontuaria</i> ‘moça’
<i>Apluace</i>	<i>putkuá</i> ‘céu’	<i>chuá</i> ‘dente’
<i>Queampia</i>	<i>kientóm</i> ‘sacerdote’	
<i>Xuxiê</i>	<i>caĩpóze</i> ‘enxada’	
<i>Toyoto</i>	<i>piankákianká</i> ‘papel’	
<i>Inqueciare</i>	<i>itpéntié</i> ‘menina’	
<i>Ungaptuai</i>	<i>kupajotú</i> ‘ouro’	
<i>Canampuaxi</i>	<i>piápa</i> ‘cesto pequeno’	
<i>Chiunequa</i>	<i>piuntue</i> ‘criança’	
<i>Pamquaque</i>		

O grafema *j* em Pohl (1832), considerando somente a grafia do alemão, deve ser interpretado como a soante [j], [ĩ'koja]. No entanto, nas correspondências do item ‘aguardente’ a aproximante [j] corresponde a [ʃ] em Saint-Hilaire (1848), Lemos da Silva (1882) e Nehring (1894) e a [s] em Barbosa (1918): *incója* (P), *kuschiá* (SH), *cuxá* (L), *inkuschūá* (N), *inkôçô* (B), ‘aguardente’. Tais correspondências sugerem a interpretação fonológica deste item como uma obstruinte contínua e, neste caso, Pohl percebeu um possível [ʃ], talvez mais enfraquecido, como [j]. O *j* também é utilizado por Pohl em *pujanká* ‘deus’, que em Saint-Hilaire (1848) é *puhancá* e em Lemos da Silva (1882) é *puancá*.

Sobre a lista de Pohl (1832), é possível obter maiores esclarecimentos quando recorremos à correspondência entre o registro da língua Xavante do Aldeamento do Carretão de Pedro III (também em 1819), com os registros recentes desta língua e, também, com registros do Xerente. Desta comparação, observamos que as possíveis sílabas CVC correspondem a uma sílaba CV no Xerente: *keu* : *kĩ* ‘água’; *heuva* : *he'wa* ‘céu’ (SOUZA, 2008), já em Xavante a sílaba contínua CVC, no entanto, a coda *u* de Pohl (1837), realiza-se *j*: *keu* : /ʔɜj/ ‘água’ (PICKERING, 2010);

heuva : *hâiwa*⁵⁴ ‘céu’ (HALL; MCLEOD; MITCHELL, 1987); que indicaria que Pohl não teria percebido a coda adequadamente ou, ainda, que nesse estágio de desenvolvimento da língua a sílaba seria CV e não CVC. Já para *onset* o [w] foi anotado como *o* em *oapsa* : [wapasẽ] (Xavante, PICKERING, 2010) : /wa'psã/ (Xerente, SOUZA, 2008) ‘cachorro’⁵⁵. Saint-Hilaire, por sua vez, apresenta em seus relatos de viagens diversas listas de palavras, entre elas, uma dos Kaingang do Paraná⁵⁶, e desta lista podemos estabelecer as seguintes correspondências com registros atuais:

	Português	Saint-Hilaire (1851)	Kaingang atual ⁵⁷
(30)	a. ‘água’	<i>goio</i>	[ˈgojo]
	b. ‘folha’	<i>fayé</i>	[ʔejɛ]
	c. ‘comer’	<i>coia</i>	[koja]
	d. ‘anta’	<i>oioro</i>	[kɔjoro]
	e. ‘papagaio’	<i>congio</i>	jógió

Nestes cinco itens os grafemas *i* e *y* representam a soante [j], como atestado na correspondência com os registros atuais do Kaingang, porém, na posição de coda é possível identificar outra característica comum a diversas línguas Jê: inserção de vogal, réplica do núcleo silábico, em sílabas CVC; processo de caráter fonético.⁵⁸ As codas seriam previstas em *goio* e *fayé*, enquanto em *coia* e *oioro* teríamos o grafema *i* representando a aproximante [j] em *onset*, para *oioro*, a coda seria em [r]. D’Angelis (2003, p. 4) pontua, sobre este registro de Saint-Hilaire, que “os termos não apresentam muita diferença com o Kaingang atual, a não ser, em vários casos, pela forma de registro de Saint-Hilaire”.

Na lista de Saint-Hilaire para o Cayapó do Sul é possível observar também casos de juntura morfológica, como em *impuaria* ‘homem’, em que é possível depreender, ao menos, dois morfemas: *impu* + *aria*: em Nehring (1894), o termo para homem é *impũ*, enquanto em Barbosa (1918) o termo *impú* é anotado para ‘pênis’, enquanto ‘homem’ é *impúará*. Tal segmentação seria possível em *intiera* ‘mulher’ (*intie* + *ra*), *nhontuára* ‘criança lactente’ (*nhontu*+*ara*), *iprontuaria*

⁵⁴ “â pronuncia-se como se fosse a vogal a de som fechado: â” (HALL; MCLEOD; MITCHELL, 1987).

⁵⁵ Em Kupfer (1870) o grafema *o* também pode ser associado a [w], como em nashóá ‘gordo’ (cf. seção 2.3.1).

⁵⁶ Os itens são da lista anotada entre os Coroados a serviço do Capitão Mor de Curitiba (Voyage dans les provinces de Saint-Paul et Sant-Catherine II, 1851, pp. 141-4).

⁵⁷ Os termos para ‘água’, ‘folha’, ‘comer’ e ‘anta’ são do Kaingang de São Paulo coletados por D’Angelis. Já o último termo foi retirado do Dicionário Kaingang-Português de Ursula Wiesemann (2011), que tem como fonte principal o Kaingang do Paraná.

⁵⁸ Segundo D’Angelis (2002) essa inserção é categórica para o Kaingang de São Paulo e do Paraná.

‘moça’ (*improntu+ara*) e ainda *panariá* ‘índio’ (*pa-na-riá*)⁵⁹. Caso a segmentação esteja correta, a variação morfológica poderia ser entre *aria* ~ *era* ou entre *-aria* ~ *-ra*. Assim, neste processo de junção é possível propor que: (i) a vogal baixa seria alçada pela adjacência a uma vogal alta; ou (ii) queda da vogal átona do sufixo. Quanto à variação *ria* ~ *ra*, como será discutido adiante (sessão 2.2.5.4), o segmento vocálico pode ser interpretado somente com transição, ou ainda, como resultante da percepção, por parte de Saint-Hilaire, da realização do tepe.

Quanto à presença das soantes em *clusters*, nas demais listas Cayapó do Sul são encontradas as seguintes correspondências:

- (31) a. *kiapio* (P) *kéupió* (B) ‘chapéu’
 b. *zápio* (P) *tiçapiô* (B) ‘casar’
 c. *putkuá* (P) *pucúá* (L) *pŭkŭá* (N) *pukuá* (B) ‘céu’
 d. *putúa* (P) *puturuá* (SH) *impúte* (K) *putuá* (L), *pūtūra* (N), *ptuá* (B) ‘lua’

Em *kiapio* e *kéupió* o *cluster* p+j é comum a Pohl (1832) e a Barbosa (1918). Por conta dos diferentes usos de *u* nestas listas, a interpretação para as ocorrências dos segmentos em *clusters* como em (31c) *putkuá* e (31d) *putuá* está diretamente relacionada à interpretação do padrão silábico da língua, tópico a ser retomado mais adiante (cf. 2.2.5.4).

2.2.5.3. Obstruintes e soantes

O grafema nasal é o principal recurso utilizado para marcar nasalidade nas listas Cayapó do Sul: vogais nasais e consoantes nasais (em coda ou *onset*). Quando estes grafemas antecedem obstruintes é preciso considerar que tais ocorrências estejam nos dando indícios sobre a constituição destas consoantes. Para discussão do status destes grafemas antecedendo obstruintes, observemos os itens em (32), retirados das listas de Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848):

(32) Sequência grafema nasal-grafema de consoantes obstruintes

- | | | |
|---------|----------------------------------|-----------------|
| a. (P) | <i>impóti</i> , (SH) <i>impó</i> | ‘veado’ |
| b. (SH) | <i>imputé</i> | ‘sol’ |
| c. (SH) | <i>impudé</i> | ‘pescoço, nuca’ |
| d. (P) | <i>intá</i> | ‘chuva’ |
| e. (SH) | <i>intó</i> | ‘olho’ |
| f. (SH) | <i>intiera</i> | ‘mulher’ |

⁵⁹ Na edição de francesa de 1848: femme, enfant à la mamelle, fille, un indien, respectivamente.

g. (SH)	<i>incó</i>	‘água’
h. (P)	<i>incója</i>	‘aguardente’
i. (P)	<i>piuntue</i>	‘filho, filha’
j. (SH)	<i>intompéipāré</i>	‘bonito, bonita’

Para estes itens, as seguintes interpretações são possíveis: (i) uma vogal nasal [ĩ], representada por *im/in*; (ii) uma vogal nasal [ĩ̃], porém, por variar entre *m/n*, representaria o espalhamento de nasalidade da vogal para obstruente subsequente; (iii) a nasalidade é da consoante, neste caso, uma consoante nasal que estaria ganhando um contorno oral à direita, pela adjacência à vogal oral subsequente; ou (iv) trata-se de consoantes pré-nasalizadas e a vogal precedente poderia ser simplesmente oral, ou ainda, um equívoco de percepção dos anotadores.⁶⁰

Os demais registros do Cayapó do Sul podem nos ajudar a compreender melhor qual o status desta consoante. Por exemplo, na lista de Lemos da Silva (1882) encontramos o item *pantó* ‘olho’, em que *pa-* é interpretado com um morfema que designa humano (ou ‘gente’) – comum a outros itens da lista como: *paquim* ‘cabelo’, *pacré* ‘orelhas’ – e o tema que corresponderia a ‘olho’ seria *-ntó*. Enquanto em Barbosa (1918), temos as seguintes ocorrências a partir do tema para *inkô*, *nkô* ‘água’: *tinkó* ‘molhar’, *tinkônópín* ‘afogar’, *çankô* ‘saliva’ e *cinnankô* ‘diarreia’; e variações como: *inkô* ~ *nkô* ‘água’, *intó* ~ *ntó* ‘olho’ e *impó* ~ *mpó* ‘veado’. Tais ocorrências corroborariam uma interpretação que assume a hipótese em (iv).

Nos registros de Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848), as sequências grafema nasal/grafema de obstruente desvozeada não ocorrem somente no início de palavras, como podemos observar em (32i) *piuntue* [piuntue] ‘filho, filha’ e (32j) *intompéipāré* [ntompéipāre] ‘bonito, bonita’. Seguindo a interpretação em (iv), a hipótese é que a língua apresentaria uma série de obstruintes /p, t, ts, k/ – (SH) *ipá* [i'pa] ‘braço’, (SH) *ité* [i'te] ‘perna’, (P) *itsché* [i'tʃe] ‘arco’, (P) *kó* ['ko] ‘borduna’ – e uma série de soantes pré-nasalizadas /m̃p, ñt, ñs, ŋ̃k/ – (SH) *impó* [m̃po] ‘veado’, (P) *intá* [ñta] ‘chuva’, (SH) *amsití* [ans̃i'ti] ‘estrela’,⁶¹ (SH) *incó* [ŋ̃go] ‘água’. Caso esta hipótese esteja correta, qual o status das nasais plenas? Ou são vistas como uma (terceira) série

⁶⁰ D'Angelis (1998, p.20-21, p.235-236) propõe que nas línguas Jê e Macro-Jê que apresentam esse processo, o contorno em questão é dessoantizado, o que significa que, além de oral (ou desnasalizado), perde também o vozeamento. No entanto, diferenças de sincronização entre o vozeamento da vogal seguinte e o término da consoante em onset (que na literatura fonética costuma ser referido por VOT) produzem resultados distintos nas diferentes línguas: em algumas, percepção da dessoantização parcial é de mp, nt, etc.; e em outras, mb, nd, etc.

⁶¹ Davis (1966, p. 20) ‘estrela’ *kan^ve, no mesmo artigo Suyá, k^hane(ti).

consonantal própria ou, alternativamente, as nasais plenas são somente realizações fonéticas das pré-nasalizadas quando adjacentes a vogais nasais? Os itens a seguir ilustram a ocorrência dos grafemas nasais representando consoantes nasais em *onset* silábico:

(33) Consoantes nasais em *onset*

Vila Boa	Pohl (1832)		Saint-Hilaire (1848)	
<i>Yamaroi</i>	<i>muschiú</i>	‘milho’	<i>macacá</i>	‘branco’
<i>Romexi</i>	<i>inromú</i>	‘mata’	<i>intomarca</i> ⁶²	‘feio’
<i>Combono</i>	<i>panatá</i>	‘farinha de milho’	<i>panariá</i>	‘um índio’
<i>Tonito</i>	<i>caschoné</i>	‘flecha’	<i>cajone</i>	‘flecha’
<i>Chaponhece</i>	<i>tapanió</i>	‘negro’	<i>tapanho</i>	‘um negro’

Como podemos observar nas três listas, aparentemente, as nasais plenas ocorrem antes de vogais orais, se é este o caso, a hipótese sobre as pré-nasalizadas necessitaria ser revista e, talvez, assumirmos a hipótese (i) – uma vogal nasal [ɪ], representada por *im/in* – como aquela que melhor explica as ocorrências de pré-nasalizadas. Ressalta-se que *pantó*, na lista de Lemos da Silva (1882), é um forte argumento contra a hipótese em (i). Interpretação alternativa é que a nasalidade da vogal não tenha sido registrada e justamente a ocorrência da consoante nasal seria indício dessa nasalidade, mantendo-se, assim, a hipótese em (iv). Em 34, os itens são interpretados segundo esta hipótese.

(34) a. /mp̃o/	<i>impó</i> (SH)	‘veado’	/mp̃ũʃu/	<i>muschiú</i> (P)	‘milho’
b. /ñta/	<i>intá</i> (P)	‘chuva’	/jam̃p̃ãroj/	<i>Yamaroi</i> (VB)	
c. /ñto/	<i>intó</i> (SH)	‘olho’	/pañtãʔta/	<i>panatá</i> (P)	‘farinha de milho’
d. /ŋ̃ko/	<i>incó</i> (SH)	‘água’	/tapaʔñsõ/	<i>tapanió</i> (P), <i>tapanho</i> (SH)	‘negro’

Mantendo a hipótese em (iv), uma interpretação concorrente é que a forma subjacente seja justamente a consoante nasal e as realizações pré-nasalizada ou, mais precisamente, pós-oralizadas, são resultado da adjacência à vogal oral. Assim, os itens em (34), teriam a seguinte interpretação:

⁶² Como explicado na sessão 2.2.4, o *r* em coda pode ser resultante de equívocos na transposição do original manuscrito para a versão publicada, em que talvez a forma anotada por Saint-Hilaire se aproxime daquela encontrada em Barbosa (1918) *tomanká*.

(34') a. /mo/	<i>impó</i> (SH)	‘veado’	/mũ'fu/	<i>muschiú</i> (P)	‘milho’
b. /na/	<i>intá</i> (P)	‘chuva’	/jamãroj/	<i>Yamaroi</i> (VB)	
c. /no/	<i>intó</i> (SH)	‘olho’	/panã'ta/	<i>panatá</i> (P)	‘farinha de milho’
d. /ŋo/	<i>incó</i> (SH)	‘água’	/tapa'nõ/	<i>tapanió</i> (P), <i>tapanho</i> (SH)	‘negro’

Mais adiante, ao tratar da interpretação fonológica a partir da reunião de todos os registros do Cayapó do Sul, retomaremos essa discussão (cf. 3.3.2).

2.2.5.4. Clusters

A identificação de que segmentos estão envolvidos na formação dos *clusters* em Cayapó do Sul é fundamental para a identificação dos fonemas desta língua e de seu sistema fonológico. Assumese a proposição de Jakobson (1956) de que “a estrutura fonêmica da sílaba se determina por um conjunto de regras” e que “o princípio axial da estrutura silábica é o contraste de traços dentro da sílaba”.⁶³ Assumindo, assim, que a sílaba “é um elemento fundamental na fonologia das línguas com o domínio de muitas regras ou processos fonológicos” (BISOL, 1999), depreender como estas regras operam no Cayapó do Sul, contribui, por exemplo, para esclarecer fronteiras de morfemas, bem como, equívocos do transcritor. Em (35) são listados os possíveis *clusters* para as listas de Mossâmedes:

(35) Possíveis *clusters* nos registros do Cayapó do Sul de Mossâmedes

- a. pw – *Pupuare* (VB), *schampuá* ‘trabalhar’ (P), *impuaria* ‘homem’ (SH)
- b. pj – *Queampia* (VB), *piápa* ‘cesto pequeno’ (P), *ampiampio* ‘vermelho’ (SH)
- c. pr – *itpé-pri* (P) ‘menino’
- d. tw – *Potuaré* (VB), *nhontuára* ‘criança (lactente)’, *iprontuaria* ‘moça’ (SH)
- e. tj – *itpéntié* ‘moça’ (P), *intiera* ‘mulher’ (SH)
- f. fw – *Xuanampiae* (VB), *chuá* ‘dente’ (SH)
- g. ʃj – *Uncrixiu*, *Taxiú* (VB)
- h. kw – *Cequaquai* (VB), *uncuá* ‘casa’, *putkuá* ‘céu’ (P) e *tapanhocua* ‘mulher negra’ (SH)
- i. kj – *krenkio* ‘muito quente’, *piankákianká* ‘papel’ (P), *cúpa* [kʃupa] ‘terra’ (SH)
- j. kr – *Angrayocha* (VB), *lenkré* ‘dedo’ (p), *icrite* ‘anta’, *chiccré* ‘orelha’ (SH)
- k. rj – *panariá* ‘índio’ (SH)

Assumindo que o Cayapó do Sul mantenha restrições fonológicas para a formação de cluster semelhante a línguas como o Kaingang (Jê Meridional), na qual, por uma restrição de OCP, não são permitidas a formação de *clusters* com dois segmentos com o mesmo articulador, o número

⁶³ Segundo a tradução de Câmara Jr. (1972, p. 115).

de ocorrências em 35 (a-k) é menor, para tanto, como apontamos, é necessário identificar os traços envolvidos nas regras de formação desta posição silábica.

Se os traços envolvidos estão relacionados a articulador, a língua só licencia *pw* ou *kw*, pois sua realização estaria diretamente relacionada à oposição fonológica que a labiovelar [w] desempenha na língua: se tem caráter fonologicamente labial, o *cluster* possível é *kw*; se /w/ é fonologicamente velar, então o *cluster* possível é *pw*. Em 35a. *Pupuare*, o termo poderia ser segmentado como *pupu-are*, indicando que o possível *cluster* decorre de junção de morfemas, o que é evidente em *impuaria* ‘homem’ (SH), *impu-aria*; já para *schampuá* ‘trabalhar’ (P) não há evidências para uma fronteira morfêmica. Este termo tem como interpretações possíveis [ʃam̃pu'a] ou [ʃa'm̃pwa]. A delimitação entre CVV, CCV ou CV.V também é problemática em sequências como a de (35h) *uncuá* ‘casa’ (P), *putkuá* ‘céu’ (P) e *tapanhocua* ‘mulher negra’ (SH). Uma característica comum tanto às *puV* e *kuV* é a ocorrência somente com a vogal [a], marcada ou não pelo diacrítico agudo. A labiovelar [w] ocorreria, ainda, em itens como em (35f) *chua* ‘dente’ (SH) e *Xuanampiae* (VB), os quais, em comum com as obstruintes [p] e [k], têm núcleo silábico formado pela vogal baixa [a].

Se a restrição por articulador estiver correta, não são permitidos, também, *tj* e *ʃj*. A realização em (35g) *Uncrixiu* pode ser interpretada como uma sílaba CV, em que a aproximante é um elemento de transição da consoante para a vogal, assim, [ũkriʃu]; ou trata-se de uma sílaba CVC na qual *u* seria uma coda, [ũkriʃiw]; ou ainda, uma sequência de duas sílabas, CV.V, [ũkriʃi.u]. Em *Taxiú*, o uso do diacrítico reforça a interpretação que mantém o [u] como núcleo silábico, seja em sílaba CV com a aproximante como elemento de transição, [ta'ʃu], seja formando duas sílabas CV.V, [taʃi.'u]. Já para (35e) *itpentié* (P) ‘moça’, *intiera* ‘mulher’ (SH), interpreta-se que na sequência *ntié* há duas sílabas: *nti.é*, o que levaria a interpretar *intiera* como *i.nti.e.ra* ‘mulher’ (SH)⁶⁴. Em Pohl há ainda sequências como *itschiú* ‘fogo’, que em Vasconcelos (2009b) é interpretado como [tʃu], tal interpretação é estendida para o termo *muschiú* ‘milho’ [ʃu], que estaria relacionado a

⁶⁴ Em Apinajé [‘ndi] (OLIVEIRA, 2005), Tapayúna [m̃endi] (CAMARGO, 2010) e Mebengokre [nire] (STOUT; THOMSON, 1974).

tetaschú ‘feijão’⁶⁵ e a *antoaáschú*⁶⁶ ‘munição’, indicando um morfema comum associado a grão/semente: -*ju*⁶⁷.

Dos itens em *cluster*, somente a sequência *rj* não segue um padrão obstruinte/soante, nem contínuo/descontínuo: (a) *panariá*, (b) *chicria* ‘mão’, (c) *icria* ‘coxa’, (d) *icrian* ‘cabeça’ e ainda (e) *Apluace* (em que temos algo como [prwa]). Considerando as correspondências na lista de Barbosa (1918), temos: (a) *panará*, (b) *cykiá*, (c) *inkré* e (d) *kián*; já em Panará (VASCONCELOS, 2012) encontramos: (a) [parə're] ~ [parə'nɛ], (b) [si'kja], (c) [ĩ'krə] ~ ['krə] e (d) [hĩ'kjã] ~ [ĩkjã]. Em Apãniekrá (ALVES, 2004), por sua vez, há as seguintes correspondências: (b) -ũkra ‘mão’, (c) i-ke ‘1-coxa’ e (d) krã ‘cabeça’. Segundo D’Angelis, uma possível divisão silábica para (a) *panariá* seria *pa.na.ri.'a*, ou mesmo, *pa.na.ri.'ʔa*, enquanto para (b) *chicria*, (c) *icria* e (d) *icrian*, o *a* final poderia ser um morfema, apresentando a mesma divisão silábica de (a), por exemplo, *i.cri.a* ‘mão’. Ou ainda, o *i* presente nestes itens é “uma percepção do anotador para certa dessincronização de gestos na passagem do *cluster* para a vogal, talvez porque esse *r* não seja um simples tepe, talvez um *flap* ou um retroflexo. Efeito semelhante ocorreria em *Apluace* (aqui pela labialização da primeira consoante)” (D’ANGELIS, comunicação pessoal).

Dentre os possíveis *clusters* listados em (35 a-k), os formados com o tepe (35 c, j) são mais comuns e para os quais há mais evidências do seu caráter fonológico. Quanto ao núcleo silábico, há ocorrências com anteriores *i*, *é*, com a vogal baixa [a] e, ainda, com a posterior *on*. Os *clusters* com o tepe são identificados nas três listas e têm como C1 uma consoante descontínua e grave. Como esperado pela aplicação da restrição quanto a articulador, não há realização de *cluster* formado por dois segmentos coronais. Além do *cluster* com o tepe, aqueles formados pela palatal [j] (35b, i) são comuns às três listas e têm a posição C1 ocupada por consoantes descontínuas graves, mas com realizações somente antes das vogais [a] e [o].

⁶⁵ Já para ‘arroz’ o termo é *tunishin*, para o qual é possível propor um possível equívoco na transposição do manuscrito para a forma impressa, e a forma anotada por Pohl seria **tunischiu**.

⁶⁶ Em Pohl ‘espingarda’ *atoná*, que em Barbosa é *atóme* com a seguinte nota do anotador: “pronuncia-se a tó me”. Interpreta-se aqui o item para ‘munição’ como [ãtwa:’ju], considerando a correspondência *o* : *w* do registro do Xavante do séc. XIX com registros atuais.

⁶⁷ O termo para semente em Barbosa (1918) é *ici*. Como será discutido mais adiante, é sistemática a correspondência *j* : *s*, entre os registros de Mossâmedes e o vocabulário de Barbosa (1918). A variação *i* ~ *u* sugere que a vogal aí seja [i]; em Panará o termo para semente é [’si].

Sequências *tw* (35d) são licenciadas, tanto pela restrição de articuladores, bem como por uma possível restrição pela oposição grave *vs.* agudo (identificada para o Panará), contudo, a partir das informações do registro, não é possível estabelecer qual a interpretação mais adequada para itens como *Ungaptuai* e *Potuaré*. A sequência *tuV* tem duas possibilidades de interpretação: (i) CV.V, *Un.gap.tu.ai* [ũ.gap.tu.aj] e *Po.tu.a.ré* [po.tua.rɛ]; ou (ii) CCV, *Un.gap.tuai* [ũ.gap.twai] e *Po.tua.ré* [po.twa.rɛ]. Os termos *nhontuára* ‘criança lactente’ e *iprontuaria* ‘moça’, da lista de Saint-Hilaire, têm em comum com *impuaría* ‘homem’ e *intiera* ‘mulher’ o morfema *-ara* ~ *-era*, em que o possível *cluster* é resultado de fronteira morfêmica e não estaria presente na forma subjacente (*nhontu-ára* e *iprontu-aria*).

Na lista de Vila Boa também há uma ocorrência *mre* (*Poimre*), sequência que, tal como *ɾj*, fugiria ao padrão obstruinte *vs.* soante. Uma análise possível é que o grafema *m* esteja indicando somente a nasalidade da vogal que o precede e o possível espalhamento para a soante tautossilábica: [põ̃.j.re]; mas também, pode ser indício de que a restrição no *cluster* se daria por contínuo *vs.* não-contínuo; ou ainda, que os segmentos nasais possam ser interpretados como obstruintes, neste caso, são segmentos especificados para SP (*Soft Palate*) [nasal] e não para SV (*Sonorant Voice*), formando assim, uma série de obstruintes nasais. Caso a hipótese sobre os segmentos pré-nasalizados seja confirmada, a restrição de formação de *cluster* pelo traço [± contínuo] dá conta da realização de *cambriopixom* (VB), *lenkré* ‘dedo’ (P) e *incréti* ‘eu danço’ – [kambr̥opĩʃõ], [lẽŋkre] e [ĩŋkr̥eti] – ou seja, *cluster* formado por duas soantes, com a contínua ocupando a posição C2. A discussão dos traços envolvidos na formação dos *clusters* é retomada na sessão 3.3.4.

2.2.5.5. Coda

A identificação dos itens em coda nestes registros precisa considerar diferentes processos fonológicos e morfofonológicos presentes nesta posição silábica, e como tais processos foram percebidos pelos transcritores. Considera-se, também, que o pouco número de itens em cada lista obscurece os segmentos licenciados nesta posição.

Para as soantes [w, j] é preciso determinar se é uma sílaba CVC ou alongamento vocálico. A questão torna-se ainda mais relevante quando os registros mais evidentes destas codas são

encontrados somente na lista Vila Boa, na qual foi utilizada a ortografia do português e seu anotador é, possivelmente, um falante de língua portuguesa, em que a aproximação em coda resultaria de uma interpretação equivocada da duração vogal. Contrapõe-se a esta interpretação o fato de que o elemento em coda, percebido pelo transcritor, não compartilha dos traços de posição com o núcleo silábico: *Cequaquai*, *Yamaroi*, *Ungaptuai*, *Uncrixiu*, *Xampeu*. Para *Uncrixiu*, depreende-se o possível morfema *-xiu* comum a *Taxiú* e, conseqüentemente, neste caso [ʃi.u] ou [ʃiw]. Ao menos preliminarmente, assume-se que as soantes [w, j] compõem coda silábica neste conjunto de itens. A discussão sobre a coda nos registros Cayapó do Sul será retomada mais adiante (cf. seção 3.3.3). Quanto ao tepe, encontramos somente uma única ocorrência: *intomarca* ‘feio’, mas como apontado anteriormente (seção 2.2.4.) não se descarta o possível equívoco na transposição do original manuscrito para a versão impressa (*n* => *r*) e a forma se aproxime de *intomancá*.

Para iniciarmos a discussão de segmentos obstruintes em coda silábica, observemos os itens a seguir:

(36) Obstruintes em coda:

Vila Boa (1782)

a. *Ungaptuai*

b. *Ecotpaen*

Pohl (1832)

c. *putkuá* ‘céu’

f. *itpé* ‘um branco’

i. *itpúti* ‘sol’

d. *caitpóze* ‘enxada’

g. *itpé-pri* ‘menino’

e. *caitpopó* ‘foice’

h. *itpéntié* ‘menina’

Saint-Hilaire (1848)

j. *pupti* ‘rio’

k. *chiccré* ‘orelha’

Nestes itens, somente em *chiccré* – [ʃik'krɛ]⁶⁸ – ‘orelha’ há uma coda com a velar [k], precedendo, justamente, precedendo uma consoante velar em *onset* da sílaba seguinte. Nos itens apresentados em 36 (a-k) todas as ocorrências das obstruintes são em coda interna. Uma interpretação possível para (36k), estendida aos demais casos, é que a coda velar seja resultado de processo fonológico (ou morfofonológico) em que um segmento nasal (ou pré-nasalizado) é

⁶⁸ Uma possível realização fonética para este item é [ʃiʔ'krɛ].

realizado completamente oral por formar rima silábica com uma vogal oral (se tautossilábico)⁶⁹, ou ainda, que seja motivado mutuamente pela vogal oral precedente e a obstruinte desvozeada seguinte (se heterossilábico). A ausência de obstruintes precedendo silêncio é um indício, nesse contexto, da sua realização plenamente nasal, independentemente da vogal precedente, ou, quando estas obstruintes são precedidas por vogal oral, os transcritores não as tenham percebido adequadamente em coda. Os itens em (37) são aqueles que evidenciam codas com consoantes nasais.

- (37) a. *kientóm* (P) *kientómá* (K) ‘sacerdote’
 b. *keni* (P) [kjê] (Pa) ken (Ap) ‘pedra’
 c. *usúm* (P) /wi’sũn/⁷⁰ (Pa) intʃũ ~ tʃũ (Ap) ‘pai’
 d. *impudé* (SH) *impút* (B) ‘pescoço’

A comparação com intes dos demais registros Cayapó do Sul, com o Panará e com o Apãniekrá reforça a problemática da interpretação da coda silábica. Em (37a) o item em Kupfer (1870) aponta a presença de segmento consonantal na forma registrada por Pohl (1832), nesse caso, com a seguinte interpretação [kjê'tôm]. Já em (37b) o *i* final em Pohl aproxima-se mais da realização do Apãniekrá, *ken*, do que ao Panará [kjê] – (P) [kêⁿ]. Já em (37c) é justamente o termo Panará /wi'sũn/ que justificaria a coda em Cayapó do Sul – (P) [u'sũm]. Por fim, em (37d), o termo em Barbosa (1918) sugere que o segmento em coda é plenamente oral (ou dessoantizado) em Saint-Hilaire e a sonoridade é influenciada por um possível morfema subsequente. Em (37d) a ocorrência da sonora [d] é resultante de uma fronteira de morfema (possivelmente *imput* + *ê*).

A identificação dos segmentos em coda está relacionada com a interpretação das séries de consoantes da língua. Até o momento, considera-se uma série de soantes contínuas (ou orais) /w, r, j/, as obstruintes /ts, ʃ/ e, em sessões anteriores, também se observou a ocorrência de /p, t, k/ e ainda resta-nos dúvida sobre a série das nasais e pré-nasalizadas. Se restringimos a identificação da coda aos registros de Mossâmedes, teríamos /w, j/ como representantes das soantes não nasais, /m n/ como representantes das nasais e /p t/ como representantes das obstruintes. Neste caso desconsiderando o *r* em *intomarca*, interpretado como equívoco de transposição, mas deixando ainda em aberto *chiccré* ‘orelha’, pela dificuldade de depreender a função do grafema *c*. Mais

⁶⁹ Comum também ao Kaingang do oeste paulista (cf. D'ANGELIS, 2002).

⁷⁰ Dourado (2001), no corpus de Vasconcelos: [sũ'pjə^h] ~ [sũ'pjə].

adiante a discussão sobre as consoantes nasais (e pré-nasalizadas) nos registros Cayapó do Sul será retomada, bem como os segmentos disponíveis em coda (cf. seção 3.3.3).

O quadro a seguir ilustra a proposta de sistema fonológico para o Cayapó do Sul registrado em Mossâmedes. Assume-se que a série das soantes descontínuas é constituída pelos segmentos nasais.

Quadro 7: Hipótese para as consoantes de Mossâmedes					
Obstruintes	[-cont.]	/p/	/t/	/tʰs/	/k/
	[+cont.]			/ʃ/	
Soantes	[-cont.]	/m/	/n/		
	[+cont.]	/w/	/ɾ/	/j/	

2.2.5.6. Vogais

Para as listas de Pohl (1832) foram identificadas cinco vogais orais [i e a o u] e cinco nasais [ĩ ã õ ã õ ã õ ã õ ã õ], já no registro de Saint-Hilaire (1848) é possível depreender cinco vogais orais [i e a o u] e três nasais [ĩ ã õ]; enquanto para a lista de Vila Boa é possível identificar seis vogais orais [i e ə a o u] e cinco nasais [ĩ ã õ ã õ ã õ], pois em itens como 17. *Pitubâ*, 26. *Xecrâ* e 27. *Enconâ* há indícios da realização de [ə], no entanto, a sua ocorrência restrita a final de palavra gera suspeita quanto ao seu status de fonema, pois pode tratar-se de uma variação ou mesmo equívoco do transcritor. Mesmo considerando a sua ocorrência fonética no Registro de Batismo (1782), esta vogal não será interpretada como um fonema da língua, pois é preciso avaliar a sua relação com a vogal [a], presente em todos os três registros, e com a possível ocorrência de uma vogal [i].

A hipótese de uma vogal alta posterior não-arredondada [i] está baseada na comparação de itens das listas de Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848) com a lista de Barbosa (1918) e com o Panará (VASCONCELOS, 2012) e Apãniekrá (ALVES, 2004; 2007):

- (38) a. *itschiú* (P) *icý* (B)⁷¹ [ĩ'tsĩ] ~ [ĩ'sĩ] (Pa) ku'xi, ku'hi (Ap) 'fogo'
 b. *muschiú* (P) *môcê, môcý* (B) [mõ'sĩ] (Pa) põ-hi (Ap), 'milho'
 c. *itú* (P) *iútú* (B) [ji'tuuh] (Pa) tik (Ap) 'morrer'
 d. *kiúti* (P) *kír, ikíh* (B) [kji^h] (Pa)⁷² h-akri (Ap) '(estar) frio'
 e. *itpúti* (P), *imputé* (SH) *iútât* (B)⁷³ [ĩ'mpitĩ] ~ [ĩ'mpitĩ] (Pa)⁷⁴ pit (Ap) 'sol'
 f. *cupá* (P), *cúpa* (SH) *kýpa* (B) ['ki:pa] (Pa) 'terra'

Em todos estes casos, a vogal [ĩ] estaria representada por *u/ú*, em que são mantidas tanto a altura como a posição da vogal. Contudo, nem todo item destes registros grafado com *u/ú* representa [ĩ], como podemos observar nos itens a seguir:

- (39) a. *putkuá* (P), *pukuá* (B), /puku'a/ (Pa)⁷⁵ 'céu'
 b. *cubu papa* (P) 'caçar', *kbú, kubú* (B) 'passear'
 c. *pujanka* (P), *puhancá* (SH), *puancá* 'deus'

No quadro 8 é apresentada uma síntese da hipótese para as vogais de Mossâmedes a partir das listas de Vila Boa (1782), Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848). Manteve-se a vogal /i/, porém, marcado pelo sombreamento, por não poder ser confirmada numa análise restrita a estes registros.

Quadro 8: Hipótese para as vogais de Mossâmedes					
Orais			Nasais		
i	ĩ	u	ĩ	ũ	
e	a	o	ẽ	õ	
			ã		

2.3. Os registros de Santana do Paranaíba

Como exposto anteriormente, nas proximidades de Santana do Paranaíba foram coligidas três listas de palavras Cayapó do Sul. A primeira por Kupfer (1857), a segunda pelo Capitão do Exército Brasileiro Joaquim Lemos da Silva (1882) e a terceira por Carl Nehring (1894). Nesta seção é

⁷¹ Em Barbosa (1918, p. 40): “o y soa quase como o u francez”; o que interpreto como tentativa de representar [ĩ].

⁷² No entanto, ‘água fria’ [amẽ'kih] ~ [amẽ'ki].

⁷³ Em todas as listas Cayapó do Sul é encontrado um termo (ou mais de um) para ‘sol’: *itputi* (P), *imputé* (SH), *hiutote* (K), *puti* (L), *impũtẽ* (N), *iútât, iútôt, iúktôt, iútáicí* (B).

⁷⁴ O termo mais comum, em Vasconcelos (2012), para ‘sol’ é: [wə'tətĩ] ~ [wə'tət̃] ~ [wə'tət̃].

⁷⁵ Termo retirado de Dourado (1990); em Vasconcelos (2012) o termo dado foi [sõ'ko].

apresentada a interpretação grafêmica para tais registros, e em seguida a proposta de sistema fonológico.

2.3.1. “Die Cayapo-Indianer in der Provinz Matto-Grosso” – Kupfer, 1870⁷⁶

A primeira lista conhecida dos índios Cayapó do Sul próximos a Santana do Paranaíba foi registrada pelo médico alemão Kupfer. Em 1857, em viagem pelo interior de São Paulo e, atualmente, Mato Grosso do Sul, este médico alemão visitou, permanecendo por quatro dias, a aldeia dos Cayapó do Sul. O seu relato da permanência entre os Cayapó do Sul foi publicado na “*Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, 5”, em 1870. No seu texto encontramos notas sobre práticas culturais dos Cayapó do Sul como organização da aldeia, a presença da casa dos homens e rituais fúnebres. Do ponto de vista linguístico, Kupfer coligiu uma lista de palavras com 79 itens. Segundo o autor, “os poucos homens que entendiam português, se cansavam muito rápido das entrevistas, assim eu conseguia manter sua atenção apenas por uns quinze minutos”; explicando, ainda, que “a sua língua [dos Cayapó do Sul] se compõe de palavras acentuadamente cortantes e batidas, que parecem como se estiveram gaguejando” (KUPFER, 1870, p. 253).⁷⁷

A lista anotada por Kupfer segue a ortografia da língua alemã acrescida do diacrítico agudo e, tal como em Pohl (1832), não há esclarecimentos sobre a utilização deste sinal gráfico. Kupfer (1870) não faz considerações sobre as características do seu registro, ele limita-se a informar que a língua “não tem artigos e declinações” ou “não consegui tirar deles se possuem um tipo de conjugação”, listando: (i) os pronomes pessoais – “eu = nehé; ele = moamá; nós = pauhiá; eles = kokeré; meu/minha = hakiamá; seu/sua = kakiamá; nosso/nossa = pakiamá” –; (ii) os numerais – “um = mahé; dois = mujalapió” –; e por fim (iii) as cores – “eles têm palavras para branco, claro = kaketé; para preto, escuro = tapanjó.

Na publicação de Ehrenreich (1894), dedicada aos Cayapó do Sul, são elencados 19 itens da lista de Kupfer (1870) mais os termos para pronomes pessoais. Os itens da lista de Kupfer (1870) são aqueles comuns à lista de Carl Nehring, também coligida entre Cayapó do Sul da região de

⁷⁶ “Os índios Cayapó na província de Mato Grosso”.

⁷⁷ Tradução livre de: (i) “von der Sprache der Cayapós habe ich nur Weniges notiren können; die wenigen Männer, die etwas portugiesisch verstanden, ermüdeten bei den Fragen und Antworten stets ao leicht, dass ich ihre Aufmerksamkeit Kaum eine viertel Stunde jedesmal zu fesseln vermochte”; e (ii) “ihre Sprache besteht aus scharg accentuirten, kurz hervorgestossenen Wörtern und macht den Eindruck als stotterten sie”.

Santana do Paranaíba e publicada pela primeira vez no artigo de Paul Ehrenreich (cf. sessão 2.3.3). A seguir são apresentadas as considerações sobre a interpretação grafêmica para a lista de palavras do Cayapó do Sul anotada por Kupfer.

As obstruintes [p], [t] e [k] são representadas por, respectivamente, *p*, *t*, *k*. Em alemão do início do século XX, o grafema *c* tem valor de [tʃ] quando diante de *e*, *ä*, *i* e *y*, nas demais vogais tem o som de [k] (cf. PRÉVOT, 1913). No registro de Kupfer (1870), o grafema *k* ocorre diante das vogais *i*, *e*, *a/á*, *ó*, *u*, enquanto o grafema *c*, representando a velar [k], ocorre diante de *o*, *a/á*. Para o som [tʃ], a ortografia do alemão usa preferencialmente *z*, este grafema, por sua vez, em Kupfer (1870), ocorre com todas as vogais *e*, diferentemente da lista de Nehring (1894), realiza-se tanto precedido de silêncio quanto em posição intervocálica. O grafema *c* com valor de [tʃ] pode ser depreendido da sua realização com *i*, *incipiá* ‘esposa’ (*insipia* ‘moça’ em Lemos da Silva) e, ainda, de uma única realização com *u* em *cupé* ‘vento’ (em Barbosa *çakô* e Panará [sə'peri]). Não há nenhuma motivação aparente para o uso de *k/c* para [k] e nem de *z/c* para [tʃ], contudo a identificação de que som o grafema *c* representa está condicionada ao padrão de uso na ortografia alemã. Nos itens seguintes são apresentadas as interpretações para as obstruintes [p], [t], [tʃ] e [k], em Kupfer (1870).

(40) Oclusivas e africadas em Kupfer (1870)

<i>p</i>	[p]	<i>potekó</i>	[pote'ko]	‘noite’
<i>t</i>	[t]	<i>tompé</i>	[tõ'pe]	‘bonito’
<i>z</i>	[tʃ]	<i>zucoté</i>	[tʃuko'te]	‘peito’
<i>c</i>	[tʃ]	<i>incipiá</i>	[itʃi'pja]	‘esposa’
<i>k</i>	[k]	<i>kateté</i>	[kate'te]	‘branco’
<i>c</i>	[k]	<i>caputú</i>	[kapu'tu]	‘velho’

Como apontamos no registro de Pohl (1832), o grafema *s* em *onset* deveria ser interpretado como a sonora [z], porém, em toda a lista de Kupfer (1870) há uma única ocorrência deste grafema, *sacoa* ‘boca’, que em Nehring (1894) é *zapé* [tʃape:] e em Barbosa (1918) é *çakuá* [sa'kua], sugerindo que a interpretação é que este grafema esteja representando [s]. Já as consoantes [ʃ], [x] e [h] são representadas respectivamente por *sch*, *ch* e *h*. O dígrafo *ch*, em alemão, tem valor fonético de [x] quando precedido por *a*, *ou*, *au*, e de [ç] quando precedido por *e*, *i*, *ei*, *ä*, *äu*, *eu* e

ii. O *ch* só ocorre em *kuóch* ‘mandioca’. Neste registro, este item é o único em que podemos identificar padrão silábico CCVC – [kwox]. Outra possibilidade de interpretação é assumir que temos aí duas sílabas, [ku.ox], porém, é preciso considerar que em Barbosa (1918) mandioca é anotada *kúa*, sugerindo que a fricativa seja percepção da duração vocálica ou vogal incomum ao sistema fonológico do alemão. Buscando correspondências em outras línguas Jê, temos: Parkatejê (FERREIRA, 2003) *kwəɾ*; Krikati (ALVES, 2004) *kwir* e Panará (VASCONCELOS, 2012) [kʷəʰ]. Tais exemplos apontam para a hipótese de que a qualidade da vogal neste termo pode ser diferente daquela anotada por Kupfer, possivelmente uma vogal posterior não-arredondada, não se descartando a possibilidade de rima ramificada. Na lista de Kupfer (1870) também há realização da fricativa glotal [h], tanto em *onset* inicial quanto intervocálico.

(41) Fricativas em Kupfer (1870)

<i>s</i>	[s]	<i>sacoa</i>	[sakwa] ou [sako.a]	‘boca’
<i>sch</i>	[ʃ]	<i>kuschiá</i>	[kuʃiá]	‘aguardente’
<i>ch</i>	[x]	<i>kuóch</i>	[kwox]	‘mandioca’
<i>h</i>	[h]	<i>hi</i>	[hi]	‘carne’
		<i>nehé</i>	[neʰe]	‘eu’

As nasais [m] e [n] são representadas por *m* e *n*. Sua realização foi identificada somente em *onset* de sílaba. A realização dessas consoantes em coda fica obscurecida por assumir que a sequência vogal-consoante nasal é a opção de Kupfer (1870) para marcar as vogais nasais, considerando que neste aspecto o Cayapó do Sul se comporta como as demais línguas da família Jê: manutenção de oposição entre vogais orais e nasais (RODRIGUES, 1999). A nasal palatal [ɲ] seria representada por *nj* em *tapanjó* ‘preto’.

(42) Nasais em Kupfer (1870)

<i>m</i>	[m]	<i>moschi</i>	[moʃi]	‘rico (milho)’
<i>n</i>	[n]	<i>netampíá</i>	[netãʰmpja]	‘tecido vermelho’
<i>nj</i>	[ɲ]	<i>tapanjó</i>	[tapaʰno]	‘preto’

O tepe [r] é representado por *r*: *tamancáre* ‘feio’, *kikré* ‘casa’. Há uma única ocorrência do grafema *l* em *mujalapió* ‘dois’. A aproximante [j] é representada por *j* em *jaká* ‘dia’, mas também é representada por *i*: *ikiá* ‘cabeça’, *kiúte* ‘anta’, *ikiú* ‘porco (queixada)’. Já a aproximante [w] ora

está representada por *u* ora por *o*⁷⁸, em *cluster*: *kapekoá* [kape'kwa] ‘deus’, *naschoá* [na'fwa] ‘gordo’, *kuóch* [kwox] ‘mandioca’; e em coda em *páu* [paw] ‘pequeno’ e *pauhiá* [pawhi'a] ‘nós’. A interpretação da aproximante [w] não é evidente neste registro, os itens listados em que tal segmento é interpretado em *cluster* tem interpretação alternativa: [kapekoa], [na'foa] e [kuox]; e *páu* ‘pequeno’, com *u* em coda pode ser considerado como um equívoco na transposição do registro manuscrito para a versão impressa, em Barbosa (1918) *pan*, ou seja, o item em Kupfer seria *pán* e não *pau*.

A interpretação para as consoantes do Cayapó do Sul, segundo o registro de Kupfer (1870), é apresentada no quadro seguinte. A oclusiva sonora [b] tem uma única ocorrência: *bitó* ‘tio’, que em Barbosa (1918) é *çutón*, *citón*, *xitón*; já a lateral [l] segue com o tepe [r], pois há somente uma ocorrência em todo o registro e demonstramos que nos registros de Mossâmedes este som é uma variação com o tepe.

Quadro 9: Lista de Kupfer (1870) – Consoantes

p b	t	ts̃	k	
	s	ʃ	x	h
m	n	ɲ		
w	r l	j		

As vogais [i], [e], [a], [o] e [u] são representadas respectivamente por *i*, *e*, *a*, *o* e *u*. A indicação que estas vogais sejam distintivas em Cayapó do Sul pode ser observada em *uté* ‘avô’, *ité* ‘perna’, *itú* ‘batata doce’, *intá* ‘chuva’, *intó* ‘olho’, *ipá* ‘dedo da mão’, *ipó* ‘filho’, *impó* ‘veado’, *impú* ‘pênis’. O diacrítico agudo (´) marca somente a sílaba tônica. Em *kuóch* ‘mandioca’ é possível levantar a hipótese de [ə], enquanto a variação entre *zu-* ~ *zi-* em *zu-coté* ‘peito’ e *zi-cré* ‘ouvido’ teria como interpretação possível [i]. A interpretação de *cupé* como [tsu'pe], Panará [səperi], é um indício para a realização de vogal central. Neste registro foram identificadas as seguintes vogais:

⁷⁸ Como apontado na seção 2.2.5.2, a aproximante [w] é anotada, por Pohl (1837), na lista do Xavante do aldeamento do Carretão de Pedro III, com grafema *o*.

(43) Vogais orais em Kupfer (1870)

<i>i</i>	[i]	<i>ikiá</i>	[i'kja]	‘cabeça’
<i>e</i>	[e]	<i>pacré</i>	[pa'kre]	‘nariz’
<i>a</i>	[a]	<i>kitazá</i>	[kita'ʔsa]	‘cavalo’
<i>o</i>	[o]	<i>hokeré</i>	[hoke're]	‘eles’
<i>u</i>	[u]	<i>patucá</i>	[patu'ka]	‘ventre’

Já as vogais nasais são, então, representadas pelo uso de *n* e *m* sucedendo os grafemas vocálicos.

(44) Vogais nasais em Kupfer (1870)

[ĩ]	<i>in</i>	<i>zurinzi</i>	[ʔsurĩʔsi]	‘galinha’
	<i>im</i>	<i>impúte</i>	[ĩ'pute]	‘lua’
[ẽ]	<i>em</i>	<i>kientómá</i>	[kjẽto'ma]	‘sacerdote’
[ã]	<i>na</i>	<i>ankiúte</i>	[ã'kjute] ou [ã'kiute]	‘quente’
	<i>am</i>	<i>netampiá</i>	[netã'pja]	‘tecido vermelho’
[õ]	<i>om</i>	<i>tompé</i>	[tõ'pe]	‘bonito’
[ũ]	<i>um</i>	<i>zounzé</i>	[ʔsoũ'ʔse]	‘colo feminino’

As vogais, no registro de Kupfer (1870), são apresentadas no Quadro 10. A realização da posterior [ĩ] segue como uma possível ocorrência.

Orais			Nasais	
i	ĩ	u	ĩ	ũ
e		o	ẽ	õ
a			ã	

2.3.2. “Os índios Cayapós” – Lemos da Silva, 1882

O segundo registro linguístico de Santana do Paranaíba foi realizado pelo Capitão do Exército Brasileiro, Joaquim Lemos da Silva. Lemos da Silva foi morador de Santana do Paranaíba e manteve contato mais contínuo com a aldeia próxima a esta vila e, em 1882, encaminha ao Coronel Antonio Borges de Sampaio, em Uberaba, resenha histórica sobre a vila e dedica um capítulo aos Cayapó do Sul, acompanhado de uma lista de palavras com cerca de 90 itens,

baseada na ortografia do português. O Coronel Antonio Sampaio enviou a lista de Lemos da Silva para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1901, onde ficou desconhecida até o início da década de 1990.

Na lista de Lemos da Silva a base do registro é a ortografia da língua portuguesa, em que são utilizados os diacríticos agudo, circunflexo e til. O padrão silábico depreendido tem as seguintes ocorrências: V (*iche*), CV (*potiti*), CVC (*tonxeu*) e CCV (*pacré*).

As oclusivas [p] e [t] são representadas por *p* e *t*, respectivamente. Já [k] é representado pelos grafemas *c* e *qu*, *c* quando diante de [a], [o] e [u] e *qu* quando diante de [i] e [e]. Já [s] é representado por *s* como em *insipia* ‘moça/mulher’ e *suncre* ‘nádegas’. A fricativa [ʃ] é marcada por dois grafemas: *ch* e *x*. Não há evidências a favor de que estes grafemas estejam marcando dois sons, tal como a lista de Vila Boa (1782), o uso no português arcaico do grafema *x* para a fricativa [ʃ] e o grafema *ch* [tʃ] vai ser abandonado ainda no século XVII. A variação entre o uso de *ch* e *x* para um mesmo morfema pode ser observado em *potinachã* (*po+ti+na+chã* ‘veado + grande + ? + ?’) ‘gado’ e *hiutaxã* (*hiute + (a)xã* ‘anta’ + ?) ‘burro, cavalo’ (conferir também *impó achã* ‘cabra’).

(45) Oclusivas em Lemos da Silva (1882)

<i>p</i>	[p]	<i>pacô</i>	[pa'ko]	‘lábios’
<i>t</i>	[t]	<i>patuca</i>	[patuka]	‘barriga’
<i>c</i>	[k]	<i>cuxá</i>	[ku'ʃa]	‘cachaça’
<i>qu</i>	[k]	<i>iquêtupe</i>	[i'ketupe]	‘estou com fome’
<i>s</i>	[s]	<i>suncre</i>	[sũ'kre]	‘nádegas’
<i>ch</i>	[ʃ]	<i>chuninxi</i>	[ʃũnĩʃi]	‘galinha’
<i>x</i>	[ʃ]	<i>xaquiátu</i>	[ʃa'kʃatu] ou [ʃaki'atu]	‘papo/papo grande’

Na lista de Lemos da Silva (1882) há a ocorrência de *b*, única oclusiva sonora em seu registro. Os dados encontrados são: (a) *incretuba* ‘patrono’, (b) *achotemanancabu* ‘homem mau ou bravo (ou estar bravo)’, (c) *cuxaquiã ietube* ‘(estar) bêbado’, (d) *copembe* ‘acabou’ e (e) *nacretibu* ‘estar cheio’.

Já as nasais [m], [n] e [ɲ] são representadas por *m*, *n* e *nh*. Tanto [m] quanto [n] ocorrem no início de palavras e em posição intervocálica, enquanto há poucos dados com [ɲ] intervocálico. As consoantes nasais também marcam as vogais nasais, o que pode ser observado em *taumpé* ~ *taõpe* ‘bonito’.

(46) Nasais em Lemos da Silva (1882)

<i>m</i>	[m]	<i>maquia</i>	[makja]	‘me dá’
		<i>tamancare</i>	[tamãkare]	‘feio’
<i>n</i>	[n]	<i>napiá</i>	[na'pja] ou [napi'a]	‘onça’
		<i>potinachaxe</i>	[potinafãje]	‘leite, queijo’
<i>nh</i>	[ɲ]	<i>xitacritinhanha</i>	[ʃitakriti ɲapa]	‘vestido vermelho’

As consoantes [r] e [w] são representadas respectivamente pelos grafemas *r* e *u*, já a palatal [j] por *i* e *y*.

(47) Soantes em Lemos da Silva (1882)

<i>r</i>	[r]	<i>piruá</i>	[pi'rua] ou [piru'a]	‘casa dos homens’
		<i>prinche</i>	[pɾiʃe]	‘cópula carnal’
<i>w</i>	[w]	<i>uachã</i>	[waʃã]	‘irmão’
		<i>pachuá</i>	[pa'ʃwa] ou [paʃu'a]	‘dentes’
<i>y</i>	[j]	<i>yote</i>	[jote]	‘não’
<i>i</i>	[j]	<i>xapaia</i>	[ʃapaja]	‘enxada’

Os diacríticos agudo e circunflexo, como apontado anteriormente, marcariam tanto a sílaba tônica como a qualidade da vogal. A partir dos itens apresentados por Lemos da Silva, não é possível delimitar o carácter fonológico destas vogais, mas o uso destes diacríticos sugere, ao menos, realização fonética, percebida por transcritor que tem o português como língua materna. Considerando somente o carácter fonético, então, propõem-se as vogais [e] e [o] representadas por *e/ê* e *o/ô* e as vogais [ɛ] e [ɔ] representadas pelos grafemas é, ó.

(48) Vogais orais em Lemos da Silva (1882)

<i>i</i>	[i]	<i>iche</i>	[iʃe]	‘vagina’
<i>e</i>	[e]	<i>panche</i>	[pãʃe]	‘mamas’
<i>ê</i>	[ɛ]	<i>tamácuê</i>	[tama'kwe] ou [tamaku'e]	‘despedida’
<i>é</i>	[ɛ]	<i>pacré</i>	[pa'kre]	‘orelhas’
<i>a</i>	[a]	<i>cuxá</i>	[ku'ʃa]	‘aguardente’
<i>ó</i>	[ɔ]	<i>copópó</i>	[kopɔ'pɔ]	‘foice’
<i>ô</i>	[o]	<i>pacô</i>	[pa'ko]	‘lábios’
<i>o</i>	[o]	<i>inchoti</i>	[ĩʃoti]	‘estrelas’
<i>u</i>	[u]	<i>uxum</i>	[uʃũ]	‘pai’

As vogais nasais são representadas pelo acento til ou pela sequência grafema vocálico-grafema nasal, por exemplo, *intá* ‘chuva’. Nesta lista, também é identificada a alternância do til com a sequência de vogal-consoante nasal: *potinachã* ‘gado’ e *potinanchanxe* ‘leite, queijo’.

(49) Vogais nasais em Lemos da Silva (1882)

<i>in</i>	[ĩ]	<i>intonhã</i>	[ĩtɔ̃nã]	‘olho torto’
<i>im</i>	[ĩ]	<i>paquim</i>	[pakĩ]	‘cabelos’
<i>em</i>	[ẽ]	<i>copembe</i>	[kɔ̃pẽmbe]	‘acabou’
<i>ã</i>	[ã]	<i>pããto</i>	[pããto]	‘língua’
<i>an</i>	[ã]	<i>pantó</i>	[pã'tɔ]	‘olhos’
<i>õ</i>	[õ]	<i>cõõ</i>	[kõõ]	‘machado’
<i>on</i>	[õ]	<i>tonxeu</i>	[tɔ̃ʃew]	‘arroz’
<i>un</i>	[ũ]	<i>suncre</i>	[sũkre]	‘nádegas’
<i>um</i>	[ũ]	<i>uxum</i>	[uʃũ]	‘pai’

A proposta de interpretação grafêmica para a lista de Lemos da Silva (1882) é ilustrada no quadro 11, a seguir. Ressalta-se o caráter preliminar destas propostas, a serem validadas ou reinterpretadas após a análise fonológica (cf. seção 2.3.4.).

Quadro 11: Lista de Lemos da Silva (1882)			
Consoantes			
p b	t		k
	s	ʃ	
m	n	ɲ	
w	r	j	
Vogais			
Orais		Nasais	
i	u	ĩ	ũ
e	o	ẽ	õ
a		ã	

2.3.3. “Sud-Cayapo” – Nehring, 1894

A terceira lista desta região foi anotada por Carl Nehring (1848-1902), boticário alemão que fixou residência em Piracicaba, interior de São Paulo, em 1865. Carl Nehring era irmão do zoólogo e paleontólogo Alfred Nehring, chefe do departamento de Zoologia da *Landwirtschaftlichen Hochschule* (Universidade de Agricultura) em Berlim. Segundo Carlos Nehring (comunicação pessoal), Carl Nehring fazia a coleta de espécimes e as enviava para o irmão em Berlim e para chefe do Museu Paulista, Hermann von Ihering (1850-1930), realizando, antes do envio, o tratamento prévio necessário.⁷⁹

Sobre a lista dos Cayapó do Sul, ela foi coligida, possivelmente, na última ou penúltima década do século XIX. É um lista de 39 itens, em ortografia alemã, acrescida dos diacríticos agudo, braquia e macro, em diversos itens combinando braquia e agudo (*nāpiá* ‘onça’), bem como macro e agudo (*zapé* ‘boca’). Esta lista foi enviada a Paul Ehrenreich (1855-1914) que a publicou em 1894 com demais listas de palavras de línguas indígenas brasileiras na “*Zeitschrift für Ethnologie*, n. 26”.

Os itens, na lista de Nehring, estão ordenados por partes do corpo (‘língua’, ‘boca’, ‘dentes’, etc.), logo em seguida elementos da natureza (‘céu’, ‘sol’, ‘lua’, etc.), armas (‘arco’, ‘espingarda’,

⁷⁹ Aproveito a oportunidade para manifestar meus agradecimentos a Carlos Nehring, bisneto de Carl Nehring, que gentilmente enviou-me um e-mail com preciosas informações sobre os irmãos Nehring. Carlos Nehring acrescenta que Carl Nehring “foi Farmacêutico (proprietário da Farmácia São José em Piracicaba); foi também antropólogo (citado pelo Diretor do Museu Nacional, Landislau Netto em seu livro) linguista e zoólogo. [...] Também foi autor do livro: ‘Indianische Graburnen’ (publicado por der Verhandlungen Berliner Gesellschaft anthropologischen Berlin, 1879)”.

‘borduna’), parentesco (‘pai’, ‘mãe’, ‘filho’, etc.), mamíferos (‘onça’, ‘anta’, ‘veado’, etc.), répteis (‘jacaré’, ‘tartaruga’, ‘serpente’, etc.), peixe, insetos (‘borboleta’), cachaça e, por fim, tabaco. Não há qualquer observação por parte do transcritor sobre como foi feita a coleta destes itens e tais procedimentos não são explicados por Ehrenreich, por conta disso, não é possível afirmar se a ordem em que aparecem os itens foi estabelecida por Nehring (o transcritor) ou por Ehrenreich (responsável pela publicação). As relações mantidas com instituições científicas, como o Museu Paulista, por meio von Ihering, e universidades em Berlim, através do irmão, colocaria Nehring em contato também com as práticas de coleta de registros linguísticos dos sulamericanistas⁸⁰, entre elas o uso da “Tabelle zur Aufnahme südamerikanischer Sprache” [Lista para registro de língua sulamericana]⁸¹, lista utilizada pelo Museu Etnológico de Berlim, com 71 páginas, com termos em alemão, português e espanhol enviada a interessados a fazer registros de línguas indígenas. Curiosamente, a ordem semântica dos itens em Nehring é a mesma da lista do Museu Etnológico, contudo, há ausência de termos considerados essenciais ao registro como ‘flecha’, ‘ovo’, ‘abelha’, ‘mel’, ‘milho’, ‘batata’, etc.⁸² Somente a consulta a um possível manuscrito desta lista poderia solucionar, em parte, os procedimentos utilizados na sua coleta.

Paul Ehrenreich (1894), em sua publicação sobre os Cayapó do Sul, além de apresentar a lista de Carl Nehring (até então inédita), reproduz também a lista de Kupfer (1870) e a compilação de Martius (1867). Sobre a lista de Nehring informa somente que, tal como a lista de Kupfer, foi coligida entre índios da aldeia que estava nas proximidades de Santana do Paranaíba. Apesar da referência de Ehrenreich sobre a origem do registro, nada se sabe a respeito de como este foi realizado. Não há informação de que Nehring tenha viajado para a vila de Santana e de lá tenha se dirigido para alguma aldeia. Uma possibilidade é que tal lista foi anotada entre os Cayapó do Sul que faziam transporte, como remadores, entre Piracicaba e outras vilas do interior paulista⁸³. Florence (1977) encontra em Porto Feliz (ponto de partida para a descida do Tietê), no início do

⁸⁰ “[...] preferi utilizar o rótulo ‘sul-americanistas’ para referir-me a esses estudiosos [de línguas e culturas da América do sul], lançando mão da denominação generalizante e mais tradicional ‘americanistas’, apenas com relação a pesquisadores cujo objeto primordial de análise correspondia à etnografia e/ou à linguística de outras regiões do continente americano.” (CHRISTINO, 2006, p. 22)

⁸¹ As informações aqui apresentadas sobre a “Tabelle...” foram retiradas de Christino (2006, p. 100-102).

⁸² Segundo Christino (2006, p. 100): “o responsável pelo material (possivelmente Karl von den Steinen) redigiu em negrito as palavras que via como absolutamente indispensáveis e acompanhou de uma exclamação outras, julgadas também de relevância”.

⁸³ Cf. Florence (1865, 1977), Kupfer (1870), Giralдин (1997) e Langsdorff (1998).

século XIX, “índios Caiapós, de ambos os sexos, mantidos em escravidão, entre eles alguns muito jovens”, o que, segundo Florence, “prova que esse bárbaro costume existia até há poucos anos”.⁸⁴ Sobre os Cayapó do Sul, Ehrenreich (1894) traz as seguintes informações:

Destes [Cayapó do Sul] ainda hoje existe o de Sant’Anna do Paranahyba, descripto por Kupfer. As famílias alli estabelecidas vêm várias vezes aos lugares de S. Paulo que lhe ficam mais próximos, especialmente Piracicaba e Botucatú, para permutar por mercadorias européas cestos e chapéus de palha que fabricam. (EHRENREICH, 1894, p. 136)

Ehrenreich, neste mesmo número da “Zeitschrift für Ethnologie”, publicou e fez considerações sobre listas de palavras das línguas Karajá, Kayapó Setentrionais (Cradahō, Ušikrin) e Cayapó do Sul sob o rótulo “Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens”, dividido em três partes. Também como exposto, ao tratar sobre o Cayapó do Sul, ele reproduz, além da inédita lista de Nehring, termos das listas compiladas por Martius (1867) e de Kupfer (1870), justamente aqueles que ele usa na comparação com a lista de Nehring. Até então aquelas eram as únicas listas de palavras Cayapó do Sul conhecidas. Considerando que as lista de Nehring (1894) e a de Kupfer (1870) são de uma mesma região (Santana do Paranaíba), ele procura demonstrar as semelhanças entre esses registros e quais diferenças podem ser identificadas com a lista de Martius:

Ambos [os vocabulários de Nehring e Kupfer] concordam bastante um com o outro, mas afastam-se daquele de von Martius, especialmente na fonética. Assim, r, no dialeto de Santana do Paranaíba às vezes não ocorre ou realiza-se como i (y), e š suaviza-se em z. (EHRENREICH, 1894, p. 136)⁸⁵

Ehrenreich (1894) não se detém na análise das listas, muito menos no estabelecimento de correspondências, acrescentando modestamente:

Deve ser feita uma comparação mais detalhada destes dialetos com outros registros e com os dialetos do Cayapó do Norte, pois o material é muito restrito e as ortografias utilizadas muito distintas. Aqui apresento somente uma simples comunicação sobre estas listas de palavras. (EHRENREICH, 1894, p. 136)⁸⁶

⁸⁴ Florence foi contratado como o segundo pintor da Expedição Langsdorff, que em 1826 partiu de Porto Feliz em direção a Cuiabá e norte do Brasil. O diário de Florence citado aqui é aquele escrito quando já estava residindo em Campinas (SP); os manuscritos são da segunda metade do século XIX, porém só foram publicados em 1977, pelo Museu de Arte de São Paulo (MASP).

⁸⁵ Tradução livre de: “Beide stimmen ziemlich gut mit einander überein, weichen aber von der Martius’schen vielfach ab, insbesondere auch in der Lautlehre. So ist r in dem S. Annadialect vielfach ausgefallen oder zu i (y) geworden, š zu z erweicht.”

⁸⁶ Tradução livre de: “Indessen ist zu einer eingehenden Vergleichung dieser Dialekte unter einander und mit denen der Nord-Cayapo das Material zu gering und die Schreibweise der Beobachter zu verschieden. Es möge daher die einfache Mittheilung der Wörter genügen.”

A referência à lista de Martius (1867) é importante, pois, tal como observa Christino (2006, p. 79), “os dados registrados por ele [Martius] ainda serviam de baliza para a comunidade dos sul-americanistas, que sofria de uma falta crônica de fontes confiáveis”. Nesse caso referendava a lista anotada por Nehring como pertencente ao grupo Cayapó do Sul.

Ao registrar essa lista de palavras, Nehring optou pela ortografia alemã, com uma complexa distribuição de diacríticos nas vogais, aparentemente marcando duração vocálica e/ou abertura de vogal e/ou sílaba acentuada.⁸⁷ Nos parágrafos seguintes é apresentada, de forma resumida, a interpretação grafêmica para o registro de Nehring (1894).

As oclusivas [p], [t] e [k] são representadas por *p*, *t* e *k*.

(50) Consoantes oclusivas em Nehring (1894)

<i>p</i>	[p]	<i>zapé</i>	[t̂sa'pe:]	‘boca’
		<i>pūkūa</i>	[pūk̄u:a]	‘céu’
<i>t</i>	[t]	<i>zutō</i>	[t̂sutō]	‘língua’
		<i>tonjotto</i>	[tōjoto] ou [tōjotto]	‘caítitu’
<i>k</i>	[k]	<i>zākřā</i>	[t̂sākřā]	‘nariz’
		<i>krētōt</i>	[kre:tōt]	‘sapo’

Já o *z*, em alemão corresponde a [t̂s]. O *c* e o *ç* são interpretados como representações de [s], enquanto o *sch* corresponde a [ʃ].

(51) Fricativas e africadas em Nehring (1894)

<i>z</i>	[t̂s]	<i>zutō</i>	[t̂sutō]	‘língua’
		<i>zapé</i>	[t̂sa'pe:]	‘boca’
<i>c</i>	[s]	<i>ceojó</i>	[seo'jo]	‘borboleta’
<i>ç</i>	[s]	<i>ançētí</i>	[ãsēti]	‘estrela’
<i>sch</i>	[ʃ]	<i>ischoa</i>	[i'foa] ou [i'fwa]	‘dente’
		<i>isché</i>	[i'fe:]	‘arco’

As soantes nasais [m], [n], [ɲ] e [ŋ] são representadas, respectivamente, por *m*, *n*, *nj* e *ng*, somente *m* e *ng* são encontrados em coda de sílaba final.

⁸⁷ Não há evidências de que Nehring tenha utilizado alguma grafia em uso pelos sulamericanistas, contudo, mais uma vez, a sua relação com instituições que se ocupavam com o estudo de povos indígenas pode ter influenciado a sua opção de registro desta língua.

(51) Nasais em Nehring (1894)

<i>m</i>	[m]	<i>atōma</i>	[a'to:ma]	‘espingarda’
<i>n</i>	[n]	<i>nāpiǎ</i>	[na:'pja]	‘onça’
<i>nj</i>	[ɲ]	<i>tonjotto</i>	[tōɲoto] ou [tōɲotto]	‘catitu’
<i>ng</i>	[ŋ]	<i>īking</i>	[ikiŋ]	‘cabelo’

A soante [r] está representada por *r*. Nesta lista há um item em que temos a ocorrência de *rr*. Em palavras do alemão como *scharrt*, *Warrt*, *narrrt*, *surrrt* e ainda *dort*, *warten*, *Torte*, o valor de *r* e *rr* é [R]. Apesar do contexto de *torritung* não ser o mesmo, o mais provável é que esse *r* duplo esteja marcando um som diferente do *r* simples, um som próximo a [R]⁸⁸.

(53) Grafemas *r* e *rr* em Nehring (1894)

<i>r</i>	[r]	<i>zǎkrǎ</i>	[tsǎkrǎ]	‘nariz’
		<i>arěna</i>	[a'rěna]	‘tabaco’
<i>rr</i>	[R]	<i>torritung</i>	[toritũŋ]	‘velha’

O [j], além do *j*, seria representado por *i* e *ī*, este último somente quando sucedido por vogal marcada por braquia (vogal breve), em um possível equívoco na marcação do núcleo silábico. O mesmo tipo de marcação é usado para o [w]: *ū*.

(54) Soantes [w, j] em Nehring (1894)

<i>j</i>		<i>jō</i>	[jo:]	‘pedra’
<i>i</i>		<i>zukiǎ</i>	[tsukja]	‘braço’
<i>ī</i>	[j]	<i>īǎnnǎ</i>	[jǎnǎ]	‘serpente’
<i>í</i>		<i>tapung pǎǎ</i>	[tapũŋ 'pja]	‘jacaré’
<i>ū</i>	[w]	<i>pǔkūǎ</i>	[pu'kwa] ou [pu'ku:a]	‘céu’

Dos registros do Cayapó do Sul, o de Nehring é o único que apresenta marcação de duração vocálica, porém, em parte pela inconsistência do registro e, principalmente, pelo pouco número de itens não é possível estabelecer se havia em Cayapó do Sul uma duração vocálica fonológica. Os itens seguintes resumem a interpretação para as vogais. Assume-se que o diacrítico agudo esteja marcando somente a sílaba tônica.

⁸⁸ Como só tive acesso à publicação e pouco se sabe sobre a lista original de Nehring, há a possibilidade de que esse *rr* possa ser um erro tipográfico.

(55) Vogais orais em Nehring (1894)

<i>i</i>	[i]	<i>ischě</i>	[i'ʃe:]	'arco'
<i>ī</i>	[i:]	<i>zātakrīta</i>	[ʃsāta'kri:ta]	'perna'
<i>e</i>	[e]	<i>tāpe</i>	[ta:pe]	'peixe'
<i>ě</i>	[ě]	<i>aņčētī</i>	[āšēti]	'estrela'
<i>ē</i>	[e:]	<i>zukurě</i>	[ʃsu'kre:]	'orelha'
<i>a</i>	[a]	<i>atōma</i>	[a'to:ma]	'espingarda'
<i>ǎ</i>	[ǎ]	<i>zātakrīta</i>	[ʃsāta'kri:ta]	'perna'
<i>ā</i>	[a:]	<i>nāpiǎ</i>	[na:'pja]	'onça'
<i>o</i>	[o]	<i>torritung</i>	[toritũŋ]	'velha'
<i>ǒ</i>	[ǒ]	<i>krētǒt</i>	[kre:tǒt]	'sapo'
<i>ō</i>	[o:]	<i>jō</i>	[jo:]	'pedra'
<i>u</i>	[u]	<i>zukurě</i>	[ʃsu'kre:]	'orelha'
<i>ū</i>	[u:]	<i>pūtūra</i>	[pu:tu:ra]	'lua'
<i>ǔ</i>	[ũ]	<i>impǔ</i>	[ĩ'pũ]	'homem'

As vogais nasais são representadas pela presença de um grafema nasal seguindo a vogal.

(56) Vogais nasais em Nehring (1894)

	<i>im</i>	<i>impǔtě</i>	[ĩ'pu:te]	'sol'
[ĩ]	<i>in</i>	<i>intǒ</i>	[ĩ'tǒ]	'olho'
		<i>inkǒ</i>	[ĩ'ko:]	'água'
[ǎ]	<i>an</i>	<i>ankiǒ</i>	[ǎ'kjo]	'porco do mato'
[ǒ]	<i>on</i>	<i>njonǐ</i>	[ŋǒ'ti:]	'serpente d'água'
[ũ]	<i>un</i>	<i>kaputũŋ</i>	[kapu'tũŋ]	'velho'

Por fim, no quadro 12 é apresentada a interpretação grafêmica da lista de Nehring (1894), os quadros acinzentados seguem o mesmo padrão dos demais quadros, ou seja, são ocorrências para quais não evidências suficientes para a sua realização.

Quadro 12: Lista de Nehring (1894)			
Consoantes			
p	t	ʃs	k
	s	ʃ	ŋ
m	n	ŋ	ŋ
w	r	j	
Vogais			
Orais		Nasais	
i	u	ĩ	ũ
e	o		ǒ
a		ǎ	

2.3.4. Proposta de sistema fonológico para os registros de Santana do Paranaíba

2.3.4.1. Consoantes

Tal como nas listas de Mossâmedes, os pontos problemáticos nas listas de Santana do Paranaíba envolvem o status das fricativas e africadas; a identificação da oposição básica nas consoantes e sua relação com possíveis segmentos pré-nasalizadas; o status das soantes contínuas e, conseqüentemente, padrão silábico. Nos parágrafos seguintes a discussão do sistema fonológico para os registros de Santana do Paranaíba está focada nestes pontos.

i. Fricativas e africadas. As fricativas [s, ʃ] e a africada [tʃ], diferentemente do que ocorre nas listas de Mossâmedes, são interpretadas como variantes de um mesmo fonema. Em Kupfer (1870), o [tʃ], representado por *z* e *c*, é comum a todas as vogais e as ocorrências de [ʃ], representado por *sch*, estão restritas a três itens: *kuschiá* ‘aguardente’, *moschi* ‘rico (milho)’ e *naschoa* ‘dente’. Já na lista de Lemos da Silva (1882) o [ʃ], representado ora por *ch* ora por *x*, é aquele comum a todas as vogais e o [s], representado por *s*, somente diante de *i*. Na lista de Nehring (1894), encontramos o registro de [tʃ], diante de [a, u], de [s], diante de [e], e [ʃ] diante de [o]. Os itens seguintes ilustram as ocorrências destes segmentos nas listas de Santana do Paranaíba:

(57) Realização das fricativas e africadas nos registros de Santana do Paranaíba

a. Kupfer (1870): *zicré* ‘ouvido’; *inzé* ‘vulva’; *kitazá* ‘cavalo’; *otinazó* ‘vaca’; *zucoté* ‘peito, seio’; *naschoa* ‘gordo’; *moschi* ‘milho’;

b. Lemos da Silva (1882): *pantoxi* ‘dedos’; *iche* ‘vagina’, *cuxá* ‘cachaça’; *piáhomã* ‘mamar’; *chuninxi* ‘galinha’, *uachã* ‘irmão’; *uxum* ‘pai’; *insipiá*, *insipia* ‘moça’, *pachuá* ‘dentes’;

c. Nehring (1894): *ančěťí* ‘estrela’⁸⁹; *ceojó* ‘borboleta’; *zãkrã* ‘boca’; *inshó* ‘floresta’; *zutó* ‘língua’; *ischoa* ‘dente’.

Se as ocorrências de fricativas e africadas, nestes registros, são realizações fonéticas de um mesmo fonema, qual consoante melhor representaria este fonema: o tʃ de Kupfer ou o ʃ de Lemos da Silva? Para resolver essa questão, é necessário antes investigar quais traços são relevantes para o sistema consonantal do Cayapó do Sul. Para os registros de Mossâmedes foram propostos dois fonemas, para dar conta de todas as realizações; e, para aqueles registros, o traço contínuo é

⁸⁹ Este é o único termo em que Nehring usa o grafema ç.

relevante tanto para obstruintes quanto para soantes. As demais obstruintes do Cayapó do Sul falado na região de Santana do Paranaíba são /p t k/: *potiti* (K) : *potiti* (L) ‘tamanduá’, *pucuá* : *pūkūa* ‘céu’, para /p/; *kateté* (K) : *catêté* (L) ‘branco’, *ité* (L) ‘perna’, para /t/; *patucá* (K) : *patuca* (L) ‘barriga’, *caputú* (K) : *caputũ* (L) : *kaputúng* (N) ‘velho’, para /k/. Na proposta de reconstrução de Davis (1966) o sistema fonológico do Proto-Jê tem uma série de obstruintes formada por /*p *t *c *k/, nos registros de Santana do Paranaíba encontramos as seguintes correspondências: ‘dente’ *pa-chuá* (L), *ischoa* (N) : *cwa ‘dente’; ‘sal’ *capachuá* (L): *ka-cwa; sugerindo que as ocorrências das fricativas e africadas são reflexos do proto-fonema /*c/, se esta hipótese estiver correta, a série das obstruintes apresentaria um quarto fonema, que não se distinguiria pelo traço contínuo. Sendo este o caso, /ʃs/ é aquele que melhor representa a distinção aí estabelecida.

ii. Soantes. Seguindo a oposição estabelecida para os registros de Mossâmedes entre obstruintes vs. soantes, precisamos identificar, então, quais as soantes dos registros de Santana do Paranaíba. Na interpretação grafêmica, foi identificada a realização do tepe [r] e das aproximantes [w j]; também foram identificadas consoantes nasais [m n ŋ] em todos os registros e [ŋ] em Nehring (1894). A nasal velar em Nehring (1894) tem as seguintes correspondências nas demais listas Cayapó do Sul: *kaputúng* (N) : *caputũ* (L) : *kaputún* (B) ‘velho’; *īking* (N) : *paquim* (L) : *kin, ikin* (B) ‘cabelo’. Em Kupfer (1870) o termo para ‘velho’ é *caputú*, sem nenhuma marca de nasalidade. Ainda em Nehring (1894) temos *torritung* ‘velha’ e *tapung pĩã* ‘jacaré’. As correspondências não permitem excluir a possibilidade de que em tais itens haja uma coda silábica, porém, as alternâncias encontradas não nos permitem afirmar qual segmento esteja ocorrendo nesta coda silábica. Em Nehring (1894) os indícios de nasal velar estão restritos à coda silábica.

A nasal palatal [ɲ] está restrita a uma única ocorrência em Kupfer (1870), (i) *tapanjó* ‘preto’, duas em Lemos da Silva (1882) (ii) *intonhã* ‘olho torto’ e (iii) *xita criti nhanhã* ‘vestido vermelho’; e duas em Nehring (1894), (iv) *tonjotto* ‘porco doméstico’ e (v) *njontí* ‘serpente d’água’. O termo em (i) ‘preto’ tem as seguintes correspondências nos demais registros Cayapó do Sul: *tapanió* (P), *tapanho* (SH), *tepanhó* (B); já para o item (ii) ‘olho torto’ há em Barbosa

(1918) *intónó* (B) ‘caolho’; e ainda (iv) ‘porco doméstico’, *tónhót* (B) ‘caititu’. Os demais itens não estão presentes nas demais listas.

Já as nasais [m] e [n] têm registros em ataque silábico: *tamancáre* (K), *tamancare* (L) ‘feito’; *napía* (K), *napiá* (L), *nāpiá* (N) ‘onça’. No registro de Nehring (1894) não é possível identificar a ocorrência da nasal labial em ataque. Já as realizações em coda, como apontado em seções anteriores, são mais problemáticas, pois não está claro quando estão marcando somente a nasalidade da vogal, quando estão marcando um rima ramificada.

Nestes registros há evidências para que as consoantes nasais figurem entre os fonemas do Cayapó do Sul, pois, não estariam condicionadas à adjacência à vogal nasal, contudo, para tal identificação é preciso considerar os itens de (57 a-n), logo a seguir, em que há uma sequência grafema nasal/grafema obstruinte. Retomamos, ainda que não de forma definitiva (cf. 3.3.2), a discussão iniciada para os registros de Mossâmedes (cf. 2.2.5.3), de que o Cayapó do Sul mantém a oposição obstruinte *vs.* soante, e as soantes se opõem pelo traço [\pm contínuo], e as soantes descontínuas (ou [-contínuo]) seriam segmentos nasais (m n ɲ ŋ) ou pré-nasalizados ($\widehat{m\acute{p}}$ $\widehat{n\acute{t}}$ $\widehat{n\acute{s}}$ $\widehat{\eta k}$). A principal evidência, nos registros de Santana do Paranaíba, é a variação em (57j) (K) *intó* : (L) *pantó* : (N) *intõ* ‘olhos’, em que o termo em Lemos da Silva (1882) pode ser segmentado em dois morfemas *pa-* e *ntó*. No registro de Lemos da Silva (1882), a maioria dos termos que designam parte do corpo são iniciado por *pa* ~ *pan*: *paquim* ‘cabelo’, *pacré* ‘orelhas’, *pantó* ‘olhos’. Para o Panará, Dourado (2001) descreve um morfema *pa-* que designa ‘gente’, por exemplo, *pa-ra* ‘gente-coletivo’ (p.16) e *pa-piɔ-ya* ‘outros índios’(p.20), caso o Cayapó do Sul apresente esse mesmo elemento, os itens em Lemos da Silva (1882) devem ser interpretado como *pa-quim* ‘cabelo de gente’, *pa-cré* ‘orelha de gente’ e *pa-ntó* ‘olho de gente’.

Nos itens seguintes (57 a-n), o termo (57b) *puará* ‘homem’ em Kupfer (1870), que tem morfema em comum com (K) *impú* ‘pênis’, apresenta uma realização plenamente dessoantizada, já (57 e, g-h, k) são exemplos de tais segmentos em contexto intervocálico. Tal como na lista de Mossâmedes, a relação entre as consoantes nasais e pré-nasalizadas deve ser investigada, uma vez que, “often it is the nasal vowels that condition the variation of the consoants and not the reverse (as happen in other languages)” (RODRIGUES, 1999, p. 172). Os itens em que é possível interpretar segmentos pré-nasalizados são listados em 57 (a-n):

- (57) a. (K) *impú* : (L) *impú* ‘pênis’
 b. (K) *puará* : (N) *impú* ‘homem’
 c. (K) *puti* : (N) *impútě* ‘sol’
 d. (K) *impúte* : (L) *putuá* : (N) *pūtūra* ‘lua’
 e. (K) *tompé* : (L) *taumpé*, *taõpe* ‘bonito’
 f. (K) *impó* : (L) *impó* : (N) *impõ* ‘veado’
 g. (K) *hiapampe* ‘gata’
 h. (K) *hempiampiam* ‘demônio da mata’
 i. (K) *intá* : (L) *intá* ‘chuva’
 j. (K) *intó* : (L) *pantó* : (N) *intõ* ‘olhos’
 k. (K) *zounzé* ‘colo feminino’
 l. (L) *panche* ‘mamas, seio’
 m. (K) *zurinzi* : (L) *chuninxi* ‘galinha’
 n. (K) *pinkó* : (N) *inkõ* ‘água’

Os demais segmentos da série das soantes são as aproximantes /w j/ e a líquida /r/. A lateral /l/ está restrita a única realização em Kupfer (1870), *mujalapió* ‘dois’, e é interpretada como uma variante do tepe. As soantes não nasais são identificadas em ataque silábico (58a-c) e formando *cluster* com segmentos obstruintes (58d-g).

- (58) a. *uachã* (L) ‘irmão’
 b. *aréna* (N) ‘tabaco’
 c. *jaká* (K) ‘dia’, *yumã* ‘onde?’ (L), *ceojó* ‘borboleta’ (N)
 d. *pukuá* (L), *pūkūá* (N) ‘céu’
 e. *zikré* (K), *pacré* (L), *zukré* (N) ‘orelha’
 f. *makiá* (K), *maquia* (L) ‘querer’
 g. *napía* (K), *napiá* (L), *nāpiá* (N) ‘onça’

iii. Coda. A partir dos registros disponíveis para os Cayapó do Sul da região de Santana do Paranaíba não é possível identificar quais segmentos soantes não nasais são licenciados em coda. O item em (59a), *páu* ‘pequeno’ (K), corresponde em Barbosa (1918) a *pan*, *pú*⁹⁰, enquanto em Saint-Hilaire é *ipānré*, sugerindo que no termo em Kupfer (1870) o grafema seja resultado de equívoco da transposição do manuscrito para a versão publicada. Já em (59b), *pauhiá* ‘nós’, em Panará temos o registro do pronome *pa* ‘nós’, segundo Dourado (2001, p. 42) “esse dois pronomes [*pa* e *mĩ*] podem ocorrer como clíticos absolutivos e também como pronomes livres,

⁹⁰ Barbosa (1918) depreende essa forma de çakuápú ‘boca pequena’.

como pronomes livres, aparecem com a função de sujeito de verbo transitivo ou intransitivo, como clíticos são co-referentes com a primeira pessoa plural”. Caso Kupfer tenha anotado uma sílaba com rima ramificada em (59b), teríamos o mesmo caso em (59c) *tonxeu* ‘arroz’, que em Barbosa (1918) é *tancê*.

Em 59 (d), a sílaba final CV tem como interpretação alternativa ser resultado de apoio vocálico, pela inserção de uma vogal cópia do núcleo silábico da sílaba acentuada. O processo de epêntese vocálica é comum ao Kaingang Paulista (D’ANGELIS, 2002) e línguas Jê setentrionais como o Apinajé e o Mebengokre (SALANOVA, 2001). Assim, (59d) *chatã paparene* propõe-se que o tepe em coda seja nasalizado por adjacência à vogal nasal e a sílaba CV final seja resultado da cópia do núcleo silábico nasal. A forma subjacente *paparêr* apresentaria uma forma intermediária *paparêrêê*, em que ocorre a cópia da vogal e nasalização do tepe e como forma superficial (ou percebida pelo transcritor) *paparêne*⁹¹. Não se exclui que tal termo tenha como segmentação *papa-re-ne*.

- | | |
|--|-------------------------------|
| (59) a. <i>páu</i> (K) ‘pequeno’ | <i>pan, pú</i> (B) ‘pequeno’ |
| b. <i>pauhiá</i> (K) ‘nós’ | <i>pa</i> ‘nós’ ⁹² |
| c. <i>tonxeu</i> (K) ‘arroz’ | <i>tancê</i> (B) ‘arroz’ |
| d. <i>chatã paparene</i> (L) ‘vamos do outro lado’ | |

O conjunto de itens seguintes (60 a-j) são aqueles em que se identifica a realização de obstruintes em coda silábica.

- (60) a. *hióp* (K) ‘cachorro’
 b. *kit* (K) ‘pouco, pobre’
 c. *krětót* (N) ‘sapo’
 d. *tápe* (N) ‘peixe’
 e. *anzoti* (K), *inchoti* (L), *ançětí* (N) ‘estrela’
 f. *hitóte* (K) ‘forte’
 g. *pantôte* (L) ‘mão’
 h. *pantóte* (L) ‘umbigo’
 i. *hiutóte* (K), *puti* (L), *impútě* (N) ‘sol’
 j. *tonjotto* (N) ‘caititu’

⁹¹ Em Panará, *pāpā hē ne ikua-ri kəprepa* ‘todos já pegaram a pasta’ e *pāpā hē re ikua-ri kəprepa pā āte* ‘todos pegaram a pasta’ (DOURADO, 2001: p. 52 e p. 141), neste itens: *pāpā* ‘todos’, *hē* ‘Ergativo’ e *re* ‘3 plural absoluto’. O sintagma em Lemos da Silva (1882) *chatã paparene* ‘vamos do outro lado’ tem para o primeiro elemento (constituente) *chatã* a segmentação *chã-tã*. Recorrendo novamente ao Panará, [tã] é analisado por Dourado (2001) como um alativo, em Vasconcelos (2012) temos a ocorrência [ko’tã] ‘para o rio’; [kri’tã] ‘para aldeia’.

⁹² Dourado (2001) explica ainda “Como pronomes livres [pa e mĩ] ambos referem-se a nós, sendo que **pa** derivado do homônimo ‘gente’, pode referir-se também a ‘ele(s)’.

No registro das obstruintes diante de silêncio, o uso do grafema vocálico pode indicar somente uma percepção equivocada da consoante final, tais características estariam presentes em termos como (60d) *tápe*, (60e) *anzoti* (K), *inchoti* (L), *ançēti* (N), (69g) *pantôte*, (60h) *pantôte* e (60i) *puti* (L) – para ‘sol’, Panará [ĩm̃pitĩ] ~ [ĩm̃pitĩ] (VASCONCELOS, 2012) e Apãniekrá pit (ALVES, 2004). Em (60b) *kit*, a correspondência com as formas do Panará (DOURADO, 2001) *kitin*, *ĩkitiŋ* aponta uma característica da lista de Kupfer: assistemática no registro de segmentos nasais antecedendo e precedendo silêncio, como podemos observar em (K) *puará* : *impúará* (B) ‘homem’ e (k) *hi* : *cin*, *in* (B) ‘carne’. Os itens em (60a-c), são aqueles em que a coda formada por obstruinte é evidente. Já (60j) tem como interpretações possíveis: (i) vogal epentética resultado de cópia do núcleo silábico antecedente, neste caso a forma subjacente seria /topot/; (ii) uma consoante em coda, seguida por consoante homorgânica na sílaba seguinte, [topot.to], sugerindo (iia) que seja uma junção de morfema [topot+to] ou, ainda, (iib) coda em [t] resultante de dessoantização de um [n], seguindo o proposta para *chiccré* ‘orelha’ (SH) (cf. 2.2.5.5). A correspondência em Barbosa (1918), *tónhót*, tanto corrobora a hipótese em (i), quanto à segmentação em (iia). Nesta última o segundo elemento, *to*, pode referir-se a ‘olho’ ou ‘cara’ e, assim, formando um sintagma ‘olho (ou cara) de caititu’.

iv. Cluster. Tal como discutido para os registros de Mossâmedes, o Cayapó do Sul mantém restrições quanto à formação dos *clusters*. Por conta destas restrições, itens que são interpretados como representando [pw] e [kw] devem ser analisados na perspectiva de que um ou outro ou mesmo os dois não sejam fonológicos na língua. Nas três listas foram encontradas somente duas ocorrências que poderiam ser interpretadas como pw: (i) *puará* (K) e (ii) *puancá* ‘deus’ (L). (i) *puará* pode ser segmentado *pu* + *ará* (em Saint-Hilaire *impuaria*, Barbosa *impúará*, Nehring *impú*) e (ii) *puancá*, que seguindo as correspondências em Pohl (1832) *pujanká* e Saint-Hilaire (1848) *puhancá*, teria a seguinte divisão silábica: *pu.an.cá*. Enquanto para [kw] temos *kapekoá* ‘deus’, *sacoa* (K) ‘boca’, *kuóch* ‘mandioca’ e os sintagmas *quatã cocuê* ‘vai’ (L), *quaachã* ‘fica quieto’ (L) e *tiqua*, *tiquá* ‘quebrou’.

Nestas listas há ainda uma ocorrência [t̃sj] registrada em (K) *ciotí* ‘céu’. Este termo não corresponde às demais ocorrências de ‘céu’ nos registros Cayapó do Sul – *putkuá* (P), *pucuá* (L), *pūkūa* (N), *pukuá* (B). A forma anotada por Kupfer aproxima-se a *anzoti* ‘estrela’, sugerindo

variação no registro do núcleo silábico: *cio* ~ *zo*. Já em *kuschiá* ‘aguardente, cachaça’, encontra-se um *cluster* [fj], contudo, esse termo tem como correspondentes *cuxá* (L), *inkuschūã* (N), *incója* (P), *inkôcô* (B), sugerindo uma sílaba CV. Sobre o padrão silábico, são identificados, para estas listas, os seguintes *clusters*⁹³:

- (61) a. pr – (K) *pipré* ‘magro’, (N) *imprim* ‘filho’
 b. pj – (K) *napía*, (L) *napiá*, (N) *nāpiã* ‘onça’
 c. fw – (K) *ischoa*, (L) *pachuá*, (N) *ischoa* ‘dente’
 d. kw – (K) *sacoa* ‘boca’, (L) *pucúa* ‘céu’, (N) *pūkūã* ‘céu’
 e. kr – (K) *zicré* ‘ouvido’, (L) *pacré* ‘orelhas’, *zukré* ‘orelha’
 f. kj – (K) *ikiá*, (L) *paquiã* ‘cabeça’, (N) *zukiã* ‘mão’

v. Fricativa glotal. Ainda sobre as consoantes das listas de Santana do Paranaíba, Kupfer (1870) registra a fricativa glotal [h] em: *hiutóte* ‘sol’, *hióp* ‘cachorro’, *hiampampé* ‘gata’, *hi* ‘carne’, *hakiamá* ‘meu’, *hitóte* ‘forte’, *penhi* ‘açúcar’, *hempiampiam* ‘homem pardo, demônio do mato’, *hepé* ‘homem branco’, *kiuhi* ‘frio’, *hokió* ‘pai’, *nehé* ‘eu’, *pauhiá* ‘nós’, *hokeré* ‘eles’ e *mahé* ‘um’. Curiosamente os três primeiros itens correspondem em Barbosa a Ø: *hiutóte* (K) : *iutôt* (B) ‘sol’, *hióp* (K) : *ióp* (B) ‘cachorro’⁹⁴ e *hiampampé* (K) : *iómpampé* (B) ‘gata, gato’; também corresponde a *s* em *hi* (K) : *cin*, *in* (B) ‘carne’ e *hitóte* (K) : *pacitôt* (B) ‘forte’; e, ainda, *h* : *i* em *hakiamá* (K) : *iakiamá* (B) ‘meu’. Em *penhi* o termo é resultado de uma junção de morfema, *penhi*, comum também a *penkó* (*pen-kó*) ‘cana-de-açúcar’; o segundo elemento dessa composição é justamente o termo para carne *hi* (K) : *cin*, *in* (B). O termo *hempiampiam* assemelha-se ao termo para ‘vermelho’ em Saint-Hilaire: *ampiampio*; enquanto o termo *hepé* corresponde, em Pohl, a *itpé*. Uma possibilidade de interpretação para *itpé*, na lista de Pohl, seria **inpé*, a obstruinte surda como *output* de processo de oralização de uma consoante nasal (ou pré-nasalizada). Em Panará [ĩpẽ] ~ [hĩpẽ] significa ‘homem branco, estrangeiro’; segundo Schwartzman (1988: 105-6), o termo *hĩpẽ* designa todo aquele que não é Panará, os outros, os inimigos e dentro destes há seres sobrenaturais que recebem designação específica como *hĩpẽ kwùmng* e *hĩpẽ pùti*, “obviously

⁹³ Apesar de *tw* ser um *cluster* permitido, o único item em que ele ocorre é *putuá* ‘lua’, em Barbosa *ptuá*. Em Pohl o termo para ‘sol’ é *itputi* e em Lemos da Silva *piti*. No Apãniekrá (ALVES, 2004) *pít* e no Panará (DOURADO, 2001) *piti* ‘sol’. O termo para ‘brilhar’ em Barbosa é *tiúaká* e o termo para ‘dia, claridade’ é *iáká*, sugerindo uma segmentação como: *ti ú-aká* ou mesmo *ti úa (a)ká*, em que *úa* [‘wa], seja um elemento independente. Desta forma uma proposta para ‘lua’ *putuá* e *ptuá* é *pit* + ‘*wa*. Segundo a proposta discutida logo a seguir, o mais adequado seria: *mpit* + ‘*wa*, fazendo alusão ao brilho da lua ou do sol (termo para ‘sol’ em Saint-Hilaire é *imputé*). Ainda em Barbosa (1918), *ptuaçô* ‘lunar’, *ptikô*, *ptukô* ‘noite’.

⁹⁴ Pohl anota *robú*.

semi-human creatures”. Para *kiuhi*, em Barbosa (1918) é anotado *ikih* e *kir*. E, ainda, *mahé* (K) : *ipút* (B) ‘um’. Destes itens com a fricativa *h* na lista de Kupfer (1870) não há correspondência para *nehé* ‘eu’, *pauhiá* ‘nós’. O termo para ‘pai’ *hokió* (K), difere dos termos nos demais registros: *usúm* (P), *uxum* (L), *vóçúm*, *uçúm* (B).

A proposta de consoantes para o Cayapó do Sul segundo os registros de Santana do Paranaíba é apresentada no quadro 13. Mantemos, considerando as ocorrências em Kupfer (1870), a fricativa glotal como um fonema; e por conta das ocorrências em Nehring (1894), a nasal velar também está presente neste quadro. As nasais figuram como fonemas, pois uma análise restrita a estes registros não permite postular uma série pré-nasalizada.

Quadro 13: Hipótese para as consoantes de Santana do Paranaíba			
p	t	ts̃	k
m	n	ɲ	ŋ
w	r	j	h

2.3.4.2. Vogais

As vogais anteriores [i] e [e], a baixa [a] e as posteriores [o] e [u] são as mais evidentes nos registros de Santana do Paranaíba. O uso dos diacríticos em Kupfer (1870) e Nehring (1894) não indica abertura vocálica, porém, em Lemos da Silva (1882), em que é utilizada a grafia da língua portuguesa, os diacríticos acumulariam duas funções: indicação da sílaba tônica e abertura vocálica. Buscou-se, assim, a partir dos contextos de realização identificar as vogais nestes registros.

(62) Vogal /i/

/i/	Kupfer	Lemos da Silva	Nehring
#_	<i>ité</i> ‘perna’	<i>iche</i> ‘vulva’	<i>isché</i> ‘arco’
C_	<i>potíti</i> ‘tamanduá’	<i>potíti</i> ‘tamanduá’	<i>njontí</i> ‘serpente d’água’

(63) Vogal /e/

/e/	Kupfer	Lemos da Silva	Nehring
#_	-	-	<i>epóřǎ</i> ‘borduna’
C_	<i>zicré</i> ‘ouvido’	<i>pacré</i> (L) ‘orelha’	<i>zukrě</i> ‘orelha’

(64) Vogal /a/

/a/	Kupfer	Lemos da Silva	Nehring
#_	-	-	<i>aréna</i> ‘fumo’
C_	<i>patucá</i> ‘ventre’	<i>patuca</i> ‘barriga’	<i>tápe</i> ‘peixe’

(65) Vogal /u/

/u/	Kupfer	Lemos da Silva	Nehring
#_	<i>uté</i> ‘avó’	-	-
C_	<i>impú</i> ‘pênis’	<i>impú</i> ‘pênis’	<i>impŭ</i> ‘homem’

(66) Vogal /o/

/o/	Kupfer	Lemos da Silva	Nehring
C_	<i>impó</i> ‘veado’	<i>impó</i> ‘veado’	<i>impõ</i> ‘veado’

As vogais nasais que ocorrem nos três registros são: [ĩ], [ã] e [õ]. Na lista de Nehring (1894) a nasal [ẽ] só pode ser depreendida a partir da interpretação de *aréna* ‘fumo’. Em Pohl (1832) é *arená*, enquanto em Barbosa (1918) é *aréne*, acompanhada da nota “o último *e* de *aréne* é mudo”. A nota em Barbosa sugere que o radical em Pohl e Nehring seja formando com uma consoante em coda e, nesse caso, a vogal seria interpretada como nasal: [a'rẽn].⁹⁵ Esta é uma das interpretações para Barbosa (1918). A vogal final, tônica em Pohl e átona em Nehring, pode ser um morfema que ressilabifica o radical, reinterpretando a nasal como *onset*. Pela presença da vogal final este item se aproxima mais do registro de Pohl (1832), enquanto o uso do diacrítico agudo aproxima de Barbosa (1918). Seguem as correspondências:

(67) Vogal /ĩ/

[ĩ]	Kupfer	Lemos da Silva	Nehring
C_	<i>zurinzi</i> ‘galinha’	<i>chuninxi</i> ‘galinha’	<i>imprím</i> ‘filho’

⁹⁵ A coda em Cayapó do Sul será discutida mais detidamente no capítulo seguinte (3.3.3).

(68) Vogal /ẽ/

[ẽ]	Kupfer	Lemos da silva	Nehring
C_	<i>kientómá</i> ‘sacerdote’	<i>copembe</i> ‘acabou’	<i>arěna</i> ‘fumo’

(69) Vogal /ã/

[ã]	Kupfer	Lemos da Silva	Nehring
C_	<i>napía</i> ‘onça’	<i>uachã</i> ‘irmão’	<i>iãnnã</i> ‘serpente’

(70) Vogal /õ/

[õ]	Kupfer	Lemos da Silva	Nehring
C_	<i>zoinzi</i> ‘porco’	<i>tonxeu</i> ‘arroz’	<i>njontí</i> ‘serpente d’água’

(71) Vogal /ũ/

[ũ]	Kupfer	Lemos da Silva	Nehring
C_	<i>zounzé</i> ‘colo feminino’	<i>uxum</i> ‘pai’	<i>kaputúng</i> ‘velho’

Nos registros há poucas evidências para as vogais centrais, orais ou nasais, presentes em línguas como Canela Apãinekra (ALVES, 2004), Mebengokre (STOUT; THOMSON, 1974) e Panará (DOURADO, 2001). Variações como *anzoti* [ã̃soti] (Kupfer) – *inchoti* [ĩ]joti] (L) – *ançẽtĩ* [ãseti] (N) ‘estrela’ (e em Barbosa, *ançuti*) podem ser consideradas indícios de um segmento vocálico estranho aos três anotadores, em que seu registro só mantém traços destes segmentos; uma proposta para ‘estrela’, por exemplo, seria: [ĩ̃soti]. A seguir são apresentados itens nos quais há indícios para a realização de vogais centrais.

(72) Indícios de vogais centrais

	Kupfer	Lemos da silva	Nehring	Português
<i>i ~ u</i>	<i>zicré</i>	<i>pacré</i>	<i>zukrě</i>	‘ouvido/orelha’
<i>an ~ in / o ~ õ</i>	<i>anzoti</i>	<i>inchoti</i>	<i>ançẽtĩ</i>	‘estrelas’
pít ‘sol’ (Ap)	<i>impúte</i>	<i>putuá</i>	<i>pũtũra</i>	‘lua’

Apresentamos, a seguir, a hipótese de fonemas vocálicos de Santana, em que a provável ocorrência da vogal [ĩ] é marcada pelo sombreado cinza.

Quadro 14: Hipótese para as vogais de Santana do Paranaíba					
Orais			Nasais		
i	i	u	ĩ		ũ
e	a	o	ẽ	ã	õ

2.4. “Cayapó e Panará”, Barbosa (1918)

O registro Cayapó do Sul mais recente é aquele produzido por Alexandre de Souza Barbosa, no Triângulo Mineiro, em 1911, próximo à confluência do rio Grande com o Paranaíba. Alexandre Barbosa, morador de Uberaba, trabalhava como agrimensor medindo propriedades na região quando entrou em contato com um grupo Cayapó do sul que vivia ainda na Aldeia da Água Vermelha, próximo de São Francisco de Sales, então distrito de Frutal (MG). O contato foi com três irmãos – João, José e Justina – e durante a tentativa de elaborar o vocabulário de sua língua, repetiam continuamente: “minha mãe é que sabe tudo”. A mãe era Dona Candida, “velha sympathica e notavelmente inteligente” que após sucessivos esforços, segundo Barbosa (1918), resolveu “ensinar-me a língua”. Segue a descrição de Barbosa sobre a coleta dos termos: “li as palavras, que tinha ouvido a seus filhos e pedi [que] me dissesse o que significavam; notei as modificações, poucas, por ella indicadas. Assim verifiquei a exatidão dos vocabulos que já possuía” (7-8); acrescenta ainda: “improvisei também algumas phrazes e uma narrativa que dictei para que ella vertesse para sua língua; tomei nota da versão e não tive tempo de verificar não só a versão como parte do vocabulário” (p. 8).

Acompanha o vocabulário uma resenha histórica sobre os Cayapó do Sul, principalmente os da região do Triângulo Mineiro, em que Barbosa escreve sobre a guerra travada por Antônio Pires de Campos contra os Cayapó do Sul e o estabelecimento das aldeias de Bororo e Xacriabá na região. Traz também dados sobre as aldeias Cayapó, explicando a sua localização e o destino de suas terras. A aldeia da Água Vermelha, que chegou a reunir 600 índios, só contava com pouco mais de três dezenas de índios quando foram visitados pela Comissão Geológica e Geográfica de São Paulo, em 1910.

O vocabulário Cayapó do Sul de Alexandre de Souza Barbosa é precedido, ainda, por discussões de caráter comparativo. Em um primeiro momento Barbosa (1918) investiga a relação dos

Cayapó do Sul da Água Vermelha e de Mossâmedes com a lista dos Kayapó Setentrionais coletada por Eduardo Sócrates, publicada em 1892 pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Alexandre Barbosa compara 11 itens comuns à sua lista, à lista de Saint-Hilaire, à lista de Martius – trata-se justamente da publicação de 1867 (cf. 2.2.2) –, com itens do vocabulário de Sócrates, concluindo, em seguida:

Não posso determinar com exactidão as causas dessa divergência, que não é grande entre o presente vocabulário e os de Saint-Hilaire e Martius, sendo notavel [entre] os tres primeiros ao do dr. Eduardo Socrates. Será ella devida à natural modificação da linguagem no decurso de quasi um seculo ou á própria differença da linguagem destes povos, que, embora da mesma nação, se acharam dispersos, isolados, distando a aldeia da Agua Vermelha, de cujos indios eu ouvi o panará, cerca de 80 leguas da de Mossamedes, onde Saint-Hilaire o ouviu. Nesta ultima parte está talvez a explicação da divergência apresentada pelo vocabulario do dr. Eduardo Socrates, o qual parece ser da lingua dos chamados **Cayapós do Norte**. A palavra **cavarú**, cuja etymologia é evidente, tão diversa do **kitacê** parece indicar que os cayapós do norte e os panarás se achavam separados ao tempo que na zona cayapó appareceu o cavallo. Tão grande, porém, é a differença entre esses idiomas que só um praso muitissimo mais longo poderia produzi-la. (BARBOSA, 1918, p. 29-30)

A comparação seguinte é justamente da sua lista de palavras com registros publicados por Martius (1867) para o Xavante, Xerente e Xacriabá. Sobre esta comparação, Barbosa (1918) faz as seguintes considerações:

assim ao panará *ióp* = cão – correspondem o chavante *oapsa* e o cherente *ouapxon*; ao panará *tókót* = cachoeira – corresponde a *teucaia* chavante; ao panará *impó* = veado – correspondem ao *pó* cherente e *chicriabá*; ao panará *intá* = chuva – correspondem o chavante *tá* e o cherente *tam* [...]. (p. 31).

Barbosa (1918) repete a mesma consideração de Saint-Hilaire (1848) de que “os panarás fallam com a boca quasi fechada e sua linguagem é muito guttural” (p. 37). Explica ainda que o “monosyllabismo é característico nesta língua, sendo monosyllabos os radicais de que se compoem as palavras” e que “a linguagem parece muito systematica”. Segue, em seu texto, uma breve análise da raiz verbal e um levantamento morfológico, nos termos de Barbosa (1918) trata-se de “algumas ethymologias”. Por fim, seguem as explicações sobre o uso da ortografia da língua portuguesa:

Empreguei o signal *â* para representar um som, que não é o *a* de *mas*, conjunção, nem *o* fechado de *ovo*.

O *h*, excepto em *nh*, é sempre aspirado.

Nh leia-se como em portuguez, excepto em *anhán*, onde representa modificação vocal que em nossa língua não existe.

O *y* soa quase como o *u* francez.

A modificação vocal *k* representei sempre por *k*.

As vozes *an, en, in, on, un, am, em, im* e *um* são nasaes e soam como em portuguez, excepto nos verbos quando o *n* é precedido de *ti*; assim *tinunkiâ* pronuncia-se *ti nun kiâ* e não *tin un kiâ*.

A letra *v* só teve ocasião de empregar em *voçúm* = *pae*.

Faltam nesta lingua as modificações vocaes *fe, je, le, re* (vibrante) e *z*.

Gui, gue leia-se com em *guia, azorrague; gua* leia-se como em *guano*. (BARBOSA, 1918: 40-41)

Segue, nas seções seguintes, uma síntese da análise grafêmica do vocabulário de Alexandre de Souza Barbosa, a partir do manuscrito disponível no Arquivo Histórico do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), bem como da versão digitalizada deste manuscrito pelo Núcleo de Estudos e Assuntos Indígenas da Fundação Universidade Federal de Tocantins (NEAI/UFT).⁹⁶

2.4.1. Síntese da análise grafêmica da lista de Barbosa (1918)

Considerando as informações prestadas por Barbosa (1918), são apresentadas, nesta seção, as demais interpretações grafêmicas. Assim, [p], [t], [b], [d] são representadas por *p, t, b, e d*, respectivamente. Como exposto, [k] está representado por *k*, no entanto, há ocorrência de *c* em *ainnicôp* ‘varejeira’, *çancou* ‘barba’, *iópticuá* ‘bom cão’. Considerando o uso deste grafema em português, seria natural deduzir que nestes casos *c* estaria representando [k]. O uso destes dois grafemas tem duas possibilidades de interpretação: (a) trata-se de um esquecimento do anotador, deixando de usar *k* e usando *c*; (b) a tentativa de representação de outro som, talvez a palatal [ç]. Por falta de evidências, assume-se que *k* e *c* estejam variando na representação da consoante [k]. Já para a fricativa [s], Barbosa (1918) usa os grafemas *s, ç* e *c*, este último diante dos grafemas vocálicos *e, i*. Para as obstruintes, é proposta a seguinte interpretação:

(72) Obstruintes em Barbosa (1918)

Barbosa	IPA		Proposta de transliteração	
<i>p</i>	[p]	<i>punó</i>	[pu'nɔ]	‘abaixar’
<i>b</i>	[b]	<i>batutí</i>	[batu'ti]	‘tamanduá-mirim’
<i>t</i>	[t]	<i>tatúpiâ</i>	[ta,tu'pjə] ou [ta,tu'piə]	‘avó’
<i>d</i>	[d]	<i>iundé</i>	[jũ'dɛ] ou [jun'dɛ]	‘atravessar’
<i>k</i>	[k]	<i>cinakôkô</i>	[sinãko'ko]	‘besouro’
<i>g</i>	[g]	<i>tinugrê</i>	[tinu'gre]	‘escorregar’

⁹⁶ Disponível no site do núcleo: <http://www.uft.edu.br/neai/>.

<i>ç</i>	[s]	<i>içáátóómám</i>	[i'sa: 'tɔ: 'mãm] ou [i'sa a'tɔ: mãm]	'tição'
<i>c</i>	[s]	<i>nacicí</i>	[nasi'si]	'gostoso'
<i>s</i>	[s]	<i>tãnsuén</i>	[tãnsuën] ou [tã'swê]	'ferir'
<i>x</i>	[ʃ]	<i>xinunxí</i>	[ʃinũ'ji]	'galinha'
<i>h</i>	[h]	<i>mahán</i>	[ma'hã] ou [ma'hãn]	'ema'

Já *m*, *n*, *nh* e *ng* representam [m], [n], [ɲ] e [ŋ], respectivamente.

(73) Nasais em Barbosa (1918)

<i>m</i>	[m]	<i>timanká</i>	[timã'ka]	'acudir'
<i>n</i>	[n]	<i>napiá</i>	[na'pja] ou [napi'a]	'onça'
<i>nh</i>	[ɲ]	<i>tónhót</i>	[tɔ'ɲɔt]	'caititu'
<i>ng</i>	[ŋ]	<i>iápúng</i>	[ja'pũŋ]	'descer'

No registro de Barbosa (1918) há evidências da realização das pré-nasalizadas, como podemos observar em (74), em que há sequências grafema nasal/grafema obstruinte em início de palavra:

(74) Pré-nasalizadas em Barbosa (1918)

<i>mp</i>	[m̃p]	<i>mpó, impó</i>	[m̃pɔ] ~ [ĩ'pɔ]	'veado'
<i>nt</i>	[ñt]	<i>ntó, intó</i>	[ñtɔ] ~ [ĩ'tɔ]	'olho'
<i>nk</i>	[ŋ̃k]	<i>nkô, inkô</i>	[ŋ̃ko] ~ [ĩ'ko]	'água'

A soante [r], por sua vez, está representada por *r*. As letras *i* e *u* são usadas tanto para registrar as vogais [i] e [u] quanto as soantes [j] e [w]. Esses grafemas estariam representando as soantes quando seguidas ou precedidas por vogais e formando *cluster* com as obstruintes.

(75) Soantes não nasais em Barbosa (1918)

<i>r</i>	[r]	<i>ipâre</i>	[ipære]	'chifrada'
<i>u</i>	[w]	<i>tóuacê</i>	[tɔwa'se]	'festa'
<i>i</i>	[j]	<i>iató</i>	[ja'tɔ]	'broto'

Apesar do grande número de ocorrências, Barbosa (1918) não dá qualquer explicação sobre o uso dos diacríticos (agudo e circunflexo), contudo, justamente porque o português relaciona sílaba tônica e abertura vocálica, assume-se que em *é/ê* e *ó/ô* temos uma distinção de qualidade de vogal, ao menos fonética.

(76) Vogais orais em Barbosa (1918)

<i>í, i</i>	[i]	<i>icí</i>	[i'si]	'semente'
<i>e</i>	[e]	<i>cêcê</i>	[se'se]	'aranha'
<i>é</i>	[ɛ]	<i>kukré</i>	[ku'krɛ]	'aldeia'
<i>y</i>	[i]	<i>iápytú</i>	[japi'tu]	'barrigudo'
<i>â</i>	[ə]	<i>çâkrê</i>	[sə'krɛ]	'aberto'
<i>á, a</i>	[a]	<i>iáká</i>	[ja'ka]	'clareza'
<i>ú, u</i>	[u]	<i>kukút</i>	[ku'kut]	'abóbora'
<i>ó</i>	[ɔ]	<i>intókré</i>	[ĩtɔ'krɛ]	'barranco'
<i>ô</i>	[o]	<i>çankôtén</i>	[sãko'tɛ̃] ou [sako'tɛ̃n]	'babar'

Segundo Barbosa (1918), “as vozes an, en, in, on, un, am, em, im e um são nasaes e soam como em portuguez” (p. 40), assim, seguem a proposta de vogais nasais:

(77) Vogais nasais em Barbosa (1918)

<i>in, ín</i>	[ĩ]	<i>xinnampré</i>	[ʃĩnãmpɾɛ]	'relho'
<i>en, én</i>	[ẽ]	<i>tentént</i>	[tɛ̃'tɛ̃t]	'tremar'
<i>yn</i>	[ỹ]	<i>cyncý</i>	[sỹ'si]	'rir'
<i>an, án</i>	[ã]	<i>ankrê</i>	[ã'krɛ]	'tatu'
<i>un, ún</i>	[ũ]	<i>çuncêpó</i>	[sũse'pɔ]	'velha'
<i>on, ón</i>	[õ]	<i>ikón</i>	[i'kõ]	'quadril'

2.4.2. Os diacríticos

Sobre o seu registro, Barbosa (1918) faz a seguinte observação: “a principio pensei e tentei mesmo escrever as palavras, decompondo-as em seus monosyllabos; este processo representaria melhor o falar dos panarás; pois elles pronunciam quasi sempre cada syllaba separadamente, deixando pequeno intervallo de uma a outra syllaba” (1918, p. 40). E em um trecho anterior de sua resenha explica: “o monosyllabismo é característico nesta lingua, sendo monosyllabos os radicais de que se compoem as palavras” (p. 37). A sugestão de que os radicais são monossilábicos parece estar diretamente relacionada com o uso dos diacríticos no vocabulário de Barbosa. Em *tikré* ‘cavar’, teríamos *ti-kré*, *ti* é comum em diversos itens na posição inicial e relacionada a verbos (*tiçakê* ‘cortar’, *tiúaká* ‘brilhar’, *tinkó* ‘molhar’). Em Panará, segundo

Dourado (2001), *ti* é um pronome clítico de 3ª pessoa singular nominativa e ergativa (cf. DOURADO, 2001, p. 44). Nesse caso, o diacrítico marcaria a sílaba tônica, e possivelmente, a abertura vocálica. Em *tinánán* ‘escurecer’, considerando que cada diacrítico esteja marcando um radical, o resultado seria *tiná nán*, porém, a proposta de segmentação de Barbosa (1918, p. 67) é *ti ná nám*, sugerindo que ele esteja explicitando que a forma é *ti* e não *tin*, uma vez que ele aponta que as vogais nasais foram marcadas pela sequência grafema vocálico-grafema nasal (BARBOSA, 1918, p. 41). Se em palavras com mais de um diacrítico – *iúúú* ‘morrer’ – é possível supor que sejam dois monossílabos – *iú tú* –, naquelas com duas sílabas e apenas um diacrítico, como *kukré*, a sílaba marcada seria a tônica, [ku'krɛ].

Porém, todo item marcado com dois diacríticos seria necessariamente composto por dois monossílabos? A resposta a essa questão parece negativa, principalmente porque o diacrítico desempenha diferentes funções no registro: (a) sílaba tônica; (b) abertura vocálica; e (c) soantes em ataque silábico (*tiúátó* ‘arrancar’). Os diacríticos parecem desempenhar ainda uma quarta função, relacionada com as já citadas, mas distinta delas: indicaria a pronúncia de itens para os quais o anotador supõe possível interpretação equivocada do leitor; seria o caso de *punó* em que ele aponta: “*pronuncia-se pú nó*” (BARBOSA, 1918, p. 54). Em línguas como o Apãniekrá (ALVES, 2007) e Apinajé (OLIVEIRA, 2009), o acento recai na última sílaba do radical; a hipótese é que o Cayapó do Sul também siga o mesmo padrão acentual. Em itens como *çâtí* ‘amendoim’ o primeiro diacrítico marca a qualidade da vogal, [ɔ], e o segundo marcaria a sílaba tônica⁹⁷.

O uso do diacrítico pode ser associado ainda à delimitação de palavra mínima, mas a distribuição dos diacríticos nos termos transcritos por Barbosa (1918) obscurecem esta análise, pois há itens como *timançuá* ‘guiar’, em que o acento recai somente no último elemento, uma segmentação possível para tal ocorrência é *ti-man-çuá*, em que o diacrítico estaria marcando somente o radical *çuá*⁹⁸. O Cayapó do Sul, segundo o registro de Barbosa (1918), teria como palavra mínima termos monossilábicos, como: *in*, *cin* ‘carne’, *pu* ‘lobo’, *cê* ‘veia’.

⁹⁷ Schwartzman anota, para o Panará, *sà'ti* (à para ə) (1988, p. 77). Em Vasconcelos (2012) temos [sə'ti^h] ~ [sə'ti].

⁹⁸ Este item pode ser traduzido como “ele está na frente”, como apontado *ti* pode ser associado a uma marca de 3ª pessoa singular, enquanto *mán* pode ser associado à partícula **mã** (Panará), marca do alativo, e por fim *çuá* associado a **su'a** ‘estar na frente’.

2.4.3. Quadro de consoantes e quadro de vogais em Barbosa (1918)

O Quadro 15, seguinte, contém todos os sons identificados para o Cayapó do Sul segundo a interpretação grafêmica do registro de Barbosa (1918). Para as oclusivas, temos surdas e a contraparte sonora; são identificadas três fricativas surdas; quatro consoantes nasais; três consoantes pré-nasalizadas e ainda duas aproximantes e o tepe.

p b	t d		k g	
	s	ʃ		h
m	n	ɲ	ŋ	
m̂p	n̂t		ŋ̂k	
w	r	j		

As vogais são apresentadas no quadro 16. Em Barbosa (1918) é possível identificar três alturas vocálicas para anteriores, centrais e posteriores, formando um conjunto com nove vogais orais. Para as nasais, foram propostas seis vogais, distinguindo duas alturas em cada posição.

Orais			Nasais		
i	ĩ	u	ĩ	ĩ̃	ũ
e	ə	o	ẽ	ã	õ
ɛ	a	ɔ			

Para o vocabulário de Barbosa (1918) é possível apontar, ao menos foneticamente, a realização de número maior de vogais do que nos registros de Mossâmedes e Santana do Paranaíba. Este resultado é possível pela tentativa do transcritor de marcar vogais diferentes daquelas do português e também pela quantidade de itens disponíveis.

Como apontado no capítulo anterior, o território projetado para os Cayapó do Sul abrange uma considerável região no Brasil Central e, por conta disso, espera-se encontrar também certa heterogeneidade nas variedades da língua que foram faladas por este povo. Com o intuito de levantar a discussão sobre as variedades do Cayapó do Sul, os registros existentes foram

analisados por região. Nesta investigação confirma-se, por exemplo, a observação de Ehrenreich (1894) quanto à diferenciação encontrada nos registros de Mossâmedes – naquele trabalho, representados pela lista compilada de Martius (1863). Aquém da qualidade do registro é possível estabelecer duas particularidades de Mossâmedes: (i) a distinção entre uma africada /tʃ/ e fricativa /ʃ/ e (ii) o *cluster* [kr] em Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848) que corresponde a [kj] no registros de Santana do Paranaíba e do Triângulo Mineiro. A correspondência *robú* : *ióp* (B) sugere certa sistematicidade na mudança de [r] para [j] – Apãniekrá **rɔp** (ALVES, 2004) e Mebengokre [rɔp] (STOUT; THOMSON, 1974) .

Em uma primeira observação, os registros de Santana do Paranaíba se aproximam do vocabulário de Barbosa (1918) coligido no Triângulo Mineiro. A discrepância encontrada nos segmentos africados e fricativos pode, neste caso, ser delegada à qualidade dos registros de Santana do Paranaíba ou, mais especificamente, à percepção dos transcritores. Em Kupfer (1870) o [tʃ] é mais geral enquanto em Lemos da Silva o [ʃ] é o mais recorrente, diferentemente de Nehring (1894), em que não há predominância de quaisquer dos segmentos fricativos e africados. Como exposto, a decisão por fonema /tʃ/ melhor evidencia o que parece ser a oposição básica entre as consoantes: obstruintes *vs.* soantes.

Em comum, todos estes registros apresentam dificuldades quanto à interpretação dos grafemas nasais e suas relações com as vogais e consoantes obstruintes. No primeiro caso, tanto o uso destes grafemas para a marcação de nasalidade, quanto o possível processo de nasalização de soantes tautossilábicas. Já no segundo caso, indicações para a realização de consoantes pré-nasalizadas. Como indicado, essa discussão é retomada em detalhe no capítulo seguinte. Assim como a discussão sobre o sistema vocálico, beneficiada pelo vocabulário de Barbosa (1918). Com a análise grafêmica foi possível fazer um levantamento de caráter fonético para o Cayapó do Sul, material essencial para a discussão do sistema fonológico que segue no capítulo seguinte.

3. FONOLOGIA DO CAYAPÓ DO SUL

3.1. Pressupostos teóricos das análises fonológicas

Nesta seção nos deteremos em uma breve resenha dos pressupostos teóricos que norteiam a presente análise fonológica. Iniciamos pela fonologia desenvolvida pelo Círculo Linguístico de Praga, que tem em Trubetzkoy e Jakobson seus principais expoentes. A busca essencial da chamada fonologia pragueana (ou praguense) é compreender a organização de um determinado sistema fonológico a partir das suas oposições distintivas (seguindo as noções de oposição e sistema apresentadas por Saussure).

Trubetzkoy (1939) inicia os Princípios afirmando que “la idea de diferencia supone la idea de oposición” (p. 29) e segundo Fontaine (1978) “a unidade fonológica distintiva é definida como termo de uma oposição distintiva” (p. 62); nos termos de Trubetzkoy (1939) “por oposición fonológica (directa o indirecta) entendemos toda oposición fónica que, em la lengua de que se trate, puede diferenciar las significaciones intelectuales” (p. 31). Contudo, as unidades fonológicas, depreendidas da comparação entre duas palavras, só serão um fonema se “no pueden ser analizadas em unidades fonológicas aún más pequeñas y sucesivas” (p. 32). A palavra em uma língua, então, pode ser analisada em fonemas e ser representada por um conjunto de fonemas, porém, como destaca o autor, cada palavra é “una totalidad fónica, una *forma*”. O reconhecimento de uma forma, necessariamente, se dá pela diferenciação, possível somente porque as formas se diferenciam a partir de certos traços. Para Trubetzkoy (*op. cit.*), as marcas distintivas de uma palavra são justamente os fonemas: “cada palabra debe contener tantos fonemas y en un orden tal, que se distinga de toda otra palabra” (p. 33).

Os fonemas, por sua vez, se distinguem por conjunto de marcas distintivas, por particularidades fonologicamente pertinentes: “una imagen fónica contiene siempre varias particularidades acústico-articulatorias y no se distingue de otras imágenes fónicas por todas estas particularidades, sino solamente por algunas” (p. 34). Um fonema, assim, pode realizar-se, em uma determinada língua, por diferentes sons: para o Panará, como será discutido mais adiante, a produção de uma obstruente labial /p/ pode ser a obstruente sonora [b], pois sonoridade não é

relevante ou fonologicamente pertinente. Os diferentes sons que realizam um mesmo fonema são denominados variantes, no caso do Panará a oclusiva [b] deve ser interpretada com uma variante do fonema /p/. Com o intuito de diferenciar fonemas e variantes numa determinada língua, Trubetzkoy (*op. cit.*) vai enunciar quatro regras a serem aplicadas a um *corpus*:

Regra I - Dois sons de uma dada língua são meramente variantes fonéticas opcionais de um único fonema, se eles ocorrem exatamente no mesmo ambiente e são intercambiáveis sem uma mudança no significado da palavra.

Regra II - Se dois sons ocorrem exatamente na mesma posição e não podem ser trocados, um pelo outro, sem acarretar mudança no significado das palavras ou sem resultar em uma palavra irreconhecível, os dois sons são realizações fonéticas de dois fonemas diferentes.

Regra III - Se dois sons de uma determinada língua, acústica ou articulatoriamente relacionados, nunca ocorrem no mesmo ambiente, eles são considerados variantes combinatórias do mesmo fonema.

Regra IV - Dois sons, mesmo que preencham as condições da Regra III, não podem ainda ser considerados como variantes de um mesmo fonema se, na língua em questão, eles podem ocorrer um ao lado do outro, isto é, se eles podem ser parte de uma sequência de sons em posições onde um deles também ocorre isoladamente.⁹⁹

Este conjunto de regras e as outras sete que têm por objetivo diferenciar o fonema simples de um grupo de fonemas permitem o levantamento dos fonemas de uma língua, porém, como destaca Fontaine (1978) “o fundamental em Fonologia são as oposições distintivas organizadas em sistema” (p. 67). O conceito de fonema desenvolvido nesta perspectiva teórica entende que “todo fonema deve ser miembro de una oposición fonológica” (TRUBETZKOY, *op. cit.*, p. 34). As oposições fonológicas são, assim, classificadas: (i) segundo a relação que mantêm com as demais oposições do sistema (bilaterais *vs.* multilaterais; isoladas *vs.* proporcionais); (ii) segundo a relação entre os membros (privativas, graduais e equipolentes); e (iii) segundo a extensão da sua capacidade distintiva (constantes *vs.* neutralizáveis).

Já as oposições fonológicas são constituídas por três classes de “particularidades fônicas”: as vocálicas, as consonânticas e as prosódicas. Desta forma, os fonemas vocálicos consistem em “particularidades distintivas vocálicas” e os fonemas consonânticos em “particularidades distintivas consonânticas”, enquanto para as “particularidades distintivas prosódicas” não há nenhum fonema específico, elas estão associadas, dependendo da língua, a fonemas vocálicos ou consonânticos. Uma vogal, então, é definida como “ausência de obstáculo” e suas

⁹⁹ Trecho traduzido por Wilmar D’Angelis. *Princípios de Fonologia* (no prelo).

particularidades fônicas são grau de abertura, Já as consoantes são definidas como “establecimiento de um obstáculo y de franqueamiento del mismo” e tratam-se de particularidades de transposição do obstáculo. Por fim, as prosódicas são rítmico-melódicas e, apesar da unidade prosódica fonológica não ser idêntica à sílaba no sentido fonético, mantém com esta estreita relação, uma vez que se apoia em uma ou em um conjunto de sílabas.

Dentre os pares de oposições fonológicas, denomina-se “par correlativo” dois fonemas que se encontrem numa relação de oposição bilateral, proporcional, logicamente privativa. Segundo Fontaine (1978) “a marca de correlação é a particularidade diferencial que, por sua presença ou não-presença, caracteriza uma série de pares correlativos” e “uma correlação é um conjunto de pares correlativos caracterizados pela mesma marca de correlação” (p. 70).

A noção de par correlativo está na base da proposta de Jakobson de um sistema descrito por pares binários. Tal hipótese é inicialmente discutida em 1938, em “Observations sur le classement phonologique de consonnes”¹⁰⁰, na tentativa de distinguir as consoantes com diferentes pontos de articulação. Jakobson (1938) vai utilizar como exemplo as seis consoantes surdas do tcheco, que eram definidas, naquele momento, por “quinze oposições díspares e portanto quinze qualidades diferenciais” (p. 67). A primeira diferenciação aplicada é entre consoantes anteriores e posteriores, para em seguida, do ponto de vista acústico, distingui-las entre consoantes graves e agudas. A aplicação desta caracterização das consoantes explicava, entre outros casos, “a passagem em romeno de *k* para *p* diante de *t* ou *s*” (p. 69). Por fim, para dar conta das consoantes do tcheco, Jakobson (1938) vai classificá-las ainda entre *stridentes* e *mates* (estridentes e doces).

Será somente no *Preliminaries to Speech Analysis* (1952), em colaboração de Morris Halle e Gunnar Fant, e mais tarde no *Fundamentals of Language* (1956), somente com a colaboração de Halle, que a tese da descrição do sistema fonológico de uma língua por traços binários será integralmente exposta por Jakobson. Nesta proposta, o fonema deixa de ser definido como uma unidade fonológica (ou distintiva) e é entendido como a reunião de feixes de traços distintivos simultâneos. Os traços distintivos são definidos, então, como “the ultimate distinctive entities of language since no one of them can be broken down into smaller linguistic units” (JAKOBSON; FANT; HALLE, 1952, p. 3).

¹⁰⁰ Traduzido por Mattoso Câmara Jr. (1972).

Nesta proposta os traços são divididos em duas classes: os prosódicos e os inerentes. O primeiro, tal como as “particularidades fônicas prosódicas” de Trubetzkoy (1939), só ocorrem nos fonemas que compõem o ápice da sílaba¹⁰¹ e só podem ser definidos a partir da relação com o “relêvo da sílaba ou da cadeia silábica” e são classificados em traços tonais, de força e de quantidade. Os inerentes, por sua vez, são independentes do relevo silábico e compreendem 12 oposições e estão divididos em traços de sonoridade e traços de tonalidade¹⁰²: “os traços de sonoridade utilizam o volume e a concentração de energia no espectro e no tempo. Os traços de tonalidade envolvem os extremos do espectro de frequência” (JAKOBSON; HALLE, 1956, p. 29).

Os traços de sonoridade são¹⁰³: (i) vocálico/não-vocálico (*vocalic/non-vocalic*), (ii) consonantal/não-consonantal (*consonantal/non-consonantal*), (iii) compacto/difuso (*compact/diffuse*), (iv) tenso/frouxo (*tense/lax*), (v) sonoro/surdo (*voiced/voiceless*)¹⁰⁴, (vi) nasal/oral ou nasalizado/não-nasalizado (*nasal/oral; nasalized/non-nasalized*), (vii) descontínuo/contínuo (*discontinuos/continuant*)¹⁰⁵, (viii) estridente/doce (*strident/mellow*), (ix) brusco/fluyente (*checked/unchecked*). Já os traços de tonalidade são: (x) grave/agudo (*grave/acute*), (xi) rebaixado/sustentado (*flat/plain*), (xii) incisivo/raso (*sharp/plain*).

Os dois primeiros traços (i) vocálico/não-vocálico e (ii) consonantal/não-consonantal vão dar conta de opor não só consoantes a vogais, como também, distinguir as líquidas e os glides: *vogais* são vocálicas não-consonantais; *consoantes* não-vocálicas consonantais; *líquidas* são vocálicas e consonantais; e *glides* são não-vocálicas e não-consonantais. Chomsky & Halle (1968) vão distinguir essas consoantes, e as nasais, com três traços: soante, silábico e consonantal.

Os traços propostos por Jakobson (1952, 1956) se caracterizam, então, por seu caráter acústico. Os traços *grave/agudo*, por exemplo, são definidos como: “concentração de energia nas frequências inferiores do espectro (vs. a sua concentração nas superiores)” (JAKOBSON;

¹⁰¹ Jakobson & Halle (1956) definem a sílaba em termos de ápice (“crest”) e encosta (“slope”), em uma sílaba CV, os fonemas em C são de encosta, enquanto os fonemas em V são de ápice (termos utilizados na tradução de Câmara Jr., 1972).

¹⁰² Essa é a classificação encontrada em Jakobson & Halle (1956), “sonority features” e “tonality features”. Em Jakobson, Fant & Halle (1952) estão divididos em “fundamental source features”, “secondary consonantal source features” e “resonance features”. Os traços de tonalidade (“tonality features”) são uma subdivisão dos traços de ressonância (“resonance features”).

¹⁰³ A tradução utilizada é aquela de Câmara Jr. (1972).

¹⁰⁴ Voiced/unvoiced em Jakobson, Fant & Halle (1952).

¹⁰⁵ Interrupted/continuant em Jakobson, Fant & Halle (1952).

HALLE, 1956, p. 31) ou ainda “a gravidade das labiais e velares decorre geneticamente de uma cavidade bucal maior e menos dividida, e o efeito agudo das dentais e palatais de uma cavidade menor e mais compartimentada” (*Id.*, p. 35). Outra característica da proposta de Jakobson, Fant & Halle (1952) é a perspectiva de traços universais. Contudo, nem todos os traços são encontrados numa língua e, principalmente, uma língua determinada vai selecionar somente os traços que são necessários para realizar todas as oposições do seu sistema.

A proposta de traços distintivos e binários também é adotada pela Fonologia Gerativa Padrão, que tem seus pressupostos básicos apresentados por Chomsky & Halle (1968), mas diferentemente dos traços de Jakobson, estes são constituídos, predominantemente, por correlatos articulatorios e não acústicos e distinguem tanto funções fonéticas como fonológicas. Esta distinção está na base da relação entre competência fonológica do falante (representação mental dos processos fonológicos) e seu desempenho (realização). Chomsky & Halle (1968) introduzem a teoria gerativa nos estudos fonológicos ou, segundo Hernandorena (1999, p. 15) “o componente fonológico é, então, definido como a parte da gramática que atribui uma interpretação fonética à descrição sintática”. Dentro desta perspectiva é central estabelecer o conjunto de regras que gere um *output* a partir de uma representação abstrata (cf. SILVA, 2002). Ainda segundo Hernandorena (*op. cit.*):

Todo falante possui uma informação fonológica que congrega duas formas diferentes das unidades lexicais de sua língua: uma *representação fonológica*, mais abstrata, subjacente ao nível fonético, que só contém informação não previsível (distintiva), e que estabelece a relação dos sons com significado, e uma *representação fonética*, que indica como a palavra é realizada, que isola as propriedades articulatorias e acústicas dos sons para a realização e a decodificação do sinal da fala. (p. 17 – destaques da autora)

Os traços, na Fonologia Gerativa Padrão, estão divididos em traços de classes principais (soante, silábico e consonantal), cavidade (coronal, anterior, alto, baixo, posterior, arredondado, nasal e lateral), modo de articulação (contínuo, metástase retardada¹⁰⁶ e tenso)¹⁰⁷, fonte (sonoro e estridente) e, por fim, prosódicos (acento, tom, e duração). Os traços de classes principais distinguem as categorias básicas de segmentos: vogais, líquidas, nasais, glides e obstruintes.

¹⁰⁶ Segundo Hernandorena (1999). Em Chomsky & Halle (1968): “instantaneous release-delayed release”, divididos ainda em “primary release” e “secondary release”.

¹⁰⁷ Nos traços relacionados a modo de articulação também constam em Chomsky & Halle (1968): supplementary movements – suction (velaric suction, implosion) –, pressure (velaric pressure, ejectives).

Enquanto os de cavidade remetem aos pontos de articulação ou, mas especificamente, à posição no trato vocal.

Os traços de classes principais correspondem ao vocálico/não-vocálico e consonantal/não-consonantal de Jakobson & Halle (1956), em que para distinguir as nasais, dependendo da língua, é preciso ainda do traço nasal/não-nasal, que na proposta de Chomsky & Halle (1968) é considerado um traço de cavidade; estes, por sua vez, correspondem a compacto/difuso, grave/agudo, *flait/plain* e *scharp/plain*; enquanto os de modo correspondem a contínuo/descontínuo e *tense/lax*; os de fonte a sonoro/surdo e estridente/doce; e, por fim, os prosódicos a tom, força e quantidade.

Não há uma hierarquia que agrupe os traços propostos por Chomsky & Halle (1968), a organização encontrada no “The Sound Pattern of English” tem somente propósitos explicativos. A ordenação dos traços e sua hierarquização só são incorporadas aos estudos fonológicos a partir dos desenvolvimentos da Fonologia Autossegmental, que, por sua vez, segundo Hernandorena (1999), “opera não só com segmentos completos e com matrizes inteiras de traços, mas também com **autossegmentos**, ou seja, permite a segmentação independente de partes dos sons das línguas” (p. 45). Ao romper com o pressuposto da Fonologia Gerativa Padrão da bijetividade, segundo a qual um segmento está relacionado à sua matriz de traços, a Fonologia Autossegmental entende que “os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento” e “o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços” (*id. ibid.*). O segundo rompimento com a proposta Gerativa de Chomsky & Halle (1968) é a defesa de que os segmentos têm uma estrutura interna, ou seja, os traços obedecem a uma hierarquia. Segundo D’Angelis (1998) “traços que regularmente funcionam juntos como uma unidade em regras fonológicas são agrupados em *constituíntes*, ou *nós de classe*” (pp. 59-60).

Os modelos da Geometria de Traços, por sua vez, buscam representar essa hierarquia entre os traços distintivos. Segundo Silva (2002) “a geometria de traços, em qualquer das suas versões, representa um inegável avanço teórico, relativamente à fonologia gerativa de Chomsky & Halle (1968): a proposta de uma organização tridimensional interna dos segmentos, na qual os traços se dispõem, hierarquicamente, em camadas e atrelados a nós de classe, permite representar e explicar fatos que um modelo linear [...] não contemplaria” (p. 37). Dentre os diversos modelos

surgidos no decorrer do desenvolvimento da Geometria dos Traços, nesta análise lançaremos mão da proposta desenvolvida por D'Angelis (1998).

A proposta de Geometria de Traços de D'Angelis (1998) está baseada na tentativa “inovadora” do tratamento da nasalidade por Piggott (1992) e das sugestões de Rice (1993). Esta última entende que SV (*Spontaneous Voicing ou Sonorant Voicing*) está presente em todas as soantes: “SV define o tipo de vozeamento que as soantes possuem, enquanto Voz (ou [voz]) não é relevante para as soantes” (RICE, 1993, p. 314 *apud* D'ANGELIS, 1998, p. 201).

Já Piggott (1992) vai assumir que as diferenças encontradas em processos de harmonia nasal em diversas línguas estão relacionadas a dois tipos de configuração do traço nasal. No primeiro tipo o traço nasal é alocado sob um nó SP (*Soft Palate*) e a harmonia se dá pelo espriamento deste nó. No segundo tipo, o traço nasal está alocado sob um nó SV (*Spontaneous Voice*) e é justamente o traço nasal que é espalhado para os segmentos soantes da língua. Segundo Piggott (1992) a variação na organização do traço nasal está restrita às consoantes, pois em vogais subjacentemente nasais, o traço nasal é sempre dependente de SV. Nas línguas em que nasal é dependente de SP há, entre as consoantes, um contraste entre orais e nasais. Já naquelas em que nasal está alocado em SV, o contraste de nasalidade está restrito às soantes.

O ponto diferencial encontrado na Geometria desenvolvida por D'Angelis (1998) é assumir que SP não contrasta somente em consoantes, ele também é o responsável pela oposição oral vs. nasal nas vogais. Nas palavras de D'Angelis (1999):

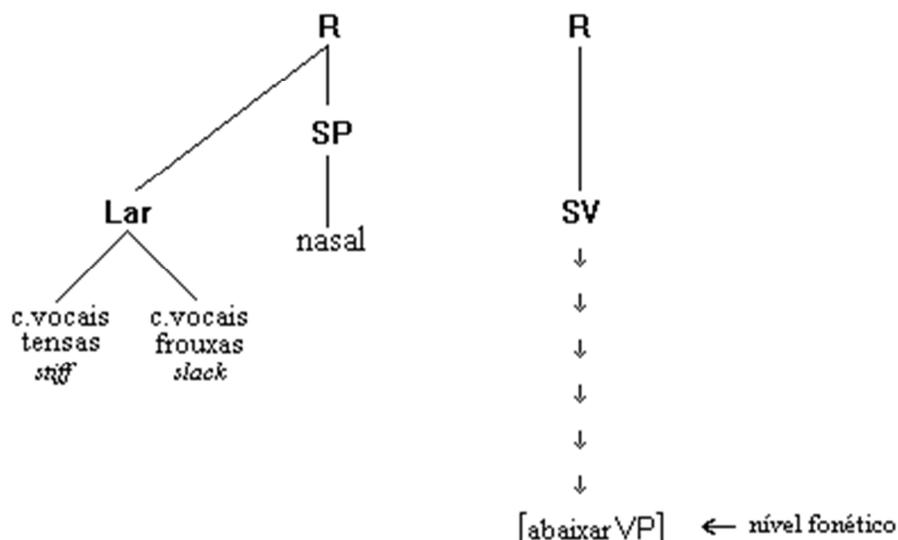
se Nasal é um traço fonológico (monovalente) em uma língua determinada, ele estará alocado sob um nó *Soft Palate* (SP), quer em vogais, quer em consoantes (ou seja, onde quer que a oposição nasal x oral operar fonologicamente). Por outro lado, a simples presença do traço fonético [nasal] não implica a presença fonológica do traço correspondente. No caso de línguas onde é uma correlação opositiva do tipo *soante x obstruente*, uma série consonantal soante, com obstrução na cavidade oral, necessitará realizar a soanticidade pelo abaixamento do véu palatino, de forma que, nesse caso, a nasalidade é fonética, e consequência (ou condição) da implementação do traço *Sonorant Voice* (SV)” (p. 108)

Esta proposta se diferencia também ao assumir que a implementação fonética de um determinado traço, no caso a nasalidade em soantes, é um “gesto fonético”. O traço SV, que estará presente somente em segmentos soantes, implementa a nasalidade pelo gesto [abaixar Véu Palatino] que “é uma instrução monovalente para execução de um *gesto*” (D'ANGELIS, 1998, p. 227) e a sua

presença é determinada pela obstrução ou não do trato vocal, ou seja, se há obstrução no trato vocal, a soanticidade é implementada pela abertura do trato nasal com o gesto [abaixar VP]. A configuração da geometria de traços de D'Angelis (1998) é a seguinte:¹⁰⁸

a. obstruintes nasais

b. soantes nasais



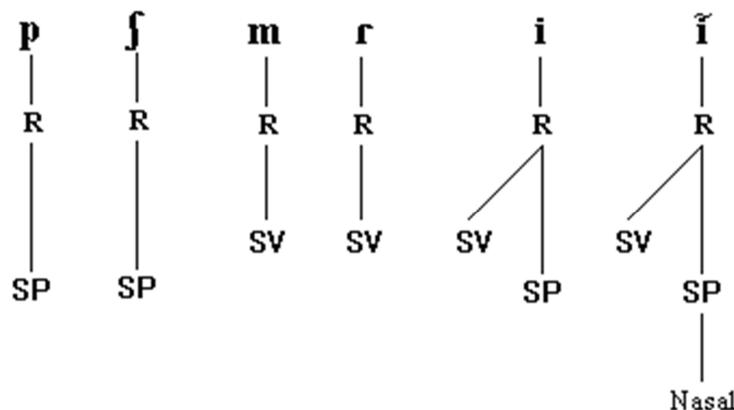
A discussão e o estabelecimento de uma Geometria de Traços por D'Angelis (1998) é resultante da tentativa de explicação e representação para o processo de formação de pré-nasalizadas, pós-oralizadas e circum-oralizadas em Kaingang (Jê), mais especificamente, a variedade falada no Oeste Catarinense, estendendo a sua investigação à ocorrência deste fenômeno em Xoklêng (Jê) e Maxacali (Macro-Jê). Nestas línguas, consoantes subjacentemente nasais realizam-se com contorno desnasalizado quando formam sílaba com vogais orais (76a-d) e soantes não marcadas por nasal são nasalizadas quando formam sílaba com vogais nasais (77a-d). Acrescenta-se a esse processo a dessoantização de nasais plenas e pré-oralizadas em coda silábica quando o ataque da sílaba subsequente é formado por uma obstruinte surda (78a-c).¹⁰⁹

¹⁰⁸ Como adverte o linguista, a vinculação ao nó Raiz não está em discussão. No Apêndice II de sua tese (p. 418), são apresentadas propostas para o desenho geral desta geometria.

¹⁰⁹ Os exemplos são de D'Angelis (1999).

- (76) a'. mēŋ → ['mēŋ] 'mel, abelha' a''. mɛŋ → ['mbɛŋ] 'grande'
 b'. nōr → ['nōr] 'dormir' b''. nor → ['ndōr] 'buraco'
 c'. tōŋ → ['tōŋ] 'milho' c''. iŋ → ['ijŋ] 'bugio'
 d'. ŋũ → ['ŋũ] 'moer' d''. ŋufō → [ŋgu'fō] 'os antigos'
- (77) a'. ror → ['ror] 'redondo, baixo' a''. rō → ['rō] 'sol'
 b'. mrɛ → ['mbrɛ] 'junto com' b''. mrɛŋ → [mrɛŋ] 'cinza'
 c'. jōŋ → ['jōŋ] 'pai' c''. jũ → [jũ] 'bravo, valente'
 d'. wīj → ['wīj] 'arco' d''. tawī → [ta'wī] 'muito (intens.)'
- (78) a. kũm.kũm → [kũmp'kũm] 'cavar'
 b. ka'fĩn + fa → [kaʃfĩnt'fa] 'perna de rato'
 c. kōbm.kōbm → [kōp'kōbm] 'relampejar'

Os processos de pré e pós-oralização em Kaingang, segundo D'Angelis (2002), foram tratados, em abordagens anteriores, como até quatro processos distintos. Ao assumir que as vogais mantêm oposição oral vs. nasal e as consoantes obstruente vs. soante, D'Angelis (2002) sugere que “o processo significativo que opera na língua é o espalhamento do nó SP dos segmentos que o possuem aos segmentos adjacentes que não o possuem subjacentemente” (p. 87). A consequência principal desta sugestão é reduzir todos os processos relevantes a duas opções: “(a) *fundir* traços adjacentes; (b) *espalhar* o nó SP aos segmentos adjacentes que não o possuem” (D'ANGELIS, 1999, p. 110). A opção em (a), como explica o autor, “é um procedimento de ordem geral, decorrente de OCP, que afeta também outros traços. Assim, dois nós SP adjacentes idênticos também deve *fundir-se*” (*id. ibid.*). Os segmentos do Kaingang, segundo essa proposta de Geometria de Traços, apresentam a seguinte configuração (são ignorados os traços irrelevantes para discussão):¹¹⁰



¹¹⁰ Segundo D'Angelis (1998, p. 245).

As discussões sobre o sistema fonológico do Cayapó do Sul, bem como do Panará têm por base os pontos apresentados nesta breve resenha. Quando necessário, mais detalhes são inseridos no decorrer do texto ou em notas. Este capítulo apresenta, inicialmente, os quadros que sintetizam as propostas de interpretação dos registros Cayapó do Sul por região, para em seguida, fazer a discussão do sistema fonológico a partir destes registros.

3.2. Quadro de vogais e consoantes segundo a região de registro

A partir das considerações levantadas para as listas de Mossâmedes e Santana do Paranaíba e do estudo grafemático da lista do Triângulo Mineiro (BARBOSA, 1918) é apresentada uma proposta de análise da fonologia do Cayapó do Sul. Seguem os quadros de consoantes e vogais segundo a região de registro das listas de palavras. Os quadros de Mossâmedes e Santana resultam de uma primeira proposta fonológica, restrita aos registros de cada região. Como apontado no capítulo anterior, é possível distinguir duas séries de obstruintes em Mossâmedes. Em Santana, por conta do registro de Kupfer (1870), temos a ocorrência de /h/ compondo a série das soantes. Nestas duas regiões são identificadas as consoantes nasais, mas como podemos apontar no levantamento “fonético” de Barbosa, é necessário estabelecer a sua relação com as obstruintes pré-nasalizada e com as vogais nasais. Por fim, é importante ressaltar que o quadro correspondente ao registro de Barbosa (1918) é somente um levantamento fonético, sem interpretação fonológica.

(79) Interpretação fonológica para os registros do Cayapó do Sul por região

Mossâmedes (GO)					Santana (MS)				
Consoantes					Consoantes				
p	t	ts̃	k	<i>Obstruintes</i>	p	t	ts̃	k	
		ʃ							
m	n			<i>Soantes</i>	m	n	ɲ	ŋ	
w	r	j			w	r	j	h	
Vogais					Vogais				
Orais		Nasais			Orais		Nasais		
i	i	u	ĩ	ũ	i	i	u	ĩ	ũ
e	a	o	ẽ	õ	e	a	o	ẽ	õ
			ã						ã

(79') Interpretação grafêmica para o registro de Barbosa (1918):

Triângulo Mineiro (MG)					
Consoantes					
p	b	t	d	k	g
		s	ʃ		h
m	n	ɲ	ŋ		
m̂p	n̂t		ŋ̂k		
w	r	j			
Vogais					
Orais			Nasais		
i	ĩ	u	ĩ	ĩ	ũ
e	ə	o	ẽ	ã	õ
ɛ	a	ɔ			

3.3. Sistema consonantal

3.3.1. Fricativas

Em cada lista Cayapó do Sul há a representação de, ao menos, duas consoantes africadas e/ou fricativas. Para os registros de São José de Mossâmedes, que corresponde às listas de Vila Boa (1782), Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848), considerando a qualidade dos registros e a distribuição destes segmentos, foi possível reduzir a diversidade de realizações a \widehat{ts} e \widehat{j} . Já para as listas de Santana do Paranaíba (Kupfer, 1870; Lemos da Silva, 1882; Ehrenreich, 1894), as fricativas e africadas convergem a um único segmento \widehat{ts} . Em Barbosa (1918), por sua vez, encontramos uma variação combinatória em que $[s]$ ocorre com todas as vogais, exceto com $[i]$, justamente onde é registrada a ocorrência de $[ʃ]$, enquanto tanto $[s]$ quanto $[ʃ]$ são registrados formando *cluster* com $[w]$ (*kapaxuá* ‘sal’, *çuá* ‘dente’). Há somente um item em que a palatal $[ʃ]$ ocorre com \widehat{o} (*putinaxô* ~ *putinaçá* ‘vaca’).

Mesmo com a particularidade dos registros de Mossâmedes, o fonema fricativo do Cayapó do Sul é o $/s/$, pois é o mais geral e todas as realizações das fricativas e africadas dos demais registros convergem para este segmento.

(91) Segmentos fricativos e africados em Cayapó do Sul

a. <i>chuíá</i> (SH)	<i>pachuá</i> (L)	<i>çuá</i> (B)	‘dente’
b. <i>shápa</i> (P)	<i>xapaia</i> (L)	<i>çapáia</i> (B)	‘enxada’ ¹¹¹
c. <i>muschiú</i> (P)	<i>moschi</i> (K)	<i>môcê, môcy</i> (B)	‘milho’
d. <i>usúm</i> (P)	<i>uxum</i> (L)	<i>uçúm</i> (B)	‘pai’
e. <i>chucotó</i> (SH)	<i>zucoté</i> (K)	<i>çukôt</i> (B)	‘peito’

3.3.2. Obstruintes, nasais e pré-nasalizadas

Um ponto comum a todas as listas, com exceção de Nehring (1894), é o registro de obstruintes descontínuas sonoras. Em Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848), são observadas as seguintes ocorrências (a) (P) *robú* [ro'bu] ‘cão’ e (b) (P) *cubu papa* [kubu 'papa] ‘caçar’, (SH) (c) *jóbo* ['ʒɔbo] ‘carne’ e (SH) (d) *impudé* [impu'de] ‘pescoço’. Para (a) o termo correspondente em Barbosa é *ióp*. Recorrendo às correspondências em línguas Jê, temos: Apãniekrá /rɔp/ (ALVES, 2004), e Apinajé [rɔbɔ], fonemizado /rɔp/ (SALANOVA, 2001). O registro em (a) se assemelha ao fenômeno descrito para línguas como o Apinajé (SALANOVA, 2001), Kaingang de São Paulo (D'ANGELIS, 2002) e Panará (cf. 5, adiante), de epêntese vocálica (no caso das duas primeiras línguas, uma cópia da sílaba antecedente, enquanto que no Panará o apoio vocálico é realizado com a vogal [i]). No entanto, em (a) o diacrítico agudo é utilizado na última sílaba, nesse caso é preciso considerar: (i) a falta de clareza quanto à função deste diacrítico no registro; (ii) a alternância de uso do diacrítico entre Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848) em *cupá* (P) : *cúpa* (SH) ‘terra’ e *tepú* (P) : *tépo* (SH) ‘peixe’; (iii) o uso do diacrítico em *tepú* (P), que além da variação com Saint-Hilaire, apresenta as correspondências: *tâpe* (N); *tép* (B); e, ainda, /tɛp/ em Mebengokre e Apinajé (SALANOVA, 2001); (iv) uma diferenciação dialetal e no Cayapó do Sul de Mossâmedes tenha se desenvolvido uma vogal tônica (cf. (d) *impudé* ‘pescoço’); e, ainda, (v) uma junção de morfemas, em que o elemento sufixado estaria motivando a realização sonora de um subjacente desvozeado, para (a) e (d).

Para a hipótese (v), D'Angelis (comunicação pessoal) aponta que *impudé* poderia ser interpretado como *impud* + *wɛ*, em que *wɛ* é um assertivo ou demonstrativo (semelhante ao *vẽ* do Kaingang) e *tepú* como *tep* + *ʔu* (semelhante ao *ʔũ* do Kaingang, que significa: algum, um, indeterminado).

¹¹¹ Em Pohl (1832), ‘machado’.

Ainda a respeito das obstruintes sonoras em Pohl (1832), temos (b) *cubu papa* ‘caçar’, uma composição em que o primeiro termo *cubu* corresponderia, em Barbosa (1918), a ‘passear’ *kbú*, *kubú*, desta correspondência é possível afirmar que a vogal final é parte da raiz e é a sílaba tônica, o que explica a supressão da vogal da primeira sílaba em fala rápida. Já em (c), *jóbo* ‘carne’, não são encontradas quaisquer correspondências com os demais registros do Cayapó do Sul, nem com demais línguas Jê; uma hipótese é que seja um empréstimo, pois, *jabá* é uma das denominações dadas a um método utilizado para a conservação da carne, principalmente a bovina, largamente utilizado no Brasil no século XIX (outras denominações são carne-seca e charque¹¹²).

As demais ocorrências das oclusivas vozeadas são¹¹³:

- I. No Registro de Batismo de Vila Boa (1782) são identificadas as sonoras [b] e [g], seguidas por grafema nasal, *Pembaque* e *Angrayocha*, ou precedidas por silêncio, *Bazeque* e *Banequere*, e, ainda, um caso de [b] intervocálico, *Caçacabe*. A oclusiva [g] ocorre somente precedida por *n*, sugerindo que essa sequência seja uma representação para a nasal velar [ŋ], ou mesmo uma pré-nasalizada [ŋ̃]. A sonora [b] também pode ser associada às pré-nasalizadas: [mb] ~ [b], sugerindo uma interpretação em que estas consoantes sejam pré-nasalizadas que se realizam com contorno oral diante de uma vogal oral e, assim a realização plenamente oral interpretada como um caso de gradiência, ou, ainda, equívoco de percepção da nasalidade;
- II. Kupfer (1870), *bitó* ‘tio’. Em Barbosa (1918) as formas encontradas para ‘tio’ foram *cutón*, *citón*, *xitón*, sugerindo que a vogal nasal diante silêncio não é percebida por Kupfer, como podemos observar em *ikiá* ‘cabeça’ (*icrian* – SH, *paquiã* – L, *kián* – B), *puará* ‘homem’ (*impuaría* – SH, *impúará* – B), *ipó* ‘filho (pequeno)’ (*ipán* – B), *hi* ‘carne’ (*in*, *cin* – B), *nó* ‘grande’ (*inán*, *nan* – B) e, ainda, para um empréstimo, *urucu* para ‘urucum’. Curiosamente, *bitó* é o único item do seu registro em que há o grafema *b*. Esta discrepância pode ser resultado de: equívocos na transcrição das obstruintes surdas e sonoras ou de nasalidade, ou, ainda, erros de transposição do manuscrito de Kupfer para a versão impressa;

¹¹² Jabá “(...) segundo Silveira Bueno, tupi *yabá* ‘fugir, esconder-se’ relacionado ao fato de os viajantes, que se ausentavam de casa, levarem a carne seca como farnel; o vocábulo tupi é atestado também por Teodoro Sampaio (...)” (Houaiss, 2007).

¹¹³ Sobre as vozeadas no registro de Vila Boa, conferir 2.1.1.

- III. Em Lemos da Silva (1882), há cinco ocorrências com *b*. A interpretação possível para (i) *incretuba* ‘patrono’ é que seja um neologismo, que incluiria um empréstimo de Língua Geral Paulista: a composição teria como base um termo do Cayapó do Sul, *incré*, e outro de origem Tupí: *-tuba*: o vocábulo Cayapó pode estar ligado ao termo (B) *kukré* ‘casa’ ou ‘aldeia’, enquanto o termo tupí poderia estar relacionado a *tupã* (introdução missionária, relacionado a santo ou santidade), neste caso teríamos algo como “o santo da igreja” ou “santo da aldeia”; outra interpretação possível seria relacionar o termo *incré* ao verbo plantar (B) *tikré*, nesse caso “santo da plantação”¹¹⁴. Já para (ii) *achotemanancabu* ‘homem mal (estar bravo)’, (iii) *cuxaquiã ietube* ‘(estar) bêbado’, (iv) *nacretibu* ‘estar cheio’, as formas *-bu e -be* são interpretadas como uma variação com [p] ao ser contrastado com *inquêtupe* ‘estar com fome’. Por fim, ainda teríamos o vocábulo (v) *copembe* ‘acabou’, em que a interpretação dada precisa considerar a possível vogal nasal precedente e a obstruente ocupando a posição de coda silábica, neste caso, vogal final epentética (processo observado para outros itens da lista de Lemos da Silva e nas demais listas Cayapó do Sul);
- IV. Em Barbosa (1918), há tanto ocorrências de *b* quanto de *d* e, ainda, uma única de *g*, nas quais sugerimos reconhecer: (a) uma percepção ou variação com a desvozeada, como em *batutí* ‘tamanduá-mirim’, *batutiínán* ‘tamanduá-bandeira’, *potiti* (Kupfer e Lemos da Silva), *tinugrê* ‘escorregar’; (b) empréstimo de Língua Geral, *burubú* ‘cova para assar carne’, *kiánindé* ‘corredeira’¹¹⁵; e (c) vozeamento que envolve nasalidade: *ambrendá* ‘dois’, *iundé* ‘atravessar’, *iundê* ‘compadre’, *iundêkúa* ‘comadre’, e *tapyindé* ‘arrepender-se, soltar’. Um último registro que não se assemelha a nenhum dos casos listados é *bokuató*, *bôkuató* ‘desejo, vontade’; para este item, uma hipótese é que seja uma composição (neologismo, talvez missionário) de ‘querer + olho’, *mâkiá*, *mukiá* + *tó*¹¹⁶.

Sobre os empréstimos da Língua Geral: (a) *kiánindé* – em português a palavra *canindé* é uma das denominações para a arara azul¹¹⁷; para o Tupí, Silveira Bueno anota esse significado principal,

¹¹⁴ Tal interpretação é sugerida por D’Angelis (comunicação pessoal).

¹¹⁵ Este termo pela sequência grafema nasal-grafema obstruente poderia configurar o caso (c), contudo, como observaremos logo a seguir, é mais coerente que seja interpretado como empréstimo de Língua Geral.

¹¹⁶ Em Lemos da Silva (1882) “me dá” *maquia*, Kupfer (1870) *makiá* e Barbosa (1918) *mâkiá*, *mukiá* ‘querer’.

¹¹⁷ Outras denominações são: arara canindé, ara-araúna.

mas também os sentidos figurados: barulho, gritaria, confusão de vozes¹¹⁸. D’Angelis (comunicação pessoal) informa que no Rio Ivaí (no centro do Paraná) há uma corredeira que recebe a denominação de *bufadeira*¹¹⁹, neste caso *kiánindé* pode ser interpretado como *barulheira* que, metonimicamente, passou ao sentido de *corredeira*¹²⁰; e (b) *burubú* – no “Pequeno vocabulário Tupi-Português”, o vocábulo “**biaryby** - assado em cova no chão” (Pe. BARBOSA, 1951: 41)¹²¹.

Nos casos em que vozeamento e nasalidade estão envolvidos, é preciso considerar (seguindo D’ANGELIS 1998, 2002) as relações destes traços entre si e destes com o traço soante. Neste sentido, é que são apresentados os dados de (80) seguintes, em que se tem a presença de *in* (ou *im*) em inúmeros termos e comum a todas as listas:

(80) a. (P) <i>impóti</i> , (SH) <i>impó</i> , (K) <i>impó</i> , (L) <i>impó</i> , (B) <i>impo</i> , <i>mpó</i>	‘veado’
b. (SH) <i>imputé</i> , (N) <i>impũtẽ</i>	‘sol’
c. (K) <i>impú</i> , (L) <i>impú</i> , (N) <i>impũ</i> , (B) <i>impú</i>	‘homem, pênis’
d. (SH) <i>impudé</i> , (B) <i>impút</i>	‘pescoço, nuca’
e. (P) <i>intá</i> , (K) <i>intá</i> , (L) <i>intá</i> , (B) <i>intá</i>	‘chuva’
f. (SH) <i>intó</i> , (K) <i>intó</i> , (N) <i>intõ</i> , (B) <i>intó</i> , <i>ntó</i>	‘olho’
g. (SH) <i>intiera</i> , (K) <i>intiará</i> , (B) <i>intié</i> , <i>intierá</i>	‘mulher’
h. (K) <i>incipiá</i> , (L) <i>insipia</i> , <i>insipiá</i>	‘esposa, moça’
i. (SH) <i>incó</i> , (N) <i>inkõ</i> , (B) <i>inkô</i> , <i>nkô</i>	‘água’
j. (L) <i>incré</i> , (B) <i>inkré</i>	‘escroto’
k. (P) <i>incója</i> , (K) <i>kuschiá</i> , (L) <i>cuxá</i> , (B) <i>inkôço</i>	‘aguardente’
l. (L) <i>inquêtupe</i> ‘estou com fome’	(B) <i>inkiêto</i> ‘fome’

E ainda em Barbosa (1918): (m) *impá* ‘ventre, estômago’; (n) *incêp* ‘morcego’; (o) *inkué* ‘chorar’; (p) *inpén* ‘mel’.

Nos dados apresentados, as seguintes interpretações são possíveis: (i) trata-se de uma vogal nasal [ĩ] e, nesse caso, a consoante é interpretada como uma obstruinte desvozeada que recebe um contorno nasal, motivado pela adjacência à vogal nasal antecedente; ou (ii) a nasalidade é da consoante, neste caso, uma consoante nasal que estaria ganhando um contorno oral à direita, pela

¹¹⁸ Cf. Bueno, Silveira. Vocabulário Tupi-Guaraní Português (2ª Ed). São Paulo: Ed. Gráfica Nagy, 1983, p.17.

¹¹⁹ Derivação de bufar “1. expelir (ar, sopro, vapor ou outra emanção) com força . (...) 3 emitir ruído semelhante a um bufo (...)” (HOUAISS, 2007)

¹²⁰ Importante considerar que os Cayapó do Sul contatados por Alexandre Barbosa são da aldeia da Água Vermelha que recebe esse nome por conta da cachoeira da Água Vermelha. Outra referência relevante é a localização dos Cayapó do Sul próximos ao salto do Urubupungá, rio Paraná, na foz do Sucuriú (cf. FLORENCE, 1977; LANGSDORFF, 1997; D’ALINCOURT, 2006).

¹²¹ Agradeço aqui a Wilmar D’Angelis pela indicação e consulta ao vocabulário do Pe. Lemos Barbosa.

adjacência à vogal oral subsequente;¹²² ou (iii) trata-se de consoantes subjacentemente pré-nasalizadas (e a vogal [i], anotada à sua esquerda, seria um erro de percepção dos anotadores).

Termos como (L) *pantó* ‘olho’ corroboram a hipótese levantada em (iii); também aqui se pode considerar a proposta de Câmara Jr. (1959), para o Proto-Jê, de radicais com fonemas pré-nasalizados. As sequências *mp*, *nt*, *ns*, *nk* não estariam restritas somente a início de palavras, mas também ocorreriam em posição intervocálica: (P) *piuntue* ‘filho, filha’, (B) *piuntué* ‘moça’, (SH) *intompéipāré* (K) *tompé* (L) *taumpé* ~ *taōpe* (B) *tompé* ‘bonito, bonita’. Seguindo esta interpretação, a hipótese é que a língua apresentaria uma série de obstruintes plenas /p, t, k/ e uma série de pré-nasais /m̃p, ñt, ñs, ŋ̃k/. Neste caso, como interpretar as nasais plenas? Ou são vistas como uma (terceira) série consonantal própria ou, alternativamente, deve se considerar que as nasais plenas são somente realizações fonéticas das pré-nasais quando adjacentes a vogais nasais tautossilábicas.

(81a) Obstruintes

(P) <i>panatá</i>	(L) <i>panatá</i>	(B) <i>panatá</i>	‘farinha’
(P) <i>cupá</i>	(SH) <i>cúpa</i>	(B) <i>kýpa</i>	‘terra’
(K) <i>jaká</i>	(B) <i>iáká</i>		‘dia’
(SH) <i>ípá</i>	(K) <i>ipá</i>	(B) <i>ipá</i>	‘braço’
(SH) <i>ité</i>	(K) <i>ité</i>	(B) <i>ité</i>	‘perna’

(81b) Nasais

(K) <i>tamancáre</i>	(L) <i>tamancare</i>	(B) <i>tómanká</i>	‘feio’	
(K) <i>napía</i>	(L) <i>napiá</i>	(N) <i>nāpiá</i>	(B) <i>napiá</i>	‘onça’
(B) <i>timoçô</i>	~ <i>timonçô</i>			‘dar’
(B) <i>mahán</i>				‘ema’
(B) <i>ieumati</i>	~ <i>iêumatí</i>			‘pato’
(B) <i>nacicí</i>				‘gostoso’

Como exposto em seções anteriores, o Cayapó do Sul, como as demais línguas da família Jê, faz oposição oral/nasal nas vogais (cf. RODRIGUES, 1999) e a forma utilizada pelos anotadores para marcar esse traço nos registros é o uso dos grafemas nasais *m* e *n* subsequentes aos grafemas vocálicos (ou também o til em Barbosa e Lemos da Silva). A oposição oral/nasal nas vogais é evidenciada na justificativa de Saint-Hilaire ([1848] 1975) para o uso da ortografia do português, pois esta “acompanha mais de perto do que a nossa [a francesa] a maneira como as palavras são

¹²² Conferir nota 55.

pronunciadas. Além do mais, essa grafia admite uma acentuação prosódica e indica vogais nasais”; e o autor acrescenta: “o *im* final é um i muito nasal e o *ão* é on fortemente nasal” (p. 68 – grifo meu). Barbosa (1918), por sua vez, anota: “As vozes *an, en, in, on, un, am, em, im* e *um* são *nasaes*” (p. 41).

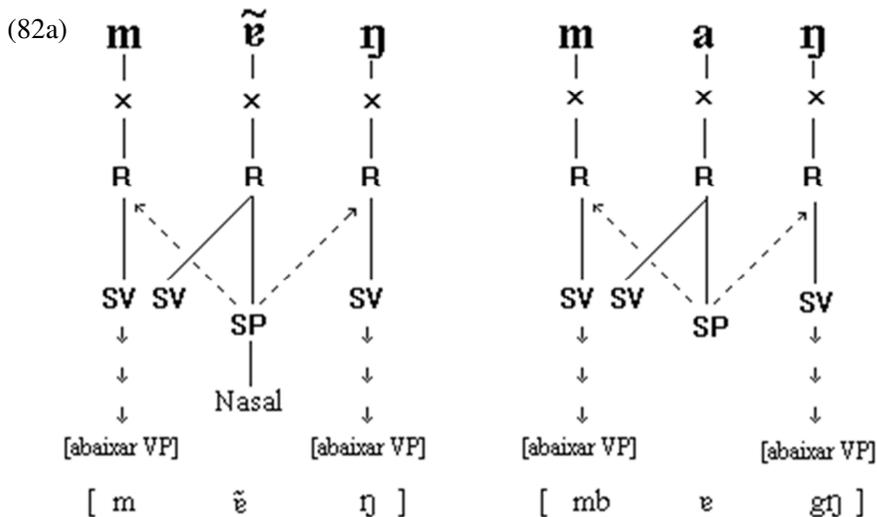
Interpretar que o *im(n)* em (80a-p) como uma vogal nasal levaria nossa análise à hipótese em (i), porém, casos como *pantó* ‘olho (de gente)’ em Lemos da Silva seriam explicados por regras de assimilação de nasalidade e queda de vogal, tais regras necessitariam abranger as seguintes ocorrências em Barbosa (1918): *tinkônópín* (“pronuncia-se tĩkô nó pín” – p. 58), ‘afogar’, *çankô* ‘saliva’, *cankôtén* ‘babar’, *cinnankô* ‘diarreia’, *tinkó* ‘molhar’ (*ti* ‘3ª pessoa singular’ + *nkó* ‘água’). Acrescenta-se, ainda, as ocorrências de Barbosa (1918) para ‘veado’ (80a), ‘olho’ (80f) e ‘água’ (80i)

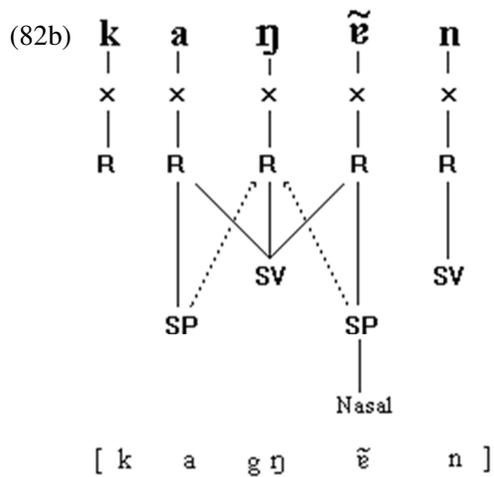
A favor da hipótese em (i), temos a interpretação de Dourado (2001) para o conjunto de prefixos que marcam “a contiguidade e não-contiguidade do elemento determinante em uma estrutura sintagmática” (DOURADO, 2001, p. 17). Seguindo Rodrigues (1981, 1990 *apud* DOURADO, 2001), ela os denomina “prefixos relacionais”: s-, ĩ-, Ø- para não-contiguidade, e y- e Ø- para contiguidade. Para casos como *nãkã ãto* ‘cobra RC-olho’ ela assume que se trate de um caso de assimilação do traço da vogal precedente, ou seja, o morfema aí não é ĩ- e sim Ø-, *nãkã Ø-ĩto*.

No Apãniekrá, por sua vez, a justificativa de Alves (2007) para estabelecer uma série de obstruintes pré-nasalizadas (mp, nt, ntʃ, ŋk) é observar que em [i:’tɔ] ‘meu olho’, [a’tɔ] ‘teu olho’ e [ĩn’tɔ] ‘olho dele’, em comparação com [,rɔp.tĩ’ntɔ] ‘olho de onça’ e [,rɔp.ti?’paɪ] ‘pé de onça’, a “pré-nasalização não é provocada pelo prefixo de 3ª pessoa, nem pelo possuidor, mas que ela é parte da consoante inicial do termo inalienável (...)” (p. 50).

Seguindo na hipótese (iii) retomamos a questão: e as ocorrências das consoantes nasais? Pelos dados disponíveis não é possível afirmar que não há duas séries (as das nasais plenas e as das pré-nasalizadas) e sim que: ou as nasais são alofones das pré-nasais ou aquelas são alofones destas. Retomamos aqui a proposta de Geometria de Traços de D’Angelis (1998), que ao aplicá-la ao Kaingang de São Paulo e ao Mebengokre (D’ANGELIS, 2002), esclarece que “quando Nasal for um traço fonológico (privativo) em uma língua determinada, ele estará alocado sob um nó

articulador *Soft Palate* (SP), quer em vogais, quer em consoantes (i.e., onde quer que a oposição *nasal x oral* seja fonológica)” e esclarece que “a presença do traço fonético [nasal] não implica necessariamente a presença do traço fonológico correspondente” (D’ANGELIS, 2002, p. 86). Como apontamos em sessão anterior, línguas que fazem a oposição soante *vs* obstruinte realizam “soanticidade pelo abaixamento do véu palatino. Nesse caso, a nasalidade é apenas recurso para implementação do traço *Spontaneous* (ou *Sonorant*) *Voicing* (SV), ou seja, uma condição de implementação fonética” (*id. ibid.*). Para a variedade do Kaingang do oeste catarinense (língua Jê meridional), D’Angelis (2002) assume que “há uma oposição *nasal-oral* nas vogais, mas oposição *soante-obstruinte* nas consoantes” (*id.*, p. 87) e sugere “que o processo significativo que opera na língua é o *espalhamento* do nó dos segmentos adjacentes que não o portam subjacentemente” (*id. ibid.*). Assim, segundo D’Angelis (1998) as consoantes nasais são soantes especificadas subjacentemente pelo traço SV, mas não para (SP); já as vogais são especificadas para SP (com especificação do traço nasal para as vogais nasais) e também para SV. As soantes nasais realizam-se plenamente diante de vogais nasais, e são pré-nasalizadas ou pós-oralizadas diante de vogais orais, pelo espalhamento do nó SP. Em Kaingang, o *output* é uma pós-oralizada vozeada, resultado da aplicação do Princípio de Contorno Obrigatório (OCP) que motivaria a fusão dos nós SV adjacentes. Os exemplos em (82 a-b), retirados de D’Angelis (1998, p. 234; 241) ilustram a aplicação desta geometria ao Kaingang.



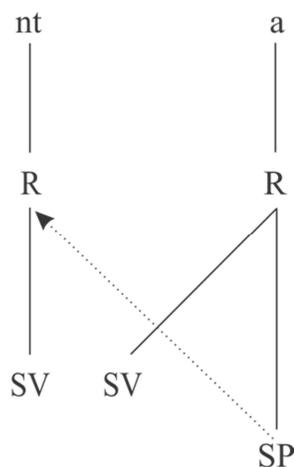


Considerando que tais distinções estejam operando em Cayapó do Sul, propõe-se, para aquele conjunto de itens, que as pré-nasalizadas ocorrem subjacentemente, e diante de vogal nasal realizam-se como nasais plenas, pelo espalhamento de SP, marcado pelo traço nasal, para a consoante em *onset* que não o possui subjacentemente. Por fim, as ocorrências de *mb*, *b* e *ng* no Registro de Vila Boa, de *mb* e *nd* em Lemos da Silva (1882) e Barbosa (1918) estão relacionadas às consoantes pré-nasalizadas, e como aponta D’Angelis (1998, p. 20-21), resultado de um fenômeno de gradiência na passagem da fase soante para a fase dessoantizada. A seguir são dados exemplos dessa interpretação (83) e a representação destes segmentos na geometria de traços proposta por D’Angelis (1998, 2002) em (84a) e (84b).

(83) Pré-nasalizadas em Cayapó do Sul

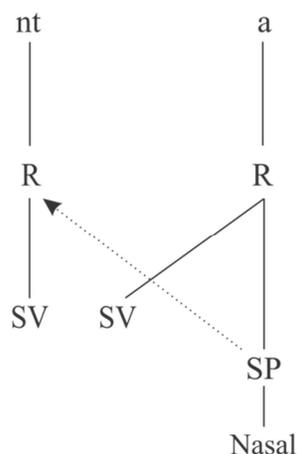
/n̄ta/	<i>intá</i>	‘chuva’	/nto/	<i>intó</i>	‘olho’
/ŋ̄ko/	<i>nkô</i>	‘água’	/n̄sep/	<i>incêp</i>	‘morcego’
/ŋ̄kue/	<i>inkué</i>	‘chorar’	/m̄pa/	<i>impá</i>	‘ventre, estômago’
/m̄pên/	<i>inpén</i>	‘mel’	/to’m̄pe/	<i>tômpé</i>	‘bonito’
/pan̄tã’ta/	<i>panatá</i>	‘farinha’	/ntã’pia/	<i>napiá</i>	‘onça’
/m̄pãhã/	<i>mahán</i>	‘ema’	/ntã/	<i>nan</i>	‘grande’

(84a) /nt̃a/ ‘chuva’



intá (B) [nt̃a] ‘chuva’

(84b) /nt̃ã/ ‘grande’



inán, nan (B) [nt̃ã] ‘grande’

Se a hipótese sobre as pré-nasalizadas está correta, qual a contraparte nasal de /ns/? A hipótese mais razoável é que seja a nasal palatal [ɲ]. Davis (1966), ao postular os fonemas do Proto-Jê, distingue uma série de obstruintes /*p, *t, *c, *k/ e outras das nasais /*m, *n, *ɲ, *ŋ/, das quais os reflexos das nasais em Cayapó do Sul são justamente com as pré-nasais: *mut > *imput* ‘pescoço’; *na > *intá* ‘chuva’; *n^ya, n^yar > *ti-nsá* ‘morder’; *ŋo, ŋoc > *nkô* ‘água’; e ainda *n^yoⁿt, ŋoⁿr > *panhót* ‘dormir’ (itens Cayapó do Sul da lista de Barbosa, 1918). Apesar de não ser possível relacionar todas as ocorrências da nasal palatal com as reconstruções de Davis (1966), os dois itens listados são indícios de que a nasal palatal é uma variante de /ns/. Nesta seção, foram discutidas as ocorrências dos segmentos em ataque silábico. A hipótese sobre a constituição do sistema consonantal é retomada na discussão sobre os segmentos em coda (a seguir).

3.3.3. Codas

A realização de consoantes obstruintes em coda silábica é evidente no registro de Barbosa (1918). Nesta lista foram encontrados aproximadamente 80 itens com [t], enquanto para [p] e [k] há cerca de uma dezena (cf. 85a-e).

- (85) a. *incêp* (B) ‘morcego’
 b. *ainnicôp* (B) ‘mosca varejeira’
 c. *kukút* (B) ‘abóbora’
 d. *çancýt* (B) ‘chocalho’
 e. *pôk* (B) ‘canoa’

Na discussão sobre a coda silábica em sessões anteriores (2.2.5.5 e 2.3.4.1) levantou-se a hipótese do Cayapó do Sul compartilhar com línguas como o Apinajé, Mebengokre (SALANOVA, 2001) e Kaingang de São Paulo (D’ANGELIS, 2002) o processo de inserção vocálica em sílabas finais subjacentemente CVC, formando uma sílaba CV átona. Comparando as ocorrências das coda com obstruintes no registro de Barbosa (1918) com demais registros do Cayapó do Sul, foi possível identificar quatro tipos de correspondências: no primeiro a vogal epentética é [e] (86a-b); no segundo, a vogal é cópia do núcleo da sílaba subjacente (86c); no terceiro uma sílaba CVC em Barbosa (1918) corresponde a uma sílaba CVØ (86e-f); por fim, o quarto tipo é aquele em que nos registros de Santana do Paranaíba há inserção da vogal [e] e nos registros de Mossâmedes há uma vogal posterior (86g-h).

- (86) a. *çuntót* (B), *pantóte* (L) ‘umbigo’
 b. *iútât* (B), *hiutote* (K) ‘sol’
 c. *tónhót* (B), *tonjotto* (N) ‘caititu’
 d. *çuntót* (B), *pããto* (L), *zutõ* (N) ‘língua’
 e. *pépét* (B), *pepé* (K) ‘mole, fraco’
 f. *tép* (B), *tápe* (N), *tépo* (P), *tepú* (SH) ‘peixe’
 g. *çukôt* (B), *zucoté* (K), *chucóto* (SH) ‘peito’

A vogal inserida em (86a-b) pode ser interpretada como a default do processo ou, alternativamente, é resultado da percepção do transcritor. A realização em (86c) parece não ser produtiva na língua, ou os registros não a evidenciam. Já em (86 f-g), apesar de incipiente, a mudança do padrão de inserção vocálica pode sugerir mais uma diferenciação dos Cayapó do Sul aldeados em Mossâmedes.

Além de segmentos obstruintes, a coda silábica Cayapó do Sul também é preenchida, ao menos foneticamente, pelas soantes. Em (87a-h) depreende-se a ocorrência das nasais; já na sequência

(87i-k), retomamos a ocorrência das obstruintes em coda, para uma discussão da relação destes segmentos com a proposta de consoantes subjacentemente pré-nasalizadas. Por fim, os itens em (87l-p) ilustram as ocorrências de [r].

(87) a. *atoná* (P), *atóma* (N), *atóme* (B) ‘arma, espingarda’

a¹. *antoaáschú* (P) ‘munição’

a². Panará: [a'tõ] ~ [ha'tõ] ‘espingarda’

a³. Panará: [atõ'si] ‘munição’

b. *içáme* (B) ‘ereto, erguido’

c. *kientóm* (P), *kientómá* (K) ‘sacerdote’

d. *aín* (B) ‘excremento’

d¹. *cinnankô* (B) ‘diarreia’

e. *keni* (P) ‘pedra’

f. *apéne* (B) ‘longe’

g. *pángue* (B) ‘calor’

h. *iápúng* (B) ‘descer

i. *itpé* (P), *hepé* (K) ‘homem branco’

i¹. Panará: [ĩ'pẽ] ~ [hĩ'pẽ] ‘estrangeiro’

j. *itpé-pri* (P), *imprím* (N), *téprín*, *iprínra*, *přara* (B) ‘criança’

k. *itpéntié* (P), *insipiá* (L), *intié*, *intierá* ‘mulher’

l. *pír* (B) ‘caminho’

l¹. Panará [pír] ‘caminho’

m. *kir*, *ikíh* (B), *kiúti* (P), *kiuhi* (K) ‘frio’

m¹. Panará: ['kji] ‘frio’¹²³

n. *pâr* (B) ‘remédio’

n¹. Panará: [pær̃ko] ‘remédio’

o. *poré* ‘pedaço de pau’ (SH), *pêr* [pær]¹²⁴ ‘pau’ (B)

o¹. Panará: [pæ'ri] ~ [pæri] ‘pau’

p. *tikurciê* ‘golpe’, *tikucý* ‘bordoadá’ (B)

As ocorrências em (87a-b) sugerem que a labial *m*, subjacentemente /m̃p/, também ocorre em coda, enquanto nos itens em (87 d, f-h) é identificada a ocorrência de *n*, e (87g-h) há evidências

¹²³ Porém, ‘água fria’ [am̃'kih].

¹²⁴ Hipótese para a observação de Barbosa (1918): “pêr leia-se como peur francez” (p.83).

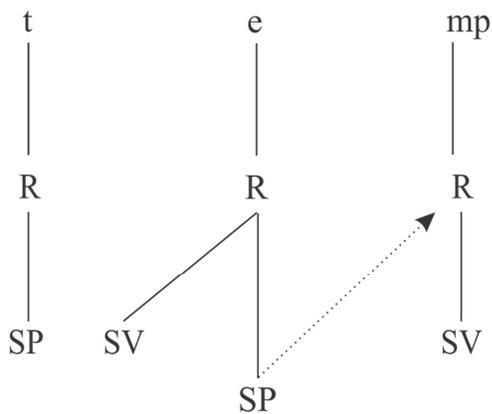
para uma coda em /ŋk/. Se tal hipótese estiver correta, além de três representantes das obstruintes também teríamos três representantes das soantes pré-nasais. Acrescentando-se ainda a soante [r] (85 L, n). Tal configuração apresenta certa aleatoriedade nos itens licenciados em coda, além de tornar essa posição silábica sobrecarregada: três obstruintes, três soantes pré-nasais e ainda a soante /r/. As ocorrências das soantes pré-nasais e obstruintes em coda podem ser interpretadas como: (i) realização fonética de segmentos subjacentes pré-nasais; ou (ii) neutralização das obstruintes e soantes diante de vogal oral. Importante considerar que, nesta proposta, as consoantes nasais plenas ocorrem somente em adjacência a vogais nasais, resultado do espalhamento do nó SP das vogais para as consoantes, enquanto o faseamento nasal das soantes é permitido pela instrução [abaixar VP] dada por SV (*Sonorant Voice*).

Ao comparar as diferenças entre os dialetos do Kaingang do oeste catarinense e o Kaingang do oeste de São Paulo, D'Angelis (2002) explica que “aqui [Kaingang de São Paulo] as consoantes superficialmente nasais não apresentam fase oralizada na contiguidade com vogal oral (tanto em onset como em coda)” (p. 88) e acrescenta que a segunda diferença está relacionada à qualidade da vogal nuclear da sílaba: quando oral, a consoante da coda se realiza completamente oral; quando a vogal é nasal, o segmento consonantal tem a mesma realização, ou seja, uma nasal plena. Por fim acrescenta: “sugiro, em primeiro lugar, que no Kaingang de São Paulo ocorre o mesmo processo de espalhamento do nó SP a partir das vogais. No entanto, nesse dialeto tal processo está restrito ao domínio da rima silábica” (p. 89).

A proposta para o Cayapó do Sul é que o processo de espalhamento de SP tem como domínio a sílaba, porém, com resultados diferentes para ataque silábico e rima silábica. No ataque silábico teríamos pré-nasalizadas variando com segmentos plenamente nasais, segundo a qualidade do núcleo silábico. Já para a coda, a variação seria entre realizações completamente orais e dessoantizadas, quando o núcleo é uma vogal oral, e nasais plenas, quando a vogal for nasal.

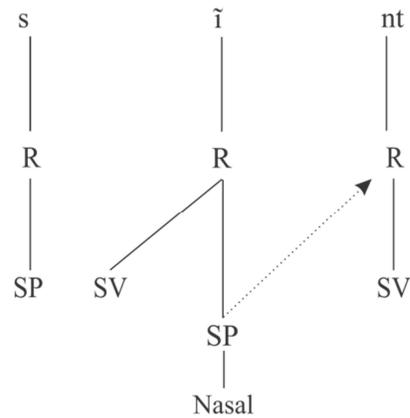
O domínio do espalhamento de SP é a sílaba e os resultados diferentes para *onset* e coda sugerem uma relação mais estreita entre núcleo e coda do que deste com o *onset* (cf. SELKIRK, 1982). A representação do espalhamento de SP para consoantes em *onset* e em coda é dada em 88 (a-b).

(88a) /tẽp̃/ ‘peixe’



tẽp (B) ['tẽp] ‘peixe’

(88b) /sĩnt̃/ ‘carne’



cin (B) [sĩn] ‘carne’

A coda em *t* dos itens de (87j-k) retirados da lista de Pohl (1832) é, então, resultado deste processo; neste caso a forma subjacente seria /int̃.pẽ/ (*estrangeiro*), lembrando que, como apontado anteriormente, os anotadores alemães não marcam segmentos nasais finais. Um fato interessante sobre a forma encontrada em Pohl (1832) é que a palavra para ‘estrangeiro’ em Apãniekrá (*kupẽ*) só tem nasalidade na sílaba final, possivelmente tônica. Essa característica comum entre o registro de Pohl (1832) e o Apãniekrá (ALVES, 2004) indica mais uma possível diferenciação da variedade de Mossâmedes. Quanto à hipótese da dessoantização das codas, é preciso considerar, ainda, os seguintes itens:

- (89) a. *terenêt* (B) ‘coité’
b. *panhót* (B) ‘dormir’
c. *kuánháp* (B) ‘goiaba’

Nos itens (89a-c), as vogais na sílaba final precisariam ser interpretadas como vogais nasais para que seja possível a realização de uma consoante nasal plena em ataque silábico, contudo, se a hipótese sobre a coda silábica estiver correta, os segmentos nesta posição silábica também deveriam ser nasais. Acrescentam-se, ainda, como contra-argumento ao processo de espalhamento de SP das vogais para as consoantes em coda os seguintes itens:

- (90) a. *inpén* (B) ‘mel’
b. *arená* (P), *aréna* (N), *aréne* (B) ‘fumo’
c. *çukrenián* (B) “pronuncia-se *çu krén ián*” ‘calango’
d. *kôjôn* (B) ‘cambabucha’

Para o item em (90a) é preciso considerar: *penkó* (K), *penkô* (B) ‘cana-de-açúcar’; *penhi* (K) ‘açúcar’; *pêin* (B) ‘rapadura’; *inpençu*, *inpenningú* (B) ‘abelha’, *ipencê* (B) ‘cera’. O que tais ocorrências sugerem é que o núcleo silábico é necessariamente uma vogal nasal, no entanto, depreendem-se duas formas possíveis para o tema: uma em que a consoante no ataque silábico pode ser interpretada como obstruinte, e outra em que a consoante em questão seria uma pré-nasal, contexto no qual a realização fonética deveria produzir uma consoante nasal plena (o que parece, pelos registros, não ser o caso). Já em (89b-c) e (90d) a vogal nasal, por espalhamento de SP, implicaria em uma nasalização de [j]. Já em (90b), se restringirmos as ocorrências a Pohl (1832) e Nehring (1894), é possível afirmar que o grafema nasal é o ataque silábico da última sílaba; neste caso a nasalidade da vogal final não foi registrada, uma característica das listas anotadas por falantes de alemão. Para a ocorrência em Barbosa (1918) há a seguinte observação: “o último e de *aréne* é mudo” (p. 73), tal informação na lista tem sido interpretada como evidência de coda nasal, contudo, para esta ocorrência, especificamente, considerando os registros de Pohl (1832) e Nehring (1894), é possível propor que se trata de uma *schwa*, possivelmente, átono, o que justificaria a indicação de Barbosa (1918). Com o *corpus* disponível não é possível maiores esclarecimentos sobre estes itens, mantém-se a proposta de que em coda só são licenciadas as soantes, com três representantes das descontínuas /m̂p̂ n̂t̂ ŋ̂k̂/ e um das contínuas /t/. Reconhece-se certa aleatoriedade dessa proposta, mas assume-se também que este é o limite imposto pelo *corpus*.

3. 3.4. Clusters

Segundo os registros disponíveis do Cayapó do Sul, é possível levantar duas alternativas para análise dos *clusters*. Na primeira, os segmentos licenciados nesta posição silábica seguem a oposição *obstruintes vs. soantes*, obstruintes em C1 e soantes em C2 (92).

- (92) a. pɾ - *tinápré* (B) ‘amarrar’
 b. pj - *tikapián* (B) ‘amigo (ser)’
 c. pj - *ipió* (B) ‘curto’
 d. tw - *ióntué* (B) ‘criancinha’
 e. ʃw - *chuá* (SH), *pachuá* (L), *ischoa* (N), *çuá* (B) ‘dente’
 f. kr - *kukré* (B) ‘aldeia, casa, tapera’
 g. kr - *icré* (L), *inkré* (B) ‘ovo’ (*ŋre, Davis, 1966)
 h’. kj - *kiúte* (K), *kiút* (B) ‘anta’

- h''. kj- *ikiá* (K), *paquiã* (L), *kian* (B) 'cabeça'
 j'. kw - *sacoa* (K), *çakuá* (B) 'boca'
 j''. kw - *unkua* (P) 'casa'
 j'''. kw - *kuáçô* (B) 'buriti'

Em uma análise alternativa, os segmentos em *cluster* opõem descontínuos a contínuos e não obstruintes a soantes. Nos itens em (93) a consoante em C1 é interpretada como subjacentemente pré-nasalizada, formando *cluster* em que C2 também é uma soante: C1 descontínua e C2 contínua. Exceto o item em (93a), não há, nos demais registros, ocorrências de consoantes plenamente nasais em *cluster*, nos demais temos exemplos de consoantes pré-nasais.

- (93) a. m̂pr - *Poimre* (VB) → /pom̂prẽ/
 b. m̂pr - *Cambriopixon* (VB) → /kam̂propijõ/¹²⁵
 c. m̂pr - *amprê* (B) 'abelha' → /a'm̂pre/
 d. m̂pj - *ampiampio* (SH), *netampiá* (K) 'vermelho' → /am̂pjamp̂jo/ (SH)
 e. n̂tw - *tinuntuâ* (B) 'lamber' → /ti-nũ'n̂twə/¹²⁶
 f. n̂sw - *tansuá* (B) 'varar' → /t-a'n̂swa/
 g. ŋ̂kw - *unkué* (B) 'barro' → /u'ŋ̂kwe/
 h. ŋ̂kr - *inkré* (B) 'ovo' → /ŋ̂kre/
 i. ŋ̂kj - *akió*, *ankiό* (B) 'quente' → /a'ŋ̂kjo/¹²⁷

Nestas duas alternativas a formação do *cluster* é também condicionada por uma restrição de OCP, característica comum a línguas da família Jê, que não permite que dois segmentos com o mesmo articulador ocupem essa posição silábica. Nesta interpretação, assume-se a ocorrência de [w] compondo *cluster* também com as coronais e com as palatais. O *cluster* com a palatal é comum a todos os registros e a realização como [o] em Kupfer (1870) e Nehring (1894) pode ser explicada por uma característica comum aos registros realizado por alemães: transcrever o [w] como *o* em *onset* e em *cluster*¹²⁸. Diferentemente das ocorrências nos registros de Mossâmedes e Santana do Paranaíba, em Barbosa (1918) há mais evidências a favor de um *cluster* com a velar [k] ou [ŋ̂k] com a labiovelar [w], interpretada, fonologicamente, como uma consoante labial.

¹²⁵ Possivelmente *Cambrio+pixon*.

¹²⁶ Panará [tĩrõ'tuwã].

¹²⁷ Panará [nã'kjɔ] ~ [ɾã'kjɔ].

¹²⁸ Pohl (1837) registra para o termo Xavante 'cachorro' *oapsa*, em Pickering (2010) [wapasẽ].

3.4. Vogais

Os diacríticos são comuns a todas as listas do Cayapó do Sul, acumulando mais de uma função: marca de sílaba tônica, altura vocálica e ainda peculiaridades da língua que extrapolam a grafia utilizada pelo anotador. Nas listas de Lemos da Silva (1882) e Barbosa (1918) a vogal marcada com diacrítico pode ser associada à sílaba tônica, pois, na escrita do português, tonicidade silábica e abertura vocálica estão relacionadas. Além disso, é preciso considerar que a nasalidade da vogal ou não é percebida, como em (K) *pó* : *ipán* (B) ‘filho, pequeno’, ou ainda, ela é associada a uma vogal média como em (B) *tiçupiâ* : *tiçupián* ‘carregar’. As vogais ditas centrais *i*, *ə* são aquelas para as quais há completa assistemática nas tentativas de registro. Em Vasconcelos (2009a), a proposta, para a lista de Barbosa, é que a variação para um mesmo termo entre *i*, *u* ou seqüências de obstruintes como *ptuá* ‘lua’ e *ksuké* ‘piranha’ seriam contextos candidatos a ocorrências dessas vogais. Barbosa (1918) explicita: “empreguei o sinal *â* para representar um som, que não é o *a* de *mas*, conjunção, nem o fechado de *ovo*”, que interpreto aqui como [ə], e o “*y* soa quase como o *u* francês”, apesar de tal informação se aproximar mais precisamente do [y], anterior alta arredondada, interpreto que seja uma tentativa de registro da posterior alta não-arredondada [ɨ], pois não há evidências na família Jê de vogais anteriores arredondadas. Confundir *ə* com *ã* só é possível porque, no português, em palavras como *amo* e *cama*, a sílaba tônica realiza-se como *ə*.¹²⁹ Porém, tal característica não exclui as ocorrências dessa vogal do inventário do Cayapó do Sul, mas sim, evidencia os limites destes registros.

As ocorrências dos grafemas (*e*, *o*) acompanhados pelos diacríticos agudo e circunflexo sugerem que o Cayapó do Sul esteja distinguindo vogais médias abertas e fechadas, no entanto, os itens em (94) e (95) demonstram casos em que há variação no uso dos diacríticos de um registro para o outro, bem como no mesmo registro.

(94) [o] ~ [ɔ]

- a. *parachó* (SH), *póraço* (B) ‘folha’
- b. *incó* (SH), *inkô*, *nkô* (B) ‘água’; *tinkó* ‘molhar’
- c. *penkó* (K); *penkô* ‘cana-de-açúcar’ (B)

¹²⁹ Cf. Câmara Jr., 1982, pp. 39-45.

(95) [e] ~ [ɛ]

- a. *kateté* (K), *catêté* (L), *katétét* (B) ‘branco’
- b. *tinápré*, *tinâprê* ‘bater’ (B)
- c. *ikrê* ‘quadril’, *inkré* ‘coxa’ (B)
- d. *tansuén*, *tansuê* ‘ferir’ (B)

Distinguir três alturas para as vogais estaria em acordo com outras línguas da família e com o sistema de vogais proposto por Davis (1966) para o proto-Jê. Nesse caso, os itens acima poderiam ser considerados como erros de registro. Porém, não foi encontrado nos dados nenhum par de itens que possa comprovar que as vogais médias estejam em oposição. A configuração mais compatível com o que se pode extrair, até agora, do *corpus* é aquela em que o sistema vocálico distingue duas alturas, sendo: anteriores, /i,e/; posteriores arredondadas, /u,o/; posteriores não-arredondadas, /ɨ, ə/; e, além disso, uma vogal baixa /a/.¹³⁰ Neste tipo de registro, decidir a favor de um fonema somente pela possibilidade de ser par mínimo é um argumento frágil, porém, para que a vogal [ə] figure entre os fonemas da língua, é preciso considerar a possível distinção entre *çâkré* ~ *çâkrê* (B) ‘nariz, focinho’ x *çakré* ‘sovaco’ (B) e, ainda, *âmpiâ* ‘seriema’ (B) x *napiá* ‘onça’ (B). Nesta hipótese o sistema vocálico do Cayapó do Sul é interpretado como triangular, com três classes (Cf. Trubetzkoy [1939] 1992 p. 92), diferente da proposta para o Proto-Jê, de um sistema com três classes, mas quadrangular.

Considerando as especificidades de cada registro, propõe-se, então, que o sistema fonológico do Cayapó do Sul mantém, para as vogais, uma oposição entre orais e nasais. Tal oposição pode ser evidenciada em itens como: *kin* ‘cabelo’ x *kir* ‘frio’; *ikén* ‘moela’ x *iké* ‘couro’; *pan* ‘pequeno’ x *ipá* ‘braço’; *ikón* ‘joelho’ x *ikô* ‘macaco’; *ti-kún* ‘ele-quebrar’ x *ti-kú* ‘ele-mastigar’ (itens de Barbosa, 1918). Para as vogais nasais é possível distinguir duas alturas. Por fim, ainda uma terceira vogal alta: *y* representa /i/, *yn* representa /ɨ/.

3.5. Quadro consonantal e vocálico do Cayapó do Sul

No sistema fonológico depreendido nesta análise, os fonemas do Cayapó do Sul apresentam as seguintes oposições. Os traços *vocálico vs. não-vocálico* e *consonantal vs. não-consonantal* distinguem as consoantes das vogais e dentre as consoantes a oposição básica é entre *obstruintes*

¹³⁰ Em uma abordagem composicional, por traços distintivos, analisa-se que o sistema possui uma série de vogais [+altas]: /i, ɨ, u/, que se contrapõe a uma série [-alta]: /e, ə, o/; e a uma única vogal baixa /a/.

vs. *soantes*. Mesmo que não conste da proposta de traços distintivos propostos por Jakobson, Fant e Halle (1952), esta é uma das cinco oposições bilaterais consonantais identificadas por Trubetzkoy (1939): “las oclusivas y las fricativas pueden ser consideradas en oposición a las sonantes, como consonadores [obstruintes¹³¹]” (p. 136).

A série das obstruintes é constituída por /p t s k/, opondo *grave vs. agudo*, /p k/ x /t s/, e *compacto vs. difuso*, /k s/ x /p t/¹³². As soantes, por sua vez, opõem descontínuas /m̂ n̂ ñ̂ ŋ̂k/ a contínuas /w r j h/ e mantêm a mesma oposição *grave vs. agudo* – /m̂ ŋ̂k w h/ x /n̂ ñ̂ r j/ – *compacto vs. difuso* – /ŋ̂k ñ̂ h j/ x /m̂ n̂ r j/. Com estas cinco oposições é possível distinguir todas as consoantes do Cayapó do Sul. *Descontínuo/contínuo* não é relevante para as obstruintes, pois não há evidências de que o /s/ esteja compondo uma série distinta e se comportando no sistema como uma *contínua*.¹³³

A sílaba máxima no Cayapó do Sul é CCVC (p. ex. *kiút* /'kjut/ ‘anta’), ou seja, tanto o ataque quanto rima podem ser ramificados. Em *cluster* são licenciados segmentos que opõe consoantes descontínuas a contínuas, com uma restrição secundária de articulador ativo, por conta de OCP, por isso não há sequências *tr*, mas sequência *kw*. Sequências como *fw* para a variedade de Mossâmedes e *sw* no registro de Barbosa (1918) corroboram a não oposição por continuidade entre as obstruintes, uma vez que nestes dois casos temos dois segmentos contínuos. Somente as vogais podem compor núcleo silábico em Cayapó do Sul. A coda, por sua vez, é formada exclusivamente por soantes: /m̂ n̂ ŋ̂k r/. A aleatoriedade presente nos segmentos licenciados nesta posição silábica, como apontado anteriormente, é resultante da qualidade dos registros.¹³⁴

No Quadro 17, a seguir, as consoantes são apresentadas em sua oposição básica, *obstruintes vs. soantes*, e, nas soantes, a oposição mais relevante, *contínua vs. descontínuas*.

¹³¹ Na tradução inglesa “obstruents” (p. 141).

¹³² A classificação de /s/ como *compacto* melhor evidencia o seu comportamento no sistema da língua. Esta alternativa de interpretação é corroborada pelas ocorrências africadas nos registros de Santana do Paranaíba e a variação combinatória, encontrada no registro de Barbosa (1918), entre [s] e [ʃ], esta última somente diante da vogal alta [i].

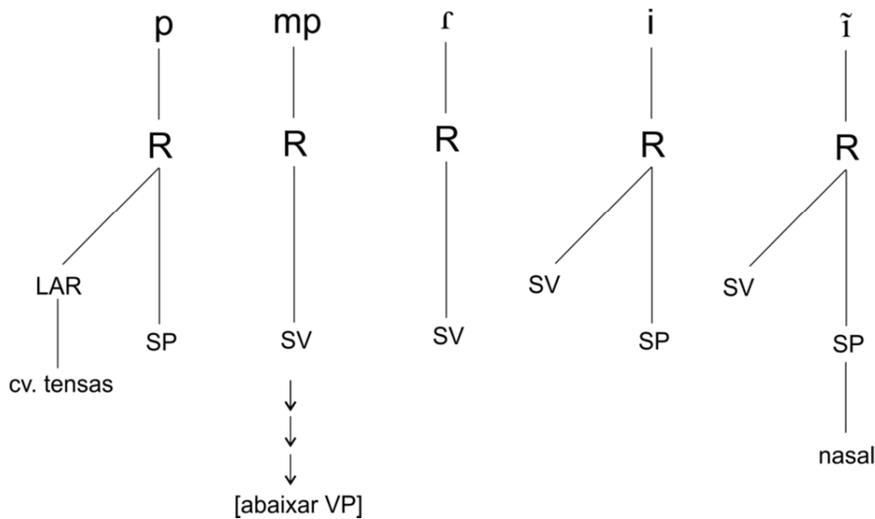
¹³³ Mesmo que fosse necessário distinguir /t/ x /s/, o que não é o caso, o traço *estridente x doce (mellow)* seria mais adequado. Jakobson & Halle (1956) utilizam esse traço para distinguir as “plosivas doces” (oclusivas) das “plosivas estridentes” (africadas).

¹³⁴ Como explicado na sessão 3.3.3, os resultados diferentes para espalhamento de SP para as soantes em *onset* e coda sugerem um modelo silábico em que os constituintes sigam uma hierarquia que estabeleça uma relação mais intrínseca entre o núcleo e a coda (modelo defendido por Selkirk, 1982).

Quadro 18: Hipótese de sistema fonológico do Cayapó do Sul: vogais						
	<i>orais</i>			<i>nasais</i>		
	<i>agudo</i>	<i>grave</i>		<i>agudo</i>	<i>grave</i>	
		<i>plain</i>	<i>flat</i>		<i>plain</i>	<i>flat</i>
<i>difuso</i>	i	ĩ	u	ĩ	ĩ	ũ
<i>compacto</i>	e	ə	o	ẽ	ã	õ
		a				

Seguindo a geometria proposta por D'Angelis (1998), os fonemas Cayapó do Sul apresentam a seguinte configuração para SP e SV (97):

(97) Representação dos fonemas Cayapó do Sul segundo a Geometria de D'Angelis (1998)



Neste capítulo, a partir dos resultados das análises grafêmicas dos diferentes registros Cayapó do Sul, levantou-se uma hipótese sobre a configuração do sistema fonológico desta língua, identificando as oposições básicas entre consoantes e vogais. Considerando que tal como demais línguas da família Jê, investigou-se a relação entre o núcleo silábico (as vogais) e segmentos soantes em *onset* e coda, concluindo a favor de uma série de soantes pré-nasais que se realizam plenamente nasais quando diante de vogal nasal. A identificação das vogais envolveu a discussão sobre as funções desempenhada por diacríticos em cada registro e, para as vogais nasais, as funções dos grafemas nasais que, em todos os registros, foram utilizados para marcar a nasalidade das vogais. Neste capítulo encerra-se também a primeira fase desta investigação, nos capítulos seguintes teremos como tema o sistema fonológico do Panará, para enfim (capítulo 6) passarmos às análises comparativas.

4. PANARÁ: ANÁLISE DE DOURADO (1990, 2001)

Os estudos realizados sobre a fonologia da língua Panará (língua Jê do ramo Jê Setentrional – cf. RODRIGUES, 1985 e 1999) foram realizados por Luciana Dourado; inicialmente, em sua dissertação de mestrado (1990) e depois em sua tese de doutorado (2001). Na conclusão de sua dissertação, a pesquisadora escreve: faz-se “necessário recordar o caráter preliminar deste trabalho, aberto a complementos e, eventualmente, a revisões” (DOURADO, 1990, p. 58).

Os procedimentos adotados pela pesquisadora foram aqueles da Fonêmica Pikeana¹³⁸, destaca-se aqui o quadro de fonemas (DOURADO, 1990, p. 53) com o qual a autora conclui esse trabalho:

/p/	/t/	/k/	/ʔ/	/i/	/ĩ/	/u/	/ĩ/	/ã/	/ũ/
/m/	/n/			/e/	/ə/	/o/			
	/s/	/h/		/ɛ/	/a/	/ɔ/	/ẽ/	/ã/	/õ/
/w/	/r/	/y/							

As consoantes deste quadro mostram, respectivamente, os seguintes “alofones”, a autora usa o termo “alofone” também para os casos em que há, de acordo com ela, apenas uma realização fonética para um fonema (*ibid.*):

[b̥ mp p]	[ɖ nt t]	[k̥ k ^h ŋk k ŋ]	[ʔ]
[m]	[ñ ĩ n]		
	[š tš ts ns s]		[h]
[ũ ɥ w]	[r]	[ñ ĩ j y]	

Em um apêndice à sua tese de doutorado (DOURADO, 2001, pp. 233-240), sob o título “Informações sobre a Fonologia”, a pesquisadora apresenta os quadros de consoantes e vogais, com pequenas modificações no conjunto de alofones, em relação ao trabalho de

¹³⁸ Refere-se, aqui, ao específico modelo teórico desenvolvido na linguística pós-bloomfieldiana nos Estados Unidos. Os princípios da Fonêmica foram compilados por Kenneth Pike (1947).

1990: acrescenta [g] como uma realização sonora de /k/; e aos alofones de /n/ acrescenta [ŋ] e [r] (destaque nosso).

/k/	1990	2001	/n/	1990	2001
		[g]		[n]	[n]
	[k̤]	[kʲ]		[ĩ]	[ĩ]
	[kʰ]	[kʰ]		[ñ]	[ñ]
	[ŋk]	[ŋk]			[r]
	[ŋ]	--			[ŋ]
	[k]	[k]			

Nas seções seguintes abordamos a análise de Dourado (1990, 2001) apontando suas características e propostas de análise alternativa.

4.1. As vogais

O quadro de vogais proposto em Dourado (1990, 2001) é consistente com aqueles encontrados nas demais línguas Jê: nove vogais orais, distinguindo três alturas e seis vogais nasais, com duas alturas. Porém, os exemplos apresentados são pouco conclusivos, principalmente, quanto à distinção de altura entre as vogais orais, como podemos observar nos pares mínimos selecionados pela pesquisadora:

- (98) /ĩ'te/ 'fino' /ĩ'tɛ/ 'perna' (DOURADO, 1990, p. 44)
 (99) /ĩ'ko/ 'água' /ĩ'kɔ/ 'molhado' (DOURADO, 1990, p. 45)

Ou ainda, em variações encontradas na sua tese de doutorado:

- (100) kari '2pl.erg' (DOURADO, 2001, p. 28) kare '2pl.erg' (DOURADO, 2001, p. 102)
 (101) pupo 'flecha' (DOURADO, 2001, p. 23) popo 'flechar' (DOURADO, 2001, p. 66)

Acrescenta-se ainda que os itens como (100) e (101) podem ser resultado da interpretação dada aos casos de “*overlapping*” ou sobreposição, numerosos em sua descrição, como podemos observar na proposta de fonemas vocálicos a seguir.¹³⁹

¹³⁹ Neste quadro foram transliterados os símbolos fonéticos da tradição fonêmica para o Alfabeto Fonético Internacional (IPA).

/i/	[i]	/i/	[i]	/u/	[u]	/i/	[i:]	/i/	[i]	/ü/	[ü]
	[ɪ]		[ɨ]		[ʊ]		[i]		[ʏ]		[ö]
							[i]				
/e/	[e]	/ə/	[ə:]	/o/	[o]	/ē/	[ē]	/ō/	[ō]	/ō/	[ō]
	[ɛ]		[ə]		[o]		[ē:]		[ō:]		[ö]
			[ʌ]		[ɔ]		[ē]		[ō]		[õ:]
									[ō]		[õ]
									[ā:]		[ã]
/ɛ/	[ɛ]	/a/	[ʌ]	/ɔ/	[ɔ]				[ā]		[ã]
	[ɛ]		[a]		[ɔ]				[ā:]		
	[ɛ]		[a:]		[ɔ]				[ã]		
	[æ]		[a]		[a]				[a:]		
			[a:]						[a]		
			[a]								

Esclarece a autora: “o critério para atribuir estes fones a um, ou a outro fonema, foi o da alternância dos fones entre si. Isto é, quando [U]¹⁴⁰ alterna com [u] é considerado alofone de /u/, e quando alterna com [o] é considerado alofone de /o/” (DOURADO, 1990, p. 53). Este critério também foi adotado em casos semelhantes entre as consoantes, em que, por exemplo, [r] ora figura como alofone de /n/ ora como de /t/.

4.2. As Consoantes

Dourado (1990) apresenta um quadro (p. 33) em que sugere que a oposição seja entre obstruintes e soantes¹⁴¹, sem esclarecimentos dos passos que utilizou para chegar a essa conclusão e no modelo teórico adotado pela pesquisadora não há qualquer preocupação com traços ou oposições distintivas.

		Supra-glotaais		Glotaais
Obstruintes	p	t	k	ʔ
	s	h		
Sonorantes	m	n		
	w	r	y ¹⁴²	

¹⁴⁰ [ʊ] em IPA.

¹⁴¹ Nos termos da autora: ‘sonorantes’.

¹⁴² Para a aproximante palatal Dourado utiliza ‘y’.

Um aspecto a ser investigado é o status das ditas obstruintes e, particularmente, das soantes nasais, seguindo aqui a distinção estabelecida por Dourado (1990). A autora conclui que as obstruintes [p, t, s, k] se realizam, facultativamente, como pré-nasalizadas [mp, nt, ns, ŋk] quando precedidas por vogal nasal. O que se observa, no entanto, é que processos de nasalização não estão restritos às obstruintes, pois em seus trabalhos há diversos casos de nasalização de soantes. A ocorrência de nasalização de soantes é um indício de que as realizações pré-nasalizadas estejam relacionadas à série das soantes e não das obstruintes. No *corpus* de Dourado (1990, 2001), a vogal nasal nasaliza as soantes tanto à direita (a coda ou o ataque silábico da sílaba seguinte) quanto à esquerda (nasalização de ataque silábico a partir da vogal núcleo), o que não ocorre com as obstruintes.

(102) nasalização de soantes¹⁴³:

- | | | | |
|-----------------------------|-----------|-------------|------------------------------|
| a. [kĩ'ẽĩ] | /kĩ'ẽy/ | ‘pedra’ | (DOURADO, 1990, p. 15) |
| b. [ñĩpi'ə] | /yĩpi'ə/ | ‘primo’ | (DOURADO, 1990, p. 41) |
| c. [kañõ'pã] | /kayõ'pã/ | ‘teu filho’ | (DOURADO, 1990, p. 52) |
| d. kiẽni ~ kiëri ~ kiëñi | | ‘furado’ | (DOURADO, 2001, p. 237) |
| e. panãra ~ parãra ~ pañãra | | ‘panará’ | (DOURADO, 2001, p. 237) |
| f. kan ~ kar ¹⁴⁴ | | ‘cesta’ | (DOURADO, 2001, p. 28 e 48) |
| g. rãprə ~ nãprə | | ‘vermelho’ | (DOURADO, 2001, p. 36 e 103) |

(103) obstruintes + vogal nasal

- | | | | |
|------------------------|--|--------------|-----------------------------|
| a. [sũpi'ə] ~ [sũpi'ʌ] | | ‘pai (voc.)’ | (DOURADO, 1990, p. 27) |
| b. [su'tĩ] / su'tĩ/ | | ‘pesado’ | (DOURADO, 1990, p. 15 e 48) |
| c. [sa'sĩ] ~ [ʃa'jĩ] | | ‘nariz’ | (DOURADO, 1990, p. 27) |
| d. [səj'kãũ] /say'kõw/ | | ‘fumaça’ | (DOURADO, 1990, p. 18 e 40) |

O que se sugere é que as pré-nasalizadas do Panará não sejam alofones das obstruintes, mas sim pertencentes à série das soantes. Neste caso, o processo de espalhamento de nasalidade, caso esteja corretamente descrito, estaria restrito às classes das soantes.

Na tentativa de esclarecer como estaria operando este processo e a relação das obstruintes com as nasais, podemos apontar a presença sistemática da vogal [ĩ], em sílaba inicial de

¹⁴³ É mantido o alfabeto fonético utilizado pela pesquisadora.

¹⁴⁴ Ainda kaŋ (DOURADO, 2001, p. 237).

diversos itens, de campos semânticos muito diferentes e de distintas classes gramaticais (exemplos retirados de DOURADO, 1990):

(104) obstruintes precedidas por [ĩ]:

[ĩ'kĩɖiŋ]	‘fino’ (p.6)	[ĩ'mpa:] ~ [ĩ'pa:]	‘fígado’ (p.7 e p. 25)
[ĩ:'tɛ]	‘perna’ (p.7)	[ĩ'kĩ]	‘cabelo’ (p. 10)
[ĩ'kĩɔ̃]	‘cabeça’ (p. 10)	[ĩ'k ^h ɔ̃ĩ] ~ [ĩ'kɔ̃ĩ]	‘joelho’ (p. 10 e p. 26)
[ĩ'kĩn]	‘bom’ (p. 12)	[ĩ'nta] ~ [ĩ'ta:]	‘chuva’ (p. 12 e p. 25)
[ĩ'ŋko]	‘água’ (p. 12) ¹⁴⁵	[ĩ'nsi] ~ [ĩ'si]	‘osso’ (p. 13)
[ĩntu'i]	‘novo’ (p. 14)	[ĩmpia'ra]	‘homens’ (p. 16)
[ĩ'pu] ~ [ĩ'po]	‘branco’ (p. 17 e p. 22)	[ĩ'tõ]	‘irmão’ (p. 24)
[ĩ'ki'au]	‘nenhum’ (p. 26)	[ĩ'to]	‘olho’ (p. 28)

E comum diversos itens iniciados com [i]:

(105) Obstruintes precedidas por [i]:

[i'tsi]	‘nome’ (p.15) ¹⁴⁶	[i'tsĩ] ~ [i'tšũĩ]	‘pássaro’ (p. 11)
[i?'kou]	‘macaco’ (p.7)	[i'tse] ~ [i'tše]	‘arco’ (p. 11)
[i'ti]	‘cavivara’ (p. 35)	[i'tsi] ~ [i'tši]	‘fogo’ (p. 11)
[i'mũ]	‘em cima’ (p. 11)	[i'nə]	‘gordo’ (p. 38)

O segmento inicial [ĩ] é interpretado por Dourado (2001) como um morfema relacional, seguindo Rodrigues (1981, 1990). Os Relacionais são morfemas “marcadores de contiguidade e não-contiguidade do elemento determinado com elemento determinante em uma estrutura sintática” (DOURADO, 2001, p. 17). Completaria o paradigma dos morfemas relacionais do Panará {s-}, {y-} e {∅-} (*ibid.*), em que {y-} é considerado o prefixo de contiguidade (RC¹⁴⁷), {s-} o de não-contiguidade (RNC), {ĩ} RNC diante de obstruinte, enquanto {∅} marca RC, quando se opõe a temas marcados com RNC {ĩ} e NRC quando se opõe a temas em que o morfema relacional de contiguidade é marcado por

¹⁴⁵ Na mesma dissertação aparece a forma [ĩ'ŋkɔ], que a autora traduz como ‘molhado’ (DOURADO, 1990, p. 47), sugerindo que se trata de um termo que formaria par mínimo com o termo para ‘água’ [ĩ'ŋko]. O que se observa, no entanto, é uma variação da mesma palavra e que ‘molhado’, em Panará, é uma extensão do termo para água. De igual modo, a palavra para ‘rio’ (como em outras línguas Jê) é a mesma utilizada para ‘água’, como extensão semântica. No caso do Panará, para ‘rio’, Dourado (2001) registra, em sua tese, a forma [kow] (DOURADO, 2001, p. 45).

¹⁴⁶ Em Dourado (2001) são encontradas as formas si e ãsi.

¹⁴⁷ Abreviaturas utilizadas pela pesquisadora.

processo de assimilação da vogal inicial do tema. A alternância encontrada nos prefixos relacionais é considerada pela pesquisadora como um dos casos de “alomorfias fonologicamente condicionadas” (DOURADO, S/d, p. 9). Os exemplos apresentados pela autora (DOURADO, 2001, p. 17) são listados a seguir:

- (106) s-aanpi iʔkow s-aanpi
RNC-rabo macaco RNC-rabo
 ‘o macaco tem rabo’
- (107) y-aanpi iʔkow y-aanpi
RC-rabo macaco RC-rabo
 ‘o rabo do macaco’
- (108) ï-tɛ nākā ï-tɛ rō
RNC-perna cobra RNC-perna NEG
 ‘cobra não tem perna’
- (109) Ø-tɛ ka Ø-tɛ
RC-perna você RC-perna
 ‘tua perna’
- (110) a. Ø-ītɔ b. nakā Ø-ītɔ
 ‘**RNC**.olho’ cobra **RNC**-olho
 ‘cobra tem olho’
- (111) a. ātɔ, õtɔ, etc. b. nākā ātɔ
 ‘**RC**-olho’ cobra **RC**-olho
 ‘o olho da cobra’

Nos exemplos (109) e (110) a vogal nasal [ĩ] é interpretada como a raiz do tema e não como um morfema relacional, este, por sua vez, estaria marcado pela assimilação da vogal inicial do tema à vogal final do elemento determinante. Outro caso semelhante é:

(112) ɔɔɔ (borboleta) + ʔtɔ (olho) > ɔɔɔ õtɔ = ‘olho da borboleta’ (DOURADO, s/d, p. 10).

A autora explica que: “excluindo o traço [nasal], irrelevante para o propósito atual, a vogal /i/ é especificada pelo traço [+ alto]. O processo de assimilação em [(112)] pode ser entendido como resultante da extensão dos traços [baixo], [posterior] e [arredondado] da vogal que precede imediatamente a /i/” (DOURADO, s/d, p. 10). Contudo, apesar do uso dos traços distintivos, a explicação e descrição do processo carecem de um maior rigor formal e caso a interpretação de Dourado (s/d) esteja correta, é preciso dar conta, em uma

única operação, da assimilação dos traços sugeridos pela pesquisadora e da nasalidade, aspecto que não pode ser desprezado neste processo.

Uma análise alternativa é interpretar que nestes casos as obstruintes surdas sejam subjacentemente pré-nasalizadas: $\widehat{m}p$, $\widehat{n}t$, $\widehat{n}ts$, $\widehat{\eta}k$. Corroborariam tal interpretação a proposta de Câmara Jr. (1959) de ocorrência destes fonemas na protolíngua e a análise desenvolvida por Alves (2007) para o Apãniekrá, em que, além das séries obstruinte e nasal, a autora postula uma terceira série de consoantes pré-nasalizadas, denominada por Alves (2007) como obstruintes nasais (cf. para o Cayapó do Sul, cf. 3.3.2).

Nesta análise alternativa, em que as pré-nasalizadas são consideradas as formas subjacentes, o status de /m, n/ deve ser questionado, pois a sua realização pode ser meramente fonética: consoantes subjacentemente pré-nasalizadas que se realizam completamente nasais quando diante de vogal nasal. É importante ressaltar que nesta proposta os segmentos pré-nasalizados são interpretados como soantes. Se esta análise alternativa estiver correta, os exemplos a seguir apresentam itens com obstruintes ‘puras’, (113) e (114), e proposta de fonemas pré-nasalizados, (115) e (116)¹⁴⁸.

(113) [hi'pẽ]	‘estrangeiro’	/hi'pẽ/	(115) [a'kamã]	‘de dia’	< /a.ka.m̃pã/
(114) [krɛ'tõ]	‘nome de homem’	/krɛ'tõ/	(116) [krɛ'nõ]	‘raso’	< /krɛ.ñõ/

O que se argumenta é a necessidade de estabelecer se a oposição no sistema consonantal do Panará se dá realmente entre obstruintes e soantes ou se poderia ser, por exemplo, oral vs. nasal (cf. PIGGOT, 1992, D'ANGELIS, 1998).

Além da análise das realizações pré-nasalizadas, outros pontos a serem investigados são:

- a) o verdadeiro *status* da consoante nasal velar [ŋ], que Dourado (1990) tratou, inicialmente, como alofone de /k/ (DOURADO, p. 36 e p. 53), e posteriormente, como alofone de /n/ (DOURADO, 2001, p. 233 e p. 237);
- b) a relação das realizações fonéticas [l] e [r] com um fonema /r/, pois em Dourado (1990, p. 38 e p. 53) somente a líquida [l] é tida como alofone de /n/, mas em Dourado

¹⁴⁸ As formas fonéticas são de Dourado (1990).

(2001, p. 233 e p. 237-8) passou-se a considerar as duas líquidas como alofones de /n/, sendo que uma parte das realizações de [ɾ] seriam ocorrências do fonema /r/;

- c) maior clareza das relações ‘alofônicas’ entre as fricativas [s] e [ʃ] e as africadas [tʃ] e [tʃ̥], além da pré-nasalizada [n̥s] e possível relação com [ɲ], com uma descrição mais adequada do contexto de ocorrência das pós-alveolares [ʃ] e [tʃ̥];
- d) as oposições secundárias da língua. O que opõe, nas soantes, as ditas “nasais” das “não-nasais”? Seria mesmo o traço [±nasal], ou a oposição se daria por outro recurso, como, por exemplo, continuidade?¹⁴⁹
- e) qual é o verdadeiro *status* e, talvez, também o ponto de articulação, da fricativa glotal: [h], uma vez que encontramos nos trabalhos de Dourado exemplos como: hɔw ~ ɔw ~ ɔ (DOURADO, 2002, p. 216) e hati ~ ati (DOURADO, 1990, p. 25 – item 212; p. 39)
- f) à semelhança do ponto anterior, qual é o verdadeiro *status* da oclusiva glotal, que segundo Dourado (1990, p. 37) varia livremente com zero: [sɔʔ'kĩ] ~ [sɔ'kĩ] e [ʃaʔ'si] ~ [sa'si].

4.3. Coda silábica e clusters

Em Vasconcelos (2011) se discutiu o status da vogal final /i/ em palavras com acento na penúltima sílaba. Dourado (1990) explica:

na língua Panará o acento recai, na maioria das palavras, na última sílaba, podendo também ocorrer na penúltima. *O acento da língua não é previsível, o que nos leva a interpretá-lo como fonêmico, ainda que não se tenha encontrado, nos dados disponíveis, qualquer palavra que se distinga de outra apenas pelo acento* (p. 27 – grifo nosso).

Não obstante, com a exceção de [ʔɔ̃ɰpi] ‘onça’ (DOURADO, p. 23) e [k̥iɰɰ] ‘terra’ (DOURADO, p. 21), em todos os itens observados em Dourado (1990) uma sílaba átona final tem como núcleo a vogal [i], o que em Vasconcelos (2013) foi interpretado como

¹⁴⁹ Lembramos que, na sua análise para o Kaingang, adotando a Fonologia Autossegmental, D’Angelis (1998) propôs que o traço de 2ª importância no sistema fonológico (depois do traço que define a distinção principal, que em Kaingang é a mesma: Soantes x Obstruintes) é o traço [±contínuo], operando nos dois grandes conjuntos ou classes naturais.

realização fonética, em que o [i] trata-se de uma vogal epentética¹⁵⁰. Caso esta interpretação esteja correta, os itens a seguir apresentariam as seguintes formas subjacentes:

- (117) a. [tɛpi] ~ [tɛp] ~ [tɛpi] ‘peixe’ /tɛp/ (DOURADO, 1990, p. 6 e p. 27)
 b. [ʉə'tati] ~ [ʉə'taɖi] ‘sol’ /wə'tət/ (DOURADO, 1990, p. 6)
 c. [pʌri] [pəri] ‘árvore’ /pət/ (DOURADO, 1990, p. 20 e p. 21)
 d. [nə'nsepe] ‘morcego’ /nã'sep/ (DOURADO, 1990, p. 12)¹⁵¹

No mesmo trabalho, Vasconcelos (2013) demonstra que /j/ e /w/ não ocorreriam em coda silábica, uma vez que /w/, nos dados de Dourado (1990), somente ocorre precedido por vogais posteriores, e por sua vez, /j/ somente acompanha vogais anteriores. Em Dourado (2001), variações como *hɔw* (p. 20) ~ *hɔ* (p. 89) ‘Instrumentivo’; *kow* (p. 45) ~ *ko* (p. 93) ‘rio’, evidenciaria a ausência fonológica de tais segmentos na coda silábica e as variações encontradas devem ser interpretadas como processos de alongamentos vocálicos, como observado em *si.in* ~ *si* ‘sentar-se’, *sa.an* ~ *sã* ‘ficar de pé’, *pu.u* ~ *pu* ‘roça’ e *kũ.ũ* ~ *ku* ‘nevoeiro’ (DOURADO, 2001, p. 238)¹⁵². E ainda: (i) ‘lágrima’ /tɔwmã'kow/ (DOURADO, 1990, p. 56), *tɔ* ‘olho’ + *ma* ? (de)¹⁵³ + *ɲko* ‘água’¹⁵⁴; (ii) /pia'səwri/ ‘vergonha’ (1990, p. 32), confrontar com /pia'sə/ ‘envergonhar-se’ (2001, p. 139); (iii) *piɔw*, *piɔ* ‘não’ (2001, p. 77 e p. 50), confrontar com *piɔri* ‘neg. pl’ (2001, p. 51); (iv) /sõ'sey/ (1990, p. 52) ~ *sõse* (2001, p. 19) ‘linha’.

Dourado (1990) propõe para a coda silábica que “em C₃ – /k/ [ŋ], /ʔ/, /n/, /w/ e /y/, sendo que /k/ e /n/ só ocorrem em final de palavra, e /ʔ/ só ocorre em posição medial de palavra” (p. 32). Como apontado, estamos retirando da coda as soantes /w/ e /y/ e, ao propor uma vogal epentética para as supostas paroxítonas da língua, inclui-se também /p/, /t/ e /t/. A velar /k/ não mais ocuparia essa posição, pois em Dourado (2001) [ŋ] é considerado como alofone de /n/. Já as variações como *kan* ~ *kar* (2001 p. 28 e p. 48) e os casos de nasalização de /t/ em (102) leva-nos a interpretar [n], em coda, como a realização de um /t/ nasalizado pela vogal

¹⁵⁰ Como exposto no capítulo 3, casos semelhantes são descritos para Kaingang Paulista (D'ANGELIS, 2002) e Apinajé e Mebengokre (SALANOVA, 2001).

¹⁵¹ Este último item é apresentado para demonstrar a hipótese que a epêntese vocálica pode ser resultado também de cópia da vogal núcleo da sílaba acentuada.

¹⁵² Dourado (1990): [siɲ] ‘sentar’ (p. 27), [puɲ] ‘roça’ (p. 17) e [pu'peɲ] ‘da roça’ (p.15), [kũũ] ‘nevoeiro’.

¹⁵³ A hipótese de que se trata de um morfema com função genitiva foi sugerido por D'Angelis (comunicação pessoal).

¹⁵⁴ As formas sem alongamento para ‘olho’ e ‘água’ se encontram no mesmo trabalho de Dourado (p. 12 e 28), e em Dourado (2001, p. 17 e p. 93).

nasal precedente, diferentemente do que propõe Dourado (2001), em que [r] é um alofone de /n/. Na revisão em curso, é possível que os segmentos licenciados em coda sejam /p/, /t/, /r/ e /ʔ/¹⁵⁵. Nos exemplos em (118) segue a forma fonética encontrada em Dourado (1990), seguida da sua proposta de transcrição fonêmica e, na coluna mais à direita, os itens são reinterpretados segundo a proposta aqui delineada.

- | | |
|---|----------|
| (118) a. [t'ɛpi] ~ [t'ɛp] ~ [t'ɛpi] → /'tɛpi/ 'peixe' | /t'ɛp/ |
| b. [tɛ'tɛɖ] → /tɛ'tɛti/ 'verde' | /tɛ'tɛt/ |
| c. [ti'pĩr] ~ [ti'pĩri] → /ti'pĩri/ 'matar' | /ti'pĩr/ |
| d. [tɛ̃ni] → /tɛ̃ni/ 'correr' | /tɛ̃r/ |
| e. [sɔʔkĩ] → /sɔʔkĩ/ 'pelo de bicho' | /sɔʔkĩ/ |

Já para os *clusters*, Dourado (1990) registrou seis tipos: /pr/, /py/, /kw/, /kr/, /ky/ e /sw/, sem qualquer justificativa, limitando-se a sua descrição. Uma característica comum às línguas Jê, como temos apontado no decorrer deste trabalho, é a restrição de OCP, em que dois segmentos com o mesmo articulador não são licenciados em *clusters*, neste caso, por exemplo, a ocorrência de /kw/ e a não ocorrência de */pw/ significa que /w/ possa ter articulação labial e não dorsal nessa língua. A seguir apresentamos os itens que ilustram os segmentos identificados por Dourado (1990, p. 30-31) em *cluster*.

- | |
|--------------------------------|
| (119) a. /prɛ̃/ [p.rɛ̃] 'quê?' |
| b. /pyi/ [pĩi] 'caminho' |
| c. /ku'krɛ/ [kuk'rɛ] 'casa' |
| d. /ĩ'kyã/ [ĩ'kiã] 'cabeça' |
| e. /ĩ'kwi/ [ĩ'kũi] 'pelo' |
| f. /swəri/ ['sũɛri] 'banho' |

Neste capítulo, foi resenhada a análise fonológica proposta por Dourado (1990, 2001) para o Panará. No capítulo 5, seguinte, a fonologia do Panará é reinterpretada à luz da produção de um novo *corpus*.

¹⁵⁵ Em Vasconcelos (2013) a hipótese é que, segundo os dados disponibilizados por Dourado (1990, 2001), os segmentos permitidos em coda silábica são: /p/, /t/, /r/ e /h/. Naquele estudo busca-se uma análise alternativa aplicando os traços acústicos de Jakobson, Fant & Halle (1952) em que teríamos em coda os representantes das consoantes graves /p, h/ e agudas /t, r/. Naquele estudo foi apontado que esta distinção é crucial na língua (essa discussão é retomada na sessão 5.2.1).

5. FONOLOGIA PANARÁ

5.1. Considerações iniciais

Com o intuito de aprofundar a análise da fonologia do Panará e, também, aumentar o número de correspondências com o Cayapó do Sul, foi realizado, em outubro de 2012, trabalho de campo entre os Panará.¹⁵⁶

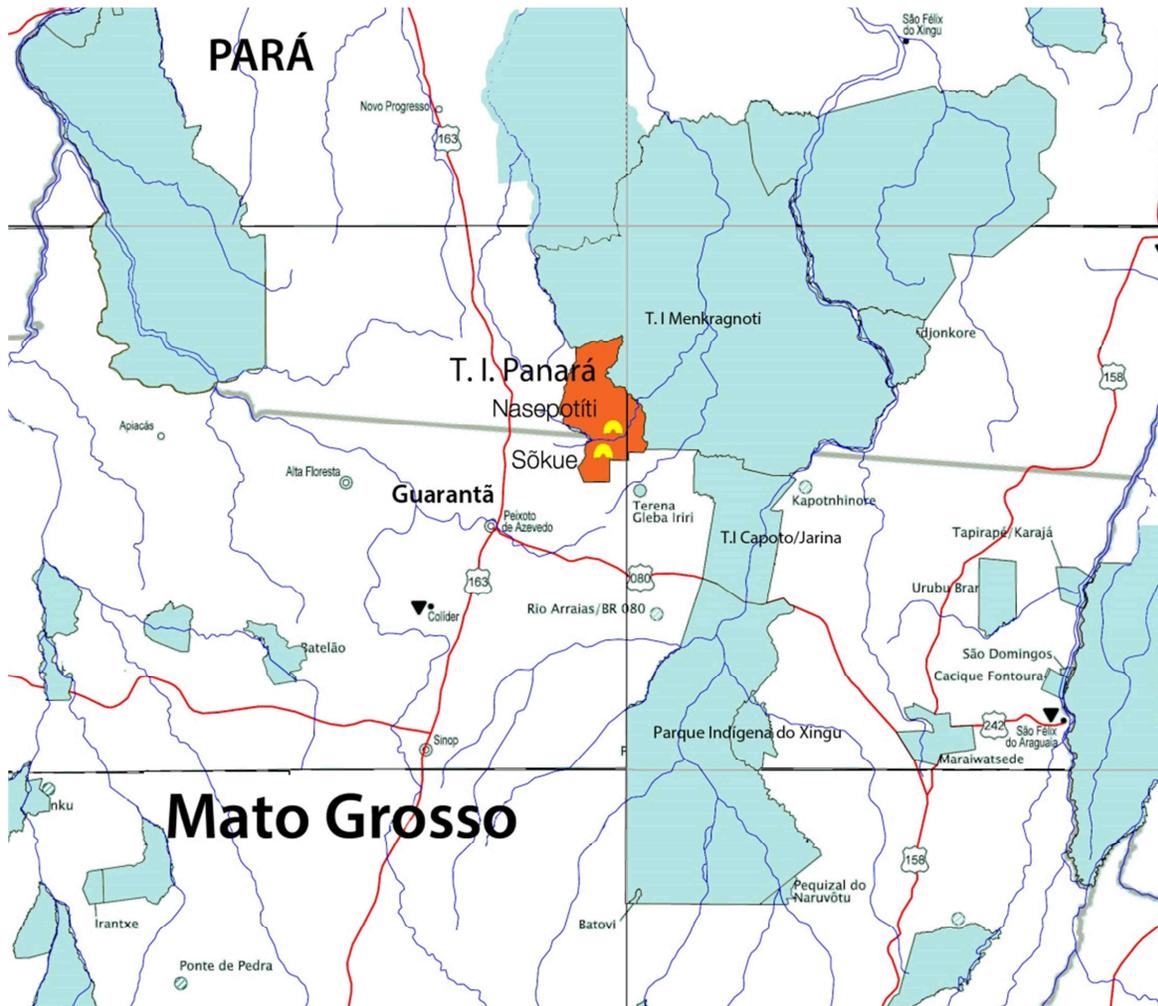
Como apontado anteriormente (cf. 1.2), o contato dos Panará com a sociedade não-indígena ocorreu no final da década de 1960, intensificando-se no início dos anos 1970. O contato trouxe uma brusca redução populacional e, quando foram transferidos para o Parque Indígena do Xingu, em 1975, estavam reduzidos a 79 indivíduos. No início da década 1990 iniciaram o processo de retomada de parte do seu território tradicional e, em 1996, a Terra Indígena Panará, na divisa do Mato Grosso com o Pará, foi homologada. Atualmente, os Panará fundaram duas aldeias: **Nasepotíti** (Morcego Queimado) e **Sõkue** (Barreiro). Nasepotíti é a maior e mais antiga e com maior número de pessoas, foi fundada quando os Panará iniciaram a retomada do seu território tradicional. Sõkue está em processo de estabelecimento, com poucos núcleos familiares. O contato entre as duas é pelo rio Iriri, cerca de 40 minutos de “voadeira”, e estão em margens opostas. A cidade mais próxima é Guarantã do Norte (MT)¹⁵⁷, conferir Mapa 5, seguinte.

Durante o trabalho de campo, a maior parte das gravações foi realizada em Nasepotíti, sendo os principais informantes: *Sejakiá*, senhor com aproximadamente 60 anos, bilíngue, e *Kupere*, senhor com aproximadamente 60 anos, também bilíngue. Ainda em Nasepotíti, foram entrevistadas duas senhoras: *Wopo*, falante monolíngue, com aproximadamente 70 anos, e *Krepə*, com pouco domínio do português, com aproximadamente 50 anos. Em Sõkue, entrevistamos *Kərəpo*, senhora bilíngue e com aproximadamente 40 anos. O *corpus* produzido neste Trabalho de Campo conta com cerca de 900 itens, a maior parte proveniente das gravações com *Kupere* e *Sejakjá*.

¹⁵⁶ O Trabalho de Campo foi realizado em parceria com a linguista Juliana Pereira dos Santos (Doutoranda do IEL/Unicamp).

¹⁵⁷ Cerca de 250 km.

Neste capítulo, a partir deste *corpus* propomos uma reinterpretação para a fonologia da língua Panará. Na primeira seção buscou-se estabelecer quais as oposições presentes entre as consoantes e, em seguida, analisamos as vogais, por fim, é realizada uma breve discussão sobre o sistema fonológico do Panará.



Mapa 5: T.I. Panará e as aldeias Nasepotiti e Sökue.
(Adaptado de FUNAI: Brasil – Situação Fundiária Indígena, 2006)

5.2. Consoantes do Panará

Em todo o *corpus* foram identificados os seguintes fones consonantais:

Quadro 19: Fones consonantais do Panará						
Oclusivas	surdas	[p]	[t]		[k]	[ʔ]
	sonoras	[b]	[d]		[g]	
Fricativas	surdas		[s]			[h]
	sonoras	[β]				[ɦ]
Africadas	surdas		[ts̺]		[tʃ̺]	
	sonoras				[dʒ̺]	
Nasais		[m]	[n]		[ɲ]	
Pré-nasais		[m̠p̠]	[n̠t̠]	[n̠s̠]		[ɲ̠k̠]
Tepe			[r]			
Aproximantes		[w]		[ɹ]	[j]	
Lateral			[l]			

Destas ocorrências, os fones [β], [ɦ], [l] e [dʒ̺] foram encontrados em pequeno número de itens. A fricativa labial sonora ocorre somente em posição átona, variando com [m] em [p̠it̠ə̃m̠ə̃'pam̠ə̃] ~ [p̠it̠ə̃m̠ə̃'paβ̠ə̃] ‘macaco (esp.)’¹⁵⁸ e variando com [b] e [p] em [k̠iβ̠ama'tuə̃^h] ~ [k̠ibam̠ə̃'tu:w̠ə̃] ~ [k̠ipama'tuə̃^h] ‘banana (esp.)’. Já para a lateral temos [p̠it̠ə̃'lejt̠i̠] ~ [p̠it̠ə̃'lejt̠i] ‘macaco (esp.)’ e [l̠ə̃pẽ'ɿ] ~ [n̠ə̃:p̠ẽʃ̠] ~ [n̠ə̃'m̠p̠ẽʃ̠] ‘mel’. A fricativa glotal sonora foi registrada em [ɦ̠ə̃k̠i̠n̠i̠:p̠ẽ] ‘muito bonito’, [a'ɦ̠ioj̠ə̃] ~ [a'ɦ̠oi] ‘arroz’¹⁵⁹, [i̠k̠j̠ẽ 'ɦ̠ẽ] ~ [i̠k̠j̠ẽ 'h̠ẽ] ‘1p. Ergativo’¹⁶⁰, [pẽ'j̠ə̃] ~ [pẽ'j̠ə̃^h] ~ [pẽ'j̠ə̃ɦ̠] ‘açai’. Tal consoante varia com a contraparte desvozeada, ou ainda, como em ‘açai’, com uma vogal aspirada (nesse caso, antes de silêncio). Há somente um único registro para [dʒ̺]: [dʒ̺aj̠ũ'p̠j̠ə̃] ~ [j̠aj̠ũ'p̠j̠ə̃] ‘pai dele’.

Apesar de configurar-se como um fone da língua, a ocorrência de [tʃ̺] não apresenta a mesma distribuição descrita em Dourado (1990). Naquela análise, [s] varia livremente com [ʃ], enquanto [t̠] e [ts̺] ocorrem, como realização do fonema /s/, somente quando “contíguo a [i] e depois de [ɿ]” (DOURADO, 1990, p. 39). No *corpus* produzido para esta análise não

¹⁵⁸ Pela descrição do informante, trata-se do macaco-da-noite.

¹⁵⁹ Empréstimo do português. No *corpus* também ocorre o termo [ki̠r̠i'p̠ẽ], para ‘arroz’, mas na aldeia o empréstimo tem uso mais generalizado.

¹⁶⁰ Aqui e em demais informações de caráter morfossintático sigo Dourado (2001).

há nenhuma ocorrência da fricativa palatal e as poucas realizações da africada palatal estão relacionadas a um processo de palatalização de [t], quando este precede a vogal [i] ou [j], em sílaba pós-tônica final; tal palatalização não tem caráter obrigatório e há somente três ocorrências: [pitə'lejt̪i] ~ [pitə'lejti] 'macaco (esp.)', [pa'kjat̪i] ~ [pa'kjat] 'calcanhar' e [ĩ'kjit̪i] ~ [ĩ'kjit̪i] ~ [ĩ'kjit] ~ [ĩ'kjit̪] 'anta'. Há ainda mais uma ocorrência da africada palatal, também como resultado de palatalização, porém, em início de palavra: [t̪i'krɛ'ko] ~ [ti'krɛ'ko] 'brinco'.

Já para [ts̪], temos [sa'pats̪i^h] ~ [sa^h'pati] 'coluna', em que varia com [t], e nas demais ocorrências, [ĩ'ts̪e] ~ [ĩ'tse] 'arco', [ĩ'ts̪i] ~ [ĩ'tsi] 'fogo, isqueiro, lanterna', [ĩ'tsu'ĩ] ~ [ĩ'su'ĩ] 'pássaro' e [sĩ'ts̪e] 'ligeiro'¹⁶¹. Para as três primeiras ocorrências, a vogal inicial [ĩ], como sugerido mais adiante, pode ser associada à realização fonética de uma soante subjacentemente pré-nasalizada. Caso tal hipótese esteja correta, estas ocorrências de [ts̪] seriam evidências a favor de um fonema /ns̪/.

Entre os fones com poucos números de ocorrências no *corpus*, há ainda a aproximante retroflexa [ɻ], restrita a duas ocorrências: [sõkrɛ'pɻəɻ] ~ [sõkrɛ'pɻəɻ] 'jacutinga' e [tɛ'jɻiɻ] ~ [tɛ'jɻiɻ] 'banana (esp.)'. E, por fim, as oclusivas sonoras [b], [d] e [g] (120-122).

(120) Oclusiva labial sonora [b]:

- a. [ki'bamã'tu:wɐ] ~ [ki'pama'tuə^h] ~ [kiβama'tuə^h] 'banana (esp.)'
- b. [tõbu'tũŋɐ] ~ [tõpu'tũ] 'velho'
- c. [buʔu'ẽ] ~ [buʔu'ẽ] 'perto'
- d. [baĩ'tõ] 'brinco'
- e. [ku'bẽ] 'machado (tipo)'

(121) Oclusiva alveolar sonora [d]:

- a. [se'kid] ~ [se'kit] 'arco pequeno'
- b. [ĩ'pidi] ~ [ĩ'pidi] 'relógio',
- c. [kjita'kridike] ~ [kjita'krit] 'cavalo'
- d. [kwa'siti] ~ [kwa'sidi] 'peneira'
- e. [pədi'ti] ~ [pəti'ti] 'tamanduá'

¹⁶¹ Não tenho certeza quanto ao significado deste item, a pergunta foi 'pessoa que faz tudo muito rápido, ligeira'.

(122) Oclusiva velar sonora [g]: [ĩpjɔ̃ga] ~ [ˈmpjɔ̃ga] ‘sal’

Nos itens (120a-b) e (121e) as consoantes oclusivas sonoras variam com sua contraparte surda, em (120a) além da variação com a labial surda, a sonora [b] também varia com a fricativa [β]. Tal variação tem como característica a sílaba átona, nestes itens, especificamente em sílaba pré-tônica. Já os itens (120c-d) e (122), apesar de não apresentarem variação com a contraparte surda, são interpretados como realizações fonéticas da consoante surda, pois apresentam mesmo ambiente de realização: sílaba átona e, com exceção de (122), pré-tônica. Em (120e) temos a única ocorrência de sonora em *onset* de sílaba tônica, este termo pode ser considerado um empréstimo do Mebengokre.¹⁶² Já as ocorrências de [d], de (121a-d) estão restritas à coda silábica, mesmo nos itens em que forma sílaba com as vogais [i] ou [ĩ] (como será exposto mais adiante, em Panará ocorre um processo de epêntese vocálica em que a vogal [i], ou sua contraparte ensurdecida, é inserida nas codas silábicas).

Apontados os casos de variação no *corpus*, nos parágrafos seguintes, iniciamos sobre os pontos elencados na sessão 4.2.

Em Dourado (1990), as ocorrências pré-nasalizadas foram consideradas alofones das oclusivas surdas, quando estas eram precedidas por vogal nasal. Como explicitado no capítulo anterior, já nos itens do *corpus* de Dourado (1990) era possível apontar que tal processo estaria relacionado à série das soantes, pois são segmentos que também apresentavam processo de nasalização quando adjacentes à vogal nasal. Os itens seguintes são uma amostra da variação do tepe [r] com a nasal alveolar [n]. Tal variação ocorre quando o tepe é o *onset* de uma sílaba em que o núcleo é uma vogal nasal:

(123) Variação [r] ~ [n] em Panará

a. [rã'ka] ~ [nã'ka] ‘feio’

b. [rãsi'si] ~ [nãsi'si] ‘gostoso’

c. [rã'kjɔ̃] ~ [nã'kjɔ̃] ‘quente’

d. [rã'so] ~ [nã'so] ‘rato’

e. [kjẽrĩ] ~ [kjẽnĩ] ‘furar’

f. [soa'rõ] ‘sem dente’

g. [ntõ'nõ] ~ [tõ'nõ] ‘cego’

h. [sãmpa'nõ] ~ [sãpa'nõ] ‘não escuta, surdo’

i. [pẽ'rõ] ‘mudo’

¹⁶² Kupere informa que [ku'bẽ] é “*machado kayapó*”. Para este item, há três repetições, com o mesmo informante, quando eu pergunto machado de ferro.

Acrescenta-se aos casos de variação de [r] ~ [ɲ], os seguintes itens em que temos a palatal [j] variando com [ɲ]:

(124) Variação [j] ~ [ɲ] em Panará¹⁶³

- a. [ɲũkwɛkwɛ̃] ~ [jũkwɛkwɛ̃] ‘tucano’
- b. [jõtuwa'sə] ~ [ɲõtowa'sə] ‘bambu (tipo)’
- c. [jã'si] ~ [ɲã'si] ‘veado’

Nos itens apresentados em (123-124) é a vogal núcleo que tem disparado a nasalização das soantes em *onset*. Na proposta de Dourado (1990), precisamos, então, dar conta de dois processos: (i) a nasalização das soantes quando formam sílaba com vogal nasal; e (ii) a nasalização, ou contorno nasal, em obstruintes quando precedidas por vogal nasal heterossilábica. O conjunto de itens seguintes (125a-e) seriam aqueles em que temos uma consoante pré-nasalizada variando com uma obstruinte precedida por vogal nasal, diferente de Dourado, nos itens de (125a-d) a consoante pré-nasal realiza-se precedida por silêncio.

(125) Variação de consoantes pré-nasalizadas com consoantes obstruintes

- a. [m̃pi] ~ [ɲpi] ‘pênis’
- b. [m̃pia'ra] ~ [ɲpia'ra] ‘homem’
- c. [m̃pɔ] ~ [ɲpɔ] ‘boi, cavalo’
- d. [nt̃ɔ] ~ [ɲt̃ɔ] ‘olho’
- e. [nã'ɲko] ~ [nãko] ‘água de coco’

Uma característica do processo descrito por Dourado (1990) é a ocorrência sistemática de vogal oral formando sílaba com a oclusiva que – na sua análise –, é pré-nasalizada pela vogal nasal da sílaba antecedente. Nos itens em (125a-d) há uma variação das consoantes pré-nasalizadas com oclusivas precedidas pela vogal nasal [ɲ] e em (125e) observa-se o mesmo contexto de realização descrito por Dourado: vogal nasal antecedendo uma realização pré-nasalizada. No entanto, tenta-se demonstrar que é a vogal à direita (núcleo da sílaba) que permite a realização pré-nasalizada e não um processo de espalhamento de nasalidade da vogal da sílaba anterior. Os itens de (126a-u) ilustram as ocorrências das pré-nasalizadas. Em (126b) há evidências para representação do termo para ‘água’ como *'ɲko* e, assim, melhor explicar as ocorrências em (126c) [pejã'ko] ‘suco de açaí (esp.)’, (126d)

¹⁶³ Não foi identificado no *corpus* ocorrências de [j] ~ [ɲ] em posição intervocálica.

[napejẽ'ko] ‘suco de açaí’ (esp.), (126e) [parẽ'ko] ‘remédio’, (126f) [sã'ko] ‘saliva’ e (126g) [tɔmã'ko] ‘lágrima’. Já em (126h) e (126j), as realizações são completamente orais (ou dessoantizadas). Em (126L) e (126m), na junção de morfema, o termo para ‘olho’ mantém a realização [ĩ'tɔ], diferentemente de (126k) e (126n). Nos itens de (126o-q) temos um morfema que Dourado (2001) identificou como intensificador, para o qual propomos a forma *m̂pɛ*, assim, (126p) configura-se como caso paralelo a (126c-f). A nasalização de sílaba final do primeiro elemento da junção de morfemas se repete também em (126r-s). O último item (126t) apresentam realizações de [n̂s].

- (126) a. [ĩ'ko] ‘água’
 b. [tẽŋkɔ] ‘terra molhada’
 c. [pe'jə] ~ [pe'jə^h] ‘açaí’, [pejẽ'ko] ‘suco de açaí’
 d. [nẽ'pe] ‘açaí (tipo)’, [nẽpejã'ko] ‘suco de açaí’
 e. [pə'ri] ‘pau, árvore’, [pə'rẽko] ‘remédio’,
 f. [sa'ʔkə] ~ [sa'kə] ‘boca’, [sẽ'ʔko] ~ [sẽ'ko] ‘saliva’
 g. [tɔmã'ko] ‘lágrima’
 h. [korõkɔ'kɔ] ‘cachoeira’
 i. [ĩkotũ'tũ] ‘corredeira’
 j. [n̂tɔ'nõ] ~ [tɔ'nõ] ‘cego’
 k. [ĩkjẽ] ‘pronomes de 1ª pessoa’¹⁶⁴, [ĩkjẽ'tɔ] ~ [ĩkjẽ'tɔ] ‘meu olho’
 L. [ka] ‘pronomes de 2ª pessoa’, [kaĩ'tɔ] ‘teu olho’
 m. [jɔp] ~ [jɔpɸ] ‘cachorro, onça’, [jɔpũ'tɔ] ‘olho do cachorro’
 n. [ĩkjĩt] ‘anta’, [ĩ'kjĩtĩ'tɔ] ‘olho de anta’
 o. [həkĩnĩ:'pɛ] ‘muito bonito’
 p. [n̂si'si] ‘gostoso’, [n̂si,sĩ'm̂pɛ] ‘muito gostoso’
 q. [a'sə] ‘bravo’, [haʔsə'm̂pɛ] ~ [aŝm̂pɛ] ‘muito bravo’
 r. [sa'se] ‘rede’, [sa,sẽ'tue] ‘rede nova’
 s. [sa,sẽmpɛ] ~ [sasẽ'pre] ‘rede velha’
 t. [n̂n̂sĩ] ‘marimbondo’

Enquanto as realizações das pré-nasalizadas estão restritas a adjacência à vogal oral, as consoantes nasais plenas, em contrapartida, só ocorrem diante de vogal nasal.

¹⁶⁴ Neste e em vários pontos será adotada a tradução proposta em Dourado (2001).

- | | |
|-----------------------------|--|
| (127) a. [mĩ] ‘jacaré’ | h. [nã'so] ‘rato’ |
| b. [mẽ] ‘e’ | i. [nã'po ^h] ‘aranha (tipo)’ |
| c. [ĩ'nã] ‘gordo’ | j. [nã'ka] ‘feio’ |
| d. ['bõŋẽ] ‘macaco (bugio)’ | k. [nõ'ti] ‘casco’ |
| e. [po,mã'si] ‘mosquito’ | l. [nõ'pjõ] ‘três’ |
| f. [jaka'mõri] ‘madrugada’ | m. ['kãŋ] ~ [kã] ‘cesto’ |
| g. [nã'pø] ‘arara’ | n. [jutẽŋ] ‘cair’ |

Somente em dois itens foi identificada consoante nasal sucedida por vogal oral: (128) [mi^h'krɛ] ‘nome próprio’ e (129) [mɔ] ~ [mõ] ~ [mõ]. O item em (128) é repetido duas vezes pelo mesmo informante, curiosamente, nas duas repetições temos uma vogal aspirada. Já o termo em (129) [mõ], trata-se de um morfema, repetido nove vezes, destas somente em uma há ocorrência da vogal oral.¹⁶⁵

O processo observado no Panará é semelhante ao identificado no Cayapó do Sul, com o diferencial que no registro Panará é mais evidente que as consoantes nasais plenas estão intimamente relacionadas à nasalidade da vogal núcleo da sílaba. Se o processo no Panará é o mesmo, ou semelhante, ao do Cayapó do Sul, significa que o traço *nasal* é fonológico para as vogais e está subordinado ao nó SP (*Soft Palate*) (cf. 5.3). Sendo este o caso, segmentos especificados para SP (vogais e obstruintes)¹⁶⁶ espalham este nó para os segmentos que não o portam subjacentemente (justamente as soantes).

A ausência de realização plenamente nasal de [n̄s] e de [ŋk̄] em *onset* põe em dúvida a interpretação de uma série de soantes descontínuas com quatro segmentos, apesar das evidências para as realizações pré-nasalizadas (cf. 126a-b para [ŋk̄] e 126t para [n̄s]). O item em (127d) tem caráter fonético, em que a vogal da sílaba átona final é inserida como

¹⁶⁵ Não tenho certeza quanto ao significado deste item, ele foi retirado da frase [ĩkjẽ ra mɔ 'pã ĩkjẽ ku'krɛ a'mẽ ĩkjẽ sõ'krẽ], em que é possível identificar os seguintes morfemas: [ĩkjẽ ra]1ª pessoa Absolutiva, [mõ] ?, [pã] morar, [ĩkjẽ kukrɛ] minha casa, [a'mẽ] ‘inessivo’, [ĩkjẽ] ‘1ª pessoa’, [sõ'krẽ] ‘nome próprio’ (segmentação baseada em Dourado, 2001). Neste ponto da entrevista, o informante está indicando o chefe de cada casa na aldeia, a partir da sua própria casa, o morfema [mõ] ~ [mɔ] será repetido nove vezes, referindo-se a um conjunto de casas em referência à casa do informante.

¹⁶⁶ As obstruintes, segundo esta proposta, são especificadas para SP, mas não foi identificada nenhuma ocorrência de dessoantização resultado do espalhamento do nó SP da obstruinte para a soante. Em Kaingang (D'ANGELIS, 1998) um segmento nasal ou pré-nasalizado em coda é dessoantizado se a sílaba seguinte tem em *onset* uma obstruinte, resultado justamente do espalhamento do nó SP (cf. D'ANGELIS, 1998, p. 240, ex. 7.5.i).

apoio vocálico. Já a nasal [ɲ], possível contraparte de [ɳ̃], varia com [j] quando em *onset* de sílaba com vogal nasal (124).

Nesta perspectiva, assume-se que a oposição básica entre as consoantes é *obstruintes vs. soantes*. A série das obstruintes constituída por /p t s k/ e das soantes por /m̃ ñ ñ̃ ŋ̃ k̃ w r j h/. As soantes são alvo do processo de nasalização desencadeado pelas vogais nasais e as obstruintes, por serem especificadas para SP, não o são. A seguir, são analisados os segmentos licenciados em *clusters* e coda, em que as restrições de organização da sílaba podem corroborar ou exigir uma análise alternativa para a oposição básica nesta língua.

Para finalizar a identificação dos segmentos consonantais, faz-se necessário analisar os segmentos glotais: a oclusiva [ʔ] e a fricativa [h]. Em Vasconcelos (2013), numa tentativa de reinterpretação da fonologia do Panará a partir do *corpus* disponível em Dourado (1990, 2001), a fricativa glotal foi considerada como fonema, enquanto a oclusiva estava restrita à fronteira de morfema, em um caso de variação combinatória. No registro de Dourado (1990, 2001) foi encontrada a variação [h] ~ ∅. No *corpus* coletado para esta análise, também foi observada esta variação, que pode ser descrita como: [h] → [∅]/#___. Como podemos observar nos seguintes exemplos:

- (128) a. [ha'kõ] ~ [a'kõ] ‘calango’
b. [ha'kjo] ~ [aʰ'kjo] ~ [aʰ'kjo] ‘cipó’
c. [hĩ'pjə] ~ [ĩ'pjəʰ] ‘alto’

A oclusiva glotal, tal como a fricativa [h], apresenta a variação [ʔ] ~ ∅. Os itens em (129a-p) ilustram a realização deste segmento em coda silábica. Em comum, todas estas ocorrências precedem obstruintes surdas e, com exceção de (129p), ocupam coda de sílaba pré-tônica. Somente nos itens (129e, g, o), a realização da glotal não está em fronteira de morfema. Em (129a, j) é possível depreender uma morfema 'pɔ. Já (129b), seguindo a proposta de Dourado (2001), o termo pode ser segmentado em *ĩ+pa*¹⁶⁷. Foram identificadas duas realizações com a coronal [t], em (129c) *sõse* designa ‘aranha’ e (129d) pode ser segmentado em *sɔ+ti*¹⁶⁸. Em (129f) é possível depreender um morfema *sa* comum a [sa'krɛ]

¹⁶⁷ O morfema *ĩ* é justamente o relacional de não-contiguidade segundo Dourado (2001).

¹⁶⁸ Dourado (2001) *sɔ, sɔti*: ‘animal doméstico’. Já Dourado (1990): [sɔʔ'kĩ] ‘pelo de bicho’.

‘focinho’. (129h) é interpretado como *ĩtɔ + kə* ‘olho + casca (envoltório)’. Em (129k-L), o morfema também é *sa*. Por fim, (129m), em língua da família Jê a forma encontrada é dissilábica: Apinajé *kukej* (OLIVEIRA, 2005) e Xerente *kɔ* (SOUZA, 2008). O termo em (129p) é o único em sílaba tônica e varia com a fricativa glotal [h]. Seguem os itens que ilustram a ocorrência da oclusiva glotal em coda.

- | | |
|---|---|
| (129) a. [haʔpɔ] ‘barro’ | i. [siʔkrɛ] ~ [si'krɛ] ‘orelha’ |
| b. [ĩʔpa] ~ [ĩ'pa] ‘RNC.braço’ | j. [pɔʔkə:] ~ [pɔ:'kə] ‘barranco’ |
| c. [sõseʔtɛ'si] ‘aranha (tipo)’ | k. [saʔkə] ~ [sa'kə] ‘boca’ |
| d. [sɔʔti] ‘animal doméstico, raposa’ | L. [sẽʔko] ~ [sẽ'ko] ‘saliva’ |
| e. [ĩʔse] ‘cera de abelha’ | m. [iʔko] ~ [i'ko ^w] ‘macaco’ |
| f. [saʔsĩ] ~ [sa'sĩ] ‘nariz’ | n. [krɛʔkjã] ~ [krɛ'kiã] ‘noite’ |
| g. [haʔsãmpɛ] ~ [asã'mpɛ] ‘bravo.INT ¹⁶⁹ ’ | o. [haʔka ^b] ‘dia’ |
| h. [ĩtɔʔkə] ~ [ĩ'tɔ'kə] ‘pálpebra’ | p. [sipi'səh] ~ [sipi'səʔ] ‘pequi’ |

A oclusiva glotal em (130), seguinte, diferentemente das ocorrências em (129) ocupa a posição de *onset*. Curiosamente, em dois destes três itens, a glotal é precedida e sucedida pela vogal [ã] e no item (130c), é precedida e sucedida por [u]; em (130a) a glotal ʔ ~ Ø, precedida por silêncio, enquanto em (130c) varia de posição intervocálica para início de palavra.

- (130) a. [ʔãʔã'ja] ~ [ã'ʔãjɐ] ‘pássaro’¹⁷⁰
 b. ['swãʔã] ‘constelação’
 c. [buʔu'ẽ] ~ [ʔu'hẽ] ‘perto’¹⁷¹

Diferentemente do que se postulou em Vasconcelos (2013), as ocorrências da glotal, neste *corpus*, não se restringem à fronteira de morfema (cf. 129 e, g, m, o), enquanto em (130b) identifica-se uma coda silábica, em que a vogal final é uma cópia da sílaba acentuada. Para (130a) mantém-se a interpretação de Vasconcelos (2013), de que estamos diante um caso de juntura de morfema que envolve um morfema [ja], o mesmo de [sa'ja] ‘asa’ (conferir [saa'si] ‘asa’, em Dourado (1990), [saja] ‘asa com penas’ e [saʔ'si] ‘asa sem penas’). Para (130c) nos faltam evidências para assumir que, tal como (130a), seja uma fronteira de

¹⁶⁹ Intensificador.

¹⁷⁰ Em Dourado (1990), [ãʔãɲɒ] ‘gaiivota’. Os informantes explicaram que é um pássaro encontrado nas proximidades do rio, de cor branca e ovos pequenos.

¹⁷¹ Não foi identificar o significado de [bu-].

morfema. Por fim, mantém-se a proposta de variação combinatória em que [h] ocorre em *onset* e [ʔ] somente em coda, nas duas posições silábicas estes segmentos variam com \emptyset .

5.2.1. Codas

A discussão dos segmentos glotais relaciona-se, necessariamente, com a identificação dos segmentos licenciados em coda. Assim, além da oclusiva glotal, no *corpus* foram identificados as oclusivas [p t k] (131-133), as nasais [n ŋ] (134) e o tepe [ɾ] (135). Nos exemplos seguintes são apresentadas as realizações destes segmentos em coda, em que são observados os processos envolvidos nesta posição silábica.

- (131) a. [kwə'sop] ~ [kwə'sopʔ] 'minhoca'
b. [jɔp] ~ [jɔpʊ] 'cachorro, onça'
c. [jɔp'kə] ~ [jɔp'kə:] 'gato'
d. [nə'sep] ~ [nə'sepʔ] 'morcego'
e. [tɛp] ~ [tɛpɿ] 'peixe'
e¹. [tɛpɿ̃] 'isca'
e². [tɛpɿ̃si] 'peixe (esp.)'
e³. [kwatɿ:'tɛpɿ] ~ [kwatɿ:'tɛpɿ] 'fruto da mata'
- (132) a. [tõmẽ'krit] ~ [tõmẽ'kritʔ] 'mutum'
b. [ipa'kɔt] 'está inchado'
c. [saʌ'krit] ~ [sa'krit] 'gavião'
d. [ɿ'kiutʔ] ~ [ɿ'kiutʔ] ~ [i'kjitɿ] 'anta'
e. [sõ'kʝotɿ] ~ [sõ'kʝot] 'pescoço'
f. [sə'pɛt] ~ [sə'pɛtɿ] 'macaco (tipo)'
g. [ku'kut] ~ [ku'kutɿ] ~ [ku'kutɿ] 'abóbora'
h. [wə'tət] ~ [wə'tətɿ] 'sol'
i. [kua'tɔt] ~ [kua'tɔtɿ] ~ [kua'tɔ:tɿ] 'sapo'
j. [a'sət] ~ [a'sətɿ] 'algodão'
- (133) [ɿkʊʒk'sə^h] ~ [ɿko'sə] 'cheirar'

- (134) a. [ju'tɛ̃n] ~ [ju'tɛ̃n] ~ [ju'tɛ̃] 'cair'
 b. [a'pɛ̃n] 'você fala'
 c. [kãŋ] ~ [kã] 'cesto'
 d. [pəri'kãŋ] ~ [pəri'kak] 'cesto (tipo)'

(135) ['pir] 'caminho'

Destas ocorrências, em (133) temos a única realização de coda constituída por oclusiva velar [k], justamente, uma coda medial. Enquanto em (134d) esta consoante está variando com nasal velar [ŋ]. Neste último exemplo, a nasalidade na vogal é necessária para a produção da consoante nasal em coda, caso ocorra alguma falha na implementação de nasalidade da vogal, a consoante se realiza completamente oral. Já nos itens (131e) e (132d-j) identifica-se a inserção de vogal na sílaba CVC diante de silêncio. Como temos apontado no decorrer desta análise, este processo foi identificado para línguas da família Jê – Mebengokre e Apinajé (SALANOVA, 2001) e Kaingang de São Paulo (D'ANGELIS, 2002) – que tem caráter optativo no Apinajé e obrigatório no Kaingang e Mebengokre. Em Panará, a vogal epentética *default* é a anterior alta [i], que varia com a contraparte surda [ɨ] ou com a breve [ĩ]. Segundo Dourado (2001), vogais em “sílabas finais não acentuadas ocorrem opcionalmente com ensurdecimento e enfraquecimento na articulação dos seus constituintes” (p. 238). Já as consoantes nasais em (134) só ocorrem precedidas por vogal nasal. A ausência de consoantes nasais em coda precedida por vogal oral corrobora a hipótese de que a realização de superfície das consoantes nasais é condicionada à adjacência de vogais nasais.

A primeira hipótese é que em coda silábica sejam licenciadas somente as oclusivas /p t k/, contudo, a variação em (132) [ĩkʊʒk'sə^h] ~ [ĩko'sə] 'cheirar' entre uma CV.VC ~ CV pode delegar essa realização a uma ocorrência fonética e, assim, as oclusivas em coda são /p t/. Para (134c) é preciso considerar [kanĩ'jã] 'cesto (tipo)', [ka'pã] 'cesto pequeno'. Ponderando a possibilidade de falhas de oitiva, as realizações para 'cesto' (oito pronúncias por Kupere e cinco por Sejakjá) foram analisadas instrumentalmente¹⁷², e o resultado foi a comprovação da variação [kãŋ] ~ [kã] (a principal característica observada foi a transição de formantes da vogal para consoante, cf. KENT; READ, 2002, p. 154). Contudo, tanto

¹⁷² Apesar das dificuldades advindas de uma gravação sem isolamento acústico e no contexto de aldeia.

[kãŋ] como [tẽn] seriam realizações fonéticas. Nesta interpretação os itens licenciados em coda são [p t r h], dois representantes das obstruintes e dois das soantes. Em Vasconcelos (2013), a partir dos dados disponíveis em Dourado (1990, 2001), levantou-se a hipótese de que a oposição *grave vs. agudo* seria crucial para o Panará. Segundo aquela análise, em coda teríamos dois elementos graves ([p] e [h]) e dois agudos ([t] e [r])¹⁷³.

5.2.2. Clusters

Tal como o licenciamento em coda, a oposição *grave vs. agudo*, na proposta de Vasconcelos (2013), licencia segmentos na formação de *clusters*¹⁷⁴. Segundo os itens disponíveis em Dourado (1990, 2001), não era possível afirmar se teríamos ou não uma sequência *kw*, pois um mesmo elemento apresentava alternância entre *kw* e *ku*, inclusive na transcrição fonológica. No *corpus* coligido para esta análise foram encontradas as alternâncias [kw] ~ [ku] ~ [kʷ] ~ [ko], como em (136). Estas realizações sugerem que, em fala rápida, uma vogal posterior /u/, realiza-se foneticamente como [w].

- (136) a. [ha'kʷe] ~ [ha'kwe^h] ~ [a'kwe^h] ‘flecha (tipo)’
 b. [ĩ'kuə^h] ~ [ĩ'kuə^h] ~ [ĩ'kwə^h] ‘chorar’
 c. [ĩkjê'kua] ~ [kêjô'kwa^h] ‘minha casa’
 d. [ĩ'koa] ~ [ĩ'koa] ~ [ĩ'kwa] ‘buriti’

A mesma conclusão, todavia, não é válida para a aproximante [j], que apresenta variação com a vogal [i], conforme (137). Diferentemente da variação [u] ~ [w] ou [o] e [w], a variação da palatal com a vogal [i] é restrita aos termos em que o informante quer dar ênfase à sua pronúncia.

¹⁷³ Em uma hipótese alternativa, em coda são licenciados somente segmentos pré-nasalizados. As realizações com consoantes nasais plenas estariam condicionada à vogal nasal, enquanto as realizações desnasalizadas (ou orais) seriam atribuídas à adjacência à vogal oral. Nesta interpretação, tanto [n] e [ŋ] como [p] e [t], em coda, são realizações fonéticas de [n̄] e [ŋ̄]. Esta hipótese precisaria dar conta das realizações [ĩ'kjô^t] ‘broto’ e [tẽ'tê^{tj}] ~ [tẽ'tê^t] ‘tremendo’, nestes itens a rima silábica é composta por vogal nasal seguida da oclusiva [t]. Contudo, em (131e¹) [tɛpĩ^t] ‘isca’ e (131e²) [tɛpĩ^{si}] ‘peixe (esp.)’, em que a suposta consoante pré-nasalizada realiza-se sem o faseamento nasal mesmo quando, em junção de morfema, ressilabifica com vogal nasal (131e²). Acrescenta-se, ainda, a necessidade de esclarecer por que teríamos três soantes nasais [mp n̄ ŋk], mas não quatro ou duas. Além das pré-nasalizadas, o [h] também é licenciado nesta posição silábica.

¹⁷⁴ Importante considerar que se manteve a proposta de Dourado (1990, 2001) em que as soantes seriam representadas por /m n w r j/.

Em (143b) [ĩ'krɛ] ‘ovo’, o [ĩ] inicial pode ser associado ao prefixo relacional de não contiguidade proposto por Dourado (2001). Neste caso, (143c) [koti,t̃^hkrɛ] ‘ovo de galinha’ (conferir [koti'ta] ‘galinha’), seguindo a proposta de Dourado (*id.*), marca a contiguidade sintática por meio de assimilação da vogal inicial do tema determinado. No capítulo anterior, sessão 4.2., demonstramos os contrastes dessa interpretação¹⁷⁶ e pontuamos que a nasalidade, desconsiderada pela pesquisadora, é fundamental na identificação dos segmentos aí envolvidos no processo.¹⁷⁷

5.2.3. Fonemas consonantais do Panará

A proposta mantida aqui é que a oposição básica do sistema consonantal é entre *obstruintes* vs. *soantes*. O traço *descontínuo* vs. *contínuo*, se a hipótese sobre o *cluster* estiver correta, opera uma oposição secundária que, nas soantes, opõe /m̃p̃ ñt̃ ñs̃ ŋ̃k̃/ x /w r j h/ e, nas obstruintes, /p t k/ x /s/. A glotal figura na série das soantes considerando o comportamento em coda.¹⁷⁸

A relevância do traço contínuo não está restrita somente às soantes, uma vez que não foi identificado, fonologicamente, um *cluster* [sw], que apesar de manter a oposição *obstruintes* vs. *soantes* e a do traço *grave* vs. *agudo*, não mantém, justamente, a oposição quanto à continuidade. Além disso, suas ocorrências têm variação semelhante à velar,

¹⁷⁶ O processo de assimilação descrito por Dourado (2001) pode ser explicado em uma configuração de Geometria de Traços como a de Clements & Hume (1995), em que sob um nó Ponto de C são reunidos os traços de abertura e posição da vogal e [nasal] está alocado em uma camada superior, vinculado ao nó raiz. Neste caso, uma assimilação parcial a partir do espalhamento de Ponto de C. O caráter isolado deste processo é um dos contrastes à proposta de Dourado (2001).

¹⁷⁷ Vejamos um último exemplo: [ñm̃'p̃ɛ̃] ~ [ñm̃'p̃ɛ̃] ~ [l̃ɔp̃ɛ̃'ĩ]¹⁷⁷ ‘mel’ (a última ocorrência foi pronunciada pelo filho do informante que estava distante do gravador). Neste item, teríamos um núcleo vocálico nasal que, curiosamente, não nasaliza o segmento pré-nasalizado em coda, contrariando a hipótese da nasalização de soantes no ataque silábico. Para compreender melhor esta ocorrência, observemos o termo para ‘abelha (esp.)’ [ñɔp̃ɛ̃r̃ĩ'si], em que a mesma sílaba apresenta uma vogal oral e não uma nasal. Esse item também evidencia que a coda final com /j/ no termo para ‘mel’ não provém do termo ‘abelha’, indicando que em [ñm̃'p̃ɛ̃] ocorre uma junção de morfemas: [ñm̃'p̃ɛ̃] ‘abelha’ + [ĩ] ‘carne’, semelhante a [k̃jiti'jĩ] ‘carne de anta’, mas em ‘mel’ o acento se manteve no primeiro morfema permitindo a assilabificação do segundo elemento da composição. É importante considerar que o termo para ‘mel’ é um item lexical, único (ainda que derivado ou criado por composição), enquanto ‘carne de anta’ e semelhantes, são sintagmas em que se relacionam dois nomes. Se tal interpretação estiver correta, o termo, traduzido de forma literal, significaria ‘carne da (ou alimento provindo da) abelha’.

¹⁷⁸ Uma análise alternativa a ser considerada é que as pré-nasalizadas sejam consideradas obstruintes nasais e, neste caso, a oposição em *cluster* é entre obstruintes e soantes, sendo o traço *grave* vs. *agudo* o traço secundário (D'ANGELIS, comunicação pessoal).

[su] ~ [so] ~ [sw], em que a realização aproximante também pode ser delegada a contexto de fala rápida (cf. 144).

- (144) a. [pa'swəri] ~ [pa'suəri] 'tomar banho'
 b. [nə'swa] ~ [nə'soa] 'chupar'
 c. ['swəʔə] 'constelação'

No Quadro 20, a seguir, são apontadas as principais oposições do sistema consonantal do Panará. Além dos traços *agudo vs. grave*, para delimitar as demais posições é preciso lançar mão ainda do *compacto vs. difuso*.

Quadro 20: Consoantes em Panará					
Obstruintes	[- contínuo]	/p/	/t/		/k/
	[+contínuo]			/s/	
Soantes	[- contínuo]	/mp̃/	/nt̃/	/ns̃/	/ŋk̃/
	[+contínuo]	/w/	/r/	/j/	/h/

5.3. Vogais

Antes de apresentar os fones vocálicos, faz-se necessário fazer um breve comentário a duas características comuns às vogais do Panará: alongamento vocálico e aspiração vocálica em sílaba final. O alongamento vocálico pode ser identificado como duração ou pela presença de [j] após vogal anterior e [w] após vogal posterior. Em Dourado (1990, 2001), as aproximantes foram tratadas como soantes em coda silábica. Já em Vasconcelos (2013) foi discutido o caráter fonético destas realizações. Nesta análise se mantém a proposta de que as aproximantes estão marcando duração vocálica, como podemos observar nos itens seguintes:

- (145) a. [ĩko^wkr̃] 'coração' f. [nəŋ̃kokr̃tu'sə:] 'coração batendo'
 b. [ĩk̃jɔw] ~ [k̃jɔw] 'não' g. [tɔw'tɔk̃] ~ [tɔ'tɔk̃] 'macaco (tipo)'
 c. [kɔw'pasə] ~ [kɔ'pasə] 'borduna' h. [tawm̃ə'prə] ~ [tɔwm̃ə'mp̃rə] 'amarelo'
 d. [powpa'sə] ~ [pɔp̃ə'sə] 'poraquê' i. [iʔko] ~ [i'ko^w] 'macaco'
 e. [s̃e'si] 'grosso' j. [p̃j̃e'se:ri:] ~ [p̃j̃e'sejri] 'brincadeira'

Ainda não foi possível estabelecer as motivações de todas as realizações das vogais longas. Uma hipótese é que tais ocorrências estejam relacionadas à prosódia do Panará. O que se observou no trabalho de campo é que uma vogal pode ser alongada para dar ênfase a uma característica, assim, [kī] pode ser traduzido como ‘bonito’ e [kī: putě'si] como ‘muito bonito mesmo’. A duração não é distintiva como podemos observar em nos itens seguinte.

- (146)
- | | |
|--|---|
| a. [si:krɛ'ko] ~ [sikrɛ'ko] ‘furo da orelha’ | i. ['kī:] ~ [kī] ‘bonito’ |
| b. [kwa:tĩ:'tɛ:pi] ‘fruto da mata’ | j. [se:'kə] ~ [se ^h 'kə] ‘cueca’ |
| c. [pəri'tɛ:] ~ [pəri'tɛ] ‘pau fino’ | k. [sə'pe:ri] ~ [sə'peri] ‘vento’ |
| d. [tɛ:p] ~ [tɛp] ‘peixe’ | l. ['ki:pa] ‘terra’, [kipa'rĩ] ‘terra seca’ |
| e. [pə:'ri] ~ [pə'ri] ‘árvore, pau’ | m. ['kə:] ~ ['kəə] ~ ['kə] ‘comprido’ |
| f. [kəjɛ,sə'pə:] ~ [kəjɛ,sə'pə] ‘faca’ | n. [kjə:pə] ~ [kjəpə] ‘beiju’ |
| g. [sa:'se] ~ [sa'se] ‘rede’ | o. [pa:'kə] ~ [paa'kə] ‘chinelos’ |
| h. [pu:'su] ~ [pu'su] ‘muriçoca’ | p. [ku:'ku:t'] ~ [ku'kut] ‘abóbora’ |
| i. [kjo:ri'ti] ~ [kjo'ri'ti] ‘caititu’ | q. [so'po:wə] ~ [so'powə] ‘cacau do mato’ |
| j. [pə:'kə] ‘nome próprio’ | r. [tō:] ~ [tō] ‘outro’ |
| h. ['tə:tĩ] ~ ['tət] ‘cesto’ | s. [pi'ko:mə] ~ [pi'komə] ‘amanhã’ |

Já as ocorrências de vogais aspiradas podem ser divididas entre aquelas que ocorrem diante de silêncio (147) e aquelas que ocorrem em sílaba não final átona (148). Propõe-se que se trata de variação fonética, no caso da aspiração diante de silêncio como consequência da coleta dos dados elicitados, em que os informantes enfatizam a vogal final do termo.

(147) Vogais aspiradas diante de silêncio

- | | |
|---|---|
| a. [nə̃su'ti ^h] ~ [nə̃su'ti] ‘estrelas’ | j. [pə̃ti'ti ^h] ~ [pə̃ti'ti] ‘tamanduá’ |
| b. [t̃tɛ ^h] ~ [tɛ] ‘perna’ | k. [ku'krɛ ^h] ~ [ku'krɛ] ‘casa’ |
| c. [t̃si ^h] ~ [t̃si] ‘semente’ | l. [mō'si ^h] ~ [mō'si] ‘milho’ |
| e. [sũ'piə ^h] ~ [sũ'pjə] ‘pai (dele)’ | m. ['ku ^h] ~ ['ku:] ‘mandioca’ |
| f. ['soa ^h] ~ ['soa] ‘dente’ | n. [t̃ka ^h] ~ [t̃ka] ‘tossir’ |
| g. [i'tu ^h] ~ [i'tu] ‘batata’ | o. ['puu ^h] ~ ['puu] ‘roça’ |
| h. [nə̃'pə ^h] ~ [nə̃'pə] ‘besouro’ | p. [nə̃'sə ^h] ~ [nə̃'sə] ‘rato’ |
| i. [t̃kjə ^h] ~ [t̃kjə] ‘fedido’ | q. [pə̃ ^h] ~ [pə̃] ~ [pə] ‘flecha (tipo)’ |

(148) Vogais aspiradas em sílaba não final

- | | |
|--|--|
| a. [titi ^h 'ti] ~ [titi'ti] 'tatu' | e. [nã ^h 'pjə] ~ [nã'pjə] 'mãe' |
| b. [kwa ^h 'kjə] ~ [kwa'kjə] 'fruto da mata' | f. [ka ^h 'krɛ] 'você planta' |
| c. [a ^h 'kjo] ~ [ha'kjo] ~ [a'kjo] 'cipó' | g. [a ^h 'pjə] ~ [a'pjə] 'tracajá' |
| d. [po ^h 'so'wa ^h] 'nome próprio' | h. [su ^h 'tĩ] ~ [su'tĩ] 'pesado' |

Os fones vocálicos registrado no *corpus* foram:

Quadro 21: Fones vocálicos do Panará											
Vogais orais						Vogais nasais					
Anteriores		Centrais		Posteriores		Anteriores		Centrais		Posteriores	
[i]	[ɪ]	[i̥]	[u̥]	[o]	[u]	[u]	[ĩ]	[ĩ]	[ĩ̥]	[õ]	[ũ]
[e]		[ə]	[ə̥]		[ɣ]	[o]	[ẽ]				[õ]
[ɛ]		[ɜ]	[ɛ̥]		[ʌ]	[ɔ]	[ẽ]	[ɜ̥]			[õ]
		[ɐ]						[ẽ̥]			
		[a]				[ɔ̥]		[ã]			[ḁ̃]

Dentre estes fones, a vogal anterior [ɪ] varia com a vogal [i] em sílaba átona: [a'kri^h] ~ [ha'kri^h] ~ [ha'kri] 'capim, mato', tal variação também é registrada em sílabas átonas formadas a partir da inserção de vogais em coda, como em: [i'kjit̪i] ~ [i'kjit̪i] ~ [i'kjit̪i] ~ [i'kjit̪̃] ~ [i'kjit̪̃] 'anta'. Nas vogais anteriores também foi registrada a variação de [e] e [ɛ]: [pəri'te:] ~ [pəri'tɛ] 'pau fino'¹⁷⁹, [pe'jə] ~ [pe'jə^h] ~ [pe'jə̃] 'açai' e [prepa'sə] ~ [prepa'sə] 'formiga'. Tais ocorrências sugerem, diferentemente do que propôs Dourado (1990, 2001), que não há oposição entre [e] e [ɛ]. Também não foram encontrados pares opositivos entre estes segmentos.

A vogal [u̥] apresenta somente uma ocorrência, em [kə'tu̥] 'preto', e propõe-se que tanto este segmento como [u] são realização fonética de [i̥]: [tu'sə] ~ [tu'sə^h] ~ [t̪i'sə^h] 'respirar' e [ju^h] ~ [j̪i^h] 'grande'. Já as realizações [ə], [ə̥], [ɜ] e [ɛ̥] variam com [ə]: [ĩkjẽr̃ə'pjə] ~ [ĩkjẽñə'pjə] ~ [ĩkjẽñə'pjə] 'minha mãe', [pər̃əko] ~ [pər̃ə'ko] 'remédio', [pəri'kjə] ~ [pəri'kjə]

¹⁷⁹ No *corpus*, mesmo termo para *cachimbo* e *cigarro*. Dourado (2001) registra um termo próprio para *cigarro*, distinto de *cachimbo*.

‘fruta’, [kəja'sɜ] ~ [kəja'sə] ~ [kəjə'sə] ‘machado’, [krɛ'jɜ] ~ [krɛ'jə^h] ‘cará’ e [krə'kɛ] ~ [krə'kə] ‘calça’. A vogal central [ə] varia, ainda, com [ɜ]: [pɜrɔ'ko] ‘suco’ (cf. ‘remédio’), [sɜri] ~ [səri] ‘assado’. Já a vogal [ɐ] ocorre em sílaba átona, pré e pós-tônica, variando com a vogal [a]: [ĩ'kjare] ~ [ĩ'kjara] ‘mulher’, [mãrejõ'pɔ] ~ [mãrajõ'pɔ] ‘filho dele’ e [koti,tɛkjõ'po] ‘jacu’.

Nas posteriores, [o] ~ [u] ~ [ʊ] como em [su'ti] ~ [so'ti] ~ [sʊ'ti^h] ‘cama’, sugerindo que [u] e [o] sejam realizações fonéticas de um único fonema. Para melhor compreendermos as oposições nas posteriores, é preciso considerar as variações envolvendo [ɔ], [ɐ] e [ʌ], representada nos seguintes exemplos: [ĩ'kjʌ^w] ~ ['kjɔ] ‘não’, [pɐ^h] ~ [pɔ^h] ‘flecha (tipo)’, [kjõ'pɐ] ~ [kjõ'pɔ] ‘beiju’, [kua'tɔt] ~ [kua'tɔt] ~ [kua'tɔtɿ] ‘sapo’, [ĩtɔ'so] ~ [ĩtɔ'ʌ] ‘sobrancelha’, [jɐp] ~ [jɔp] ‘cachorro, onça’ e [tɔw'tɔkɛ] ~ [tɔ'tɔkɛ] ‘macaco (mico)’. Observe que as realizações de [ɔ] e [ɐ] estão em variação livre. Quanto à oposição entre as posteriores é preciso considerar os seguintes pares: [krɔ'krɔ] ‘pássaro (tipo)’ x [krə'krə] ‘inseto (tipo)’¹⁸⁰; [pɔ] ‘flecha (tipo)’ x [ĩ'po] ~ ['po] ‘branco’; [m̃pɔ] ‘boi’¹⁸¹ x [ĩ'po] x ['po] ‘branco’, [nõ'kjo] ~ [rõ'kjo] ‘queixada’ x [nõ'kjɔ] ~ [rõ'kjɔ] ‘quente’. Conferir também: [puu] ~ [pu] ‘roça’ x [pɔ] ‘flecha (tipo)’, [tu] ‘batata’ x [a'tɔ] ‘pássaro (tipo)’. Tal como para as vogais [-post.], aqui também não há uma distinção entre vogais médias [o] x [ɔ] e, sim, entre /u/ x /ɔ/, em que tanto [o] quanto [ʊ] são variantes da posterior alta, divergindo, assim, da proposta de Dourado (1990, 2001), que defendia uma oposição entre /u/ x /o/ x /ɔ/.

Se nas posteriores a oposição é entre /u/ x /ɔ/, entre as vogais anteriores a oposição seria entre /i/ x /e/ ou entre /i/ x /ɛ/? A oposição que há tanto nas anteriores quanto nas posteriores é entre o traço [+ alto]: /i u/ e [- alto] /ɛ ɔ/. Os demais traços opositivos entre as vogais orais são [±posterior] – /i e/ [-posterior], /i ə u ɔ/ [+posterior] – e, nas posteriores, [±arredondado] – /i ə/ [- arredondado] /u o/ [+ arredondado]. A vogal [a], especificada com o traço [+ baixo], completa os fonemas vocálicos.

¹⁸⁰ Inseto utilizado como isca para pesca.

¹⁸¹ Termo utilizado também para cavalo.

Quadro 22: Vogais orais em Panará			
[-posterior]		[+ posterior]	
		[-arr]	[+ arr]
[+alto]	/i/	/i/	/u/
[-alto]	/ɛ/	/ə/	/ɔ/
[+baixo]		/a/	

Os itens (149-158) ilustram as oposições identificadas entre as vogais orais.

(i) [+alto] x [-alto]

(149) /i/ x /ɛ/

- [si] /si/ ‘osso’ x [iʔse] /ih'se/ ‘cera de abelha’
- [kri] /kri/ ‘aldeia’ x [ĩkrɛ] /ŋkrɛ/ ‘ovo’
- [ti] /ti/ ‘pron. 3ª pessoa’¹⁸² x [tɛ] /tɛ/ ‘perna’

(150) /i/ x /ə/

- [jã'si] /jã'si/ ‘veado’ x [jõ'sə] /jõ'sə/ ‘tucano’
- [si] /si/ ‘semente’ x [a'sət] x [a'sətj] /a'sət/ ‘algodão’

(151) /u/ x /ɔ/

- [pu] ~ [puu] /'puu/ ‘roça’ x [pɔ^h] ~ [pɔ] /'pɔ/ ‘flecha (tipo)’
- [kro'kro] /kro'kro/ ‘pássaro (tipo)’ x [krɔ'krɔ] /krɔ'krɔ/ ‘inseto (tipo)’

(ii) [-posterior] x [+posterior]

(152) /i/ x /ĩ/

- [si] /si/ ‘osso’ x [sĩ] /sĩ/ ‘semente’
- [jɔ'ti] /jɔ'ti/ ‘sucuri’ x [nõ'ti] /ntõ'ti/ ‘casco’¹⁸³

¹⁸² Seguindo a proposta de tradução em Dourado (2001).

¹⁸³ No sistema consonantal do Panará é preciso investigar o critério para identificar se uma realização nasal é resultado da nasalização de um [ɾ] ou de uma pré-nasalizada [nt̃]. Preliminarmente, optou-se pelo critério de variação, porém, não se descarta que diante de vogal nasal há um processo de neutralização de [ɾ] e [nt̃], ponto ainda a ser investigado.

(153) /i/ x /u/

[ˈkitj] ~ [ˈkid] /ˈkit/ ‘pequeno’¹⁸⁴ x [kuˈkut] ~ [kuˈkutj] /kuˈkut/ ‘abóbora’

(154) /ɛ/ x /ə/

a. [iˈse] ~ [iˈtse] /ˈnse/ ‘arco’ x [ˈsə] /ˈsə/ ‘gavião’

b. [nɔ̃ˈpe] ~ [nɛ̃ˈpe] /nɔ̃ˈpe/ ‘açai’ x [nɔ̃ˈmpə] /nɔ̃ˈmpə/ ‘arara’

(155) /ɛ/ x /ɔ/

[pɛˈpɛt] /pɛˈpɛt/ ‘magro’ x [pɔˈpɔt] /pɔˈpɔt/ ‘baixo’

(iii) [- arredondado] x [+ arredondado]

(156) /i/ x /u/

a. [ˈpi] /ˈpi/ ‘urucum’ x [pu] ~ [puu] /puu/ ‘roça’

b. [iˈti] /ˈti/ ‘capivara’ x [iˈtu] ~ [hiˈtu] /hiˈtu/ ‘batata’

(157) /ə/ x /ɔ/

a. [pɔ̃ˈkɔ] /pɔ̃ˈkɔ/ ‘gavião’ x [pɛ̃ˈkə] /pɛ̃ˈkə/ ‘vestido’

b. [ˈtɔ̃i] /ˈtɔ̃i/ ‘forte’ x [ˈtɔt] /ˈtɔt/ ‘estampido’

(iv) [+baixo]

(158) /a/ x /ə/

a. [ka] /ka/ ‘pron. 2ª pessoa’¹⁸⁵ x [ˈkə] /ˈkə/ ‘couro’

b. [nɔ̃ˈka] ~ [rɔ̃ˈka] /rɔ̃ˈka/ ‘feio’ x [nɔ̃ˈkə] ~ [rɔ̃ˈkə] /rɔ̃ˈkə/ ‘cobra’

A oposição básica entre as vogais é *oral vs. nasal*. As demais oposições são pelos traços [± posterior], /ĩ ẽ/ x /ĩ ã ã õ/; [± arredondado], /ĩ ẽ/ x /ũ õ/; e [± alto], /ĩ ỹ ã/ x /ẽ ã õ/. Para as vogais nasais não é relevante o traço [± baixo], que nas vogais orais permitia a oposição de /a/ às demais vogais.

Sobre os fones nasais, só há uma única ocorrência, no *corpus*, da posterior [õ], em [nɔ̃ˈka] ~ [nõˈka] ‘cobra (esp.)’, já os fones [ã], [ẽ], [ĩ] e [ã] estão em variação livre, dos quais o fone [ã] é aquele que apresenta o menor número de ocorrências, a saber: [kɔˈmã] ~ [kɔˈmã] ‘hoje’ e [ĩkjãˈkə] ~ [ĩkjãˈkə] ~ [kjãˈkə] ‘casca’.

¹⁸⁴ [seˈkid] ‘arco pequeno’ e [ˈkitj] ‘cesto pequeno’.

¹⁸⁵ Seguindo proposta de Dourado (2001).

Quadro 23: Vogais nasais em Panará			
[-posterior]		[+ posterior]	
		[-arr]	[+ arr]
[+alto]	/ĩ/	/ĩ/	/ũ/
[-alto]	/ẽ/	/õ/	/õ/

Os exemplos a seguir ilustram as oposições entre as vogais nasais:

(i) [+alto] x [-alto]

(159) /ĩ/ x /ẽ/

a. [pĩ] /pĩ/ 'lenha' x [pẽn] /pẽr/ 'falar'

b. [mĩ] /mĩ/ 'jacaré' x [mẽ] /mẽ/ 'e'¹⁸⁶

(160) /ĩ/ x /õ/

a. [ĩsu'ĩ] ~ [ĩsu'ĩ] /ĩsu'ĩ/ 'pássaro' x [suõ'prõ] /swõ'prõ/ 'beiju aberto'

(161) /ũ/ x /õ/

a. [sũ'pjə^h] ~ [sũ'piə^h] /sũ'pjə/ 'pai' x [sõ'pə] /sõ'pə/ 'filho'

b. [pũ] /pũ/ 'ver' x [põ'põ] /põ'põ/ 'pássaro (inhambu)'

(ii) [-posterior] x [+posterior]

(162) /ĩ/ x /ĩ/

[sĩ] /sĩ/ 'pele' x [ĩsu'ĩ] ~ [ĩsu'ĩ] /ĩsu'ĩ/ 'pássaro'

(163) /ĩ/ x /ũ/

[pĩ] /pĩ/ 'lenha' x [pũ] /pũ/ 'ver'

(164) /ẽ/ x /õ/

a. [kjẽ'pɔ] /kjẽ'pɔ/ 'pedra de amolar' x [kjõ'pɔ] /kjõ'pɔ/ 'beiju'

b. [ju'tẽn] /ju'tẽn/ 'cair' x [ju'tõ] /ju'tõ/ 'longe'

(165) /ẽ/ x /õ/

a. [sẽⁱ'si] /sẽ'si/ 'grosso' x [sõ'se] /sõ'se/ 'aranha'

b. [tõ'tõja] /tõ'tõja/ 'cachorro do mato' x [tẽ'tẽt] ~ [tẽ'tẽtj] /tẽ'tẽt/ 'tremer, tremedeira'

¹⁸⁶ Segundo Dourado (2001, p. 55-56).

(iii) [- arredondado] x [+ arredondado]

(166) /i/ x /ĩ/

[ĩtsu'ĩ] ~ [ĩsu'ĩ] /n̄su'ĩ/ 'pássaro' x [sũ'pjə^h] ~ [sũ'piə^h] /sũ'pjə/ 'pai'

(167) /ə/ x /õ/

a. [pə'pə] /pə'pə/ 'todos' x [põ'põ] /põ'põ/ 'pássaro (inhambu)'

b. [nə'ka] ~ [rə'ka] 'feio' x [nõ'ka] /rõ'ka/ 'cobra (jararaca)'

Nos itens seguintes é apresentada a oposição *oral x nasal*.

(168) /i/ x /ĩ/

a. ['si] /'si/ 'osso' x ['sĩ] /'sĩ/ 'pele'

b. [saa'si] /saa'si/ 'asa' x [sa'sĩ] /sa'sĩ/ 'nariz'

(169) /e/ x /ẽ/

a. ['tɛ] /'tɛ/ 'perna' x [ju'tɛ̃n] /ju'tɛ̃r/ 'cair'

b. [pɛ'ja] /pɛ'ja/ 'açai' x [pẽ'kə] /pẽ'kə/ 'roupa'

(170) /i/ x /ĩ/

[ĩtsi] ~ [ĩsi] /n̄si/ 'fogo' x [ĩtsu'ĩ] ~ [ĩsu'ĩ] /n̄su'ĩ/ 'pássaro'

(171) /ə/ x /ẽ/

a. ['kə] /'kə/ x [kã̃] ~ [kã] /'kã̃r/ 'cesto'

b. [ĩ'ta] ~ [n̄ta^h] /n̄ta/ 'chuva' x ['tẽ] /'tẽ/ 'alativo'¹⁸⁷

(172) /u/ x /ũ/

a. [pu] ~ [puu] /puu/ 'roça' x ['pũ] /'pũ/ 'ver'

b. [i'tu] /i'tu/ 'batata' x [tũ'mð] 'gordura'

(173) /ɔ/ x /õ/

a. [ĩ'tɔ] ~ [n̄tɔ] 'olho' x ['tõ] /'tõ/ 'irmão'

b. [ĩ'pɔ] ~ [m̄pɔ] /m̄pɔ/ 'boi' x [mõ'si] /m̄põ'si/ 'milho'

Por fim, nesta análise, propõe-se para o Panará que a oposição básica das consoantes seja entre *obstruintes vs. soantes*, enquanto, para as vogais, é entre *oral vs. nasal*¹⁸⁸. Obstruintes

¹⁸⁷ Segundo Dourado (*id.* p. 82).

¹⁸⁸ As vogais, segundo a proposta de traços de Jakobson, Fant & Halle, tem como oposição básica *oral vs. nasal*, em Chomsky & Halle (1968) [\pm nasal]; nas orais e nas nasais operam os traços *grave vs. agudo* (/i ə a u ɔ ɪ ẽ ã ã ã ã/

e vogais especificadas para SP, com [nasal] marcado somente nas vogais. Enquanto as soantes são especificadas para SV, com a implementação da nasalidade nas descontínuas por meio da implementação fonética [Abaixar VP]. Nas consoantes, os traços *descontínuo* vs. *contínuo* e *grave* vs. *agudo* secundários, estabelecendo as restrições em *clusters* e, especificamente *grave* vs. *agudo*, licenciando os segmentos em coda.

O quadro de vogais da presente análise é reduzido em comparação ao proposto por Dourado (1990, 2001). Na interpretação da pesquisadora são distinguíveis nove vogais orais, com três alturas entre anteriores [-post.] e nas posteriores arredondadas [+post. +arr.], enquanto propomos um sistema com sete vogais orais, em o traço [baixo] está restrito às [+post. +arr.]. Sobre as vogais nasais, particularmente, é preciso avaliar se a oposição [±alto] para as posteriores não-arredondadas é relevante ou se ela foi neutralizada, tal suspeita é gerada pelo reduzido número de itens em que encontramos a vogal nasal [ĩ] e, ainda, um caso de variação entre [ĩ] e [ã], a saber: [haʔsã'mpɛ] ~ [hasĩ'mpɛ] 'muito bravo'.

Neste capítulo nos detivemos na reanálise do sistema fonológico do Panará, no capítulo seguinte retomamos a hipótese Cayapó do Sul-Panará, a partir da comparação dos registros Cayapó do Sul, do *corpus* do Panará com registros recentes de línguas da família Jê, especificamente, Apãniekrá, Apinajé e Tapayúna.

x /i ɛ ĩ ẽ/, *compacto* vs. *difuso* (/i ĩ u ĩ ĩ ũ/ x /ɛ ə a ɔ ẽ õ õ/); nas graves é preciso distinguir *flat* vs. *plain* (/u ɔ ũ õ/ x /i ə a ĩ ã/), e, por fim, somente nas orais, *tense* vs. *lax* (/i ĩ ə u/ x /ɛ a ɔ/).

6. CAYAPÓ DO SUL, PANARÁ E FAMÍLIA JÊ

Nos capítulos anteriores foram realizadas as análises fonológicas do Cayapó do Sul a partir dos registros disponíveis, bem como a análise fonológica do Panará, baseada em transcrições do trabalho de campo realizado em 2012. Neste capítulo, os registros Cayapó do Sul e Panará são comparados com línguas da família Jê, a saber: Apinajé, Apãniekrá e Tapayúna. Por fim, os registros Cayapó do Sul são comparados com os da língua Panará e pontuamos as convergências e divergências encontradas, acompanhadas da conclusão sobre a relação entre os dois povos, do ponto de vista linguístico.

6.1. Comparações anteriores entre Cayapó do Sul e Panará

As análises comparativas entre os registros do Cayapó do Sul e o Panará foram feitas por Heelas (1979), Schwartzman (1988), Rodrigues & Dourado (1993), Giraldin (1997, 2000) e Dourado (2004). Nos dois primeiros são utilizadas as listas de palavras coligidas por Pohl e Saint-Hilaire publicadas por von Martius em 1867. Heelas (1979, p. 2) aponta: “no total dos 33 termos da lista de palavras de Saint-Hilaire, dezenove termos são cognatos diretos, quatro são aparentes equívocos, três não podem ser traduzidos e sete não têm aparente afinidade na língua Panará atual”¹⁸⁹. Em Schwartzman (1988, p. 282): “35 das 67 [palavras] da lista de Pohl apresentam similaridade notável, enquanto, para Saint-Hilaire essa similaridade é de 27 das 33 palavras, chegando a 62 [cognatos] de 100 ao todo”¹⁹⁰. Segundo Heelas (1979), foram utilizadas para a comparação as listas de palavras coletadas por Pohl e Saint-Hilaire, porém, tanto Heelas quanto Schwartzman vão usar para suas comparações a versão dessas listas disponível no “Wörtersammlung brasilianischer Sprachen”, compilação realizada por von Martius (1867), que como apontado na seção (2.2.2), apresenta equívocos quanto à atribuição de autoria das listas. A esse mal-entendido somam-se outros de Heelas (1979), repetidos por Schwartzman (1988).¹⁹¹ Nas duas análises não é apresentado o critério para o estabelecimento dos cognatos, o que deixa a conclusão de Heelas (1979) obscura, pois, diferentemente de Schwartzman (1988), ele não assinala

¹⁸⁹ Tradução livre de: “In the total word list of thirty three terms given by Saint-Hilaire, nineteen are direct cognates, four are apparent misunderstandings, three cannot be translated and seven have no apparent affinity to the present Panara language”.

¹⁹⁰ Tradução livre de: “There are actually 67 items in Pohl’s list. My reexamination of the lists gives 35 of 67 notably similar words in Pohl’s list, and 27 of 33 in Saint-Hilaire’s, giving 62 of 100 in all”.

¹⁹¹ Talvez por conta da qualidade do material que Heelas (1979) tenha consultado, a palavra latina *coelum* ‘céu’ é anotada como *coclum*, traduzida para o inglês como *intestine*; assim, na lista de Pohl, *putkuá* ‘céu’ tem como correspondente no Panará (anotado por Heelas) *itu* ‘barriga’. Este mesmo equívoco é mantido em Schwartzman (1988).

quais são os itens que ele considera “apparent cognates”; o registro para o Panará não se diferencia, quanto à acuidade na transcrição e coleta dos registros do Cayapó do Sul com os quais ele está trabalhando e pela sua análise poderia se propor semelhanças entre os dois registros, não mais que isso. Em Schwartzman (1988), o diferencial é o cuidado maior com o registro do Panará, tendo como consequência o maior número de cognatos com as listas de Mossâmedes, mas mesmo assim, com consideráveis diferenças. Nestas duas análises, se um termo do Panará tem em comum ao menos uma sílaba com os de Mossâmedes é assinalado como “presumed cognates”.

Heelas (1979) e Schwartzman (1988) desconheciam as listas de palavras de Kupfer (1870) e Nehring (1894), a primeira na “Zeitschrift für der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin” e a segunda, publicada por Ehrenreich na “Zeitschrift für Ethnologie”, sendo que nesta última há a reprodução parcial de todas as listas conhecidas até aquele momento¹⁹². Heelas (1979, p. 1) aponta que o Cayapó do Sul foi ignorado na pesquisa sobre os Jê, em parte, ou principalmente, porque os dados existentes eram por demais precários. Possivelmente, este descaso com os Cayapó do Sul pelos pesquisadores de línguas Jê manteve as listas de Kupfer e Nehring desconhecidas.

A primeira análise comparativa realizada por um linguista entre os registros disponíveis Cayapó do Sul e Panará é do início da década de 90 do século XX e coincide com os primeiros estudos linguísticos realizados por Luciana Dourado sobre os Panará e com os estudos etno-históricos realizados por Giralдин. O estudo comparativo é apresentado em um resumo de SBPC¹⁹³, publicado por Rodrigues & Dourado (1993), em que são utilizados itens da lista de Pohl (1832), Saint-Hilaire (1848) e Barbosa (1918). Naquele breve estudo os autores concluem que:

a língua Panará de Barbosa, apesar de falada em 1911 no oeste de Minas Gerais, é a mesma dos Panará, que em 1972 viviam no rio Peixoto de Azevedo, a oeste do alto Xingu, ao passo que a língua registrada por Pohl e Saint-Hilaire em 1819 em São José de Mossâmedes, Goiás, também é a mesma, mas possivelmente uma leve variante dialetal. (RODRIGUES; DOURADO, 1993, p. 505).

¹⁹² Ao apresentar as listas conhecidas até aquele momento, Ehrenreich (1894) realiza também a primeira comparação entre registros do Cayapó do Sul, apontando que a lista de Nehring é mais próxima da lista anotada por Kupfer (em Santana do Paranaíba) do que aquelas anotadas por Pohl e Saint-Hilaire (em São José das Mossâmedes).

¹⁹³ Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Considerando a quantidade de itens (19) e aleatoriedade destes (poucos fazem parte de vocabulário básico¹⁹⁴), o estudo não tem um caráter conclusivo. Dourado (2004) utiliza 18 dos 19 itens de 1993, acrescentando dois itens (totalizando 20 itens), mantendo o mesmo padrão da primeira análise.

Giraldin (1997, 2000) apresenta um estudo comparativo no qual a organização dos termos e o maior número de itens (74 na análise de 1997 e 67 na análise de 2000) evidencia a estreita relação entre Cayapó do Sul e Panará. No entanto, ele comete pequenos equívocos na reprodução das listas do Cayapó do Sul¹⁹⁵ e utiliza, para o Panará, os termos anotados por Heelas (1979) e Schwartzman (1988). Tal como as comparações anteriores, sua análise limita-se a apresentar os termos lado a lado, indicando o grau de semelhança e delegando à qualidade dos registros Cayapó do Sul as discrepâncias encontradas. Contudo, esta análise tem como destaque o uso dos termos de parentesco coletados por Heelas (1979) e Schwartzman (1988), conjunto de termos não encontrado em trabalhos de cunho linguístico.

As comparações realizadas entre os registros do Cayapó do Sul com a língua Panará mantêm, como características comuns, ausência de tratamento adequado dos registros Cayapó do Sul e pressuposto de que estes são os antepassados dos Panará. Essas comparações e a delimitação da semelhança entre os registros não são acompanhadas de observações quanto à proximidade seja do Cayapó do Sul, seja do Panará, com outras línguas da mesma família linguística, família Jê, o que acreditamos ser crucial na verificação da hipótese de Heelas (1979).

Neste capítulo, os registros Cayapó do Sul e o Panará são comparados com línguas da família Jê, mais especificamente, com línguas do sub-ramo setentrional, ao qual o Panará foi associado. Seguem-se à comparação lexical apontamentos sobre características fonológicas que aproximam ou distanciam estas línguas. Por fim, os registros Cayapó do Sul são novamente comparados com o Panará, acompanhados da discussão sobre seu sistema fonológico. Para esta análise comparativa foram selecionadas as línguas Apinajé, Apãniekrá e Tapayúna.

¹⁹⁴ Segudno Campbell (2004): “in general, it is convenient to begin with cognates from ‘basic vocabulary’ (body parts, close kinship terms, low numbers, common geographical terms), since these resist borrowing more than other sorts of vocabulary, and for the comparative method we want to compare only true cognates, words which are related in the daughter languages by virtue of being inherited from the proto-language.” (p. 126-127). Steinen (1886 apud Christino, 2006) vai distinguir palavras de “valor primário” (Wörter primären Werthes) e as de “valor secundário” (Wörter secundären Werthes), na primeira “incluíam-se as denominações para parte do corpo, elementos da natureza (com água, madeira, fogo), corpos celestes (caso de lua e sol), relações de parentesco e tipos humanos (a exemplo de homem, mulher, menino, anciã, cacique)” (CHRISTINO, 2006, p. 69).

¹⁹⁵ Aqui são encontrados os mesmos problemas da reprodução das listas por Heelas (1979) e Schwartzman (1988) – ver nota 191. Já na lista de Nehring (1894) todos os itens marcados pelo diacrítico macro são substituídos por til. Quanto à reprodução da lista de Barbosa, há troca ou ausência de diacríticos em diversos itens.

6.2. Cayapó do Sul, Panará e Apinajé

Para esta comparação, foi utilizada principalmente a tese de Oliveira (2005), em que a pesquisadora propõe uma descrição da língua Apinajé, abordando características fonológicas, morfológicas e sintáticas. Em apêndice à sua tese, Oliveira (2005) inclui um “Apinajé Dictionary”, fonte principal para a maioria dos itens selecionados para análise comparativa. Em complementação, também foi utilizada a dissertação de Salanova (2001), em que o pesquisador faz uma discussão sobre os sistemas fonológicos do Apinajé e do Mebengokre.

Entre os principais estudos fonológicos do Apinajé são de Ham (1961), Salanova (2001) e Oliveira (2005). Tanto o de Ham (1961) quanto o de Oliveira (2005) são análises na linha da fonêmica pikeana, enquanto Salanova (2001) propõe uma discussão dos sistemas fonológicos, na linha da fonologia pragueana, lançando mão de propostas da fonologia autosegmental, mais precisamente, discutindo vozeamento e nasalidade a partir da proposta de Piggott (1992). Ham (1961, p.7) propõe 12 fonemas consonantais divididos entre “*continuants*” /v r z/, “*stops*” – “*oral*” /p t č k/ e “*nasal*” /m n ñ ŋ/ – e ainda a glotal /ʔ/. Já para as vogais, são propostas 17 vogais, dez orais /i e ε u ɤ ʌ u o ɔ a/ e sete nasais /ĩ ẽ ã õ ã/. Salanova (2001) mantém os mesmos fonemas apresentados por Ham (1961). Já Oliveira (2005), propõe um inventário fonêmico com 18 consoantes, depreendendo um grupo de oclusivas pré-nasalizadas /mb nd ɲdʒ ŋg/ e ainda duas fricativas /f s/; para as vogais a pesquisadora identifica 17 segmentos, dez orais /i e ε i ə ə ʌ a u o ɔ/ e sete nasais /ĩ ẽ ã õ ã/.

A seguir são apresentados os fonemas do Apinajé tal qual a proposta de Oliveira (2005). A apresentação desta proposta em detrimento de Ham (1961) deve-se ao fato de que a maior parte dos itens selecionados para a análise comparativa é do trabalho de Oliveira (2005). Segue, também, as propostas de sistemas fonológicos para o Cayapó do Sul e Panará.

Fonemas do Apinajé (segundo Oliveira, 2005)

	CONSOANTES				VOGAIS ORAIS			VOGAIS NASAIS		
<i>Oclusiva</i>	p	t	k	ʔ	i	í	u	ĩ	ĩ	ũ
	mb	nd			e	ə	o	ẽ		õ
<i>Africada</i>			tʃ			ə			õ	
			ɲdʒ		ɛ	ʌ	ɔ			
<i>Fricativa</i>	f	s				a				
<i>Nasal</i>	m	n	ɲ	ŋ						
<i>Flap</i>		r								
<i>Glide</i>			j	w						

Sistema fonológico Cayapó do Sul

	CONSOANTES				VOGAIS ORAIS			VOGAIS NASAIS		
<i>Obstruintes</i>	p	t	s	k	i	í	u	ĩ	ĩ	ũ
<i>Soantes</i> [-cont.]	m̂p	n̂t	ŋ̂s	ŋ̂k	e	ə	o	ẽ	ã	õ
[+cont.]	w	r	j	h		a				

Sistema fonológico Panará

	CONSOANTES				VOGAIS ORAIS			VOGAIS NASAIS		
<i>Obstruintes</i> [-cont.]	p	t	k		i	í	u	ĩ	ĩ	ũ
[+cont.]		s			ɛ	ə	ɔ	ẽ	õ	õ
<i>Soantes</i> [-cont.]	m̂p	n̂t	ŋ̂s	ŋ̂k		a				
[+cont.]	w	r	j	h						

Na tabela seguinte foram reunidos cerca de 200 itens do Apinajé, Cayapó do Sul e Panará. Como exposto, a maior parte dos termos Apinajé foram retirados de Oliveira (2005), no entanto, também serviu como fonte Salanova (2001). Os termos do Cayapó do Sul são apresentados na grafia original do registro, tendo como fonte principal a lista de Barbosa (1918) e, quando relevante, com representantes de Mossâmedes e Santana do Paranaíba. Os dados do Panará são, em grande parte, aqueles do corpus produzido por Vasconcelos (2012), complementado com itens de Dourado (2001, 1990).

	Português	Cayapó do Sul ¹⁹⁶	Apinajé ¹⁹⁷	Panará ¹⁹⁸
1	‘cabeça’	icrian (SH), kián (B)	krẽ	[ĩ'kjẽ]
2	‘cabelo’	kin, ikin (B)	kĩ	[ĩ'kĩ]
3	‘testa’	ikuá (B)	õ krẽ	[ĩ-ku'a ^h]
4	‘olho’	intó, ntó (B)	[ndõ] *	[ĩntõ] ~ [ĩ'tõ]
5	‘sobrancelha’	intóçôkín (B)	do ʔo	[ĩtõ'so]
6	‘nariz’	chacaré (SH), çâkré (B)	j-ĩju	[sa'sĩ] ¹⁹⁹
7	‘orelha’	chicré (SH), çukré (B)	abak	[si'krẽ]
8	‘boca’	chapé (SH), çakuá (B)	j-akwa	[sa'koa] ²⁰⁰
9	‘língua’	çuntót (B)	j-õto	[sõ'tõ]
10	‘dente’	chuá (SH), çuá (B)	wa	[soa]
11	‘gengiva’	çuáín (B)	wa jĩ	[soaĩ]
12	‘queixo’	çakiát (B)	[ɲam]	[sa'kiat]
13	‘pescoço’	impút (B)	[mbud]	[ĩ'puti] ‘nuca’
14	‘garganta’	çunkiôt (B)	õkrẽ	[sõ'kjot] ‘pescoço’
15	‘seio’	pa-nche (L), çuncê (B)	[kə]	[sõ'se]
16	‘peito’	chucóto (SH), çukôt (B)	õkot	[sõ'kwa]
17	‘braço’	ípá (SH), ipá (B)	[pa]	[pa]
18	‘sovaco’	çakré (B)	jara krẽ	[sa'krẽ]
19	‘cotovelo’	pa-nkuçú (B)	pa kōn	[paku'su]
20	‘mão’	chicria (SH), cykiá (B)	ikra	[si'kja]
21	‘dedo’	çukiá (B)	ikra krẽ	[sikjã'tõ]
22	‘fígado’	impá ‘ventre’ (B)	ba	[ĩ'pa]
23	‘barriga’	itú (SH), patuca (L)	[tu]	[tu]
24	‘costa, dorso’	ikpún (B)	katpar	[i'pũ]
25	‘ombro’	ikón (B)	ĩkrẽ	[ĩ'ko]
26	‘coluna’	çapací (B)	ko i	[sa ^h 'pati] ~ [sa'patsi ^h]
27	‘coxa’	icria (P), inkré, ikrén (B)	kje	[ĩ'krẽ]
28	‘joelho’	ikón (B)	kōn	[ĩ'kõw]

¹⁹⁶ A proposta de segmentação presente nestes itens é uma proposta minha.

¹⁹⁷ Os termos acompanhados por * são aqueles de Salanova (2001), todos os demais são de Oliveira (2005).

¹⁹⁸ Nestas tabelas e nas demais, os itens de Dourado (2001) são indicados por (D), enquanto os de Dourado (1990) por (d).

¹⁹⁹ Em Vasconcelos (2012) ‘buraco de nariz’ [sa'krẽ].

²⁰⁰ No *corpus* quando se pediu ‘boca’ também foi dado [sa'kə] ~ [sa'kə], porém, tal ocorrência é para lábios.

29	‘perna’	ité (SH), ité (B)	[‘tɛ]	[‘tɛ]
30	‘calcanhar’	pakiát (B)	pa krač	[pa'kʃat]
31	‘pé’	ipaá (SH), ipá (B)	par	[‘ɪpaah]
32	‘dedo do pé’	pa-tó (K)	pa krə̃	[pã'tɔ]
33	‘osso’	ité (B)	tɛ i	[‘ɪsi]
34	‘pênis’	impú (B)	ičot	[‘m̃pi]
35	‘nádegas’	suncre (L), çunkretót (B)	ičo	kow (D)
36	‘tripa, intestino’	xin (B)	ko krač	sĩ (D)
37	‘saliva’	çankô (B)	a-go	[sə̃'ko]
38	‘sangue’	ampiô (B)	kamro	[nə̃'pju:]
39	‘remela’	intó-uçú (B)	dɔ kaɲĩ	[ĩtɔ'suu]
40	‘urina’	iútú, icê, içôu (B)	čə	[‘sə̃ə̃]
41	‘fezes’	aín (B)	ĩɲ	[ajĩ]
42	‘mulher’	intié, inti-erá (B)	[‘ndi]	[‘ɪkjaɾɛ]
43	‘homem’	impú-ará (B)	bɪ	[‘m̃pia'ra]
44	‘mãe’	unisi (P), tia (L), títã (B)	katɔɾčə	[nə̃'pjə̃h]
45	‘pai’	usúm (P), uxum (L), uçúm (B)	ipetčə	[sũ'pjə̃h]
46	‘esposa’	inci-piá (K)	prō	[si'pjə̃]
47	‘marido’	pín-piã (B)	[‘mbzeɲja]	[pĩ'pjə̃h]
48	‘filho’	ipán (B)	kra	[‘pə̃]
49	‘criança’	iprin-tué (SH), imprím (N)	prĩɾɛ, prĩ	[pɾĩa'ra]
50	‘bebê’	nhontu-ára (SH), ióntué (B)	[‘gʌʔ 'çim]	[wə̃'tue]
51	‘velho’	caputū (L), kaputún, taputún (B)	tũm *	[tɔpu'tũ]
52	‘sol’	itpúti (P), impútě (N) ²⁰¹	[bi:'di]	[ĩm'pitĩ], [wə̃'tətĩ]
53	‘lua’	putuá (L), pūtūra (N), ptuá (B)	[mbəd'vrɛ,ɾɛ]	[sə̃kʃɛ'titə̃]
54	‘céu’	putkuá (P), pukuá (B)	katkwa	/puku'a/ (d)
55	‘estrela’	amsití (SH), ançětí (N), ançutí (B)	kaʃɛ, kaʃɛɾɛ, kaʃɛti	[nə̃su'ti ^h]
56	‘terra’	cúpa (SH), kýpa (B)	pika	[‘ki:pa]
57	‘rio’	pakré, pakré man (B)	go rač	[pa'krɛ], [ĩ'ko]

²⁰¹ Em Barbosa (1918) temos ainda *iútât* (B), *iútôt* (B).

58	‘cachoeira’	tókót (B)	kĕn ãgo	[korõkõ'kõ]
59	‘água’	incó (SH), inkó (N), inkô, nkô (B)	ŋo *	[ĩ'ko]
60	‘vento’	cupê (K), çakô (B)	['kok vja'per ^e]	[sə'pe:ri]
61	‘chuva’	intá (B)	[nda]	[ĩ'ta] ~ [ĩ'nta]
62	‘trovoada’	iúpít (B)	[gatõtõ]	[ĩtarẽ'sə]
63	‘fogo’	itschiú (P), inxío (L), icy (B)	kuwi	[ĩ'si]
64	‘brasa’	çakiát (B)	kaprə	[sija'kjat]
65	‘cinzas’	ampió (B)	['mbrɔ]	[ĩ'si]
66	‘fumaça’	çukún (B)	/kuwi kum/	[sã'kõ]
67	‘pedra’	keni (P)	kĕn	['kjẽ] ~ ['kjẽ]
68	‘praia’	kuká (B)	[bi'kaŋĩ'ŋɾɿ]	[ku'karĩ]
69	‘dia’	jaká (K), iáká (B)	jarã?ã	[ha?'kah]
70	‘noite’	potekó (K), ptikô, ptukô (B)	[gambɔt'ko]	[kre?'kjã]
71	‘ontem’	kóramán (B)	jã, jã?ã	[i'ãn]
72	‘anta’	icrite (SH), kiúte (K), kiút (B)	kukrit	[ĩ'kjít]
73	‘cavivara’	intán (B)	['ŋgra], [mbruti] *	[ĩ'ti] ~ [ĩ'nti]
74	‘paca’	inkiá (B)	grati	[ĩ'kja]
75	‘queixada’	ankiô (B)	[a'ŋgro]	[nã'kjo]
76	‘veado’	impó, mpó (B)	[ga'rə], mɔ *	[jã'si], [ĩ'pɔ] ²⁰²
77	‘tamanduá’	potiti (L), batutí (B)	[patkaæg'rɛ] (esp.)	[pə'ti'ti ^h]
78	‘cutia’	ikiánnacê (B)	[gu'keŋ ^e] ~ [gu'ken ^e]	[kjãñã'sə] ~[kjãrã'sə ^h]
79	‘tatu’	ankrê (B)	[ap'tʃet]	[titi'ti]
80	‘rato’	ançô (B)	amčo re	[rã'so] ~ [nã'so]
81	‘morcego’	incêp (B)	['ndzɛb]	[nã'sɛp]
82	‘macaco’	inkó (N), ikô (B)	kukoj (esp.)	[i'kow] ~ [i?'kow]
83	‘onça’	napiá (L), napiá (B)	[rɔb'krɔɾ]	[jɔp']
84	‘cachorro’	robú (P), hióp(K), ióp (B)	[rɔp] ~ [rɔb]	[jɔp]
85	‘pássaro’	itchune (SH)	[gu'vejŋ], ɿk 'ave' *	[ĩtsuĩ]
86	‘pato’	iêumatí (B)	apar mã	[jõmẽ'ti]

²⁰² [ĩ'pɔ] é termo dado para mamíferos de grande porte: cavalo, boi, etc.

87	‘peixe’	tépo (SH), tép (B)	[tɛp]	[tɛp]
88	‘cobra’	iãnnă (N), anhán (B)	kagɔ̃	[nãkə]
89	‘serpente d’água’	njonti (N)	rɔʔti	[jɔ'ti] ‘surucucu’
90	‘cascavel’	apát (B)	[a.pat'kəʔ'di] ‘surucucu’ ²⁰³	[a ^h 'patu] (cobra, esp.)
91	‘tiú’	akôtinacê (B)	/kôk/ ‘lagarto’	[a'kô] ‘calango’
92	‘jacaré’	tapung piã (N), intókóçúme (B)	miti	[mĩ]
93	‘sapo’	krētót (N), kretót (B)	[priti] ²⁰⁴	[kua'tɔt]
94	‘abelha’	inpençu, inpeninçu (B)	[mbɛɾ'dʒi] ‘esp.’	[nãɛrĩ'si]
95	‘mel’	inpén (B)	[mbɛɾɲ] *	[nãm'pɛj]
96	‘marimbondo’	prépét (B)	[am'dzə]	[nã'nsi]
97	‘borboleta’	ceojó (N), cíóió (B)	wɛwɛɾɛ, wɛwɛti	[jɔ'jɔ]
98	‘varejeira’	ainnicôp (B)	kopti ‘mosca’	[k'o:põ] ‘mosca’
99	‘pernilongo’	puçú (B)	[pu'ti] ‘mutuca’	[pu:'su]
100	‘piolho’	ankô (B)	kupaʔə	[kʒã'ko]
101	‘carrapato’	katitê (B)	te *	[kʒuti'te]
102	‘aranha’	cêcê (B)	[e:rɛ], [e:ti]	[sõ'se]
103	‘rabo’	çámpá, çámpý (B)	[a'mbi]	[sãm'pĩ ^h]
104	‘asa’	çaací (B)	j-ara	[saa'si]
105	‘penas’	impantsa (SH), inkún (B)	[pɾə]	[ĩ'koã]
106	‘flor’	inhánhán (B)	rɔ̃	[jũ'kjɔti]
107	‘folha’	para-chó (SH), póra-çô (B)	/o/	[pərə'so ^h]
108	‘casca’	çakê (B)	kə	[kə]
109	‘pau’	pêr (B)	pə, po *	[pəri]
110	‘semente’	icí (B)	ʔi ~ i	[sĩ]
111	‘fruto’	patso (SH)	[tʃo]	[pəri'kjã]
112	‘buriti’	kuáçô (B)	gwra	[ĩ'koa]
113	‘jatobá’	ampô (B)	bot=rɛ	[nãm'po]
114	‘banana’	pakáu (B)	[pitʃo]	[pa'kwa ^h]
115	‘mandioca’	kuóch (K), kúa (B)	[kwɪɾ], kwɛr	[kua ^h]
116	‘batata’	itú (K), iútú (B)	jɛt ‘batata doce’	[i'tu]

²⁰³ kagɔ̃ jaji ti ‘cascavel’.

²⁰⁴ pri kəʔi ti ‘sapo cururu’.

117	‘abobora’	kukút (B)	katēre	[ku'kut]
118	‘milho’	muschiú (P), moschi (K), môcý (B)	põï, põi	[mõ'si]
119	‘algodão’	açôt, ançôt (B)	kačət	[a'sət]
120	‘jenipapo’	ampiôtí (B)	bro ti	[piu'ti]
121	‘fumo, tabaco’	arená (P), aréna (N), aréne (B)	[a'ko]	[kjuti'ji]
122	‘capim’	itú (B)	tu ~ tuj	[a'kri ^h]
123	‘carne’	in, cin (B)	bri	['sĩ]
124	‘doce’	cicí (B)	əɲ	[nãsi'si]
125	‘casa’	kikré (K), kukré (B)	ickre	[ku'kre]
126	‘casa’	unkua (P)	ōkwĩ	['kwa ^h]
127	‘roça’	pu (B)	['puru]	['puu]
128	‘caminho’	pir (B)	[pɪ]	['piɪ]
129	‘flecha’	caschoné (P), cajone (SH)	['kru ^v ə]	[kə'jã]
130	‘borduna’	kó (P)	ko, kokrəj	[kə'pasə]
131	‘pilão’	açuaká (B)	kaʔur	[ha'soa] ~ [a'soa]
132	‘canoa’	pók (B)	pər	[pəri'kə]
133	‘faca’	káaschá (P), coacha (L), káaçôa (B)	wapə	[kəjɛ,sə'pã]
134	‘cabaça’	çacêinkô (B)	kukon ~ kukõɲ	[ĩko:kə'wə ^h] ‘cuia’
135	‘cesto’	piápa (P)	kawə	['kãɲ], [piəpa'sə]
136	‘anzol’	kutuín (B)	tɛp rɛ čə	[sõse'soa]
137	‘arma’	atoná (P), atóme (B)	kuče	[ha'tõ] ~ [a'tõ]
138	‘munição’	antoaáschú (P)	kuče ʔi	[atõ'si]
139	‘bom, bonito’	impéi-mpārɛ (SH), tmampé, temompé, tompé (B)	['mbedʒ]	['kĩ]
140	‘feio’	tamancare (L), tómanká, anká (B)	duj	[nã'ka] ~ [rã'ka]
141	‘duro’	tót (B)	təjč	təti (D)
142	‘mole’	pépé (K), pépét (B)	rerek	[pe'pet]
143	‘gordo’	naschoá (K), nansuê (B)	/twəm/	[ĩ'nã]
144	‘magro’	pipré (L)	ʔi, ji, i	[pe'pet']
145	‘grande’	inán, nan, ti, pó (B)	ti *	['wi ^h], [ĩ'nã] ‘largo’

146	‘pequeno’	ipānré (SH), pan (B)	[ˈgri], [ˈpɾĩ]	[ˈpə̃]
147	‘grosso’	inán (B)	rač	[ĩˈnə̃] ‘largo’
148	‘muito’	apépén (B)	kũmrɛč, kumrɛč	[m̃pɛ] ~ [ĩˈpɛ] ²⁰⁵
149	‘calor’	pángue (B)	kagrɔ	[rə̃ˈkʝɔ] ‘quente’
150	‘quente’	akió, ankió (B)	kagrɔ	[rə̃ˈkʝɔ]
151	‘frio’	ikíh, kir (B)	[aˈkri]	[ˈkjiʰ]
152	‘seco’	cinín (B)	[ˈɲgrɐ]	[nĩ] ~ [ĩ]
153	‘pesado’	çutín (B)	utĩ	[suˈtĩ]
154	‘gostoso’	nacicí (B)	əɲ	[nə̃siˈsi]
155	‘azedo’	çôá (B)	wa	[ˈsoa]
156	‘amargo’	çô, unkué (B)	i	[sə̃pə̃riˈsi]
157	‘triste’	iápempré (B)	kaprĩ	[ĩˈkuɜʰ]
158	‘preguiçoso’	çuanká (B)	kaga	[mäs̃wə̃ˈka]
159	‘branco’	katétét (B)	[jaˈka]	[ĩˈpo]
160	‘preto’	cotú (SH), tépanhó (B)	[ˈtik]	[kə̃ˈtu:]
161	‘vermelho’	ampiampio (SH), netampiá (K)	kabrek	[nə̃ˈprə̃]
162	‘medo’	timpá kêkê, iámpá kêkê (B) ²⁰⁶	[ˈmba]	[tĩˈpa]
163	‘ferida’	kótita (B)	kə̃ji, kə̃jɪw	[kə̃ˈtitʰ]
164	‘diarreia’	cinnankô (B)	jaok	[sinə̃ˈˈko]
165	‘um’	ipút (B)	piči	[ĩpit]
166	‘dois’	ambrendá (B)	krut	[pitiˈra]
167	‘trazer’	iópô (B)	apro	[ˈpo] ‘chegar’
168	‘banhar-se’	paçuán (B)	/tʃwa/	[ˈsuəri]
169	‘arrancar’	ti-úátó (B)	[ˈta]	[waˈtɔ]
170	‘puxar’	tokré (B)	kje	krəri (D)
171	‘amarrar’	ti-nápré (B)	/katprɛ/	prɛ (D)
172	‘cair’	iútén (B)	tēm	[juˈtɛn]
173	‘descer’	iápúng (B)	/wrɔ/	[ipə̃ˈkuə̃]
174	‘subir’	iúçupín, çupín (B)	[aˈpi]	sə̃pĩnĩ
175	‘sumir’	itó (B)	akudək ^o	[iˈtɔ]

²⁰⁵ Em Panará e em Apinajé é um morfema intensificador.

²⁰⁶ Em Barbosa (1918) os termos são apresentados como uma mesma palavra, mas claramente é um sintagma. O primeiro termo pode ser segmentado como ti-m̃pa (3p-ter medo) e kêkê é o mesmo termo para urubu. A tradução possível para esse item é ‘ele tem medo de urubu’.

176	‘assar’	icý ama tiká (B)	[ʎrɔ] aka *	[ˈsəri]
177	‘comer’	ti-kukrén, ci-kukrén, ti-krén (B)	/apku/, /krẽ/	[kukrẽ], krẽ (D)
178	‘beber’	pakón (B)	itkō	[ˈkō]
179	‘chupar’	ti-nançá (B)	kaʔo	[řəˈsoa] ~ [nəˈsoa]
180	‘furar’	ti-kén, ti-kê mán (B)	kaʎor	[ˈkjẽrĩ] ~ [ˈkjẽnĩ]
181	‘atirar’	ti-ku-ató (B) ²⁰⁷	krak	[waˈtō]
182	‘plantar’	ti-kré, ti-kré mán (B)	kre	[ˈkre]
183	‘falar’	ti-çuánén (B)	/kapẽr/	[ˈpẽ]
184	‘ouvir’	ti-mpá (B)	ba, bar	[ˈpari]
185	‘ver, olhar’	ti-ç-umpún (B) ²⁰⁸	[bumbu] *	[ˈpũ]
186	‘ensinar’	ti-muçakré (B)	akre	[saˈrẽ]
187	‘gritar’	íkâ, ikâa (B)	akiri, amira	[ĩˈkã]
188	‘tossir’	iká (B)	kak	ĩˈka
189	‘cheirar’	ti-pén (B)	pã	[ĩkoˈsã]
190	‘soprar’	ti-çakô (B)	atko	[isaˈkori]
191	‘tremar’	tentént (B)	[tɛɾtɛt]	[tẽˈtẽtˈ]
192	‘chorar’	inkué (B)	[mbuː]	[ẽˈkuəˈh]
193	‘rir’	cyncý (B)	ajuja, akujar	[ˈsĩĩ]
194	‘cortar’	ti-çakê (B)	akə, akər	[səˈri], [ˈkəri]
195	‘dormir’	schótine (P), paninhote (L), panhót (B)	[ɲõr]	sōti (D)
196	‘deitar-se’	nóó mán (B)	[ˈnõ]	[ˈnõ]
197	‘entrar’	icêê mán (B)	/aɲje/	[sə]
198	‘mandar’	ti-çantó (B)	ado	sātōri (D)
199	‘matar’	ti-pín, ti-nuiá (B)	[ˈpi]	[ˈpĩnĩ]
200	‘morrer’	itú (P), iútú, ipintó (B)	[ˈti]	[ˈtuːh]
201	‘molhar’	ti-nkó (B)	gɔ	[ĩˈkɔ]
202	‘quebrar’	ti-qua (L), ti-kún (B)	/kwũɲ/	[ˈkõwã]

Seguem as principais observações aos itens comparados. As obstruintes /p t k/ do Cayapó do Sul e do Panará correspondem regularmente a /p t k/ em Apinajé, como podemos observar em (19) ipá (B) : [ˈpa]

²⁰⁷ Em Barbosa há dois termos para atirar: tikuatô e tópimán.

²⁰⁸ Proposta de segmentação morfológica, em que *ti* é o clítico de 3ª pessoa e *ç* [s] o prefixo de 3ª pessoa.

(Aj) : [ˈpa] (Pa) ‘braço’, (29) ité (B) : [ˈtɛ] (Aj) : [ˈtɛ] (Pa) ‘perna’ e (2) ikin, kin (B) : kī (Aj) : [ĩkĩ] (Pa) ‘cabelo’.

Na posição de coda, temos a correspondência p : p : p, (87) tép (B) : [ˈtɛp] (Aj) : [ˈtɛp] (Pa) ‘peixe’; bem como p : b : p (81) incêp (B) : [ɲdʒɛb] (Aj) : [nɛˈsɛp] (Pa) ‘morcego’. Já a coda em /t/ do Cayapó do Sul e Panará corresponde a /t/ no Apinajé, conferir (119) açôt, ançôt (B), kačət (Aj) : [aˈsət] (Pa) ‘algodão’, mas também corresponde à africada /tʃ/ do Apinajé, como em (30) pakiát (B) : pa krač (Aj) : [paˈkʃat] (Pa) ‘calcanhar’. E, ainda, a [d] em (13) ‘pescoço’ impút (B) : [ˈmbud] (Aj) : [ĩˈputi] (Pa, ‘nuca’). Já a fricativa /s/ do Cayapó do Sul e Panará ([ʃ] em Mossâmedes), corresponde, em Apinajé, à glotal /ʔ/ ou silêncio: (110) ‘semente’ icí (B) : ʔi, i (Aj) : [ˈsi] (Pa) e (107) ‘folha’ parachó (SH) : pôraçô (B) : o (Aj) : [pərəˈso] (Pa).

As pré-nasalizadas do Cayapó do Sul e Panará, por sua vez, equivalem ora à pré-nasalizada do Apinajé, que, diferentemente do Cayapó do Sul e Panará, tem na fase dessoantizada uma consoante sonora, ora uma oclusiva sonora: (95) inpén (B) : [mbɛɲn] (Aj) : [nɛˈpɛ̃j] (Pa) ‘mel’, (22) impá (B) : ba (Aj) : [ĩˈpa] (Pa) ‘fígado’, (4) intó, ntó (B) : [ñdɔ] (Aj) : [ˈñtɔ] ~ [ĩˈtɔ] (Pa) ‘olho’, (5) intó-çô-kín (B) : dɔ ʔo (Aj) : [ĩˈtɔˈso] (Pa) ‘sobrancelha’, (55) incêp (B) : [ɲdʒɛb] (Aj) : [nɛˈsɛp] ‘morcego’, (59) inkô, nkô (B) : ŋo (Aj) : [ĩˈko] ‘água’.

Quanto às correspondências das soantes /r j/ é preciso considerar as diferenças encontradas entre os registros do Cayapó do Sul, em que a palatal /j/ de Barbosa (1918) realiza-se /r/ na variedade de Mossâmedes (cf. 1. ‘cabeça’, 20. ‘mão’, 84. ‘cachorro’). Para esta última, a correspondência é r : r, (84) robú (P)²⁰⁹ : [rɔp] ~ [rɔb] (Aj) ‘cachorro’, enquanto na variedade meridional do Cayapó do Sul e no Panará é j : r, (84) jóp (B) : [rɔp] ~ [rɔb] (Aj) : [ˈjɔp] (Pa) e ainda (89) rɔʔti (Aj) : [jɔˈti] (Pa) ‘cobra (esp.)’. As correspondências encontradas entre estes segmentos em *onset* se mantêm em *cluster*, ou seja, C¹r (P, SH) : C¹j (B) : C¹r (Aj) : C¹j (Pa); por exemplo, (1) icrian (SH) : kián (B) : krɛ̃ (Aj) : [ĩkjɛ̃] (Pa) ‘cabeça’.

Em Apinajé as consoantes pré-nasalizadas são classificadas como oclusivas nasais (“*nasal stop*”) por Oliveira (2005), formando *cluster* com “*continuants*”. Tais clusters, em Apinajé, correspondem em Cayapó do Sul à sequência de pré-nasalizada e soante contínua, como em (38) ampiô (B) : kamro (Aj) ‘sangue’, (75) ankiô (B) : [aˈŋgro] (Aj) ‘queixada’. Em Panará, a correspondência é com *cluster*

²⁰⁹ Tal ocorrência pode ser segmentada como rop + ʔu (cf. sessão 3.3.1)

constituído por obstruintes e soantes: (38) [nã'pju] e (75) [nã'kjo]. O mesmo padrão de correspondência de (1) 'cabeça', quanto à consoante em C2, é identificado para (38) 'sangue' e (75) 'cinzas': (38) mpj (B) : mr (Aj) : pj (Pa) e (75) nkj (B) : ηgr (Aj) : kj (Pa).

Entre o Cayapó do Sul e o Apinajé, as vogais apresentam correspondência regular, *i* : *i* (120), *e* : *e* (101), *ε* : *ε* (29), *a* : *a* (17), *u* : *u* (23), *o* : *o* (37), *ɔ* : *ɔ* (4). As equivalências entre *i* : *i*, *u* : *i* do Cayapó do Sul com o Apinajé devem ser consideradas antes como evidências para as características fonéticas dos registros do Cayapó do Sul do que argumentos a favor de uma diferenciação da posterior não-arredondada [i] do Apinajé em duas vogais altas no Cayapó do Sul. Importante ressaltar que a alternância *i* com *u* é encontrada entre os diferentes registros do Cayapó do Sul, como em (72) 'anta', bem como em uma mesma lista, por exemplo, (70), onde Barbosa (1918) grafa o mesmo termo ora com a vogal [i] ora com a vogal [u]. No registro de Barbosa (1918) o grafema *y*, utilizado para marcar uma vogal que "soa quase como o *u* francez" (p. 40), alterna com o grafema *u* (cf. itens 20 e 21).

Entre as vogais nasais é encontrada a mesma regularidade identificada nas vogais orais – *ĩ* : *ĩ* (2), *ẽ* : *ẽ* (67), *ũ* : *ũ* (51) e *õ* : *õ* (178). Entre os itens comparados, somente em dois termos identificamos correspondência vogal oral do Cayapó do Sul com nasal do Apinajé, conferir (16) 'peito' e (19) 'cotovelo'. Nestes dois termos não há só diferenças quanto à nasalidade, mas também quanto à altura vocálica – *u* : *õ*. O inverso, vogal nasal em Cayapó do Sul com oral em Apinajé, também não é comum: em (191) 'tremer' *ẽ* : *ε*, e ainda, *ã* (*an*) : *a* (cf. 55, 119, 147 e 168).

A regularidade das correspondências vocálicas entre Cayapó do Sul e Apinajé é mantida entre o Apinajé e o Panará, acrescentando, ainda, *ĩ* : *ĩ*, *ə* : *ə* e suas correspondentes nasais. Contudo, é preciso considerar que a configuração das vogais no Cayapó do Sul e no Panará diverge das propostas para Apinajé, tanto em Oliveira (2005) quanto em Ham (1961).

Dos 202 itens comparados, 22 itens do Cayapó do Sul (21 do Panará) não apresentam correspondências com o Apinajé. Deste grupo destacam-se aqueles que fazem parte de vocabulário básico: (44) 'mãe', (45) 'pai', (46) 'esposa', (47) 'marido' e (48) 'filho'. Para 'jacaré' (92) o termo coligido entre os Cayapó do Sul não permite estabelecer os cognatos.

A correspondência entre forma e significado entre os Cayapó do Sul e o Apinajé foi identificada em quinze itens, dentre estes, termos relacionados a partes do corpo ('cabelo', 'boca', 'braço', 'barriga', 'joelho' e 'perna') e, ainda, o termo para criança (46).

	Português	Cayapó do Sul	Apinajé	Panará
2.	‘cabelo’	kin, ikin (B)	kĩ	[ĩ'kĩ]
8.	‘boca’	chapé (SH), çakuá (B)	j-akwa	[sa'koa] ²¹⁰
17.	‘braço’	ípá (SH), ipá (B)	['pa]	['pa]
23.	‘barriga’	itú (SH), pa-tuca (L)	['tu]	['tu]
28.	‘joelho’	ikón (B)	kõn	[ĩ'kõw]
29.	‘perna’	ité (SH), ité (B)	['tɛ]	['tɛ]
49.	‘criança’	iprin-tué (SH), imprím (N)	prĩɛ, prĩ	[prĩ'a'ra]
67.	‘pedra’	keni (P)	kẽn	['kjẽ] ~ ['kĩẽ]
84.	‘cachorro’	robú (P), hióp(K), ióp (B)	[rɔp] ~ [rɔb]	[jɔp]
87.	‘peixe’	tépo (SH), tép (B)	['tɛp]	['tɛp]
122	‘capim’	itú (B)	tu ~ tuj	[a'kri ^h]
130	‘borduna’	kó (P)	ko, kokɾəj	[kɔ'pasə]
153	‘pesado’	çutín (B)	utĩ	[su'tĩ]
178	‘beber’	pakón (B)	itkõ	['kõ]
182	‘plantar’	ti-kré, ti-kré mán (B)	krɛ	['krɛ]

6.3. Cayapó do Sul, Panará e Apãniekrá

Para o Apãniekrá, foram utilizadas, principalmente, como fontes Alves (2004), tese de doutorado sobre a morfossintaxe desta língua, e Alves (2007), artigo em que são reinterpretados os fonemas, o padrão silábico e acento do Apãniekrá, e, ainda, para três itens, Alves (1998).

Na reinterpretação da fonologia do Apãniekrá, Alves (2007) propõe uma série de obstruintes nasais /mp nt ɲtʃ ŋk/, que segundo a autora, é restrita à fronteira de morfemas. Na sua análise estes fonemas são classificados como obstruintes nasais, ao lado das obstruintes /p t tʃ k/, das nasais /m n/ e dos glides /w r j h/. A língua tem como padrão silábico (C₁) (C₂) V (C₃); o *cluster* é formado por uma sequência de obstruinte (oral ou nasal)-glide (exceto h), e a ausência de sequências de glides em *cluster* é explicada pela escala de sonoridade (segundo Clements & Hume, 1995), ou seja, os segmentos em *cluster* crescem em sonoridade, tendo as obstruintes valor 0 (zero) e os glides valor 2 (dois). Alves (2007) explica ainda que sequências com o mesmo ponto de articulação são proibidas no *onset* complexo, a saber, pw, mw, tr, tj, rj, tʃr, tʃj, jr. Em coda são licenciados /p t k m n w r j h/. A pesquisadora explica ainda que o acento é morfológico (segundo Hayes, 1995), caindo sempre na última sílaba da raiz. Seguem os fonemas do Apãniekrá, do Cayapó do Sul e do Panará.

²¹⁰ No corpus quando se pediu ‘boca’ também foi dado [saʔ'kə] ~ [sa'kə], porém, tal ocorrência é para lábios.

Fonemas do Apãniekrá (Timbira), Alves (2007)

	CONSOANTES				VOGAIS ORAIS			VOGAIS NASAIS		
<i>Obstruintes nasais</i>	mp	nt	ɲtʃ	ŋk	i	ĩ	u	ĩ	ĩ	ũ
<i>Obstruintes</i>	p	t	tʃ	k	e	ə	o			
<i>Soantes nasais</i>	m	n			ɛ	ɜ	ɔ	ẽ		õ
<i>Soantes não-nasais</i>	w	r	j	h	a			ã		

Sistema fonológico para o Cayapó do Sul

	CONSOANTES				VOGAIS ORAIS			VOGAIS NASAIS		
<i>Obstruintes</i>	p	t	s	k	i	ĩ	u	ĩ	ĩ	ũ
<i>Soantes [-cont.]</i>	m̂p	n̂t	n̂s	ŋ̂k	e	ə	o	ẽ	ã	õ
<i>[+cont.]</i>	w	r	j	h	a					

Sistema fonológico para o Panará

	CONSOANTES				VOGAIS ORAIS			VOGAIS NASAIS		
<i>Obstruintes [-cont.]</i>	p	t		k	i	ĩ	u	ĩ	ĩ	ũ
<i>[+cont.]</i>			s		ɛ	ə	ɔ	ẽ	õ	õ
<i>Soantes [-cont.]</i>	m̂p	n̂t	n̂s	ŋ̂k	a					
<i>[+cont.]</i>	w	r	j	h						

Na lista a seguir foram reunidos 100 itens do Apãniekrá. Tal como na lista da seção anterior, os itens Cayapó do Sul foram apresentados na grafia original, tendo o vocabulário de Barbosa como base, quando se julgou necessário foram incluídos itens de Mossâmedes e Santana do Paranaíba. Já para o Apãniekrá, foi utilizada ora transcrição fonética, ora fonológica e ainda ortográfica (ortografia unificada Timbira). Alves (2004, 2007) não explica que transcrição utilizou nos seus exemplos, se fonética, fonológica ou ortográfica. Os dados do Panará são, em grande parte, aqueles do *corpus* produzido por Vasconcelos (2012), mas, quando necessário, são selecionados itens de Dourado (2001, 1990).

	Português	Cayapó do Sul	Apãniekrá ²¹¹	Panará
1.	‘cabeça’	icrian (SH), kián (B)	krã	[ĩ'kjã]
2.	‘olho’	intó, ntó (B)	nto *	[n̄to] ~ [ĩ'to]
3.	‘nariz’	chacaré (SH), çâkré (B)	ě'krÿy *	[sa'sĩ] ²¹²
4.	‘orelha’	chiccré (SH), çâkré (B)	aj-apak	[si'kre]
5.	‘barba’	çaңcou (B)	ij-amaho	[səpa,se'jo]
6.	‘cabelo’	kin, ikin (B)	i-kĩ	[ĩ'ki]
7.	‘testa’	ikuá (B)	i-kukatəj *	[ĩku'a ^h]
8.	‘dente’	chuá (SH), çuá (B)	[i:'cwa] ** ²¹³	['soa]
9.	‘boca’	chapé (SH), çakuá (B)	h-arkwa	[sa'koa] ²¹⁴
10.	‘língua’	zutõ (N), çuntót (B)	jõhto *	[sõ'to]
11.	‘saliva’	çankô (B)	ij-arko	[səõ'ko]
12.	‘pescoço’	impudé (SH), impút (B)	/mput/ *	/'mput/ ‘nuca’
13.	‘mão’	chicria (SH), cykiá (B)	ijn-ũkrã	[si'kja]
14.	‘coração’	inkôkré (B)	i-tõtøk	[ĩko ^w 'krẽ]
15.	‘barriga’	itú (SH), pa-tuca (L)	[i:'tu]	['tu]
16.	‘perna’	ité (SH), ité (B)	iʔ-te	['te]
17.	‘coxa’	icria (SH), inkré (B)	i-ke	[ĩ'krø]
18.	‘pé’	ipaá (SH), ipá (B)	[iʔ'pa] *	[ĩ'paa ^h]
19.	‘sangue’	ampiô (B)	kapro *	[nõ'pju:]
20.	‘pai’	usúm (P), uxum (L), uçúm (B)	tʃũ, itʃũ	[sũ'pjə ^h]
21.	‘mãe’	unisi (P), tia (L), tihâ (B)	intʃe	[nõ'pjə ^h]
22.	‘filho’	ipán (B)	iʔ-kra	['pã]
23.	‘criança’	přiará (B) ²¹⁵	[aʔkrajrẽ] *	[přia'ra]
24.	‘homem’	impúará (B)	hũ'mrẽ *	[m̄pia'ra] ~ [pia'ra]
25.	‘mulher’	intié (B)	kahãj, /pije/	[ĩ'kjare]
26.	‘avô, avó’	tapupiâ (B)	təj	[tua'pjə ^h]
27.	‘velho’	caputũ (L), kaputún, taputún (B)	tij	[təpu'tũ]

²¹¹ Os segmentos seguidos por * são aqueles de Alves (2007), enquanto aquele de com ** são Alves (1998).

²¹² Em Vasconcelos (2012) ‘buraco de nariz’ [sa'kre].

²¹³ O fone [c] em Alves (1998) aparece como fonema em /rõpti-cwa/, contudo, em Alves (2004, 2007) o fonema é /tʃ/.

²¹⁴ No *corpus* quando se pediu ‘boca’ também foi dado [saʔ'kø] ~ [sa'kø], porém, tal ocorrência é para lábios.

²¹⁵ O termo é ‘menina’, para ‘menino’ é *iprínra, téprín, piúntué* (B). Em Nehring *imprím* foi anotado pra filho.

28.	‘chuva’	intá (B)	[ˈta]	[ĩˈta] ~ [ˈnta]
29.	‘pedra’	keni (P)	/kɛn/	[ˈkjɛ̃]
30.	‘água’	inkô, nkô (B)	ko *	[ĩˈko]
31.	‘areia’	kuká (B)	pjɛntʃon *	[kuˈkarĩ]
32.	‘fogo’	ítschiú (P), inxíó (L), icy (B)	kuhi	[ĩˈsi]
33.	‘cinzas’	ampió (B)	iʔ-pro	[ĩˈsi] ~ [ĩˈsiʰ]
34.	‘sol’	itpúti (P), impútě (N) ²¹⁶	/pit/	[ĩmˈpitj], [wəˈtɔtj]
35.	‘terra’	cúpa (SH), kýpa (B)	pje ²¹⁷	[ˈkiːpa]
36.	‘céu’	putkuá (P), pukuá (B)	kojkwa *	/pukuˈa/ (D)
37.	‘um’	ipút (B)	pitʃet	[ĩpit]
38.	‘dois’	abrendá (B)	pjakrut	[pitĩˈra]
39.	‘abelha’	inpençu, inpenningú (B)	pen	[nɛ̃pɛrĩˈsi]
40.	‘galinha’	schuninsi (P), chuninxi (L), xinunxí (B)	[hoːtʃɔ̃ʔtʃɔ̃k]	[kotiˈta]
41.	‘pato’	iêumatí (B)	kutʃuj-ti	[jɔ̃mɛ̃ˈti]
42.	‘tamanduá’	potiti (K), potiti (L), batutí (B)	pɔt *	[pɔtiˈtiʰ]
43.	‘macaco’	inkó (N), ikô (B)	kukoj	[ĩˈkow]
44.	‘queixada’	ankiô (B)	kro-rɛ	[nɛ̃ˈkjo]
45.	‘piolho’	ankô (B)	iʔ-ŋko	[kjɔ̃ˈko]
46.	‘mosca varejeira’	ain-nicôp (B)	kop-rɛ	[ˈkoːpɔ̃] ‘mosca’
47.	‘urubu’	kêkê (B)	[ˈtʃon]	[nɛ̃ˈsɔ̃]
48.	‘cobra’	iánnă (N), anhán (B)	kakã, kaŋã	[nɛ̃kɔ̃]
49.	‘serpente d’água’	njonťí (N)	rɔʔ-ti ‘sucuri’	[jɔ̃ˈti] ‘surucucu’
50.	‘peixe’	tép (B)	tɛp	[ˈtɛp]
51.	‘veado’	impó, mpó (B)	[pɔ], [wa-rɔ]	[jɛ̃ˈsi], [ĩpɔ] ²¹⁸
52.	‘cachorro’	robú (P), jóp (B)	rɔp	[ˈjɔp]
53.	‘onça’	napiá (B)	rɔpti	[ˈjɔpˈ]
54.	‘paca’	inkiá (B)	[ˈkra]	[ĩˈkja]
55.	‘capivara’	intán (B)	kumtum	[ĩˈti]
56.	‘cutia’	ikiánnacê (B)	[kukˈkʰɛ̃n] **	[kjɛ̃nɔ̃ˈsɔ̃]

²¹⁶ Em Barbosa (1918) temos ainda *iútât* (B), *iútôt* (B).

²¹⁷ Termo para ‘chão’.

²¹⁸ [ĩpɔ] é termo dado para mamíferos de grande porte: cavalo, boi, etc.

57.	‘rato’	ançô (B)	amxo	[rə̃'so] ~ [nə̃'so]
58.	‘anta’	icrite (SH), kiút (B)	kukrit *	[ĩ'kjít]
59.	‘morcego’	incêp (B)	tʃɛpre *	[nə̃'sep]
60.	‘banana’	pakáu (B)	pípípre	[pa'kwa ^h]
61.	‘milho’	muschiú (P), moschi (K), môcý (B)	pǝ-hi	[mǝ'si]
62.	‘amendoim’	çâtí (B)	cahy	[sə̃'ti]
63.	‘batata’	itú (K), iútú (B)	jǝt	[i'tu]
64.	‘cará’	kêôkrít (B)	kranre	[kre'jə]
65.	‘mamão’	kanankón (B)	hǝwkrǝw-tʃo	[kwa'krít']
66.	‘mandioca’	kuóch (K), kúa (B)	kwǝr *	['kuə ^h]
67.	‘carne’	in, cin (B)	hĩ *	['si]
68.	‘sal’	kapaxuá (B)	katʃwa	[i'pjǝ]
69.	‘folha’	parachó (SH), póraçô (B)	woho	[pərə'so ^h]
70.	‘semente’	icí (B)	-hi	['si]
71.	‘casca’	çakê (B)	pĩ-kɜ	['kə]
72.	‘ovo’	inkré (B)	[ĩ'ŋkre] *	[ĩkre]
73.	‘couro’	iké (B), ptukô (B)	[iʔ'k ^h ɜ] * ²¹⁹	['kə]
74.	‘casa’	kikré (K), kukré (B)	k ^h re	[ku'kre]
75.	‘casa’	unkua (P)	i-ŋ-ũkwa	['kwa ^h]
76.	‘roça’	pu (B)	pur	['puu]
77.	‘arco’	itsché (P), itse (SH), isché (N)	kuhe	[ĩ'tse] ~ [ĩ'se]
78.	‘flecha’	caschoné (P), cajone (SH)	kruw *	[kə'jə]
79.	‘machado’	schápa (P), cǝǝ (L), kêur (B)	wakə *	[kəja'sə] ²²⁰
80.	‘canoa’	pôk (B)	pǝrkre	[pəri'kə]
81.	‘faca’	káaschá (P), coacha (L), káaçôa (B)	wapǝ	[kə'jə]
82.	‘frio’	ikíh, kir (B)	kri *	['kji ^h]
83.	‘gordo’	naschoá (K), nansuê (B)	twǝm ‘banha’	[ĩ'nǝ]
84.	‘pequeno’	ipānré (SH), pan (B)	ŋkrirɛ	['pǝ]
85.	‘quente’	akiô, ankiô (B)	kakrǝ	[nə̃'kjǝ] ~ [rə̃'kjǝ]
86.	‘pesado’	çutín (B)	pĩtĩ	[su'tĩ]

²¹⁹ Em Apāniekrá ‘pele’.

²²⁰ Machado de pedra ['kə].

87.	‘branco’	cacatéta (SH), katétét (B)	h-aka ‘estar branco’	[ĩ'po]
88.	‘bom’	impéimpāré (SH), tmampé, temompé, tompé (B)	mpej	['kĩ]
89.	‘longe’	apéne (B)	ampa	[ju'tã]
90.	‘cair’	iútén (B)	iʔ-pəm	[ju'tɛn]
91.	‘ver, olhar’	ti-çumpún (B)	pupun	['pũ]
92.	‘morder’	ti-nsá	tʃar	[tĩsa-ri]
93.	‘beber’	pa-kón (B)	ikõ, kõ, kõn	['kõ]
94.	‘dar’	ti-moçô (B)	ɲ-õr	['sõ-ri]
95.	‘cortar’	ti-çakê (B)	já-kep *	[sə'ri], ['kəri]
96.	‘ouvir’	ti-mpá (B)	par, pa	['pari]
97.	‘tremar’	tentént (B)	a-tertét	[tẽ'tɛt']
98.	‘alegrar-se’	ti-çuákín (B)	a-kĩn ‘alegria’	[i,ra'kĩ] ‘feliz’
99.	‘plantar’	tikré (B)	akwɜ	[ti'krɛ]
100.	‘gritar’	ikâ, ikâa (B)	tʃər	[ĩ'kã]

Na seção anterior foi demonstrado que a o *cluster kr* do Cayapó do Sul de Mossâmedes tem como correspondente no Apinajé *kr*, enquanto na variedade meridional do Cayapó do Sul e no Panará é *kj*. Tais correspondências também estão presentes nos itens cognatos entre o Cayapó do Sul, Panará e Apãniekrá (1, 13 e 58). Nos itens (72) e (74) há uma correspondência $\widehat{\eta}kr : \eta kr : \widehat{\eta}kr$ ²²¹. Nos demais itens, a correspondência é sistemática entre *kj* (B) : *kr* (Ap) : *kj* (Pa) – conferir 44, 54 e 85. Há ainda, entre Cayapó do Sul e Apãniekrá, uma correspondência *kr* : *kw* em (99). O *cluster kw* no Apãniekrá, corresponde a *kw* (kuV) no Cayapó do sul e a [kw], fonologizado /ku/, em 36, 66 e 75. Já nos itens em Cayapó do Sul e Panará em que ocorre *pj*, em Apãniekrá é *pr*, conferir (19) e (33).

Já os segmentos que, em Cayapó do Sul e Panará, foram interpretados como pré-nasalizados correspondem: (i) a pré-nasalizadas do Apãniekrá – conferir 2, 12 e 88; (ii) à nasal – conferir 24; e, ainda, (iii) a obstruintes – conferir 34, 50, 28, 59 e 30. Para os itens (92) e (96), a pré-nasalizada em Cayapó do Sul é uma obstruinte em Apãniekrá e Panará. Já para os segmentos nasais, a labial Cayapó do Sul e Panará corresponde a uma obstruinte em Apãniekrá (cf. 61). Enquanto a coronal de Pohl (cf. 21), *ti* em Lemos da Silva (1882), equivale a *ntʃ* do Apãniekrá; em Panará o termo para ‘mãe’ é [nõ'pjã].

²²¹ O segmento *k^h* foi interpretado, em Alves (2007), como alofone de /k/.

As obstruintes /p t k/ do Cayapó do Sul e Panará correspondem, na maioria dos casos, a /p t k/ do Apãniekrá: (i) p : p – 18, 37, 42, 46, 76 e 91; (ii) t : t – em 10, 15, 16, 26, 49, 86 e 97; e (iii) k : k – nos itens 6, 29, 43, 46, 71, 73, 79, 87, 93 e 98.

Em (14) /ŋk/ : t, inkôkré (B) : itotək (Ap) : [ĩkow'krẽ] (Pa) ‘coração’ e (100) k : tʃ, ikâ, ikâa (B) : tʃər (Ap) : [ĩ'kã] (Pa) ‘gritar’. Já as africadas e fricativas dos registros Cayapó do Sul correspondem à fricativa /h/ em 9, 32, 69, 70 e 77, à obstruinte /p/ em (86) e à africada tʃ em (8) e (20). Já nos itens 8, 9, 32, 69, 70, 77, 86 a correspondência em Panará é com a fricativa /s/.

As vogais orais, na maioria dos itens, apresentam correspondência regular: **i : i : i** em (57) njonntí (N) : rɔʔ-ti ‘sucuri’ (Ap) : [jɔ'ti] (Pa); **e : e** (77) itse (SH) : kuhe (Ap) : [ĩ'tse] (Pa) ‘arco’; **ɛ : ɛ** (16) ité (SH) : iʔ-tɛ (Ap) : [tɛ] (Pa) ‘perna’; **a : a** ipá (B) : [iʔpaɪ] (Ap) : [paa^h] (Pa) ‘pé’; **u : u** (15) itú (SH) : [i:'tu] (Ap) : [tu] (Pa) ‘barriga’; **o : o** çankô (B) : ij-arko (Ap) : [səʔ'ko] (Pa) ‘saliva’; **ɔ : ɔ** (51) impó, mpó (B) : [pɔ] (Ap) : [ĩ'pɔ] (Pa) ‘veado’.

Em (4) çakré (B) : ajpak (Ap) : [si'krɛ] ‘orelha’ temos a única correspondência **ɛ : a : ɛ**, já em (24) impúará (B) : hũ'mrɛ (Ap) : [m̃pi'a'ra] ‘homem’ identificamos situação inversa, **a : ɛ : a**. Em (21) unisi (P) : intʃe ‘mãe’ temos **i : e**, esta vogal também apresenta a correspondência **i : i** em (58) icrite (SH) : kukrit (Ap) ‘anta’ (Barbosa kiút e Panará [ĩ'kjit]), (70) ici (B) : -hi (Ap) : [si] (Pa) ‘semente’ e (82) kir (B) : kri (Ap) : [kji] (Pa) ‘frio’.

Vogal oral do Cayapó do Sul corresponde à nasal em Apãniekrá no item (24) impúará (B) : hũ'mrɛ ‘homem’, enquanto em Panará, além de oral, a vogal é não-arredondada: [m̃pi'ara]. Em (97) tentént (B) : tertet (Ap) : [tẽ'tẽt'] (Pa) ‘tremar’ é a vogal nasal do Cayapó do Sul que corresponde à oral em Apãniekrá. Na maioria dos itens a correspondência é regular: **ĩ : ã, õ : õ** (ou ã) e **ũ : ã**. Exemplos: (6) kin, ikin (B) : i-kĩ (Ap) : [ĩ'kĩ] ‘cabelo’, (61) môcý (B) : p̃ʔ'hi (Ap) : [mõ'si] (Pa) ‘milho’²²², (20) uçúm : tʃũ, ãtʃũ (Ap) : [sũ'pjã] ‘pai’.

Para esta lista, não foi possível estabelecer a correspondência de 13 itens entre o Cayapó do Sul e o Apãniekra: (22) ‘filho’, (23) ‘criança’, (27) ‘velho’, (31) ‘areia’, (35) ‘terra’, (38) ‘dois’, (40) ‘galinha’, (41) ‘pato’, (47) ‘urubu’, (53) ‘onça’, (81) ‘faca’ e (90) ‘cair’. Já para o Panará, foram encontrados onze termos não relacionados: (21) ‘mãe’, (22) ‘filho’, (23) ‘criança’, (25) ‘mulher’, (31) ‘areia’, (32) ‘fogo’,

²²² A forma fonológica em Cayapó do Sul é /m̃põsi/.

(40) ‘galinha’, (41) ‘pato’, (60) ‘banana’, (87) ‘branco’ e (89) ‘cair’. Quanto à convergência de itens lexicais entre Cayapó do Sul e Apãniekrá, há quinze itens (três deles da variedade de Mossâmedes), enquanto para Apãniekrá e Panará é possível identificar oito itens. A seguir são listados os termos correspondentes entre os registros Cayapó do Sul, o Apãniekrá e o Panará, os quatro últimos são aqueles comuns somente ao Cayapó do Sul e Apãniekrá, dentre estes, três são da variedade de Mossâmedes.

	Português	Cayapó do Sul	Apãniekrá	Panará
2.	‘olho’	intó, ntó (B)	ntɔ	[ˈntɔ] ~ [ɪˈtɔ]
6.	‘cabelo’	kin, ikin (B)	i-kĩ	[ɪˈkĩ]
15.	‘barriga’	itú (SH)	[iːˈtu]	[ˈtu]
16.	‘perna’	ité (B)	iʔ-tɛ	[ˈtɛ]
30.	‘água’	inkô, nkô (B)	ko	[ɪˈko]
50.	‘peixe’	tép (B)	tɛp	[ˈtɛp]
66.	‘mandioca’	kuóch (K), kúa (B)	kwər	[ˈkuəʰ]
72.	‘ovo’	inkré (B)	[ɪˈŋkrɛ]	[ɪkrɛ]
75.	‘casa’	unkuá (P)	i-n-ükwa	[kɛ̃jõˈkwaʰ]
93.	‘beber’	pakón (B)	ikō, kō, kōn	[ˈkō]
98.	‘alegrar-se’	tiçuákín (B)	a-kîn ‘alegria’	[ɪkjẽ i,raˈkĩ] ‘feliz’
12.	‘pescoço’	impudé (SH), impút (B)	/mput/	
1.	‘cabeça’	icrian (SH)	krã	
29.	‘pedra’	keni (P)	/kɛn/	
52.	‘cachorro’	robú (P)	rɔp	

6.4. Cayapó do Sul, Panará e Tapayúna

Para o Tapayúna foram utilizados, como fonte, (i) o “Dicionário Bilingüe da Língua Tapayúna-Goronã”, elaborado por Camargo (2005), a partir do corpus coletado por Ferreira entre 2003 e 2005; (ii) os cadernos de campo cedidos pela linguista Nayara Camargo; e (iii) a dissertação de mestrado desta mesma linguista, que tem como foco o estudo fonológico e sociolinguístico do Tapayúna.

Na sua dissertação, a pesquisadora apresenta o inventário de fones, identifica os fonemas e suas distribuições. O quadro de fonemas vocálicos da língua conta com dez vogais orais e seis nasais. Já para os consonantais são identificados quinze fonemas. As consoantes são divididas, em seu quadro de fonemas, entre obstruintes e soantes; as obstruintes são labializadas e não-labializadas. As soantes são classificadas como nasais e não-nasais. A pesquisadora explica que o traço contínuo não é relevante para

as obstruintes, o que justifica /h/ figurar em uma série constituída por /t t̥ k/ e /h^w/ na série das obstruintes labiais /t^w/ e /k^w/.

Em *cluster* são identificadas as sequências /kr nr ŋr hr/. Diferentemente do padrão identificado para línguas como o Kaingang (D'ANGELIS, 1998) e Apãniekrá (ALVES, 2007), em Tapayúna é identificado um *cluster* constituído por coronais, a saber: /nr/. Já em coda, a autora propõe a ocorrência de /t k/ (obstruintes), /w r/ (soantes não nasais) e /m/ (soante nasal). Seguem os quadros de fonemas do Tapayúna, Cayapó do Sul e Panará:

Fonemas do Tapayúna, Camargo (2010)

	CONSOANTES					VOGAIS ORAIS			VOGAIS NASAIS		
<i>Obstruintes</i>	t	t̥	tʃ	k	h	i	í	u	ĩ	ĩ̃	ũ
<i>Obstr. labializadas</i>		t ^w		k ^w	h ^w	e	ə	o	ẽ		õ
<i>Soantes nasais</i>	m	n		ɲ	ŋ	ɛ	ʌ	ɔ			
<i>Soantes não-nasais</i>	w	r	j					ɐ		ẽ̃	

Sistema fonológico para o Cayapó do Sul

	CONSOANTES				VOGAIS ORAIS			VOGAIS NASAIS		
<i>Obstruintes</i>	p	t	s	k	i	í	u	ĩ	ĩ̃	ũ
<i>Soantes [-cont.]</i>	m̂p	n̂t	n̂s	ŋ̂k	e	ə	o	ẽ	ã	õ
<i>[+cont.]</i>	w	r	j	h	a					

Sistema fonológico para o Panará

	CONSOANTES				VOGAIS ORAIS			VOGAIS NASAIS		
<i>Obstruintes [-cont.]</i>	p	t		k	i	í	u	ĩ	ĩ̃	ũ
<i>[+cont.]</i>			s		ɛ	ə	ɔ	ẽ	ẽ̃	õ
<i>Soantes [-cont.]</i>	m̂p	n̂t	n̂s	ŋ̂k	a					
<i>[+cont.]</i>	w	r	j	h						

Na lista seguinte, os itens Tapayúna foram apresentados, quando possível, em suas transcrições fonéticas ou fonológicas, assinalando-se a fonte. Já para os itens Cayapó do Sul foi mantida a grafia original do

registro, tal como nas listas de comparação com Apinajé e Apãniekrá, a base é o vocabulário de Barbosa (1918) e, quando necessário, são listados itens dos registros de Mossâmedes e Santana do Paranaíba. Os dados do Panará, tal como apontado nas sessões anteriores, são, em grande parte, do corpus de Vasconcelos (2012), complementados pelas análises de Dourado (2001, 1990).

	Português	Cayapó do Sul	Tapayúna ²²³	Panará ²²⁴
1	‘cabeça’	icrian (SH), kián (B)	[ˈkɾa] / ˈkra/	[ĩˈkʝə]
2	‘cabelo’	kin, ikin (B)	[ˈkĩ]	[ĩˈkĩ]
3	‘testa’	ikuá (B)	[kuka]	[ĩkuˈaʰ]
4	‘olho’	intó, ntó (B)	/ˈnɔ/	[ˈñtɔ] ~ [ĩˈtɔ]
5	‘sobrancelha’	intóçôkín (B)	[ndɔkatik]*	[ĩtɔˈso] ~ [ĩtɔˈsɔ]
6	‘pálpebra’	intóçô (B)	[ndɔka]*	[ĩtɔˈkə]
7	‘boca’	chapé (SH), çakuá (B)	/ajˈkʷa/	[saˈkoa]
8	‘língua’	zutõ (N), çuntót (B)	/tõˈʝ/	[sõˈtɔ]
9	‘dente’	chuá (SH), pachuá (L), çuá (B)	[ˈtʷa]	[ˈsoa] ~ [ˈsoaʰ]
10	‘barba’	çançou (B)	/tamˈto/	[sɛpa,seˈʝo]
11	‘bigode’	çapancê (B)	khrwâtô **	[saˈkãsi]
12	‘pescoço’	impudé (SH), impút (B)	[muˈti]	[sõˈkʝot]
13	‘braço’	ípá (SH), ipá (B)	[ˈhʷa]	[ˈpa] ~ [ˈpaʰ]
14	‘unha’	cykôkô (B)	/ˈtĩ/	[sikəˈkə]
15	‘barriga’	itú (SH), pa-tuca (L)	[iˈtu]	[ˈtu]
16	‘fígado’	impá (B)	/ˈma/	[ĩˈpa]
17	‘tripa, intestino’	xin (B)	/ˈtĩt/ [ˈtĩ.rĩ]	sĩ (D)
18	‘coxa’	inkré (B)	/ˈtʃe/	[ĩˈkrə]
19	‘joelho’	ikón (B)	[ˈkõrõ]	[ĩˈkõw]
20	‘perna’	ité (B)	/ˈtɛ/	[ˈtɛ]
21	‘calcanhar’	pakiát (B)	[wajkõn]	[paˈkʝat]

²²³ Os itens Tapayúna seguidos por * são aqueles de Camargo (2005), enquanto aqueles com ** são para os itens dos Cadernos de Campo de Camargo (Camargo, ms) e os não assinalados são de Camargo (2010).

²²⁴ Os itens de Dourado (2001) são assinalados por (D) e os retirados de Dourado (1990) por (d).

22	‘osso’	ité (B)	[ˈti]	[ĩˈsi]
23	‘pênis’	impú (L), impú (B)	[ˈmi]	[ˈm̃pi] ~ [ĩˈpi]
24	‘nádegas’	suncre (L), inkô, çunkretót (B)	[tõnjĩ]	kow (D)
25	‘saliva’	çankô (B)	/taiˈgoˈwẽj/	[səðˈko]
26	‘sangue’	ampiô (B)	[mẽkamro]	[nəˈpju:]
27	‘fezes’	aín (B)	/iˈkʷə/	[ajĩ]
28	‘mulher’	intié, intierá (B)	[mẽndi]	[ĩˈkjare]
29	‘homem’	impúará (B)	/meˈmi/	[ˈm̃piaˈra] ~ [piaˈra]
30	‘mãe’	unisi (P), tia (L), tihâ (B)	/ntiˈre/	[nəˈpjəʰ]
31	‘pai’	usúm (P), uxum (L), uçúm (B)	/tuˈre/	[sũˈpjəʰ]
32	‘esposa’	incipiá (K)	/ˈhrõ/	[siˈpjə]
33	‘marido’	pínpiâ (B)	[ˈndʒe.re] ~ [ˈje.re]	[pĩˈpjəʰ]
34	‘filho’	imprím (N), ipán (B)	/ˈkra/	[ˈpə]
35	‘criança’	iprintué (SH), přiará (B) ²²⁵	/ŋgatiˈrej/	[přiaˈra]
36	‘velho’	caputū (L), kaputún, taputún (B)	[ˈtũmũ]	[təpuˈtũ]
37	‘cunhado’	kiántú (B)	[ngedja]	[kjəˈtũkwə] ²²⁶
38	‘sol’	itpúti (P), impútě (N) ²²⁷	/ˈmit/ [ˈmiri]	[ĩmˈpitĩ], [wəˈtətĩ]
39	‘lua’	putuá (L), pūtūra (N), ptuá (B)	[mbit rwa]	[sõkjẽˈtitə]
40	‘estrela’	amsití (SH), ançėti (N), ançutí (B)	[ka.ne.ˈtʃĩ]	[nəsuˈtiʰ]
41	‘céu’	putkuá (P), pukuá (B)	/kajˈkʷa/	/pukuˈa/ (d)
42	‘terra’	cúpa (SH), kýpa (B)	/hwiˈka/	[ˈki:pa]
43	‘vento’	cupé (K), çakô (B)	[ˈkʰogo] /ˈkok/	[səˈpe:ri]

²²⁵ O termo é ‘menina’, para ‘menino’ é *iprínra*, *téprín*, *piúntué* (B). Em Nehring *imprím* foi anotado pra filho.

²²⁶ ‘cunhada’.

²²⁷ Em Barbosa (1918) temos ainda *iútât* (B), *iútôt* (B).

44	‘chuva’	intá (P), intá (L), intá (B)	['nda] ~ ['na]	[ĩ'ta] ~ [n̄'ta]
45	‘rio’	pakré, pakré-man (B)	/ 'ŋko/	[pa'kre], [ĩ'ko]
46	‘água’	incó (SH), inkô (N), inkô, nkô (B)	['ŋgo] / 'ŋo/	[ĩ'ko]
47	‘fogo’	itschiú (P), inxío (L), icý (B)	[ku'ti] /ku'ti/	[ĩ'si]
48	‘brasa, carvão’	çakiát (B)	[wajhra] *	[sija'kjat]
49	‘mata’	inshó (N), ãó (B)	/ 'wʌ/ ‘mato’	[a'ti] ‘mato’
50	‘pedra’	keni (P)	['kēnē]	['kjē]
51	‘areia’	kuká (B)	[ka'nto]	[ku'karĩ]
52	‘praia’	kuká (B)	[keti]	[ku'karĩ]
53	‘dia’	jaká(K), iáká (B)	[aga'tji]	[ha'kah]
54	‘manhã’	iaká, imputi apató (B) ²²⁸	akatxi ket ri ‘cedo’ **	[ha'kah] ‘dia’
55	‘tarde’	ptentê (B)	hwara wet **	[pitē'pe]
56	‘noite’	ptikô, ptukô (B)	[a.ga.'wə.rə]	[kre'kjē]
57	‘ontem’	kóramán (B)	hwā ra tōrā **	[i'ān]
58	‘anta’	icrite (SH), kiúte (K), kiút (B)	[ku'kʁiri]/ku'krir/	[ĩ'kjit]
59	‘capivara’	intán (B)	[ko'tũnũ] /ko'tũn/	[ĩ'kja]
60	‘paca’	inkia (B)	['ŋgra] / 'ŋra/	[ĩ'ti]
61	‘queixada’	ankiô (B)	[ang ^h ro] ‘porco’	[nə'kjo]
62	‘veado’	impó, mpó (B)	[mbɔ]*	[jē'si], [ĩ'pɔ] ²²⁹
63	‘tamanduá’	potiti (K), potiti (L), batutí (B)	['h ^w ʌt'tji]	[pəti'ti ^h]
64	‘cutia’	ikiánnacê (B)	[ku'kej]	[kjə'rə'sə ^h] ~ [kjə'nə'sə]
65	‘tatu’	ankrê (B)	/a'ŋretji/ ‘tatu bola’	[titi'ti]
66	‘rato’	ançô (B)	/am'to/	[rə'so] ~ [nə'so]
67	‘morcego’	incêp (B)	['n ^t ewe] / 'n ^t ew/	[nə'sep]

²²⁸ Em Barbosa (*id.*): *imputiapató*. A divisão em duas palavras é uma proposta minha.

²²⁹ [ĩ'pɔ] é termo dado para mamíferos de grande porte: cavalo, boi, etc.

68	‘macaco’	inkó (N), ikô (B)	[ku'kʷəj]	[ĩ'kow]
69	‘ariranha’	iópaçán (B)	['ne] ~ [' ⁿ de] /'ne/	[jopesə'si]
70	‘onça’	napiá (L), napiá (B)	['rɔwɔ] /'rɔw/	[jɔp']
71	‘cachorro do mato’	pu (B)	['rɔp'ta'katʃi] /'rɔwta'katʃi/	[tɔ'tɔja]
72	‘cachorro’	robú (P), hióp (K), ióp (B)	[rɔp'ka'tɔgɔ] /rɔwka'tɔgɔ/	[jɔp]
73	‘gato’	hiapampé (K), iómpampé (B)	['rɔp'.tʃi] /'rɔw.tʃi/	[jɔp'kə]
74	‘pássaro’	itchune (SH)	tók ‘ave’ **	[ĩtsu'ʃi]
75	‘sabiá’	içún (B)	[ⁿ du.'ak'.tʃi]	[ĩtsu'ʃi]
76	‘pomba’	kutití (B)	['tut'tʃi]	[kɔri'ti]
77	‘urubu’	kêkê (B)	[ntɔjhɔ'tʃi]	[nə'sɔ]
78	‘pato’	iêumatí (B)	[taktʃi] *	[jɔmɛ'ti]
79	‘ema’	mahán (B)	[mɛ'tʃi]	-
80	‘mutum’	ptémampé, ptemaçô, ptemançô (B)	[mbutɛ'tʃi] *	[tɔmɛ'krit]
81	‘peixe’	tép (B)	['tɛp'tʃi] /tɛwtʃi/	['tɛp]
82	‘pacu’	ksukié (B)	/h ^w iri'tʃi/	[kisu'ke] (esp.)
83	‘cobra’	iánnă (N), anhán (B)	[ka'ŋɛ] /ka'ŋɛ/	[nə'kə]
84	‘serpente d’água’	njonítí (N)	[tɔj'tʃi] ‘sucuri’	[jɔ'ti] ‘surucucu’
85	‘cascavel’	apát (B)	[tiri] *	[a ^h patu] (esp.)
86	‘calango, lagarto’	çukrenián (B)	/'wɛr/ ['wɛrɛ]	[a'kɔ] ‘calango’
87	‘tiú’	akôtinacê (B)	[kɔk''tʃi] ‘camaleão’	[a'kɔ] ‘calango’
88	‘jacaré’	tapung píã (N), intókóçúme (B)	['mĩ] /'mĩ/	['mĩ]
89	‘cágado’	kūshhūă (N), ksué, ksuépê (B)	['kɔn''tʃi] ‘jabuti’ **	[a'kut] ‘jaboti’
90	‘sapo’	krētót (N), kretót (B)	['wi.ri] /'wir/	[kua'tɔt]
91	‘abelha’	inpençu, inpenningú (B)	/mɛj'ti/	[nəpɛr'i'si]
92	‘abelha beijoim’	kun (B)	[kuŋɔn] *	[ĩ'kə] (esp.)

93	‘mel’	inpén (B)	[ˈwɛj]	[nãmˈpɛ̃j]
94	‘cera’	ipencê (B)	[ʉɛ̃.ˈtɛ] *	[ĩʔˈse]
95	‘marimbondo’	prépét (B)	[amd̃i] *	[nã̃ˈnsi]
96	‘borboleta’	ceojó (N), cíoió (B)	[wɛ.ˈwɛ]	[jɔˈjɔ]
97	‘mosca’	pómánx, koçuátét (B)	/ˈkow/ [ˈkowo]	[po:mãˈsə]ˈpiumˈ
98	‘varejeira’	ainnicôp (B)	[ˈko.wo] /ˈkow/	[ˈko:põ]ˈmoscaˈ
99	‘pernilongo’	puçú (B)	/hu.ˈtu/ ‘mosquito’	[pu:ˈsu]
100	‘pulga’	kionçú, kôçúpán (B)	[wiˈti]	[paaˈteʰ]
101	‘bicho de pé’	paté (SH), patê (B)	[wiˈti] ‘pulga’	[paaˈteʰ]
102	‘piolho’	ankô (B)	[ˈŋgo]	[kjãˈko]
103	‘carrapato’	katitê (B)	[ˈtɛ] /ˈtɛ/	[kɟutiˈtɛ]
104	‘formiga’	çârutí (B)	[ˈrũ.wũ]	[sɔtirãˈsãmpi](esp.)
105	‘cupim’	kôiõt (B)	[ro.ˈro]	[poˈjɔtɛ] (esp)
106	‘gafanhoto’	hitócrít (B)	[ˈkɾit.ˈtʃi]	[tãˈkrit]
107	‘besouro’	cinankôkô (B)	[kuˈŋõõõ]	[nãˈpoʰ]
108	‘caramujo’	intunnacê (B)	[ˈnoˈtʃi] (esp.)	[ĩˈtowã]
109	‘aranha’	cêcê (B)	[ˈtɛ] /ˈtɛ/	[sõˈse]
110	‘rabo’	çámpá, çámpý (B)	[ˈmi]	[kiãsipã] (D)
111	‘asa’	çaací (B)	[ˈtʌ.gʌ]	[sãmˈpiʰ]
112	‘pena’	impantsa (SH), inkún (B)	[tʌkˈˈdʒa.ra]	[saaˈsi]
113	‘flor’	inhánhán (B)	[ˈrɛ̃]	[jũˈkjõti]
114	‘folha’	parachó (SH), póraçô (B)	[ˈto] /ˈto/	[pãrãˈsoʰ]
115	‘casca’	çakê (B)	[ˈkʌ] ~ [ˈkʰʌ]	[ˈkã]
116	‘pau’	pêr (B)	[ˈhʷi] /ˈhʷi/	[ˈpãri]
117	‘semente’	icí (B)	[ˈti] /ˈti/	[ˈsi]
118	‘raiz’	çarê (B)	[ta.ˈrĩ] /ta.ˈrĩ/	sare (D)
119	‘buriti’	kuáçô (B)	[ˈŋgruwa]	[ĩˈkoa]
120	‘jatobá’	ampô (B)	[mbot] *	[nãmˈpo]
121	‘banana’	pakáu (B)	[tĩriˈtʃi]	[paˈkwaʰ]

122	‘mamão’	kanankón (B)	[ŋgoj. 'ta.tʃi]	[kwa'kritʰ]
123	‘mandioca’	kuóch (K), kúa (B)	/'kʷəɾ/ ['kʷə.rə]	['kuəʰ]
124	‘batata’	itú (K), iútú (B)	['jə.rə] /'jət/	[i'tu]
125	‘cará’	kêôkrít (B)	[mbajtʃi] ‘esp.’*	[krɛ'krit] (esp)
126	‘milho’	muschiú (P), moschi (K), môcý (B)	wàty ** ²³⁰	[mõ'si]
127	‘arroz’	tunisçin (P), tonxeu (L), tancê (B)	[watitĩ] *	[kiɔɾĩ'pɛ] ²³¹
128	‘feijão’	tetaschú (P), tataxio (L), tatacê (B)	[wakʰrinotĩ] *	[pari'kjə], [pe'sõw]
129	‘jenipapo’	ampiôtĩ (B)	/nro'tʃi/	[piu'ti]
130	‘fumo, tabaco’	arená (P), arêna (N), aréne (B)	[ka.'re.ne] /ka'ren/	[kjuti'jĩ]
131	‘cachaça, aguardente’	incója (P), inkuschūá (N), inkôçô (B)	[ngo katak] *	[koʰsi] ~ [iko'si]
132	‘farinha’	panatá (P), panata (L), panatá (B)	[mrõ] *	[paĩ'ja]
133	‘carne’	in, cin (B)	/'tĩ/	['sĩ]
134	‘ovo’	inkré (B)	['ŋrɛ] /'rɛ/	[ĩkrɛ]
135	‘sal’	capachuá (L), kapaxuá(B)	[ka.'tʷa] /ka.'twa/	[i'pjɔ]
136	‘casa’	kikré (K), kukré (B)	[ti.'kɾɛ] /ti.'krɛ/	[ku'krɛ]
137	‘casa’	unkua (P),	[ngaj] *	['kwaʰ]
138	‘roça’	pu (B)	['hu.ru] /'hur/	['puuʰ] ~ ['puu]
139	‘caminho’	pir (B)	['hri] /'hri/	['pɪɾ]
140	‘arco’	itsché (P), itse (SH), isché (N)	/tu'te/	[ĩ'tse] ~ [ĩ'se]
141	‘flecha’	caschoné (P), cajone (SH)	[kruwatʃi] (tipo) *	[kə'jɛ]
142	‘remo’	kópacê (B)	[ŋgorẽ'tɔ]	[ko'pɔ]
143	‘pilão’	açuaká (B)	[katuwa] *	[ha'soa]

²³⁰ mōti (Seki, 1988 apud Camargo, 2010).

²³¹ Uso mais comum é o empréstimo: [a'howɪ] ~ [a'hojɔ].

144	‘faca’	káaschá (P), coacha (L), káaçôa (B)	[krit] *	[kəjɛsəpə]
145	‘cesto’	piápa (P)	[ku'tə]	[piəpa'sə] (tipo)
146	‘panela’	kukiáto (B)	/ken'hə/	[ko'kʃat]
147	‘ferro’	kitesi (P)	[krit'] *	[tɛ'si]
148	‘medo’	ti-mpá kêkê (B)	[wima] *	[tĩ'pa]
149	‘remédio’	pâr (B)	[tu.'a.nɛ]	[pə'rɛko]
150	‘bom, bonito’	impéimpārê (SH), tmampé, temompé (B)	/'mej-tʃi/	['kĩ]
151	‘forte’	hitóte (K), pacitôt (B)	[tat]	[tət'i]
152	‘mole’	pépét (B)	[ĩtɛŋgre] *	pɛpɛti (D)
153	‘magro’	pipré (K), pipré (L)	[tiâre] *	[pɛ'pɛt']
154	‘grosso’	inán (B)	/'tʃi/	[ĩ'nə] ‘largo’
155	‘fino’	pan (B)	/'tĩrɛ/	[ĩ'kʲiɲ] (D)
156	‘grande’	inán, nan, ti (B)	-tʃi	['wiʰ]
157	‘pequeno’	ipānré (SH), pan (B)	/'tĩ/	['pə]
158	‘quente’	akiô, ankiô (B)	[ka'ŋgrɔ]	[nə'kʲɔ] ~ [rə'kʲɔ]
159	‘frio’	ikíh, kir (B)	['kʲi] /'kri/	['kʲiʰ]
160	‘comprido’	i, íre, iguir (B)	/'ri-tʃi/	['kə:]
161	‘cheio’	creti (L), iúnó (B)	[ŋgo katoru] ‘rio cheio’	['puʰ]
162	‘azedo’	çôá (B)	/tʷa.'tʃi/	['soa]
163	‘amargo’	çô, unkué (B)	/'tə/	[səpəɾi'si]
164	‘muito’	apépén (B)	[kumɛ̃] *	[mpɛ]
165	‘longe’	apéne (B)	[ni'haj]	kitin (D)
166	‘preguiçoso’	çuanká (B)	[tuɛ'ŋga] ‘preguiça’	[māswə'ka]
167	‘branco’	cacatéta (SH), catété (L), katétét (B)	[ta.'ka] /ta.'ka/	[ĩ'po]
168	‘preto’	cotú (SH), tépanhó (B)	['ti.gi] /'tik/	[kə'tu:]
169	‘vermelho’	ampiamo (SH), netampiá (K)	[ka'rek'tʃi], [ka'rek] **	[nə'prɛ]

170	‘um’	ipút (B)	/wi'ti/	[ĩpít]
171	‘dois’	ambrendá (B)	[ajk ^h rut] *	[piti'ra]
172	‘não’	yote (L), manniá (B)	['ked're] /'ket-re/	['kjo ^w]
173	‘queimar’	ti-káá, tipô (B)	[tere]	['tit]
174	‘banhar-se’	paçuán (B)	twâ, twârâ **	['suəri]
175	‘apertar’	ti-cykiápý (B)	[kujwi] *	s-atê-ri (D)
176	‘fugir’	iútó (B)	[agnotê] *	[pĩ'tóri]
177	‘cair’	iútén (B)	[tãm] ~ [tãma] *	[ju'těn]
178	‘descer’	iápúng (B)	rũmrwâ, rwâ **	[ipê'kuð]
179	‘subir’	iúçupín (B)	awi **	[sə'pĩnĩ]
180	‘sumir’	itó (B)	[ag'no] *	['tə]
181	‘brincar, caçoar’	ti-nunkiâ (B)	[witine] ~ [witinde] *	[pĩja'seri]
182	‘cozinhar’	ti-kuçáa mán (B)	[tõmrõ] *	['səri] ‘assar’
183	‘comer’	ti-kukrén, cikukrén, ti-krén (B)	['kuru] /'kur/	[kukrê], krê (D)
184	‘beber’	pa-kón (B)	ikõ **	['kõ]
185	‘chupar’	ti-nançá (B)	katô **	[ĩð'soa] ~ [nê'soa]
186	‘morder’	ti-nsá (B)	[kũ.'ta]	[kê'těn]
187	‘olhar, ver’	ti-çumpún (B) ²³²	[mũj] *	['pũ]
188	‘ouvir’	ti-mpá (B)	kũwa, waj, wa **	['pari]
189	‘conhecer’	napupiâ (B)	[mbaj] *	['pari]
190	‘contar’	ti-çuçá (B)	takhre **	[sarê] (D)
191	‘soprar’	ti-çakô (B)	[ta.'k ^h o]	[isa'kori]
192	‘cheirar’	ti-pén (B)	[kumã] *	[ĩko'sê]
193	‘lamber’	ti-nuntuâ (B)	[kunuwə] *	['tuwê]
194	‘chorar’	inkué (B)	wərə **	[ê'kuə ^h]
195	‘coçar’	ti-nukrê (B)	[ndõndõ] *	[nakê'sop']
196	‘cortar’	ti-çakê (B)	[tõk ^h renot]	[sə'ri], ['kəri]

²³² Para o mesmo item temos ainda *taptiçumpún* (B).

197	‘dormir’	schótine (P), paninhote (L), panhót (B)	['ŋõ.rõ] / 'ŋõr/	sõti (D)
198	‘deitar’	tinó (B)	/ 'nõ/ ‘deitado	['nõ]
199	‘matar’	tipín, tinuíá (B)	waty **	['pĩĩ]
200	‘morrer’	itú (P), iútú, ipintó (B)	tyk, wyt, ty **	['tu ^h]

O registro de Mossâmedes se diferencia do registro de Barbosa (1918) pela ocorrência do *cluster* em *kr*, onde em Barbosa é *kj*. Curiosamente, é justamente o *cluster* de Mossâmedes que é encontrado nas línguas Jê setentrionais, como podemos observar nas comparações entre os registros Cayapó do Sul e Apinajé e Apãniekrá. Os termos Cayapó do Sul da variedade de Mossâmedes em comparação com o Tapayúna (Tp) apresentam a correspondência: *kr* : /kr/, enquanto para o registro de Barbosa (1918) e Panará é *kj* : /kr/ – (1) (SH) *icrian* : *kián* (B) : /kra/ (Tp) : [ĩ'kjõ] (Pa) ‘cabeça’; (58) (SH) *icrite* : *kiút* (B) : /ku'kriki/ (Tp) : [ĩ'kji] (Pa) ‘anta’. A correspondência *kj* (B) : *kr* (Tp) : *kj* (Pa) é sistemática: (60) ‘paca’, (61) ‘queixada’ e (158) quente. Já os *clusters* em *kr* da lista de Barbosa (1918) e Panará apresentam correspondência com /tʃ/, como em (18) *inkré* (B) : [krə] (Pa) /tʃe/ (Tp) ‘coxa’, ou com /kr/ [kʀ] em (136) *kikré* (K) : *kukré* (B) : [ku'krɛ] (Pa) : [ti'kʀɛ] (Tp) ‘casa’.

Os segmentos interpretados como pré-nasalizados no Cayapó do Sul e Panará correspondem a nasal plena em Tapayúna, por exemplo, (12) *impút* (B) : [mu'ti] (Tp) ‘pescoço’ : [m̃put] (Pa) ‘nuca’ e (4) *intó*, *ntó* (B) : [nɔ] (Tp) : [ñɔ] (Pa) ‘olho’. Em (46) *inkô*, *nkô*: [ŋgo] (Tp) : [ĩ'ko] (Pa) ‘água’ a pré-nasalizada ŋk̃ corresponde ao alofone [ŋg] do fonema nasal /ŋ/, [ŋgo] /ŋo/ (Tp).

Já as nasais, subjacentemente pré-nasalizadas em Cayapó do Sul, têm como correspondência a consoante nasal, como em (79) *manhán* (B) : [m̃tʃi] ‘ema’ e (50) *keni* (P) : [k̃ɛnɛ] /k̃ɛn/ ‘pedra’. Há uma correspondência de (B) *n* : [ñ] (Tp), alofone da nasal /n/: (30) *unisi* (P) : [nti're] /nti're/ ‘mãe’; e, ainda, *n*: /ɫ/ em (19) *ikón* (B) : /kõr/ ‘joelho’. Esta última correspondência nos dá indícios de que o grafema *n* em *ikón* estaria marcando uma consoante em coda e a vogal é necessariamente nasal, tanto pela correspondência com o item Tapayúna como pela interpretação de que uma coda plenamente nasal, em Cayapó do Sul, só se realiza quando o núcleo silábico da sílaba é nasal. Dentre as pré-nasalizadas temos ainda a ocorrência de *ns*: *nt* : /ns/, em (67) *incêp* (B) : /ⁿtew/ (Tp) : [ñs'ɛp] (Pa) ‘morcego’.

Entre as obstruintes, a coronal [t] do Cayapó do Sul e Panará corresponde, na maioria dos itens, a retroflexa [t̠] do Tapayúna; enquanto [s], no registro de Barbosa (1918) e no Panará, sistematicamente corresponde a [t]: (20) *ité* (B) : [t̠ɛ] (Tp) : [t̠ɛ] (Pa) ‘perna’ e (117) *icí* (B) : /t̠i/ (Tp) : [s̠i] (Pa) ‘semente’. Nos registros de Mossâmedes, os itens em que há ocorrências das fricativas e africadas correspondem em Tapayúna a /t/: (31) *usum* (P) : [tu're] ‘pai’, (47) *itschiú* (P) : [ku'ti] ‘fogo’, (140) *itsché* (P) : *itse* (SH) : [tu'te] ‘arco’. Enquanto com o Panará a correspondência é /s/ : /t/ – (31) [s̠i'pjəʰ], (47) [i'si] e (140) [i't̠se]. Ainda sobre segmentos fricativos e africados, encontramos a correspondência /w : [t̠w] : [so], (9) *chuá* (SH) : [t̠wa] (Tp) : [soa] (Pa) ‘dente’.

Já a velar /k/ do Cayapó do Sul e Panará realiza-se [k] no Tapayúna com em (2) *kin* (B) : [k̠i] (Tp) : [i'k̠i] ‘cabelo’ e (98) *ainnicôp* (B) : [kowo] /kow/ (Tp) : [ko:p̥] (Pa) ‘mosca varejeira’. Em (53) ‘dia’ a correspondência é com o alofone [g], enquanto em (115) e (159) é com [kʰ].

Fonologicamente, em Tapayúna, não há a obstruinte labial [p], pois, segundo Camargo (2010, p. 91) a “labial em Proto-Jê ou em outras línguas Jê (um /p/ e um /pʷ/) é glotal no Tapayúna”. No conjunto de termos apresentados na lista anterior, a obstruinte labial [p] do Cayapó do Sul e do Panará corresponde a [hʷ] em ataque silábico, posição em que também encontramos correspondência com [h]: (1) *ipá* (B) : [hʷa] (Tp) : [pa] (Pa) ‘braço’, (138) *pu* (B) : [huru] /hur/ (Tp) : [puuʰ] (Pa) ‘roça’. Nesta mesma posição silábica há correspondência *p* : [w] em, por exemplo, (93) *inpén* (B) : [weɲ] (Tp) : [nã'pẽɲ] (Pa) ‘mel’, (170) *ipút* (B) : /wi'ti/ (Tp) : [i'pit] (Pa) ‘um’. Em coda, considerando somente a transcrição fonológica, é sistemática a correspondência *p* : /w/, contudo, quando se considera a transcrição fonética, a obstruinte labial Cayapó do Sul corresponde tanto a [w] quanto a [p̠]: (72) *robú* (P), *jóp* (B) : [ɾɔp̠k̠a'tʌɣʌ] /ɾɔwk̠a'tʌɣʌ/ (Tp)²³³ : [jɔp] ‘cachorro’ e (81) *tép* (B) : [t̠ɛp̠t̠ʃi] /t̠ɛwt̠ʃi/ ‘peixe’.

Para as soantes, temos *r* : *r* entre o registro do Cayapó do Sul de Mossâmedes, enquanto para Barbosa (1918) e Panará a correspondência se dá entre *j* : *r*, conferi (72). O item (32) *incipiá* (K) : /hr̥/ (Tp) : [si'pjə] (Pa) ‘esposa’ apresenta uma correspondência *pj* : *hr*, justificável pela afirmação de Camargo (2010) de que as obstruintes labiais das demais línguas Jê passaram a glotais em Tapayúna.

As vogais orais, em sua maioria, correspondem perfeitamente entre as duas línguas: **i : i** – (32) *unisi* (P) : [nti're] (Tp) ‘mãe’ : [si'pjə]; **e : e** – (67) *incêp* : [ntewe] (Tp) : [nã'sep] (Pa) ‘morcego’; **ɛ : ɛ** – (20) *ité* (B) : [t̠ɛ] ‘perna’ [t̠ɛ]; **i : i** – (14) *cykôkô* : [ti] ‘unha’ (Tp); **a : a** – (9) *çuá* (B) : [t̠wa] (Tp) : [soa]

²³³ Considerando a proposta de Camargo (2010) a transcrição fonológica esperada seria /ɾɔwk̠a'tʌk̠/.

‘dente’; **u : u** (76) *kutití* (B) : [ˈtutˈtʃi] ‘pomba’; **o : o** (46) *inkô, nkô* (B) : [ˈŋgo] ‘água’, **ɔ : ɔ** (4) *intó, ntó* (B) : [ˈno] ‘olho’.

Em (18) *inkré* (B) : [ˈtʃe] ‘coxa’ temos a correspondência **e : e**. Já em (63) ‘tamanduá’, em Kupfer (1870) e Lemos da Silva (1882) temos uma correspondência **o : ʌ**, enquanto em Barbosa (1918) a correspondência é **a : ʌ**; em (74) *inkó* (N), *ikô* (B) : [kuˈkʷəj] ‘macaco’ há a única ocorrência de **o : u**; enquanto para (41), no registro de Kupfer (1870) tem uma correspondência **u : o**, porém, nos registros de Nehring (1894) e Barbosa (1918) é **ɔ : o** (Tp).

Entre o registro de Barbosa (1918) e o Tapayúna há uma correspondência sistemática entre **u : i**. Observando o padrão das demais vogais orais, tal regularidade sugere que a vogal **u** do Cayapó do Sul, nestes itens, pode ser interpretada como [i]. Enquanto na correspondência do Tapayúna com o Panará a equivalência é entre **i : i**. Em itens como (58) ‘anta’, Saint-Hilaire apresenta uma correspondência **i : u** (B) e (SH) **i : i** (Tp) *icrite* (SH) : *kiút* (B) : /kuˈkriɪt/.

As vogais interpretadas como nasais nos registros Cayapó do Sul correspondem, na maior parte dos casos, à nasal em Tapayúna: **ĩ : ĩ** (2, 17, 133); **ẽ : ẽ** (50); **ũ : ũ** (36); **õ : õ** (19, 198); **ẽ : ã** (79, 83). Já a vogal nasal /ã/ do Cayapó do Sul e a /ǣ/ do Panará corresponde em Tapayúna a oral /a/ em (1) *icrian* (SH), *kián* (B) : [ˈkɾa] (Tp) : [ĩˈkjã] (Pa) ‘cabeça’. Esta mesma correspondência é identificada para os itens (11) e (66), contudo, nestes itens a vogal oral no Tapayúna é sucedida por consoante nasal. A vogal nasal **ã** corresponde a **õ** em (32) e **ã : ũ** em (59). Para ‘mel’ (93) a nasal **ẽ : ɛ** *inpençu* (B) : [mɛjˈti] (Tp) : [nãˈpẽj] (Pa) ‘abelha’; e ainda a nasal **ũ : õ** (8) *çuntót* (B) : [tõˈtɔ] (Tp) : [sõˈtɔ] (Pa) ‘língua’.

As principais correspondências entre os registros do Cayapó do Sul, Tapayúna e Panará foram apresentadas nos parágrafos anteriores. Da lista apresentada, 26 itens não apresentam correspondências entre os registros do Cayapó do Sul e Tapayúna, a saber: 33-35, 45, 59, 69-71, 77, 81, 85, 100, 121, 149, 154-155, 157, 161, 165, 171, 172, 181, 192, 194 e 195. Desta lista de termos, somente três podem ser considerados correspondentes idênticos:

	Português	Cayapó do Sul	Tapayúna	Panará
2	‘cabelo’	kin, ikin (B)	[ˈkĩ]	[ĩˈkĩ]
184	‘beber’	pa-kón(B)	[ikõ]	[ˈkõ]
198	‘deitar’	ti-nó (B)	/nõ/	[ˈnõ]

6.5. Cayapó do Sul e Panará

Após apresentar as principais correspondências entre os registros do Cayapó do Sul e Panará na comparação com as línguas Apinajé, Apãniekrá e Tapayúna é possível afirmar que a similaridade dada entre o Cayapó do Sul e o Panará é notável e que tal semelhança não é compartilhada com as línguas Jê listadas nas seções anteriores. Do ponto de vista fonológico, Cayapó do Sul e Panará compartilham processos comuns e mantêm boa parte das oposições distintivas. Para finalizar esta investigação, segue um conjunto de 205 itens, em que são comparados os registros do Cayapó do Sul com registros recentes do Panará.

Na lista a seguir, são mantidas as grafias originais para o Cayapó do Sul e são mantidas todas as realizações de um mesmo termo nos diferentes registros. Enquanto os termos Panará são, a maior parte, do trabalho de campo realizado em outubro de 2012, complementado por itens de Dourado (1990; 2001). Na escolha dos termos, priorizou-se pelo vocabulário básico (partes do corpo, parentesco, elementos/fenômenos da natureza, numerais).

	Português	Cayapó do Sul	Panará
1	‘cabeça’	icrian (SH), paquiã (L), kián (B)	[ĩ'kjõ]
2	‘cabelo’	iquim (SH), inki (K), paquim (L), ĩking (N), kin, ikin (B)	[ĩ'kĩ]
3	‘testa’	ikuá (B)	[ĩku'a ^h]
4	‘olho’	intó (SH), intó (K), intó (B), ntó (B)	[ñtõ] ~ [ĩ'tõ]
5	‘sobrancelha’	intóçôkín (B)	[ĩ'tõ'so] ~ [ĩtõ'sõ]
6	‘pálpebra’	intóçô (B)	[ĩ'tõ'kə]
7	‘nariz’	chacaré (SH), pacré (K), çâkré (B)	[sa'kre] ‘buraco do nariz’
8	‘orelha’	chicré (SH), zukré (N), çukré (B)	[si?'kre] ~ [si'kre]
9	‘boca’	chapé (SH), sacoa (K), zapé (N), çakuá (B)	[sa?'kə] ‘lábios’ [sa'koa] ‘boca’
10	‘língua’	pããtó (L), zutõ (N), çuntót (B)	[sõ'tõ]
11	‘dente’	chuá (SH), pachuá (L), çuá (B)	['soa] ~ ['soa ^h]
12	‘gengiva’	çuáín (B)	[soaĩ]

13	‘barba’	çaңçou (B)	-
14	‘bigode’	çapancê (B)	[sakã'si] /sakã'si/ ‘bigode’ [sapẽ'se] /sapẽ'se/ ‘barba’
15	‘queixo’	çakiát (B)	[sa'kiat]
16	‘pescoço’	impút (B)	[ĩ'puti] ‘nuca’
17	‘garganta’	çunkiôt (B)	[sõ'kjot] ‘pescoço’
18	‘braço’	ípá (SH), ipá (B)	[pa] ~ [pa ^h]
19	‘sovaco’	çakré (B)	[sa'kre]
20	‘cotovelo’	pankuçú (B)	[paku'su]
21	‘mão’	chicria (SH), zukiã (N), cykiá (B)	[si'kja]
22	‘unha’	pacõcõ (L), cykôkô (B)	[sikəkə]
23	‘seio’	panche (L), çuncê (B)	[sõ'se]
24	‘peito’	chucóto (SH), zucoté (K), çukôt (B)	[sõ'kwa]
25	‘fígado’	impá (B)	[ĩ'pa] ²³⁴
26	‘barriga’	itú (SH), patuca (L)	[tu]
27	‘tripa, intestino’	xin (B)	sĩ (Dourado, 2001)
28	‘costa, dorso’	ikpún (B)	[i'pũ]
29	‘ombro’	ikón (B)	[ĩ'ko]
30	‘coluna’	çapací (B)	[sa ^h 'pati] ~ [sa'patsi ^h]
31	‘coxa’	icria (SH), inkré, ikrén (B)	[krə]
32	‘joelho’	ikón (B)	[ĩ'kõw]
33	‘perna’	ité (SH), ité (K), ité (B)	[tɛ]
34	‘calcanhar’	pakiát (B)	[pa'kjat]
35	‘pé’	ipaá (SH), ipá (B)	[ĩ'paa ^h]
36	‘dedo do pé’	pató (K)	[pã'tə]
37	‘pênis’	impú (K), impú (L), impú (B)	[ĩ'mpi] ~ [ĩ'pi]
38	‘nádegas’	suncre (L), inkô, çunkretót (B)	kow (Dourado, 2001)
39	‘saliva’	çankô (B)	[səõ'ko]
40	‘sangue’	ampiô (B)	[nə'pju:]
41	‘remela’	intóuçú (B)	[ĩ'tə'suu]
42	‘urina’	icê, içôu (B)	[səõ]

²³⁴ Em Dourado (1990): [ĩ'mpa:] [ĩ'mpa:] [ĩ'mpa].

43	‘fezes’	aín (B)	[ajĩ]
44	‘mulher’	intiera (SH), intiará (K), intió, intierá (B)	[ĩ'kjare]
45	‘homem’	impuaría (SH), puará (K), impúará (B)	[ˈmpia'ra] ~ [pia'ra]
46	‘mãe’	unisi (P), kuinzí (K), tia (L), tíhã (B)	[nã'pjə ^h]
47	‘pai’	usúm (P), uxum (L), uçúm (B)	[sũ'pjə ^h]
48	‘esposa’	incipiá (K)	si'pjə
49	‘marido’	pínpiã (B)	[pĩ'pjə ^h]
50	‘filho’	ipó (K), ipán (B)	[ˈpə]
51	‘irmão’	uachã (L)	[tõ]
52	‘criança’	iprintué (SH), imprím (N)	[pɾiã'ra]
53	‘bebê’	nhontuára (SH), ióntué (B)	[wã'tue]
54	‘avó’	tapopié (K), tatúpiã (B)	[tua'pjə ^h]
55	‘velho’	caputũ (L), kaputún, taputún (B)	[təpu'tũ]
56	‘cunhado’	kiántú (B)	[kjã'tũkwə] ‘cunhada’
57	‘estrangeiro’	itpé (P), hepé (K)	[i'pɛ]
58	‘sol’	itpúti (P), imputé (SH), puti (L), impútě (N), iútât, iútôt, iúktôt,	[ĩm'pitĩ] [wə'tətĩ]
59	‘lua’	putúa (P), puturuá (SH), putuá (L), pūtūra (N), ptuá (B)	[sõ'kjɛ'titã]
60	‘céu’	putkuá (P), pucuá (L), pukuá (B)	/puku'a/ (Dourado, 1990)
61	‘nuvem’	iputukô (B)	[sã'kõ]
62	‘estrela’	amsití (SH), ançětí (N), ançutí (B)	[nãsu'ti ^h]
63	‘terra’	cupá (P), cúpa (SH), kýpa (B)	[ˈki:pa]
64	‘vento’	cupé (K), çakô (B)	[sə'pe:ri]
65	‘chuva’	intá (P), intá (L), intá (B)	[ĩ'ta] ~ [nta]
66	‘trovoada’	iúpít (B)	[ĩtarẽ'sə]
67	‘rio’	pupti (SH), pakré, pakré-man (B)	[pa'kre], [ĩ'ko]
68	‘cachoeira’	tókót (B)	[korõkõ'kõ]
69	‘lagoa’	inkô (B)	[pakja'põ], [jə:ti ^h]
70	‘água’	incó (SH), inkó (N), inkô, nkô (B)	[ĩ'ko]
71	‘fogo’	itschiú (P), inxío (L), icy (B)	[ĩ'si] ~ [ĩ'si]
72	‘fumaça’	çukún (B)	[sã'kõ]
73	‘brasa, carvão’	çakiát (B)	[sija'kjat] ‘cinzas’
74	‘pedra’	keni (P), jō (N), ão, iôtán (B)	[ˈkjɛ] ~ [ˈkjɛ]

75	‘areia’	kuká (B)	[ku'karĩ]
76	‘dia’	jaká(K), iáká (B)	[ha [?] 'ka ^h]
77	‘tarde’	ptentê (B)	[pitẽ'pe]
78	‘noite’	potekó (K), ptikô, ptukô (B)	[krɛ [?] 'kjô]
79	‘anta’	icrite (SH), kiúte (K), kiút (B)	[ĩ'kjít]
80	‘capivara’	intán (B)	[ĩ'ti]
81	‘paca’	inkia (B)	[ĩ'kja]
82	‘queixada’	ankiô (N), ankiô (B)	[nã'kjo] ‘queixada’
83	‘veado’	impó (P), impó (L), impó, mpó (B)	[jê'si], [ĩ'pɔ] ²³⁵
84	‘tamanduá-mirim’	potiti (K), potiti (L), batutí (B)	[pəti'ti ^h]
85	‘cutia’	ikiánacê (B)	[kjãrẽ'sə ^h] ~ [kjãñsə]
86	‘tatu’	ankrê (B)	[titi'ti]
87	‘rato’	ançô (B)	[rẽ'so] ~ [nẽ'so]
88	‘morcego’	incêp (B)	[nã'sep]
89	‘macaco’	inkó (N), ikô (B)	[ĩ'kow]
90	‘ariranha’	iópaçán (B)	jopɛsẽ'si
91	‘onça’	napiá (L), napiá (B)	[jɔp [?]]
92	‘cachorro’	robú (P), hióp (K), ióp (B)	[jɔp]
93	‘gato’	hiapampé (K), iómpampé (B)	[jɔp'kə]
94	‘pássaro’	itchune (SH)	[ĩtsuĩ]
95	‘pomba’	kutití (B)	[kɔri'ti]
96	‘pato’	iêumatí (B)	[jômẽ'ti]
97	‘peixe’	tépo (SH), tápe (N), tép (B)	[tɛp]
98	‘pacu’	ksukié (B)	[kisu'ke:] ~ [kisu'ke] ‘esp.’
99	‘cobra’	iãnnã (N), anhán (B)	[nãkə]
100	‘serpente d’água’	njontí (N)	[jɔ'ti] ‘surucucu’
101	‘cascavel’	apát (B)	[a ^h 'patu] ‘cobra (esp.)’
102	‘tiú’	akôtinacê (B)	[a'kô] ‘calango’
103	‘jacaré’	tapung piá (N), intókóçúme (B)	[mĩ]
104	‘sapo’	krêtôt (N), kretót (B)	[kua'tɔt]
105	‘abelha’	inpençu, inpeninçu (B)	[nãpɛĩ'si]
106	‘mel’	inpén (B)	[nãmpɛj] /nã'mpɛi/

²³⁵ [ĩ'pɔ] é termo dado para mamíferos de grande porte: cavalo, boi, etc.

107	‘cera’	ipencê (B)	[ĩʔ'se]
108	‘borboleta’	ceojó (N), cíóió (B)	[jə'jə]
109	‘mosca doméstica’	pómánx, koçuátét (B)	[po:mã'sə] ‘pium’
110	‘varejeira’	ainnicôp (B)	['ko:põ] ‘mosca’
111	‘pernilongo’	puçú (B)	[pu:'su]
112	‘bicho de pé’	paté (SH), patê (B)	[paa'te ^h]
113	‘piolho’	ankô (B)	[kjã'ko]
114	‘carrapato’	katitê (B)	[kjuti'te]
115	‘formiga’	çârutí (B)	[sətirã'sãmpi] ‘formiga (esp.)’
116	‘gafanhoto’	hitócrít (B)	[tə'krit]
117	‘aranha’	cêcê (B)	[sõ'se]
118	‘chifre’	ípa (B)	[kiãsipə] (Dourado, 2001)
119	‘rabo’	çámpá (B), çámpý (B)	[sãm'pĩ ^h]
120	‘asa’	çaací (B)	[saa'si]
121	‘pena’	impantsa (SH), inkún (B)	[ĩ'kõã]
122	‘bico’	çakiát (B)	[sa'kjat]
123	‘crista’	çací (B)	[sasĩto'ta]
124	‘ninho’	çacê (B), çacê mán (B)	[sase] (Dourado, 2001)
125	‘flor’	inhánhán (B)	[jũ'kjõti]
126	‘folha’	parachó (SH), póraçô (B)	[pərə'so ^h]
127	‘casca’	çakê (B)	['kə]
128	‘pau’	pêr (B)	['pəri]
129	‘fruto’	patso (SH)	[.pəri'kjõ]
130	‘semente’	icí (B)	['si]
131	‘raiz’	çarê (B)	sare (Dourado, 2001)
132	‘buriti’	kuáçô (B)	[ĩ'koa]
133	‘jatobá’	ampô (B)	[nãmpo]
134	‘banana’	pakáu (B)	[pa'kwa ^h]
135	‘mandioca’	kuóch (K), kúa (B)	['kuə ^h]
136	‘batata’	itú (K), iútú (B)	[i'tu]
137	‘cará’	kêôkrít (B)	[kre'krit] ‘esp.’
138	‘abobora’	kukút (B)	[ku'kut]
139	‘milho’	muschiú (P), moschi, (K), môcê, môcý (B)	[mõ'si]

140	‘algodão’	açôt, ançôt (B)	[a'sət]
141	‘jenipapo’	ampiôtí (B)	[piu'ti]
142	‘fumo, tabaco’	arená (P), aréna (N), aréne (B)	[kju'ti'jĩ]
143	‘carne’	in (B), cin (B)	['sĩ]
144	‘ovo’	inkré (B)	[ĩkrɛ]
145	‘doce’	cicí (B)	[nã'si'si]
146	‘casa’	kukré (B) kikré (K), kukré (B)	[ku'krɛ]
147	‘casa’	unkua (P),	[kɛjõ'kwa ^h] ‘minha casa’
148	‘roça’	pu (B)	['puu ^h] ~ ['puu]
149	‘caminho’	pir (B)	['pĩr]
150	‘arco’	itsché (P), itse (SH), isché (N)	[ĩtse] ~ [ĩ'se]
151	‘flecha’	caschoné (P), cajone (SH)	[kə'jə]
152	‘borduna’	kó (P), poré (SH), epórá (N), içôto (B)	[kə'pasə]
153	‘canoa’	pôk (B)	[pə'ri'kə]
154	‘remo’	kópacê (B)	[ko'pə]
155	‘pilão’	açuaká (B)	[ha'soa] ~ [a'soa]
156	‘cabaça’	çacêinkô (B)	[ĩko:kə'wə ^h] ‘cuia’
157	‘cesto’	piápa (P)	[piəpa'sə] ‘cesto (tipo)’
158	‘ferro’	kitesi (P)	[te'si]
159	‘arma’	atoná (P), atóma (N), atóme (B)	[ha'tõ] ~ [a'tõ]
160	‘munição’	antoaáschú (P)	[atõ'si]
161	‘medo’	timpá kékê (B)	[tĩ'pa]
162	‘ferida’	kótita (B)	[kə'tit']
163	‘bom, bonito’	impéimpārê (SH), tmampé, temompé(B)	['kĩ]
164	‘feio’	intomarca (SH), tamancare (L), tómanhá, anká (B)	[nã'ka] ~ [rã'ka]
165	‘forte’	hitóte (K), pacitôt (B)	['tə'ti]
166	‘fraco’	pépét, pacikiôkiô (B)	[pe'pɛt]
167	‘gordo’	naschoá (K), nansuê (B)	[ĩ'nã]
168	‘pequeno’	ipānré (SH), pan, pú (B)	[ĩ'pã ~ 'pã]
169	‘quente’	ankiúte (K), akiô, ankiô (B)	[nã'kjɔ] ~ [rã'kjɔ]
170	‘frio’	kiúti (P), kiuhi (K), ikíh, kir, namukíh (B)	['kji ^h]
171	‘molhado, molhar’	ikó, inkó (B), tinkó (B)	[ĩ'kɔ]
172	‘seco’	cinín (B)	[nĩ] ~ [rĩ]

173	‘pesado’	çutín (B)	[su'tĩ]
174	‘gostoso’	nacicí (B)	[nãsi'si]
175	‘doce’	cicí (B)	[nãsi'si]
176	‘azedo’	çôá (B)	['soa]
177	‘bravo’	acê (B)	[a'sə]
178	‘branco’	cacatéta (SH), catêté (L), katétét (B)	[ĩ'po]
179	‘preto’	cotú (SH), tépanhó (B)	[kə'tu:]
180	‘vermelho’	ampiampio (SH), netampiá (K)	[nã'prə]
181	‘um’	ipút (B)	[ĩpit]
182	‘dois’	ambrendá (B)	[pĩti'ra]
183	‘banhar-se’	paçuán (B)	['suəri]
184	‘tirar’	tiúató (B)	[wa'tə]
185	‘correr’	iútén (B)	['tɛn]
186	‘cair’	iútén (B)	[ju'tɛn]
187	‘subir’	iúçupín (B)	[sə'pĩnĩ]
188	‘fugir’	iútó (B)	[pĩ'təri]
189	‘sumir’	itó (B)	[i'tə]
190	‘comer’	tikukrén, cikukrén, tikrén (B)	[kukrɛ̃], krɛ̃ (Dourado, 2001)
191	‘beber’	pakón (B)	['kõ]
192	‘furar’	tikén, tikê-mán (B)	['kjɛ̃rĩ] ~ ['kjɛ̃nĩ]
193	‘atirar’	tópimán, tikuató (B)	[wa'tõ]
194	‘vomitar’	çãoacin, çóancín (B)	[sõĩ]
195	‘plantar’	tikré, tikré-mán (B)	['krɛ]
196	‘ouvir’	timpá (B)	['pari]
197	‘ver, olhar’	tiçumpún, taptiçumpún (B)	['pũ] ‘ver’
198	‘gritar’	íkâ, ikâa (B)	[ĩ'kã]
199	‘tossir’	iká (B)	[ĩ'ka]
200	‘tremor’	tentént (B)	[tɛ̃'tɛ̃t']
201	‘chorar’	inkué (B)	[ɛ̃'koə ^h]
202	‘dormir’	schótine (P), paninhote (L), panhót (B)	sõti (Dourado, 2001)
203	‘deitar-se’	tinó, iúnó, panómán (B)	['nõ]
204	‘matar’	tipín, tinuiá (B)	['pĩnĩ]
205	‘morrer’	itú (P), iútú, ipintó (B)	['tu ^h]

Deste conjunto de itens, 81 termos (40%) correspondem perfeitamente em forma e significado e outros 115 (55%) apresentam formas muito próximas, para as quais as diferenças podem ser associadas às características de cada registro (inclusive do Panará). Os termos seguintes ilustram o conjunto de termos que apresentam correspondência entre os registros: (4) *intó*, *ntó* (B) : [ˈntɔ] ‘olho’; (2) *kin*, *ikin* (B) : [iˈkĩ] ‘cabelo’; (3) *ikuá* (B) : [iˈkua] ‘testa’, (52) *prĩará* (B) : [pɾĩaˈra] ‘criança’, (65) *intá* (B) : [iˈta] ‘chuva’; (97) *tép* (B) : [ˈtɛp] ~ [tɛpi] ‘peixe’, (81) *inkia* (B) : [iˈkja] ‘paca’, (139) *muschiú* (P) : *mocý* (B) : [mõˈsi] ‘milho’, (148) *pu* (B) : [ˈpu:] ~ [puu] ‘roça’, (200) *tentént* (B) : [tɛˈtɛt] ‘tremar’.

Para os registros Cayapó do Sul é possível indicar pelo menos duas variedades: uma falada na região de Mossâmedes, com características mais próximas do Apinajé, Apãniekrá e Tapayúna, e outra falada mais ao sul do seu território tradicional: Santana do Paranaíba e Triângulo Mineiro. Observou-se, também, que o Panará, falado no norte do Mato Grosso, se aproxima mais dos registros meridionais do Cayapó do Sul do que aqueles da região de Mossâmedes. Os principais aspectos diferenciadores das listas de Mossâmedes são: (i) distinção entre segmentos fricativos e africados e, conseqüentemente, exigindo a distinção *descontínua* vs. *contínua* entre as obstruintes (itens 7-9, 11, 24, 126, 150, 160) e (ii) a realização do tepe, tanto em *onset* como em *clusters*, onde, nos demais registros, ocorre a palatal /j/ (cf. 1, 2, 79 e 92). Para (ii), o tepe se mantém nas duas variedades quando a vogal subsequente é [ɛ] (cf. 7 e 8) e, apesar de uma única ocorrência, [i] (cf. 52). Já em (180), o *cluster* com a palatal tanto de Mossâmedes, quanto de Santana, corresponde ao tepe no Panará.

Do ponto de vista fonológico, a série das obstruintes do Cayapó do Sul e a do Panará mantêm os mesmos fonemas, /p t s k/, no entanto, em Panará, as obstruintes opõem *descontínuo* vs. *contínuo*, compondo uma série de obstruintes contínuas, com um único fonema /s/. Como discutido na sessão (5.5.), a ausência de *cluster* constituído por [sw] é a evidência que justifica a distinção do /s/ das demais obstruintes, uma vez que o *cluster* não pode ser composto por dois segmentos marcados para contínuo. Em Cayapó do Sul não há evidências para distinguir este segmento das obstruintes, uma vez que a restrição de *cluster* quanto ao traço contínuo só opera nas soantes.

Entre as soantes, por sua vez, a oposição tanto em Cayapó do Sul quanto em Panará é entre *descontínuas* vs. *contínuas*. As descontínuas formadas pelas pré-nasalizadas /m̃p̃ ñt̃ ñs̃ ŋ̃k̃/ e as contínuas por /w r j h/. As soantes são alvo do espalhamento de nasalidade disparado pelas vogais, o resultado deste espalhamento é a

realização plenamente nasal das pré-nasalizadas e, nas soantes contínuas, realização plenamente nasal ou nasalizada.

Os *clusters* licenciam segmentos segundo a oposição *grave vs. agudo* e *contínuo vs. descontínuo*. Em Panará, a oposição de continuidade, como exposto, se estende para todas as séries consonantais, enquanto em Cayapó do Sul se mantém somente nas soantes.

Um dos pontos de maior divergência entre a interpretação dos registros Cayapó do Sul e a interpretação fonológica para o Panará é quanto aos segmentos licenciados em coda. Em Cayapó do Sul, segundo as informações disponíveis nos registros, foram identificados quatro segmentos em coda: três soantes descontínuas /m̃p̃ ñt̃ ŋ̃k̃/ e uma contínua /t/. Não se nega certa aleatoriedade desta interpretação, mas, dentre as posições silábicas do Cayapó do Sul, a coda é a que mais apresenta dificuldade de análise. Nesta proposta para o Cayapó do Sul, tal como em *onset*, a realização em coda é condicionada pelo núcleo da sílaba. Assim, as pré-nasalizadas se realizam plenamente nasais quando precedidas por vogais nasais e completamente dessoantizadas quando precedidas por vogal oral, resultado do espalhamento do nó *Soft Palate* (SP). Já em Panará a oposição *grave vs. agudo* é o fator preponderante no licenciamento dos fonemas em coda. Foram reconhecidos dois segmentos *graves* /p h/ e os dois *agudos* /t t̃/. O tepe é sistematicamente nasalizado pela vogal nasal, pelo espalhamento de SP da vogal para a soante.

Quanto às vogais, nos dois registros foi possível estabelecer que a oposição básica é entre *orais vs. nasais*, o que significa, seguindo a proposta de D'Angelis (1998), que o traço nasal é fonológico entre as vogais e está alocado sob um nó SP. Tal como as consoantes, o número de vogais é o mesmo para o Cayapó do Sul e para o Panará: sete vogais orais e seis nasais. São mantidas, também, as mesmas oposições: [± posterior], [± arredondado], [± alto] e, somente para as orais, [± baixo]. A principal divergência entre os dois sistemas é a representação dos segmentos [-alto]. Em Panará os fonemas são /ɛ/, /ə/ e /ɔ/ e no Cayapó do Sul /e/ /ə/ /o/. Contudo, tal divergência pode ser atribuída aos limites impostos pelos registros do Cayapó do Sul.

A maior parte das oposições identificadas no Cayapó do Sul é refletida no Panará, a saber: *obstruintes vs. soante*, para as consoantes; *oral vs. nasal* para vogais. Esta última comum às línguas da família Jê. Seguindo a proposta de Jakobson, Fant & Halle (1952), as oposições em Cayapó do Sul e Panará são: consonantal vs. não-consonantal, vocálico vs. não-vocálico, grave vs. agudo, compacto vs. difuso, contínuas vs. descontínuas (com estas cinco oposições é possível identificar todas as consoantes, as seguintes distinguem as vogais) *flat vs. plain* e *tense vs. lax*.

A seguir, são apresentados, mais uma vez, o sistema fonológico proposto para o Cayapó do Sul e aquele proposto para o Panará, em que é possível observar as correspondências quanto às oposições em cada sistema; e em (174) uma síntese das principais convergências e divergências entre as duas propostas de sistema fonológico.

CONSOANTES CAYAPÓ DO SUL						CONSOANTES PANARÁ					
Obstruintes	p	t	s	k	Obstruintes [-cont.]	p	t		k		
					[+cont.]		s				
Soantes [-cont.]	m̂p	n̂t	n̂s	ŋ̂k	Soantes [-cont.]	m̂p	n̂t	n̂s	ŋ̂k		
Soantes [+cont.]	w	r	j	h	[+cont.]	w	r	j	h		

VOGAIS CAYAPÓ DO SUL						VOGAIS PANARÁ							
	orais			nasais				orais			nasais		
i	í	u		ĩ	ĩ	ũ	i	í	u		ĩ	ĩ	ũ
e	ə	o		ẽ	ã	õ	ɛ	ə	ɔ		ẽ	ã	õ
	a							a					

(174) Sínteses das principais convergências e divergências entre Cayapó do Sul e Panará:

CAYAPÓ DO SUL	PANARÁ
✓ Foram identificados 12 fonemas consonantais e 13 vocálicos;	✓ Foram identificados 12 fonemas consonantais e 13 vocálicos;
✓ A oposição básica nas consoantes é entre <i>obstruintes/soantes</i> ;	✓ A oposição básica nas consoantes é entre <i>obstruintes vs. soantes</i> ;
✓ Entre as soantes é preciso opor <i>descontínuas/contínuas</i> ;	✓ O traço <i>descontínuo/continue</i> é distintivo tanto nas obstruintes quanto nas soantes;
✓ O fonema /s/ figura em uma mesma série com /p t k/;	✓ O fonema /s/ figura na série das obstruintes descontínuas;
✓ Os traços <i>grave/agudo</i> e <i>compacto/difuso</i> são os demais traços do sistema consonantal;	✓ Os traços <i>grave/agudo</i> e <i>compacto/difuso</i> são os demais traços do sistema consonantal;
✓ Em coda foram identificadas somente as soantes /m̂p n̂t ŋ̂k r/;	✓ Em coda são licenciados representantes das obstruintes e das soantes e o traço <i>grave/agudo</i> é o mais relevante /p h/ x /t r/;

- ✓ Em *cluster* a oposição básica é entre consoantes *descontínuas vs. contínuas*;
- ✓ A restrição de OCP é quanto à contiguidade de dois segmentos com mesmo articulador;
- ✓ A oposição básica entre as vogais é *nasal/não-nasal*;
- ✓ Os segmentos vocálicos são identificados pelos traços *grave/agudo, compacto/difuso, flait/plain* e *tense/lax*;
- ✓ As vogais médias são representadas por /e o/;
- ✓ As vogais nasais neutralizam a oposição *tense/lax*.

- ✓ Em *cluster* a oposição básica é entre consoantes *descontínuas vs. contínuas*;
- ✓ A restrição de OCP se dá pelo traço *grave/agudo*, em não são licenciados dois segmentos graves ou dois segmentos agudos;
- ✓ A oposição básica entre as vogais é *nasal/não/nasal*;
- ✓ Os segmentos vocálicos são identificados pelos traços *grave/agudo, compacto/difuso, flait/plain* e *tense/lax*;
- ✓ As vogais médias são representadas por /ε ɔ/;
- ✓ As vogais nasais neutralizam a oposição *tense/lax*.

A conclusão, frente às evidências fonológicas e lexicais, é pela identidade do Cayapó do Sul e Panará, ou seja, a língua falada pelos atuais Panará, hoje na Terra Indígena Panará, norte de Mato Grosso, divisa com o Pará, é a mesma que foi falada pelos Cayapó do Sul do Brasil Central. A partir da análise comparativa é possível afirmar que o atual Panará mantém mais proximidade com a variedade registrada em Santana do Paranaíba (Paranaíba-MS) e no Triângulo Mineiro (Aldeia da Água Vermelha). As divergências encontradas entre a variedade registrada nas proximidades de Vila Boa (GO), possivelmente referente aos Cayapó do Sul que estavam nas cabeceiras orientais do Araguaia, e a variedade do Triângulo Mineiro são as mesmas encontradas na comparação desta variedade com o Panará. Por fim, esta análise confirma a hipótese levantada por Heelas (1979 Segundo Schwartzman (1988), “Heelas was correct and deserves credit for an important ethnological discovery” (p. 283-282). A intuição do antropólogo britânico permite adentrar na rica e complexa história das migrações dos povos indígenas brasileiros após a violenta chegada dos europeus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na década de 1970, os recém e incógnitos Panará, chamados pelo Mebengokre de Kreen-Akarore e conhecidos na mídia como os “índios gigantes”, foram considerados pelo antropólogo Richard Heelas como os descendentes dos Cayapó do Sul, povo indígena famoso nas crônicas bandeirantes do século XVIII, pela resistência que mantinha contra a invasão do seu território pelos colonizadores. A hipótese de Heelas estava baseada nos relatos de viagem de Emmanuel Pohl e Auguste de Saint-Hilaire e nas listas de palavras, disponíveis em tais relatos. Mais especificamente, na palavra encontrada para ‘índio’ na lista de palavras coligida por Saint-Hilaire (1848) – curiosamente era *panariá* –, muito próxima da autodenominação dos Kreen da Serra do Cachimbo. Outra motivação para hipótese do antropólogo foi a ausência de proximidade cultural entre os Kreen e os demais povos Jê setentrionais (Mebengokre, Suyá, Timbira, entre outros).

A hipótese de Heelas (1979) foi retomada a cada novo estudo sobre os Panará ou sobre os Cayapó do Sul. Schwartzman (1988) refez a análise comparativa de Heelas isolando a lista de Saint-Hilaire, uma vez que Heelas utilizou a versão publicada em Martius (1863), acrescentando termos coligidos por ele entre os Panará. Um pouco mais adiante, Rodrigues & Dourado (1993) e Giralдин (1997, 2000) vão retomar a hipótese da identidade Cayapó do Sul- Panará a partir do vocabulário de Alexandre de Sousa Barbosa, que estava desconhecido do meio acadêmico até o início da década de 1990, no Arquivo Histórico do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde também estava esquecida a lista de palavras de Lemos da Silva. O título do manuscrito de Alexandre de Souza Barbosa não só sugeria como exigia uma análise mais detalhada do Cayapó do Sul, pois, em mais um registro o termo encontrado para autodenominação dos Cayapó do Sul era *panará*. Dourado (2001, 2004) vai retomar a hipótese Cayapó do Sul-Panará em uma curtas listas comparativas – 19 itens na primeira análise e 20 na segunda.

Esta análise seguiu um caminho levemente diferente na investigação da hipótese de Heelas (1979). Em um primeiro momento, os registros Cayapó do Sul foram tratados isoladamente e a busca por correspondências em língua Jê, inclusive no Panará, tinha o objetivo de servir

como parâmetro ou indicativo para esclarecer inconsistências no registro linguístico sob análise. O objetivo era depreender os possíveis fones do Cayapó do Sul a partir da percepção dos transcritores, uma vez que se deparava com sete diferentes registros, três deles produzidos por alemães, outros três (ou dois, uma vez que não conhecemos o autor da lista de nomes próprios de Vila Boa) por brasileiros ou que têm o português como língua materna, e por fim um registro realizado por um francês, que optou por utilizar a ortografia do português do início do século XIX para transcrever os itens coligidos. O levantamento das percepções dos transcritores (a análise grafêmica) buscou conciliar a língua materna do responsável pelo registro, a ortografia utilizada para tal e as peculiaridades da grafia adotada, por exemplo, todos os transcritores alemães lançaram mão do diacrítico agudo, apesar da ausência deste elemento na ortografia oficial alemã.

A etapa seguinte foi identificar o sistema fonológico do Cayapó do Sul a partir destes registros e, considerando a dispersão geográfica, mostrou-se necessário fazer tal análise por região de produção dos registros: listas de Mossâmedes (Registro de Batismo de Vila Boa, lista de palavras de Pohl e lista de palavras de Saint-Hilaire); lista de Santana do Paranaíba (listas de palavras de Kupfer, Lemos da Silva e Nehring) e, por fim, a lista do Triângulo Mineiro, elaborada por Barbosa entre os possíveis últimos falantes da aldeia da Água Vermelha. Observadas as particularidades das possíveis variedades, foi proposta a fonologia do Cayapó do Sul tendo como base o vocabulário de Barbosa (1918). A quantidade de itens coligidos por Barbosa (1918) possibilitou uma investigação ainda mais detalhada do sistema fonológico do Cayapó do Sul e, por conseguinte, permitiu que a análise comparativa com o Panará extrapolasse a simples justaposição dos itens.

Identificadas as oposições fonológicas do Cayapó do Sul e com o objetivo último da análise comparativa, iniciou-se a investigação da fonologia do Panará, inicialmente com o *corpus* disponibilizado nas duas principais análises de Dourado sobre esta língua e, mais adiante, em *corpus* produzido exclusivamente para esta análise. O resultado apresentado neste trabalho tem significativas diferenças da proposta de Dourado (1990, 2001). Entre as mais relevantes está a de assumir que a língua mantém uma série de soantes descontínuas representada por segmentos pré-nasalizados (tal como o Cayapó do Sul) e a redução dos fonemas vocálicos, pois demonstrou-se a precariedade de uma oposição entre [e] x [ɛ], [o] x [ɔ]. A reanálise da

fonologia Panará primou pelo levantamento das oposições do sistema, cruciais para consequente análise comparativa com o Cayapó do Sul.

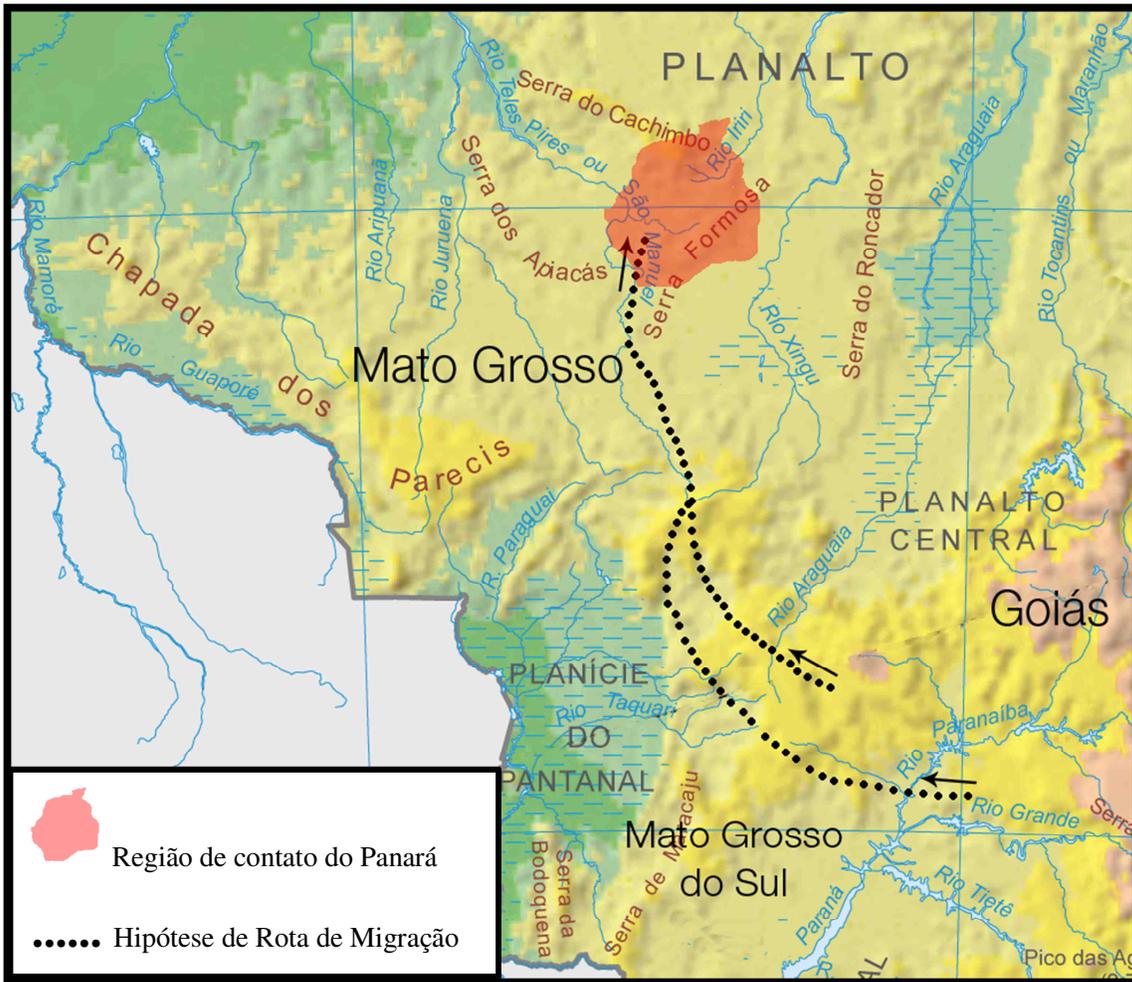
As análises comparativas entre Cayapó do Sul e Panará apresentam em comum a ausência de estudo sistematizado dos registros Cayapó do Sul e o julgamento, a priori, da identidade Cayapó do Sul-Panará e ausência de comparações dos registros Cayapó do Sul (e Panará) com demais línguas da família Jê. Outro eixo desta análise, então, era suprir a ausência de estudos comparativos de línguas Jê, mais especificamente Jê setentrionais, com os registros Cayapó do Sul e com o Panará. Assim, foram selecionadas as línguas Apinajé, Apãniekrá, para as quais também foram propostas consoantes pré-nasalizadas – oclusivas e africadas para o Apinajé (OLIVEIRA, 2005) e obstruintes nasais para o Apãniekrá (ALVES, 2007) –, e Tapayúna que, atualmente, estão geograficamente próximos aos Panará. O resultado destas análises é uma lista de correspondências fonológicas sistemáticas entre as línguas e poucos itens que se assemelham em forma e significado entre com o Cayapó do Sul: dezesseis itens comuns no Apinajé, quinze no Apãniekrá e três no Tapayúna. A análise comparativa permitiu ainda demonstrar que a variedade de Mossâmedes tem mais elementos em comum, do ponto vista fonológico, com as línguas Jê setentrionais do que as variedades de Santana do Paranaíba e Triângulo Mineiro, inclusive mais do que o atual Panará.

O primeiro resultado significativo da comparação entre o Cayapó do Sul e o Panará é a confluência de 95% dos termos comparados para identidade completa ou muito semelhante. Outro resultado significativo é a presença de uma série de soantes descontínuas representadas pelas consoantes pré-nasalizadas, que quando ocupam o ataque silábico, precedendo uma vogal nasal, realizam-se plenamente nasais. Cayapó do Sul e Panará compartilham do processo de espalhamento do nó SP (*Soft Palate*) para os segmentos que não o possuem subjacentemente: soantes. Também comungam da obrigatoriedade da nasalização entre as soantes descontínuas e do caráter facultativo nas contínuas. Cayapó do Sul e Panará também têm o mesmo número de fonemas consonantais e vocálicos, sendo especificados pelos mesmos traços: *consonantal/não-consonantal*, *vocálico/não vocálico*, *contínuo/descontínuo*, *grave/agudo*, *compacto/difuso* e, para as vogais, *flait/plain* e *tense/lax*. Este último neutralizado nas vogais nasais.

As principais divergências identificadas entre Cayapó do Sul e Panará são: a representação das vogais médias (/e o/ para o Cayapó do Sul e /ɛ ɔ/ para o Panará), elementos licenciados em coda (/m̃p̃ ñt̃ ŋ̃k̃ t̃/ para Cayapó do Sul e /p t r h/ para o Panará) e as restrições de OCP em *cluster* (articulador ativo para o Cayapó do Sul e *grave/agudo* para o Panará).

A conclusão deste estudo, assim, é que a língua falada pelos atuais Panará, hoje às margens do Iriri, no norte de Mato Grosso, já na divisa com o Pará, é a mesma dos Cayapó do Sul, que mantinham um território que ia das cabeceiras do Araguaia aos formadores ocidentais e orientais do Paranaíba, das proximidades da Serra Dourada ao Varredouro de Camapuã. A língua dos atuais Panará é mais próxima das variedades meridionais (Santana do Paranaíba e Triângulo Mineiro). A existência dos registros linguístico dos Cayapó do Sul datados ainda no século XVIII e a intuição de Richard Heelas incorporam à pesquisa de línguas indígenas brasileiras uma fato inédito de recuperação de uma história linguística (e cultural) de um povo indígena, indicando os intrincados mistérios do povoamento do Brasil antes e após a invasão europeia.

Ainda em tempo, Giralдин (1997), assumindo a identidade dos Cayapó do Sul-Panará, propôs uma rota migratória deste povo do seu território no Brasil Central até a região do Peixoto de Azevedo (onde houve o contato com o Panará nas décadas de 1960-70). Segundo este etno-historiador, os Cayapó do Sul se beneficiaram da ausência de rios caudalosos entre as cabeceiras do Araguaia e o vale do Teles Pires, este último localizado entre duas serras: a serra Formosa, a leste, e a serra dos Apiacás, a oeste. A primeira é o divisor de águas do Teles Pires com o Xingu e o segundo do Teles Pires com o Arinos. Os Cayapó do Sul-Panará teriam seguido pelas margens do Teles Pires até se estabelecerem no Peixoto de Azevedo. Segundo Giralдин (*op. cit.*) “os Panará atravessaram grande parte do vale do Teles Pires, fixando-se somente onde puderam encontrar solos férteis que possibilitassem praticar sua agricultura e seus rituais” (p. 135). O Mapa 6, a seguir, é uma adaptação daquele elaborado por Giralдин (1997) para a rota migratória dos Cayapó do Sul-Panará.



Mapa 6: Cayapó do Sul-Panará: proposta de rota de migração.
 (Adaptado de Giraldin, 1997, p. 133 e IBGE: Brasil Físico)

Bibliografia

- ALMEIDA, R. H. *Xakriabá – Cultura, História, Demandas e Planos*. Brasília: Funai, 2006.
- ALVES, F. C. As duplicações vocálicas e consonantais do Apãniekrá-Canela do ponto de vista da fonologia não-linear. *Estudos Linguísticos*, v. 37, pp. 490-495, 1998.
- ALVES, F. C. *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- ALVES, F. C. Sistema fonológico do Timbira Apãniekrá (Fonemas, sílaba e acento). In A. D. RODRIGUES; A. S. A. C. Cabral (Orgs.). *Línguas e Culturas Macro-Jê*. Brasília: Editora UnB, 2007. p. 45-55.
- ARAÚJO, B. A. C. *Análise do Wörterbuch der Botokudensprache*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1992.
- ARNT, R.; PINTO, L. F.; PINTO, R. *Panará, a volta dos índios gigantes*. São Paulo: Instituto Socio Ambiental, 1998.
- ATAÍDES, J. M. de. *Sob o signo da violência: colonizadores e Kayapó do Sul no Brasil Central*. Goiânia: Editora UCG, 1998. 187p.
- AUROUX, S. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Editora Unicamp, 1992.
- BARBOSA, A. S. *Cayapó e panará*. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB, 1918.
- BARBOSA, Pe. A. L. *Pequeno vocabulário Tupi-Português*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1955.
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M.H.M. (org.). *Gramática do Português Falado*. Vol. VII: novos estudos. 2 ed. Campinas: Editora Unicamp, 1999.
- BUENO, S. *Vocabulário Tupí-Guaraní Português*. 2 ed. São Paulo: Gráfica Nagy, 1983.
- CÂMARA JR., J. M. Alguns Radicais Jê. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, 28, 1959.

- CÂMARA JR. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. 2ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 11ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CAMARGO, N.S. *Dicionário Bilingüe Tapayúna-Goronã*. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará, Belém, PA.
- CAMARGO, N. S. *Língua Tapayúna: aspectos sociolingüísticos e uma análise fonológica preliminar*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- CAMARGO, N.S. *Cadernos de Campo entre os Tapayúnas*. (Manuscrito) s/d.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York, NY: Harper and Row, 1968.
- CAMPBELL, L. *Historical linguistics: an introduction*. 2ed. Cambridge, MA: MIT, 2004.
- CHRISTINO, B. P. *A rede de Capistrano de Abreu (1853-1927): uma análise historiográfica do rã-txa hu-ni-ku-ĩ em face da Sul-americanística dos anos 1890-1929*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CLEMENS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. IN GOLDSMITH, J. A.; RIGGLE, J.; YU, A. C. L. (ed.). *The handbook of phonological theory*. 2nd ed. Cambridge, MA: Blackwell, 2011.
- COSTA, C. P. G. *Nhadewa Aywu: fonologia de Nhandeva-Guarani*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2010.
- COSTA, L. S. da. *Flexão relacional, marcas pessoais e tipos de predicados em Xikrín: contribuição para os estudos sobre ergatividade em Línguas jê*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal do Pará, Belém.
- CRUZ, A. da. *O Resgate da Língua Geral – Modos de Representação das unidades lingüísticas da Língua Geral Brasileira e do Tupi Austral na obra de Martius (1794–1868)*. 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

- D'ANGELIS, W. R. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica*. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. 2 vols.
- D'ANGELIS, W. R. Nasalidade, soanticidade e vozeamento nas línguas Macro-Jê & Geometria de Traços. *Revista Sínteses*, v. 4, pp. 101-113, 1999.
- D'ANGELIS, W. R. Nasalidade e soanticidade em línguas Jê: o Kaingang paulista e o Mëbengokre. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, Belém, Pará, Brasil, p. 86-95, 2002.
- D'ANGELIS, W. R. O Primeiro Século de Registro da Língua Kaingang (1842-1950): valor e uso da documentação etnográfica. 2003. Disponível em <<http://www.portalkaingang.org/primeiros100anos.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2012.
- D'ANGELIS, W. R.; FERNANDES, D. S. B. O vocabulário Kaingáng de Ambrosetti (1894) e as relações lingüísticas e históricas da Aldeia de Ingacorá (RS) com Missiones. *Liames*, n. 4, pp. 83-89, 2004.
- DAVIS, I. Comparative Jê phonology. *Estudos Lingüísticos* v. 1, n. 2, p. 10-24, 1966.
- DOURADO, L. *Estudo preliminar da fonêmica Panará*. 1990. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 1990.
- DOURADO, L. *Aspectos Morfosintáticos da Língua Panará (Jê)*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- DOURADO, L. Construções aplicativas em Panará. *D.E.L.T.A.*, v. 18, n. 2, p. 203-231, 2002.
- DOURADO, L. As vicissitudes do povo Panará e a sua língua. *Atas do II Encontro Nacional do GELCO: integração linguística, étnica e social*. Vol. I. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004.
- DOURADO, L. Assimilação e epêntese em Panará. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, s/d.
- DUANMU, S. *Syllable structure: the limits of variation*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2010.
- EHRENREICH, P. Materialien Zur Sprachkunde Brasiliens. *Zeitschrift fur Ethnologie*, n. 26, p. 115-137, 1894.

- FERREIRA, M. N. de O. *Estudo morfossintático do Parkatejê*. Tese (Doutorando em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- FLORENCE, H. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução de Visconde Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.282p.
- FLORENCE, H. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: pelas províncias de São Paulo, Mato Grosso e Grão Pará (1825-1829)*. Tradução de Francisco Álvares Machado e Vasconcellos Florence. São Paulo, MASP, 1977.
- FONTAINE, J. A fonologia. In: FONTAINE, J. *O círculo lingüístico de Praga*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1978.
- FONSECA, J. da. *Novo dicionario francezs – portuguez*. Paris; Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand, 1895.
- GIRALDIN, O. *Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo*. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.
- GIRALDIN, O. *Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil central*. Campinas: Educamp, 1997.
- GIRALDIN, O. Renascendo das cinzas. Um histórico da presença dos Cayapó-Panará em Goiás e Triângulo Mineiro. *Sociedade e cultura*, v. 3, nº 1-2, p. 161-184, jan/dez., 2000.
- GLEASON, H. A. *Introdução à Linguística Descritiva*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
- GONÇALVES, S. A. *Aspecto no Kaingang*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- GRANNIER RODRIGUES, D. M. *Fonologia do Guaraní Antigo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 86 p.
- HALL, J.; MCLEOD R. A.; MITCHELL V. (1987). *Pequeno dicionário Xavante-Português*. Cuiabá: SIL. Disponível em <<http://www.sil.org/americas/brasil/publcn/dictgram/XVDict.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2012.
- HAM, P. *Apinayé phonemic statement: preliminary version*. Anápolis, GO: SIL. Disponível em <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcn/ling/AYPhonem.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

- HEELAS, R. *The social organization of the Panara, a Ge tribe of Central Brazil*. Thesis (Ph.D.). University of Oxford, 1979.
- HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. *Censo Demográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. *Mapas*. Disponível em < <http://mapas.ibge.gov.br/>>. Acesso em out. 2013.
- ICMBIO [INSTITUTO CHICO MENDES]. *Sumário executivo do plano de ação nacional para a conservação dos cervídeos ameaçados de extinção*. s/d. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-plano-de-acao/icmbio_sumario_cervideos_web.pdf>. Acesso em nov. 2013.
- JAKOBSON, R. FANT, C. G. M.; HALLE, M. *Preliminaries to Speech Analysis. The distinctive features and their correlates*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1952.
- JAKOBSON, C. G. M.; HALLE, M. *Fundamentals of Language*. The Hauge: Mouton & co. S. Gravenhage, 1956.
- JAKOBSON, C. G. M. HALLE, M. A Fonologia em relação com a fonética. In JAKOBSON, C. G. M. *Fonema e Fonologia*. Tradução de Mattosso Câmara Jr.. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.
- JOKERSKY, M. P. V. *Reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê meridional*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- KARASCH, M. Catequese e cativo: política indigenista em Goiás, 1780-1889. In: CUNHA, M.C. da (org). *História dos índios no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. p. 397-412.
- KENT, R. D.; READ, C. *Acoustic analysis of speech*. 2 ed. Canadá: Thomson Learning, 2002.
- KUPFER. Die Cayapo-Indianer in der Porvinz Matto-Grosso. *Zeitschrift für der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, n. 5, pp. 244-254, 1870.

- KURY, L. Auguste de Saint-Hilaire: viajante exemplar. *Intellèctus*, ano II, n. 1, 2003. Disponível em <<http://www.intellectus.uerj.br/Textos/Ano2n1/Texto%20de%20%20Lorelai%20Kury.pdf>> acesso em jan. 2013.
- LANGSDORFF, G. *Os Diários de Langsdorff*. Vol. 2: São Paulo, 26 de agosto de 1825 e a 22 de novembro de 1826 (Organização de Danuzio Gil Bernardino da Silva e Boris Komissarov). Campinas: AIL; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997.
- LEMONS DA SILVA, J. *Os índios Cayapós*. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB, 1882.
- LOWIE, R. The Southern Cayapó. In: STEWARD (red.) *Handbook of south Americans Indians*, New York: Cooper Square Publishers inc., 1946. V. I.
- MAIA, E. M. *No reino da fala*. A linguagem e seus sons. São Paulo: Ática, 1985.
- MARTIUS, C.F P. von. *Wörterammlung Brasilianischer Sprachen [Glossarium linguarum Brasiliensium]*: Glossários de diversas línguas e dialetos, que fallao os Índios no imperio do Brazil. 1863. Erlangen: Druck Von Junge & Sohn. 548 p.
- MCLEOD, R. Fonemas Xavante. *Série Lingüística*, n.3, p. 131-152, 1974. Disponível em <<http://www.sil.org/americas/brasil/SILapub.html>>. Acesso: 02 mar. 2012.
- MORAES. Prefácio. In SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem ao Rio Grande do Sul e resumos das viagens ao Brasil, Provincia Cisplatina e Missões do Paraguai*. São Paulo: Martins editora, 1940.
- NIMUENDAJÚ, C. Os Gorotire. *Revista do Museo Paulista*, nova série, vol. 6. p. 427-453, 1952.
- NIMUENDAJÚ, C. *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes*. Brasília: IBGE, 1981.
- OFÍCIO do [governador e Capitão-Geral de Goiás] Luís da Cunha Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a Civilização dos índios Caiapó; o sucesso do aldeamento da dita nação; a criação da Aldeia Maria I, e enviando plantas e estampas da dita aldeia. 18 dez. 1782. Manuscrito. CD-ROM. Projeto Resgate de Documentação Histórica “Barão de Rio Branco”. Disponível no Arquivo Edgar Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas.
- OLIVEIRA, C. C. *The language or the Apinajé people of Central Brazil*. University of Oregon, EUA. Dissertation (Ph.D. Philosophy), 2005.

- PICKERING, W. A. *A Fonologia Xavante: uma revisão*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- PIGGOTT, G. L. Variability in Feature Dependency the case of Nasality. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 10, n. 1 (feb. 1992), pp. 33-77, 1992.
- PIKE, K. *Phonemics: a technique for reducing language to writing*. Ann Arbor: University of Michigan, 1947.
- POHL, J. E. *Reise im Innern von Brasilien: Auf allerhöchsten befehl seiner majestat des kaisers von osterreich, franz. des ersten*. Wien: A Strauss's Sel Witwe & J B Wallishausser, 1832-1837. 2v.
- POHL, J. E. *Viagem no Interior do Brasil: empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de Sua Majestade o Imperador da Austria Francisco Primeiro*. Tradução de Teodoro Cabral. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1951, Parte I.
- POHL, John Emmanuel. *Viagem no Interior do Brasil*. Tradução de Milton Amado e Eugenio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976. 417p.
- PRÉVOT, J. *Nova Gramática Alemã: Teoria e Prática*. Lisboa: Heidelberg, 1913.
- QUINTINO, W. P. *Aspectos da fonologia Xavante*. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto dos Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- RASTEIRO, R. P. As frentes de expansão sertanistas e o contexto dos Cayapó Meridionais: relatos e reflexões. *Revista de Arqueologia Pública*. (Ed. Especial: Anais da I Semana da Arqueologia) Campinas-SP, 2013. Disponível em: <<http://www.nepam.unicamp.br/arqueologiapublica/revista/anais/arqueologia-e-tematica-indigena/PDFs/arquivo5.pdf>>. Acesso em 10 de out. 2013.
- RICARDO, B.; RICARDO, F. *Povos indígenas no Brasil: 2006/2010*. Loja do ISA, 2011.
- RIOS, J. A. Saint-Hilaire no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 444, p. 187-202, 2009.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1985.
- RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In DIXON, R.M.W.; Aikhenvald, A.Y. (Orgs.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999a, p.164-206.

- RODRIGUES, A. D. *A originalidade das línguas indígenas brasileiras*. Brasília, 1999b. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling13.htm>>. Acesso em 10 abr. 2013.
- RODRIGUES, A. D. As Línguas indígenas no Brasil. In: Ricardo, Beto & Ricardo, Fany (eds.). *Povos indígenas no Brasil: 2001/2005*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006. p. 59-63.
- RODRIGUES, A. D.; DOURADO, L. Panará: Identificação Lingüística dos Kren-Akarore com os Cayapó do Sul. *Anais da 45ª Reunião Anual da SBPC*. Recife-PE, 1993. P. 505.
- SALANOVA, A. P. *A nasalidade em Mebengokre e Apinajé: o limite do vozeamento soante*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz II*. Paris: a. Bertrand, 1848.
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et Sant-Catherine*. Paris: a. Bertrand, 1851.
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Voyage à Rio-Grande do Sul (Brésil)*. Orleans: Herluison, 1887.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do rio São Francisco e pela província de Goiás*. Tradução de Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, v. 2, 1937
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem à Província de Goiás*. Trad. Regina R. Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp. 1975.
- SCHADEN, E. Os primitivos habitantes do Estado de São Paulo. *Revista de História*, São Paulo, n. 18, p 396-411. 1954.
- SEKI, L. A Lingüística indígena no Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 15, n. especial, p 257-90. 1999.
- SEKI, L. Línguas Indígenas do Brasil no limiar do século XXI. *Impulso*, vol. 12, n. 27, 2000.
- SELKIRK, E. The Syllable. In: HULST, H. van der; NORVAL, S. H. S. (Orgs.). *The structure of phonological representations*. (Part II). Dordrecht: Foris, 1982.

- SILVA, A. H. P. *As fronteiras entre fonética e fonologia e a alofonia dos róticos iniciais em PB: dados de dois informantes do sul do país*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- SÓCRATES, E. A. Vocabulários indígenas. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 55, v. 86, parte II, p. 87-96, 1892.
- SOUZA, S. L. de. *Descrição Fonético-Fonológica da Língua Akwe-Xerente*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- SCHWARTZMAN, S. Panará: a saga dos índios gigantes. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 119, p. 28-35. 1998.
- SCHWARTZMAN, S. *The Panara of the Xingu National Park: the transformation of a society*. Thesis (Ph.D.). University of Chicago, 1988.
- STOUT, M., THOMSON, R. Fonêmica Txukhamei (Kayapó). *Série Lingüística*, n.3, 1974. p. 153-176. Disponível em < <http://www.sil.org/americas/brasil/SILapub.html>>. Acesso: 02 mar. 2012
- TEIXEIRA, R. F. A. As línguas indígenas no Brasil. In: SILVA, A. L. da e GRUPIONI, L. D. B. (orgs). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1995. p. 291-311.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.
- TRUBETZKOY, Nikolay. *Principios de fonologia*. Madrid: Cincel, 1992.
- TRUBETZKOY, Nikolay. *Princípios de fonologia*. Trad. Wilmar R. D'Angelis. No prelo. Título original: Grundzüge der Phonologie (1939).
- UMAÑA, A. C. La restitución: um método lingüístico reconstrutivo sincrónico. *Filología y Lingüística*, v. 26, n. pp. 161-180, 2000.
- VASCONCELOS, E. A. Estudo Preliminar do Cayapó do Sul. BRAGGIO, S. L. B.; FILHO, S. M. S. (Orgs.) *Línguas e Culturas Macro-Jê*. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2009a. pp 315-328.
- VASCONCELOS, E. A. Sobre as listas de palavras Cayapó do Sul de São José da Mossâmedes. *Revista Sínteses* 14, 2009b, p. 405-423.

- VASCONCELOS, E. A. Os registros linguísticos da língua que foi falada pelos Cayapó do Sul de Santana do Panaraíba. *Anais do 5º Encontro do Grupo de Estudos Linguísticos do Centro-Oeste*. Dourado: UFGD, 2010a. Disponível em: <http://www.gelco.org.br/encontro2010a>.
- VASCONCELOS, E. A. A sílaba em Panará (Jê). In: JORNADAS DE JÓVENES LINGUISTAS, I, 2011, Buenos Aires (AR). *Caderno de Resumos...* Buenos Aires (AR), 2011.
- VASCONCELOS, E. A. *Corpus da Língua Panará* (manuscrito). Out. 2012.
- VASCONCELOS, E. A. Repensando la Fonología de la Lengua Panará (Jê). In: BOMBELLI, G.; SOLER, L. *Oralidad. Miradas plurilingües desde la fonética y la fonología*. Córdoba, AR: Buena Vista Editores, 2013.
- WIESEMANN, U. G. *Dicionário Kaingang-Português. Português-Kaingang*. 2ed. Curitiba: Esperança, 2011. Versão disponível em <<http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/dictgram/KGDict.pdf>>. Acesso: 02 mar. 2012.

APÊNDICE

REGISTROS CAYAPÓ DO SUL

I. Registro de Batismo de Vila Boa de 1782 (GO)

1. Angrayocha	13. Ungaptuai	25. Apluace	37. Banequere	49. Unxepaan
2. Chiunequa	14. Combono	26. Xecrâ	38. Xuxiê	50. Inqueciare
3. Chaquenonan	15. Xuanampiae	27. Enconâ	39. Caxique	51. Cananquete
4. Cequaquai	16. Carampea	28. Tuuntu	40. Incunan	52. Poimre
5. Queampia	17. Pitubâ	29. Amixon	41. Canampuaxi	53. Mixiela
6. Yamaroi	18. Cambriopixom	30. Tanqueré	42. Toyoto	54. Pamquaque
7. Caçacabe	19. Canapixo	31. Emponi	43. Chaponhece	55. Tonito
8. Coimpa	20. Incapuim	32. Xampeu	44. Xampea	56. Conapicici
9. Pembaque	21. Quipanto	33. Poquea	45. Xataqueare	57. Carampea
10. Romexi	22. Potuaré	34. Bazeque	46. Pupuare	58. Cocri
11. Xaquean	23. Potinii	35. Taxiú	47. Caceterê	59. Tuinta
12. Uncrixiu	24. Acotamacê	36. Xapamapixixi	48. Ecotpaen	60. Canampui

II. Listas de palavras unificadas

Na tabela a seguir os itens Cayapó do Sul são apresentados em ordem alfabética, mantendo fidelidade quanto à grafia em cada registro. Considerando as análises dos capítulos 2 e 3, itens com o mesmo significado foram agrupados e equívocos do transcritor foram reunidos com seus possíveis referentes. Os comentários, produzidos pelos transcritores, seguem em notas de rodapé. A mesma notação de todo o texto é empregada neste apêndice, a saber:

- Emanuel Pohl (1832) – (P)
- Auguste de Saint-Hilaire (1848) – (SH)
- Dr. Kupfer (1850) – (K)
- Lemos da Silva (1882) – (L)
- Carl Nehring (1894) – (N)
- Alexandre Barbosa (1918) – (B)

	Português	Cayapó do Sul
1	‘abaixar’	punó (B) ¹
2	‘abeirar’	tiprémópín (B) ²
3	‘abelha’	inpençu, inpenningú (B)
4	‘abelha (beijoim)’	kun (B)
5	‘abelha (jataí)’	skotén (B)
6	‘abelha (mandaçaia)’	ikôçún (B)
7	‘abelha (mandaguari)’	amprê (B)
8	‘abelha (mombucão)’	intó (B)
9	‘abóbora’	kukút (B)
10	‘abraçar’	tiçámpê (B)
11	‘abrir’	tiçákrê, kaçúkiápô (B)
12	‘aberto’	çâkrê (B)
13	‘acabou-se’	copembe (L)
14	‘acender’	tiçápô (B)
15	‘achar’	típiá ³ , ninupián (B)
16	‘aconselhar’	tiçakión (B)
17	‘açúcar’	penhi (K)
18	‘acudir’	timanká, timançá, kuaná (B)
19	‘adivinhar’	çámpápén (B)
20	‘adular’	tinunçê (B)
21	‘adulto’	çutékiát (B)

¹ “Pronuncia-se *pú nó*” (p. 58).

² “Pronuncia-se *ti pré mó pin*” (p. 28)

³ “O acento tônico recae em *tí*” (p. 58).

22	‘afogar’	tinkônópín (B) ⁴
23	‘afundar’	iókâa (B) ⁵
24	‘agarrar’	timpá (B)
25	‘água’	incó (SH), pinkó (K), inkó (N), inkô, nkô (B)
26	‘aguardente’	incója (P), kuschiá (K), cuxá (L), inkuschūá (N), inkôçô (B)
27	‘agulha’	kiôkín (B)
28	‘ajudar’	kuatã iã (B) ⁶
29	‘ajuizado’	çampátêt (B)
30	‘ajuntar’	topiôn (B)
31	‘aldeia’	kukré (B)
32	‘alegrar-se’	tiçuákín (B)
33	‘algodão’	açôt, ançôt (B)
34	‘alto’	ípia (B) ⁷
35	‘amansar’	timaçônón (B)
36	‘amar’	tikapián (B)
37	‘amargo’	çô, unkué (B)
38	‘amarrar’	tinápré (B)
39	‘amendoim’	çâtí (B)
40	‘amigo (ser)’	tikapián (B)
41	‘andar, caminhar’	tikúemán ‘ andar ’, ikuemán ‘ caminhar ’ (B)

⁴ “Pronuncia-se *tîkô nó pî.*” (p. 58).

⁵ “Pronuncia-se *ió kâa*” (P. 58).

⁶ “Pronunciar-se *kuá tan iã*”. (p. 58).

⁷ “O accento tônico recai na primeira syllabba” (p. 59).

42	‘andorinha’	kióçúpa (B) ⁸
43	‘anta’	icrite (SH), kiúte (K), hiute (L), idschütü (N), kiút (B)
44	‘anta fêmea’	pranxí kiút (B)
45	‘ânus’	kréntót (B) ⁹
46	‘anzol’	kutuín (B)
47	‘aonde’	yumã (L)
48	‘apagar’	tipín (B)
49	‘apalpar’	tinunkuê (B)
50	‘aparecer’	iápupô (B)
51	‘apertar’	ticykiápý (B)
52	‘aprender’	kuáçytê (B)
53	‘aranha’	cêcê (B)
54	‘arapuá’	ikián (B)
55	‘araticum’	krikrí (B)
56	‘arco’	itsché (P), itse (SH), isché (N)
57	‘areia quente’	ankiókuká (B)
58	‘areia, areião’	kuká (B)
59	‘ariranha’	iópaçán (B)
60	‘arma’	atoná (P), atóma (N), atóme (B) ¹⁰
61	‘arrancar’	tiúátó (B)
62	‘arrastar’	tikrê (B)

⁸ “É paroxytona” (p. 59).

⁹ “Pronuncia-se *kré ntót*” (p. 59).

¹⁰ “Pronuncia-se *á tó me*, sendo o *e* mudo”. (p. 60).

63	‘arredar’	tinámé (B)
64	‘arredondar’	tiçápôpô, tinakrét (B)
65	‘arremedar’	tiçáném (B)
66	‘arrender-se’	tapyindé (B)
67	‘arroz’	tunischin (P), tonxeu (L), tancê (B)
68	‘articulação’	çuktú (B)
69	‘asa’	çaací (B)
70	‘assado’	tikamán (B)
71	‘assar’	icýamatiká (B)
72	‘assentar-se’	icín (B)
73	‘assoviar’	çakepô, çakepôa (B)
74	‘até’	tén (B)
75	‘atirar’	tópimán, tikuató (B)
76	‘atoleiro’	inkué (B)
77	‘atravessar’	iundé (B)
78	‘avó’	tapopié (K), tatúpiâ (B)
79	‘avô’	uté (K), tapúpiâ (B)
80	‘azedo’	çôá (B)
81	‘azul’	apánánpiâ (B) ¹¹
82	‘baba’	çañcou (B) ¹²
83	‘babar’	çankôtén (B)
84	‘baixo’	kakián (B)

¹¹ “Pronuncia-se *a pa nán piã*” (p. 61).

¹² Ver também 253. ‘cuspir, cuspe (saliva)’.

85	‘banana, bananeira’	pakáu (B)
86	‘banhar-se’	paçuán (B)
87	‘barba, barbudo’	çámpancê (B)
88	‘barba’	çaңçou (B)
89	‘barranco’	intókré (B)
90	‘barreiro, brejo’	çunkué ‘barreiro’, inkué ‘brejo’ (B)
91	‘barriga’	itú ‘ventre’ (SH), patucá (K) ¹³ , patuca (L)
92	‘barrigudo’	iápytú (B)
93	‘barriga cheia’	patuca creti (K)
94	‘barro’	unkué (B)
95	‘barulho’	akókó (B)
96	‘batata’	itú (K) ‘batata doce’, iútú (B)
97	‘bater’	tinápré, tinâprê (B)
98	‘bater palmas’	cykiápópó (B)
99	‘bêbado’	cuxaquiã ietube (L)
100	‘beber’	pakón (B)
101	‘beber água’	inkômán (B)
102	‘beijar, beijo’	tipén (B)
103	‘beliscão, beliscar’	tikondê (B)
104	‘berne, berneira’	puçú (B)
105	‘besouro’	cinankôkô (B) ¹⁴
106	‘bexiga’	icê (B)

¹³ Em Saint-Hilaire (1848) e Kupfer (1870) o termo é para ‘ventre’.

¹⁴ “Pronuncia-se *cin nankôkô*” (p. 62).

107	‘bexiga natatória’	tráko (B)
108	‘bezerro’	putinacêkián (B) ¹⁵
109	‘bico’	çakiát (B)
110	‘bigode’	çapancê (B)
111	‘boca’	chapé (SH), sacoa (K), zapé (N), çakuá (B)
112	‘boca grande’	çakuáinán (B) ¹⁶
113	‘boca pequena’	çakuápú (B)
114	‘boi, vaca’	potinaschá ‘vaca’ (P), popió ‘boi’, otinazó ‘vaca’ (K), potinachã ‘gado’ (L), putinacê ¹⁷ ‘boi’, putinaxô, putinaçâ ‘vaca’ (B)
115	‘bom, bonito’	impéimpārê ‘bom’, intompéipārê ‘bonito’ (SH), tompé ‘bonito’ (K), taõpe, taumpé ‘bonito’ (L), pan, tmampé, temompé ‘bom’, tompé ‘bonito’ (B)
116	‘borboleta’	ceojó (N), cíóió (B) ¹⁸
117	‘braço’	ípá (SH), ipá (K) ¹⁹ , ipá (B)
118	‘branco’	macacá ‘branco’, cacatéta ‘homem branco’ (SH), kateté (K), catêté (L), katétét (B)
119	‘brasa’	çakiát (B)
120	‘bravo’	acê (B)
121	‘brigar’	tapinínkikô ²⁰ , tapin kikôe ²¹ (B)
122	‘brilhar’	tiúaká (B)

¹⁵ “Pronuncia-se *pu ti na cê kián*” (p. 62).

¹⁶ “Pronuncia-se *çá kuá i nán*” (p. 62).

¹⁷ “Pronuncia-se *pu ti na cê*” (p. 62).

¹⁸ “Pronuncia-se *ci ió ió*” (p. 62).

¹⁹ Em Kupfer (1870) *ipá* refere-se a ‘dedo’.

²⁰ “Pronuncia-se *ta pi nin kikô*” (p. 62).

²¹ Retirado da frase: *tapin kikoê napiá batutí* ‘a onça brigou com o tamanduá’, (p. 93).

123	‘brincar, caçar’	tinunkiâ (B) ²²
124	‘broto’	iató (B)
125	‘bruto’	çampánón(B)
126	‘buriti’	kuácô (B)
127	‘buscar’	koatápyypý (B)
128	‘cabaça’	çacêinkô (B)
129	‘cabeça’	icrian (SH) ²³ , ikiá (K), paquiã (L), kián (B)
130	‘cabeçudo’	kiánnán (B) ²⁴
131	‘cabelo’	iquim (SH), inki (K), paquim (L), ĩking (N), kin, ikin (B)
132	‘cabelo branco’	paquim catêté (L)
133	‘caçador’	çuácêpé, çuacê impé ²⁵ (B)
134	‘caçar’	tiçuácêémán (B)
135	‘cachimbo’	adenakén (B) ²⁶
136	‘cachoeira’	tókót (B)
137	‘cachorro’	robú (P), hióp (K), ióp (B)
138	‘cachorro bom’	iópatiçuá, çuácêpé (B)
139	‘cágado’	kūshhūá ‘tartaruga’ (N), Ksué (B)
140	‘cagar’	koémán (B)
141	‘cair’	iútén (B)
142	‘caititu’	tonjotto (N), tónhót (B)
143	‘caixa’	akô (B)

²² “Pronuncia-se *ti nun kiâ*” (p. 62).

²³ “O *r* pronunciado com a boca fechada e se assemelha ao som do *l*” (1975 [1848], p. 67).

²⁴ Mais precisamente, ‘cabeça+grande’.

²⁵ Retirado da frase: *çuacê impé napiá inkióra* ‘os caçadores mataram muitas onças pintadas’, (p. 93).

²⁶ “Pronuncia-se *a de na kén*” (p. 63).

144	‘calango’	çukrenián (B) ²⁷
145	‘calar-se’	iúacýn (B)
146	‘calcanhar’	pakiát (B)
147	‘calçar’	kiátápenkiá (B)
148	‘calor’	pángue (B) ²⁸
149	‘cama’	tschúnquantú (P), páá (B)
150	‘cambabucha’	kôion (B)
151	‘caminho’	pir (B)
152	‘camisa de homem’	mópenkiá (B)
153	‘campina’	kakê (B)
154	‘cana-de-acúcar’	penkó (K), penkô (B)
155	‘canela, tibia’	ité (B)
156	‘canoa’	pôk (B)
157	‘cans’	kiánpô (B)
158	‘cansar-se’	ikâentót (B)
159	‘canudo’	ité (B)
160	‘caolho’	intonhã ‘torto do olho’ (L), intónó (B)
161	‘capim’	itú (B)
162	‘capinar’	tinárémán (B)
163	‘capivara’	intán (B)
164	‘cara, rosto, fisionomia’	intó (B)
165	‘cará’	kêôkrít (B)

²⁷ “Pronuncia-se *çu krén ián*” (p. 64).

²⁸ “e mudo” (p. 64).

166	‘caramujo’	intunnacê (B)
167	‘carne’	jóbo (SH) ²⁹ , hi (K), in, cin (B)
168	‘carne de vaca’	potináschain (P), putinaçâín (B)
169	‘carrapato’	katitê (B)
170	‘carregar’	titú, tiçupiâ, tiçupián (B)
171	‘caruncho’	cynkô, cykô (B)
172	‘carvão’	çakiát (B)
173	‘casa’	kikré (K), kukré ‘casa, tapera’ (B)
174	‘casa’	uncuá, unkua (P)
175	‘casa dos homens’	piruá (L) ³⁰
176	‘casar’	zápio (P), tiçapiô (B)
177	‘casca’	çakê (B)
178	‘cascalho’	iô (B)
179	‘cascavel’	apát (B)
180	‘casco’	çukôkô (B)
181	‘castigar, judiar’	tináprê, tinaprê ‘judiar’ (B)
182	‘cauda’	çampý (B)
183	‘cava’	kré (B)
184	‘cavalo, burro’	kitaschá ‘burro’, (P), iquitachó (SH), kitazá (K), hiutaxã ‘cavalo, burro’ (L), kitaçoén ‘burro’, kitacê, kitaçâ (B)

²⁹ Como explicado nos capítulos 2 e 3, este termo trata-se de empréstico de Língua Geral.

³⁰ “A Aldeia he formada por huma porção de cabanas em circulo formando hũ patio no centro, neste patio existi huma casa de tamanho regular e só coberta, a qual-lhe dão o nome *piruá*, e que eu compreendo ser a casa da audiencias, ou hũ verdadeiro *rendes vous*, por que ali he rara a noute que se reunião varios chefes de familia sob apresidencia do chefe da tribu” (LEMOS DA SILVA, 1882 – grifo meu). Interpreto *piruá* como correspondente à ‘casa dos homens’ encontrada não somente entre os Panará, bem como em demais povos Jê.

185	‘cavar’	tikré (B)
186	‘caveira, crânio’	ikxí (B)
187	‘cego’	intókré, intónó (B)
188	‘cera’	ipencê (B)
189	‘cerrado’	indió, psunkô (B)
190	‘cesto (pequeno)’	piápa (P)
191	‘céu’	putkuá (P), pucuá (L), pũkũá (N), pukuá (B)
192	‘chamar, chamada’	timákâ (B)
193	‘chapéu’	kiapio (P), kéupió (B)
194	‘chato’	ipió (B)
195	‘chegar’	quatã ‘chega’ (L), tén (B) ³¹
196	‘cheio’	creti (L) ³² , iúnó (B)
197	‘córrego cheio’	iúnóinkô (B) ³³
198	‘cheirar, farejar’	tipén (B)
199	‘cheiroso’	çâpé (B)
200	‘chifrada’	ipâre (B) ³⁴
201	‘chifre’	ípa (B) ³⁵
202	‘chocalho’	çancýt (B)
203	‘chorar’	inkué (B)
204	‘chuva, chover’	intá (P), intá (K), intá (L), intá ‘chover, chuva’ (B)
205	‘chupar’	tinançá (B)

³¹ Deprendido de *pakrétén* ‘chegando no rio’.

³² Deprendido de *omomõo inpotu nacetibu* ‘olhe ahi, o saco está cheio’.

³³ “Pronuncia-se *iú nó inkô*” (p. 66).

³⁴ “e mudo” (p. 66).

³⁵ “Paroxytono”, (p. 66).

206	‘cinzas’	ampió (B)
207	‘cisco’	akrêkrê (B)
208	‘cobertor’	pinnahipión (B)
209	‘cobra’	iánnă (N), anhán (B)
210	‘cobrir’	tipió (B)
211	‘coçar’	tinukrê (B)
212	‘coco’	kutó (B)
213	‘coice’	tinanán (B)
214	‘coité’	terenêt (B)
215	‘coivara’	patê (B)
216	‘colheita’	koatátukú (B)
217	‘colocar’	tiçáá (B)
218	‘comadre’	iundêkúa, iundê ‘compadre’ (B)
219	‘comer’	lempânia (P), tikukrén, cikukrén, tikrén (B)
220	‘comprido’	i, íre, iguir ³⁶ (B)
221	‘conhecer’	napupiâ (B)
222	‘conselho’	tiçakión (B)
223	‘contar’	tiçuçá (B)
224	‘cópula’	prinche (L), prenxê (B)
225	‘copular’	pinnapinnín (B)
226	‘coração’	inkôkré (B)
227	‘coragem’	imóiámpápa (B)

³⁶ “Pronuncia-se o gui como em guitarra” (p. 67).

228	‘corda’	prĩó (B) ³⁷
229	‘corredeira’	kiánindé (B) ³⁸
230	‘correia’	ptukô (B)
231	‘correr’	iútén (B)
232	‘correr o peixe’	timutén (B)
233	‘cortar’	tiçakê (B)
234	‘costa, dorso’	ikpún (B)
235	‘costela’	inôcí (B) ³⁹
236	‘costurar’	tiçapôpô, tiçutóó (B)
237	‘cotovelo’	pankuçú (B)
238	‘couro’	iké, ptukô (B)
239	‘cova’	cuakré, kré (B)
240	‘cova de assar a carne’	burubú (B)
241	‘coxa’	icria (SH), inkré (B)
242	‘cozinhar’	tikuçáamán (B)
243	‘criança’	piuntue ‘filho’, itpé-pri ‘ menino ’ (P), iprintué (SH), imprím ‘ filho ’ (N), pñará ‘ menina ’, téprín, iprínra ‘ menino ’ (B) ⁴⁰
244	‘criancinha’	ióntué (B) ⁴¹
245	‘crina’	kin (B)
246	‘crista’	çací (B)
247	‘cuia’	pê (B)
248	‘cuidar, zelar’	tiçuánácênató (B)

³⁷ “Pronuncia-se *prin ó*” (p. 67).

³⁸ “Pronuncia-se *kiá nindé*” (p. 67).

³⁹ “Pronuncia-se *in ô cí*” (p. 68).

⁴⁰ “Leia-se *prin ará*” (p. 79).

⁴¹ Ver 650. ‘recém-nascido’.

249	‘cunhado’	kiántú (B)
250	‘cupim’	kôîôt (B)
251	‘curar’	kuatámunató (B)
252	‘curto’	ipió (B)
253	‘cuspir, cuspe (saliva)’	çankô (B)
254	‘cutia’	ikiánnacê (B)
255	‘dança, dançar’	pinató (P), incréti (SH) ⁴² , itóómán (B)
256	‘dar’	maquia (L), timoçô, timonçô (B)
257	‘dar pescoço’	tiputompín (B)
258	‘dedo’	lenkré (P), ipá (K), pantoxi (L), çukiá (B) ⁴³
259	‘defloramento’	indenakanhón (B)
260	‘defluxo’	çôióp (B)
261	‘deitar’	tinó, iúnó, panómán (B)
262	‘deitar-se’	nóómán (B)
263	‘demorar’	iókêupô (B)
264	‘dentes’	chuá (SH), pachuá (L), ischoa (N), çuá (B)
265	‘depois’	cimamuí (B) ⁴⁴
266	‘derrubar’	kimpá (B)
267	‘desatar’	tipó, tapupó (B)
268	‘descer’	iápúng (B)
269	‘descobrir’	tapuató (B)
270	‘desdentado’	çuánón (B)

⁴² “eu danço” (SAINT-HILAIRE, 1975 [1848], p. 68).

⁴³ Ver 463. ‘mão’.

⁴⁴ “Pronuncia-se *ci ma muí*” (p. 69).

271	‘desconfiar’	tiçuanén (B)
272	‘desdenhar’	tinanká (B)
273	‘desejar’	cenákêkê (B) ⁴⁵
274	‘desejo, vontade’	bokuató ‘desejo’, bôkuató ‘vontade’ (B) ⁴⁶
275	‘desembarcar’	iátó (B)
276	‘deus’	pujanka (P), puhancá (SH), kapekoá (K), puancá (L)
277	‘dia, claridade’	jaká (K), iáká ‘dia, claridade’ (B)
278	‘diarreia’	cinnankô (B)
279	‘direito’	atâtôt (B)
280	‘disforme, feio’	anká (B)
281	‘dó’	iúnky (B)
282	‘doce’	cicí (B)
283	‘doença’	iámpiôató (B)
284	‘doente’	kitatí (B)
285	‘doido, louco’	intómampán (B)
286	‘dois’	mujalapió (K), ambrendá (B)
287	‘dor, doer’	titunçá (B)
288	‘dor de dente’	çuatucêê (B)
289	‘dormir’	schótine (P), paninhote (L) ⁴⁷ , panhót (B)
290	‘duro’	tót (B)
291	‘ele’	moamá (K)
292	‘eles’	hokeré (K)

⁴⁵ “Pronuncia-se *ce ná kê kê*” (p. 69).

⁴⁶ Ver 637. ‘querer’.

⁴⁷ Retirado de *yuma paninhote* ‘onde você vai dormir’. (LEMOS DA SILVA, 1882).

293	‘ema’	mahán (B)
294	‘embira’	prinnhón (B)
295	‘encher’	tinakrét (B)
296	‘encolher’	timatêt (B)
297	‘enredeiro, intrigante’	çuánéntópé (B) ⁴⁸
298	‘ensinar’	timuçakré (B)
299	‘entrar’	icêêmán (B) ⁴⁹
300	‘enxada’	caitpóze (P), xapaia (L), çapáia (B)
301	‘enxugar’	innín (B)
302	‘enxuto’	iúnín (B) ⁵⁰
303	‘enxurro’	iankôçô (B)
304	‘ereto, erguido’	içáme (B) ⁵¹
305	‘escarificação (instrumento)’	kutuschná (P)
306	‘esbarrar’	tikonkún (B)
307	‘esconder’	ipintó (B)
308	‘escorbuto’	çukiatú (B)
309	‘escorregar’	tinugrê (B)
310	‘escrever’	çukiómán (B) ⁵²
311	‘escroto’	incré (L), inkre (B)
312	‘escurecer’	tinánán (B) ⁵³

⁴⁸ “Pronuncia-se *çuá nen tó pé*” (p. 70).

⁴⁹ “Pronuncia-se *i cê ê mán*” (p. 70).

⁵⁰ “Pronuncia-se *iú nin*” (p. 71).

⁵¹ “*e mudo*” (p. 71).

⁵² “Pronuncia-se *çu kió mán*” (p. 71).

⁵³ “Pronuncia-se *tí ná nán*” (p. 71).

313	‘espantar-se’	tiçakiá (B)
314	‘esperto, agir’	iútén (B)
315	‘espinha de peixe’	tepacê (B)
316	‘espirro’	çakrít (B)
317	‘esquecer’	iátêçampánón (B)
318	‘estender’	tímuçúнкуátú, kuatáunçún (B)
319	‘estimar’	tikopián (B)
320	‘estomago’	impá, tukê (B)
321	‘estreito’	ikít (B)
322	‘estrela’	amschiti (P), amsití (SH), ciotí, anzotí ⁵⁴ (K), inchoti (L), ançětí (N), ançutí (B)
323	‘estrepe’	topáansôe (B)
324	‘eu’	nehé (K)
325	‘excremento’	aín (B)
326	‘faca’	káaschá (P), coacha (L), káaçôa (B)
327	‘falador, tagarela’	çuánéntókót (B) ⁵⁵
328	‘falar’	tiçuánén (B) ⁵⁶
329	‘farinha’	panatá (P), panata (L), panatá (B)
330	‘faro’	çoçutén (B)
331	‘fartar’	tinakrét (B)
332	‘fazer’	tikêmán (B)
333	‘febre’	kitatí (B)

⁵⁴ O termo na lista de Kupfer (1870) refere-se a ‘céu’, como explicado, é mais provável que este item signifique ‘estrela’.

⁵⁵ “Pronuncia-se *çuá nén tó kór*” (p. 72).

⁵⁶ “Pronuncia-se *ti çuá nén*” (p. 72).

334	‘fechar’	tipió (B)
335	‘feijão’	tetaschú (P), tataxio (L), tatakê (B)
336	‘feio’	intomarca (SH), tamancáre (K), tamancare (L), tómanká (B)
337	‘fêmea’	pranxí (B)
338	‘ferir’	tánsuén, tánsuê (B)
339	‘ferida’	kótita (B)
340	‘ferro’	kitesi (P)
341	‘filho’	piuntue ‘filho’ (P), ipó (K), imprím (N), ipán (B)
342	‘filhote de ave’	intó (B)
343	‘fino’	pan (B)
344	‘fisga’	tuánsuê (B)
345	‘flecha’	caschoné (P), cajone (SH)
346	‘flor’	inhánhán (B)
347	‘fogo, fogão, fogueira’	itschiú (P), inxíio (L), icy (B)
348	‘foice’	caitpopó (P), copópó (L)
349	‘folha’	parachó (SH), póraqô (B)
350	‘fome’	inquêtupe (L) ⁵⁷ , inkiêto (B)
351	‘fonte’	inkôtókót (B)
352	‘fora!’	iátó ! (B)
353	‘formiga’	çârutí (B)
354	‘forte’	hitóte (K), pacitôt (B)
355	‘fraco’	pacikiôkiô (B)

⁵⁷ ‘estou com fome’.

356	‘frio’	kiúti (P), kiuhi (K), ikíh, kir, namukíh (B)
357	‘fruto’	patso (SH)
358	‘fugir’	iútó (B)
359	‘fumaça’	çukún (B)
360	‘fumar’	tipô (B)
361	‘fumo, tabaco’	arená (P), aréna (N), aréne (B) ⁵⁸
362	‘furar’	tikén, tikêmán (B)
363	‘gabiroba’	çunkretón (B)
364	‘gafanhoto’	hitócrít (B)
365	‘galinha’	schuninsi (P), zurinzi (K), chuninxi (L), xinunxí (B)
366	‘galo’	schuninsishumá (P), potimazó (K), çuunxinunxí (B)
367	‘ganhar’	timoçón (B)
368	‘garoa’	iúnguêitá (B) ⁵⁹
369	‘gasto, usado’	totún (B)
370	‘gato’	hiapampé ‘gata’ (K), iómpampé (B)
371	‘gatinho’	iómpampépán (B)
372	‘gengiva’	çuáín (B)
373	‘genro’	pôkiá (B)
374	‘goela (garganta)’	çunkiôt (B)
375	‘goiaba’	kuánháp (B)
376	‘golpear, golpe’	tikurciê (B)
377	‘esbodear, bordoadá’	tikucý (B)

⁵⁸ “o ultimo e de aréne é mudo” (p. 73).

⁵⁹ “Pronuncia-se *iú unguê itá*, soando o *u* na syllaba *guê*” (p. 73).

378	‘gordo’	naschoá (K), nansuê (B)
379	‘gostoso’	nacící (B)
380	‘grande’	nó (K), inán ⁶⁰ , nan , ti, pó (B)
381	‘grilo’	kôxí (B)
382	‘gritar’	íkâ, ikâa (B)
383	‘grosso’	inán (B) ⁶¹
384	‘guardar’	tiçâa (B)
385	‘guariba’	ipút (B)
386	‘guariroba’	toncinhón (B)
387	‘guerrear’	tapentikuá (B)
388	‘guiar’	timançua (B)
389	‘há tempo’	tóputún (B)
390	‘homem’	impuaria (SH), puará (K), impũ (N), impúará (B)
391	‘homem (branco)’	itpé (P), hepé (K)
392	‘homem (pardo)’	hempiangiam (K) ⁶²
393	‘igreja’	pujanka-unkua (P), kriná (K)
394	‘iluminar’	tiuakuá (B)
395	‘imbé (cipó)’	apiákâ (B)
396	‘inchar’	tinákrét (B)
397	‘índio’	panariá (SH), panará (B)
398	‘íngua’	inakrét (B)
399	‘inteiro’	atãimótó (B)

⁶⁰ “*Inán* pronuncia-se *i inán*” (p. 74).

⁶¹ “Pronuncia-se *i inán*” (p. 74).

⁶² Também ‘demônio da mata’.

400	‘ir’	quatã cocuê ‘vai’ (L), pakuêmán (B)
401	‘irara’	kiókió (B)
402	‘irmão’	uachã (L)
403	‘isca’	çuióp (B)
404	‘iscar’	tiuanuê (B)
405	‘jabuticaba’	kréntíne (B) ⁶³
406	‘jacaré’	tapung píã (N), intókóçúme (B) ⁶⁴
407	‘jacu’	ptámampé (B)
408	‘jacutupé’	cêkríta (B)
409	‘jaguatirica’	napiápán (B)
410	‘jaó’	pakón (B)
411	‘jatobá (árvore e fruta)’	ampô (B)
412	‘jenipapo’	genipápó (K), ampiôtí (B)
413	‘joelho’	ikón (B)
414	‘jogar, arremessar’	tmamián (B)
415	‘labareda’	ipô (B)
416	‘lábios’	pacô (L), çakuá (B)
417	‘lamber’	tinuntuâ (B)
418	‘laranja’	ksuçoâ (B)
419	‘lavar’	içuêmán (B)
420	‘lavar no rio’	paçuêpakrémán (B)
421	‘lavrar’	tiçakê (B)

⁶³ “e mudo” (p. 75).

⁶⁴ “e mudo” (p. 75).

422	‘leitão’	keuacêpán (B)
423	‘leite de mulher’	çuncê (B)
424	‘leite de vaca’	potinachanxe ‘leite, queijo’ (L), putinaçáncê (B)
425	‘lembrar’	iápuçámpapót (B)
426	‘lenha’	icý (B)
427	‘levantado’	tiçán (B)
428	‘levantar’	paçamán, iúçán (B)
429	‘levantar tarde’	içontakaiê (B)
430	‘levar’	imótó (B)
431	‘leve’	nakrit (B)
432	‘ligeiro, veloz’	tiprémópín, kuaprémuçá (B)
433	‘limpo’	knópô (B)
434	‘língua’	pããtó (L), zutö (N), çuntót (B)
435	‘linha’	cê (B)
436	‘linha de anzol’	kutuíncê (B)
437	‘lobo’	pu (B)
438	‘lograr, enganar’	tópiâmaní (B)
439	‘lombo’	çapatinín (B) ⁶⁵
440	‘longe’	apéne (B) ⁶⁶
441	‘lontra’	iópacê (B) ⁶⁷
442	‘lua’	putúa (P), puturuá (SH), impúte (K), putuá (L), pūtūra (N), ptuá (B)

⁶⁵ “pronuncia-se *ça pa ti nín*” (p. 77).

⁶⁶ “e mudo” (p. 77).

⁶⁷ “Pronuncia-se *ió pa cê*” (p. 77).

443	‘luar’	ptuaçô (B)
444	‘macaco’	inkó (N), ikô (B)
445	‘macaco (filhote)’	ikôpán (B) ⁶⁸
446	‘macaúba’	kutó (B)
447	‘machado’	schápa (P), cõõ (L), kêur (B) ⁶⁹
448	‘macho’	çuún (B) ⁷⁰
449	‘machucar’	tiçapú (B)
450	‘machucado’	tipiatê (B)
451	‘madrugada’	iúnunté (B) ⁷¹
452	‘madrugar’	timputakún (B)
453	‘mãe’	unisi (P), kuinzí (K), tia (L), tíhâ (B) ⁷²
454	‘magro’	pipré (K), pipré (B)
455	‘mamão’	kanankón (B)
456	‘mamar’	piáchomã (K), tiçômán, tiçôêman, tipiáçômán (B)
457	‘mamona’	priticý (B)
458	‘mandar’	tiçantó (B)
459	‘mandioca’	kuóch (K), kúa (B)
460	‘mangaba, mangabeira’	ankêuacê (B)
461	‘manhã’	iáká, imputiapató (B)
462	‘manso’	acênón (B)

⁶⁸ Retirado da frase: *panará tipín ikô ikôpán ipumandit tiçupián* ‘O panará matou a macaca e o macaquinho que ella tinha às costas’. (p. 93).

⁶⁹ Ver 300. ‘enxada’.

⁷⁰ Ver 546. ‘pai’.

⁷¹ “Pronuncia-se *iú nun tê*” (p. 78).

⁷² “O accento tonico no *i* em *tíhâ*” (p. 78).

463	‘mão’	chicria (SH), pantôte (L), zukiã (N) ⁷³ , cykiá (B)
464	‘marido’	pínpiâ (B) ⁷⁴
465	‘marimbondo’	prépét (B)
466	‘mastigar’	tikú, tikrén, tikutikrén (B)
467	‘matalotagem’	timôaián (B)
468	‘matar’	tipín (B)
469	‘mata, mato’	inromú (P), inshó ‘floresta’ (N), iómamán, indióme, ïó (B)
470	‘medo’	timpákêkê ⁷⁵ , iámpákêkê (B)
471	‘mel’	inpén (B)
472	‘melar, tirar, extrair mel’	ótapupô (B)
473	‘menina, moça’	itpéntié (P)
474	‘menino’	itpé-pri (P), piúntué, téprín, iprínra (B) ⁷⁶
475	‘mentira’	namín (B)
476	‘mergulhar’	içuámán (B)
477	‘meu’	hakiamá (K), iákiáma (B) ⁷⁷
478	‘mexer’	tinunkiâ (B)
479	‘milho’	muschiú (P), moschi (K) ⁷⁸ , môcê, môcý (B)
480	‘miolos’	taimunpé (B)

⁷³ Na lista de Nehring (1894) o termo é para ‘braço’, porém, comparando com os demais registros Cayapó do Sul e com o Panará, aqui é interpretado como ‘mão’.

⁷⁴ “O accento tonico recae em *pin*” (p. 79).

⁷⁵ O primeiro termo pode ser segmentado como ti-m̃pa (3p-ter medo) e *kêkê* é o mesmo termo para urubu. A tradução possível para esse item é ‘ele tem medo de urubu’.

⁷⁶ Ver 243. ‘criança’.

⁷⁷ “Paroxytono” (p. 79).

⁷⁸ Em Kupfer (1870) *moschi* ‘reich (rico)’. Interpreto como ‘milho’ pela proximidade deste item com os termos em Pohl (1832) e Barbosa (1918) e porque estou inferindo que a pergunta de Kupfer seria “pessoa rica, pessoa com muito milho”.

481	‘moça’	itpéntié (P), iprontuaria (SH), kiacipiá (K), insipia, insipiá ‘ moça, mulher ’ (L), çuncêkiânakót, piuntué (B) ⁷⁹
482	‘moço’	iprintué (SH), piantoé ‘rapaz, jovem’ (K), piúntuará (B)
483	‘moela’	ikén (B)
484	‘mole’	pepé ‘fraco’ (K), pépét (B)
485	‘molhado’	ikó, inkó (B)
486	‘molhar’	tinkó (B)
487	‘morcego’	incêp (B)
488	‘morder’	tinsá (B)
489	‘morrer’	itú (P), iútú, ipintó (B)
490	‘mosca’	puçú (B)
491	‘mosca doméstica’	koçuátét (B)
492	‘mosca varejeira’	ainnicôp (B)
493	‘mosquito (borrachudo)’	pómánx ‘mosca doméstica’, pomancí, pomanxí (B)
494	‘mosquito (pernilongo)’	puçú (B)
495	‘mostrar’	timupián, timâçún (B)
496	‘mudar’	iáputó (B)
497	‘mudar os dentes’	içuánó (B)
498	‘mudo’	pennón (B)
499	‘muito’	apépén (B)
500	‘mulher’	itpéntié ‘ menina ’ (P), intiera (SH), intiará (K), insipia, insipiá ‘ moça, mulher ’ (L), inká (N), intié, intierá (B)

⁷⁹ Ver 501. ‘esposa’.

501	‘esposa’	incipiá (K) ⁸⁰
502	‘munição’	antoaáschú (P)
503	‘murcho’	iúçô (B)
504	‘murici’	tékián (B)
505	‘murro’	tiçápú (B)
506	‘mutuca’	kôkôt (B)
507	‘mutum’	ptémampé, ptemaçô, ptemançô ⁸¹ (B)
508	‘nada’	namí (B)
509	‘nadar’	imión (B)
510	‘nádegas’	suncre (L), inkô, çunkretót (B) ⁸²
511	‘namorar’	tikôpián (B)
512	‘namoro’	taimópián (B)
513	‘não’	yote (L), manniá (B)
514	‘narigudo’	çakênám (B)
515	‘nariz’	chacaré (SH), pacré (K), zăkră (N), çâkré ‘ nariz ’, çâkrê ‘ focinho ’ (B)
516	‘nascimento’	inguuê (B) ⁸³
517	‘negacear’	tikót, tinkót (B)
518	‘negra (mulher)’	tapanhocua (SH)
519	‘negro’	tapaniό (P), tapanho ‘ homem negro ’ (SH), tapanjό ‘ preto ’ (K), tapanhό (B)
520	‘neto’	tánpiâ (B) ⁸⁴

⁸⁰ Ver 481. ‘moça’.

⁸¹ Página 94.

⁸² Ver 45. ‘ânus’

⁸³ “Pronuncia-se *in gu u ê*” (p. 81).

⁸⁴ “Accento tonico em *tan*” (p. 81).

521	‘nhambu’	antó (B)
522	‘ninho’	çacê (B)
523	‘noite’	potekó (K), ptikô, ptukô (B)
524	‘nós’	pauhiá (K)
525	‘nosso’	pakiamá (K)
526	‘nu’	imaçapô (B) ⁸⁵
527	‘nuca’	impút (B)
528	‘nunca’	tapundé
529	‘nuvem’	iputukô (B)
530	‘odiar, raiva’	inkí (B)
531	‘olho’	intó (SH), intó (K), pantó (L), intó (N), intó, ntó (B)
532	‘ombro’	ikón (B)
533	‘omoplata’	çukié (B)
534	‘onça’	napía (K), napiá (L), nāpiá (N), napiá (B)
535	‘ontem’	kóramán (B)
536	‘orelha’	chiccré (SH), pacré (L), zukré (N), çukré (B)
537	‘ouvido’	zicré (K), çukréçuákré(B)
538	‘osso’	ité (B)
539	‘ouvir’	timpá (B)
540	‘ovelha, cabra’	inpóazo schú kriti ‘ovelha’ (P), impó achã ‘cabra’ (L)
541	‘ovo’	inkré (B)
542	‘ovo de galinha’	chuninxicré (L), xinunxí inkre (B)

⁸⁵ “Pronuncia-se *i má çá pô*” (p. 81).

543	‘paca’	inkíá (B)
544	‘pagar’	tapiá moxão (L), timançon (B) ⁸⁶
545	‘pagode, dançar, festa’	itóuacê, tóuacê (B)
546	‘pai’	usúm (P), hokió (K), uxum (L), vóçúm, uçúm (B)
547	‘pálpebra’	intóçô (B)
548	‘panela’	kukiáto (B)
549	‘pão’	póli (P)
550	‘papel’	piankákianká (P), púankákikô, púakákikô (B)
551	‘papo’	xaquiátu (L), çunkiôtú (B)
552	‘papo muito grande’ ⁸⁷	xaquiatunã (L)
553	‘parar’	iápuçán, timákâa (B)
554	‘parede’	pâr (B)
555	‘parir’	inguuán ⁸⁸ (B)
556	‘parto (secundinas)’	çuankôpót (B)
557	‘pássaro’	itchune (SH)
558	‘pássaro (sabiá)’	içún (B)
559	‘passear’	cubu papa ‘caçar’ (P) kbú, kubú (B)
560	‘pato’	iêumatí (B)
561	‘patrono’	incretuba (L)
562	‘pau’ ⁸⁹	pêr (B) ⁹⁰
563	‘pé (dedo)’	pató (K)

⁸⁶ “Pronuncia-se *ti man çón*” (p. 82).

⁸⁷ Refere-se a bócio (inflamação na tireoide).

⁸⁸ “Pronuncia-se *in gu u án*” (p. 82).

⁸⁹ Ver 613. ‘pedaço de pau’.

⁹⁰ “*Pêr* leia-se como *peur francez*” (p. 83).

564	‘pé’	ipaá (SH), ipá (B)
565	‘pedir’	tiçuçuê (B)
566	‘pedra, pedreira’	keni (P), jō (N), iô (B)
567	‘pegar’	tipúe, kimpá (B)
568	‘peidar’	ikuâ (B)
569	‘peito’	chucóto (SH), zucoté (K), çukôt (B)
570	‘peixe’	tepú (P), tépo (SH), tápe (N), tép (B)
571	‘peixe (cascudo)’	pêiténtén (B)
572	‘peixe (chorão)’	impuaio (L)
573	‘peixe (dourado)’	kâkiâ (B)
574	‘peixe (jáú)’	inán, tepinán (B)
575	‘peixe (jáú amarelo)’	inánpé (B)
576	‘peixe (lambari)’	tépán (B)
577	‘peixe (mandi)’	kórétí (B)
578	‘peixe (pacu)’	ksukié (B)
579	‘peixe (piranha)’	ksuké (B)
580	‘peixe (surubi)’	içôa (B)
581	‘penas’	impantsa (SH), inkún (B)
582	‘pênis’	impú (K), impú (L), impũ ‘homem’ (N), impú (B)
583	‘pente’	kâkíá (B) ⁹¹
584	‘pentear’	tikiákê (B)
585	‘pequeno’	ipānré (SH), páu (K), pan, pú (B)
586	‘perdiz’	pekê (B)

⁹¹ “O accento tonico em *ki*” (p. 83).

587	‘perigo’	iatêptukô (B)
588	‘sem perigo’	inniókuacê (B)
589	‘perna’	ité (SH), ité (K), zūtakríta (N), ité, ikrén (B)
590	‘perto’	apêmán (B)
591	‘pesado’	çutín (B)
592	‘pescador’	titunómém (B)
593	‘pescar’	çuótó (B)
594	‘pescoço’	impudé (SH), impút (B)
595	‘pilão’	açuaká (B)
596	‘pinicar, beliscar o peixe na isca’	tinçá, tinsá ⁹² (B)
597	‘piolho’	ankô (B)
598	‘piracanjuba’	kópóa (B)
599	‘pisca’	kuánán (B)
600	‘plantar’	tikré, tikrémán (B)
601	‘poço’	inkôkré (B)
602	‘poço grande’	çakén (B)
603	‘podre (?)’	kêuaçaín (B) ⁹³
604	‘poeira, pó’	tinkiôtuçáa (B)
605	‘poita’	çuóto (B)
606	‘pomba’	kutití (B)
607	‘pombear’	tónkót (B)
608	‘pontada (dor)’	krépôpô (B)

⁹² Página 94.

⁹³ “Mais parece significar: carne de porco” (p. 84).

609	‘pôr’	tapuçí (B)
610	‘porco’	zoinzi (K), kêuacê (B)
611	‘porrete’	capité ‘sabre’ (P), içôto (B)
612	‘borduna’	kó (P), epórá (N)
613	‘pedaço de pau’	poré (SH) ⁹⁴
614	‘porta’	çakuá (B)
615	‘porta aberta’	kamiçakuá (B)
616	‘pouco, pobre’	kit (K)
617	‘poupar’	tapucê (B)
618	‘praia’	kuká (B)
619	‘preguiçoso’	çuanká (B)
620	‘prender’	tinapré (B)
621	‘prenhe’	tupót (B)
622	‘preto’	cotú (SH), tépanhó (B)
623	‘prisão, aprisionamento’	kimpá (B)
624	‘pular’	çankrí (B)
625	‘pulga’	kionçú, kôçúpán (B)
626	‘pulga (bicho de pé)’	paté (SH), patê (B)
627	‘pulo’	iútó (B)
628	‘puxar’	tokré (B)
629	‘quadril’	ikón, ikrê (B)
630	‘quati’	kuticê (B)
631	‘quebrar, quebrado’	tiqua, tiquá (L), tikún (B)

⁹⁴ “O r tem som de l” (1975 [1848] p. 68).

632	‘queimar’	tikáá, tipô (B)
633	‘queixada’	ikiú ‘porco selvagem’ (K), ankiô (N) ‘porco do mato’, ankiô (B)
634	‘queixo’	çakiát (B)
635	‘quente’	krenkio ‘muito quente’ (P), ankiúte (K), akió, ankió (B)
636	‘morno’	anokiúte (K)
637	‘querer’	makiá (K), maquia (L) ⁹⁵ , mâkiá, mukiá, imamuçón ⁹⁶ (B)
638	‘rabo’	çámpá, çámpý (B)
639	‘raio’	acê (B) ⁹⁷
640	‘raiz’	çarê (B)
641	‘ramo’	pôr (B)
642	‘rapadura’	pêín (B)
643	‘raposa’	panpé (B)
644	‘rasgar’	timantikâr (B)
645	‘rastros’	ipáa, ipáá (B)
646	‘rato’	ançô (B)
647	‘rasura, lugar raso do rio’	krénón (B)
648	‘rebojo’	çaké (B)
649	‘receber’	timuçón (B)
650	‘recém-nascido, bebê (criança lactante)’	nhontuára (SH), ióntué ‘criancinha’ (B)
651	‘recusar, rejeitar’	tinanká (B)

⁹⁵ Em Lemos da Silva (1882), ‘me dá’.

⁹⁶ “Pronuncia-se *im um çón*” (p. 85).

⁹⁷ Ver 120. ‘bravo’.

652	‘redondo’	timuntó (B)
653	‘relâmpago’	tinunán (B) ⁹⁸
654	‘relho’	xinnampré (B)
655	‘remar’	tikúemán (B)
656	‘remédio’	pâr (B)
657	‘remela’	intóuçú (B)
658	‘remo’	kópacê (B)
659	‘repartir’	timôçakré (B)
660	‘resistir’	timampánón (B) ⁹⁹
661	‘respirar’	ticê (B)
662	‘responder’	iúmokâ (B) ¹⁰⁰
663	‘não responder’	iômontimpá (B)
664	‘rio’	pupti (SH), pakré (B)
665	‘córrego, lagoa’	inkô (B)
666	‘rir’	cyncý (B)
667	‘risada’	cyncýkôkiô (B)
668	‘roça’	pu (B)
669	‘roncar’	iúnhó (B)
670	‘roxo’	kannampiôpiô (B)
671	‘ruim’	ikró (B)
672	‘ruim (gente)’	çuçô (B)
673	‘saber’	ticytâ (B)

⁹⁸ “Pronuncia-se *tí nu nán*” (p. 86).

⁹⁹ “Pronuncia-se *tí mam pá nón*” (p. 86).

¹⁰⁰ “Pronuncia-se *iú mó kâ*” (p. 87).

674	‘sacerdote’	kientóm (P), kientómá (K)
675	‘saco’	impotu (L) ¹⁰¹ , impótu (B)
676	‘sair’	iútó (B)
677	‘sal’	capachuá (L), kapaxuá (B)
678	‘sangria’	tansuá (B)
679	‘sangue’	ampiô (B)
680	‘são, sadio’	nançuá (B)
681	‘sapatear’	iútó (B)
682	‘sapo’	krētôt (N), kretót (B)
683	‘saracura’	cytupô (B)
684	‘sara’	tiapykôt (B)
685	‘sarna’	cunçôp (B)
686	‘seca’	pipré, ticinín ¹⁰² (B)
687	‘seco’	cinín (B) ¹⁰³
688	‘segurar’	ticepiú (B)
689	‘seio (mamas)’	panche (L), zounzé ‘colo feminino’ (K) ¹⁰⁴ , çuncê (B)
690	‘semente’	icí (B)
691	‘sepultar’	timâkré (B)
692	‘seriema’	ámpiâ (B)
693	‘serpente d’água’	njontí (N)

¹⁰¹ Retirado da frase: *o’ momõõ impotu nacretibu* ‘olhe aí o saco está cheio’ (LEMOS DA SILVA, 1882)

¹⁰² “Pronuncia-se *ti ci nin*” (p. 88).

¹⁰³ “Pronuncia-se *ci nin*” (p. 88).

¹⁰⁴ O termo em Kupfer (1870) para ‘colo feminino’ é mais próximo aos termos para ‘seio (mamas)’ de Lemos da Silva (1882) e Barbosa (1918).

694	‘serra’	sucomú (P)
695	‘sobrancelha’	intóçôkín (B)
696	‘sobrinho’	pakré (B)
697	‘sogra’	kokrípiâ (B) ¹⁰⁵
698	‘sol’	itpúti (P), imputé (SH), hiutóte (K), puti (L), impútě (N), iútât, iútôt, iúktôt, iútáicí (B)
699	‘sola do pé’	ipáa (B)
700	‘soltar’	tapyndé (B)
701	‘sonhar’	iúpintín (B)
702	‘sono’	intóketín (B)
703	‘soprar’	tiçakô (B)
704	‘sovaco’	çakré (B)
705	‘suã, espinha dorsal’	çapací (B)
706	‘subir, trepar’	iúçupín ‘ subir ’, çupín ‘ trepar ’ (B)
707	‘sumir’	itó (B)
708	‘surdo’	çampanón (B) ¹⁰⁶
709	‘suspender’	tiçanín (B) ¹⁰⁷
710	‘suspirar’	çankrékâ (B)
711	‘tamanduá’	potiti (K), potiti (L), batutí ‘tamanduá-mirim’ (B)
712	‘tamanduá (bandeira)’	batutiínán (B) ¹⁰⁸
713	‘tarde’	ptentê (B)
714	‘tatu’	ankrê (B)

¹⁰⁵ “O accento tonico em *kri*” (p. 88).

¹⁰⁶ “Pronuncia-se *çam pá nón*” (p. 89).

¹⁰⁷ “Pronuncia-se *ti çá nín*” (p. 89).

¹⁰⁸ “Pronuncia-se *ba tu ti inán*” (p. 61).

715	‘tecido vermelho’	netampιά (K)
716	‘terra’	cupá (P), cúpa (SH) ¹⁰⁹ , kýpa (B)
717	‘ouro’	kupajotú (P)
718	‘testa’	ikuá (B)
719	‘teu’	kakiamá (K), çakiáma (B)
720	‘tição’	içáátóómám (B)
721	‘tio’	bitó (K), çutón, citón ‘ tio, tia ’, xitón (B)
722	‘tirar’	tiúató (B)
723	‘tiú’	akôtinacê (B) ¹¹⁰
724	‘tocar, enxotar’	tikón (B)
725	‘tomar’	tipêpú, tapupêpy (B)
726	‘toque de vida’	tikcén
727	‘torto’	xitú (B)
728	‘tossir’	iká (B)
729	‘toucinho’	çampôatún (B)
730	‘touro’	xinakarót (B) ¹¹¹
731	‘trabalhar’	schampuá (P), tikunkoamán, tiçunkuê (B)
732	‘trazer’	iópô (B)
733	‘não trazer’	cimamapikuí (B) ¹¹²
734	‘tremer’	tentént (B)
735	‘tripa, intestino’	xin (B)

¹⁰⁹ “A pronúncia do *u* nessa palavra corresponde ao *iou* francês” (1975 [1848]. p. 67).

¹¹⁰ “Pronuncia-se *a kô ti na cê*” (p. 89).

¹¹¹ “Pronuncia-se *xi na ka rôt*” (p. 90).

¹¹² “Pronuncia-se *ci má má pi ku î*” (p. 81).

736	‘triste, entristecer’	iápempré (B)
737	‘trovão bravo’	intá pitoim (L)
738	‘trovoada’	iúpít (B)
739	‘um’	mahé(K), ipút (B)
740	‘umbigo’	pantóte (L), çuntót (B)
741	‘unha’	pacõcõ (L), cykôkô (B)
742	‘urina’	iútú, icê, içou (B)
743	‘urinar’	itumán (B)
744	‘urrar’	içumpit (B)
745	‘urubu’	kêkê (B)
746	‘filhote de urubu’	kêkêintó (B)
747	‘urucum’	urucú (K)
748	‘vagaroso’	timópiampé (B)
749	‘varar’	tansuá (B)
750	‘varjão’	çáka (B)
751	‘varrer’	tinápón (B)
752	‘vazio’	ninín (B) ¹¹³
753	‘veado’	inpó ‘ corça ’ (P), inpó ‘ cervo ’ (SH), inpó (K), inpó (L), impõ (N), inpó, mpó (B)
754	‘veado’ ¹¹⁴	impóti ‘ veado ’, impótí ‘ cervo ’ (B)
755	‘veado (catingento)’	cipuçâ (B)

¹¹³ “Pronuncia-se *ni mim*” (p. 91).

¹¹⁴ Os termos nesta entrada podem ser segmentados como *inpó + ti* ‘veado + grande’. Assim, sugiro que o termo refira-se a ‘veado-campeiro’, “cervídeo de tamanho médio; os machos adultos atingem cerca de 1,20 a 1,50 m de comprimento e de 0,7 a 0,75 m de altura, e pesam cerca de 30 a 40 kg” (ICMBio, s/d). Enquanto o item anterior referir-se-ia a ‘veado-mateiro’, espécie de cervídeo que apresenta “peso médio de 25 kg e altura de cerca de 50 cm” (*id.*). Esta distinção estaria presente nas listas de Pohl (1832) e Barbosa (1918), nas quais são listados mais de um cervídeo.

756	‘veia’	çê (B)
757	‘velha’	torritúng (N), çuncêpó (B)
758	‘velho’	caputú (K), caputũ (L), kaputúng (N), kaputún, taputún (B)
759	‘veneno ofídico’	tinsáanhán (B)
760	‘veneno vegetal’	koatámastuarê (B) ¹¹⁵
761	‘vento’	cupé (K), çakô (B)
762	‘ventre’	itú (SH), patucá (K) ¹¹⁶ , impá ¹¹⁷ (B)
763	‘ver, olhar’	tiçumpún (B)
764	‘vermelho’	ampiampio (SH), netampiá ‘tecido vermelho’ (K)
765	‘vestido vermelho’	xitacritinhanha (L)
766	‘vestir’	schapú ‘roupa’ (P), çakú (B)
767	‘vida’	iápukôt (B)
768	‘vigiar’	tiçamán (B)
769	‘vingança’	tapuató (B)
770	‘virar a canoa’	tôkupá (B)
771	‘voar’	iáputó (B)
772	‘vomitar’	çãoacin, çóancín (B)
773	‘voo’	iútó, iáputó (B)
774	‘vagina, vulva’	inzé ‘vulva’ (K), iche (L), icê (B)
775	‘xingar, insultar’	tináiô (B)
776	‘chita podre’	xitacriticloclore (L)

¹¹⁵ “Pronuncia-se *koá tá mas tuarê*” (p. 91).

¹¹⁶ Ver 91. ‘barriga’.

¹¹⁷ Em Panará ‘fígado’ [ĩ’pa] (VASCONCELOS, 2012).

III. Frases

A. Lemos da Silva (1882)

As frases, na lista de Lemos da Silva (1882), segue no corpo da lista. O transcritor insere as frases em meios os itens coligidos.

	Português	Cayapó do Sul
1	‘para quê?’	piámanche
2	‘vai!’	quatã cocuê
3	‘fica quieto’	quããchá
4	‘vamos d’outro lado’	chatã paparene
5	‘na beirada’	meciape
6	‘bem assado’	quíóquíope
7	‘está duro’	quitatiên
8	‘a faca quebrou’	coachatiquá
9	‘aonde o cominho?’	yumã cômáxunpum
10	‘lá atrás’	manaia sinquiritati
11	‘saudação’	yapopiá
12	‘despedida’	tamácutê
13	‘lá vem o homem mau ou bravo’	ipémiachim achotemanacabu
14	‘ali vem um homem’	ipémiáxim
15	‘estou com fome’	inquêtupe
16	‘estou com fome, quero comer, não tem’	inquetupéxicucre competibu
17	‘acabou-se’	copembe
18	‘olhe ali no saco está cheio’	o'momõõ inpotu nacetibu
19	‘aonde está a colher’	yumã pê
20	‘moça bonita’	insipia pãã taõpe
21	‘mulher velha e feia’	insipiá caputũ tamancáre
22	‘onde vou dormir’	yuma paninhote

B. Alexandre Barbosa (1918)

As frases, na lista de Alexandre Barbosa (1918), segue ao final do vocabulário, divididas em dois grupos, o primeiro geral, sob o rótulo ‘Phrases’ e o sobre caçada e pescaria sob o rótulo ‘Caçada e Pescaria’

<i>Frases</i>		
1	‘O menino chorou’	Inkué piuntué.
2	‘Os meninos choraram’	Iakokô piuntué inkué.
3	‘Matei um jacaré’	Tinuiá intókócúme.
4	‘Matamos muitos jacarés’	Nimumépá intókócúme.
5	‘A onça brigou com o tamanduá’	Tapín kikôe napiá batutí.
6	‘Os caçadores mataram muitas onças pintadas’	Çuaçê impé napiá inkióra.
7	‘Antonio era amigo de João’	Antonio tikapián João.
8	‘Achei um ninho de urubuzinhos’	Ninupián çacêmán kêkêintó.
9	‘Quero nadar no rio’	Kimión pakrémán
10	‘Não vejo a canoa’	Imópáçumpún pôk.
11	‘O panará matou a macaca e o macaquinho que ela tinha às costas’	Panará tipín ikô ikôpán impumandit tiçupián.

‘Caçada e pescaria’		
12	‘José ontem foi caçar e pescar’	José kiçuaçê koramán çuátó titú menacê.
13	‘Chegando ao rio, desatou a canoa grande, nela poz os cães, remou para a ilha, desembarcou ali e jogou os anzóis’	Pakrétén tipó pôkinán, tiçáa ióp pôk, tikúemán iondé, iató, tmamián kutuín.
14	‘As iscas eram um coração de pato, uma perna de mutum e um sabiá inteiro e com as pennas’	Çuióp inkôkré ieumati ikrén ptemançô, içún atán tmópy inkún.

15	‘De repente pinicou no anzol; estava ferrado um peixe’	Tikondê tinsá mutén; tiuansuê tép.
16	‘Retirando-o da água viu que era uma piracanjuba muito grande; tirou o anzol e poz o peixe na canoa’	Pakrépê tapuató, taptiçumpún kópóainán, tapuató kutuín, ticê kópóa pôk namán.
17	‘Resolveu mudar de pesqueiro, foi para a ponta de baixo da ilha e pescou em um pedra’	Namutó kapú çuókúe; kaçuóku pakiá tután, iáputó pôkpê iató iôtán.
18	‘Iscoou o anzol com um pedaço da piracanjuba. Jogou-o’	Tiuansuê kutuín kapoa. Tmamián.
19	‘Pegou desta vez um surubi pintado’	Tómén içôa.
20	‘Depois não pôde mais pescar por causa dos kagados’	Cimamuí apupô ksuépê krén.
21	‘Pôs os anzoos de espera em um poção e foi passar a noite no barreiro da outra banda’	Timançô kutuín çakén imócín uáká çunkué çatá iondê.
22	‘pela meia-noite veio uma anta com duas antinhas e na mesma hora um grande mateiro’	Impô tamáia pupô ikít iápupô kiút, ambrendá kiút pan, tikônén impóinán.
23	‘José atirou rápido e a bala varou as epáduas do mateiro, que caiu morto’	José tikuató tipré mópín tókén mató çupú mután iúty.
24	‘As antas se espantaram e dispararam no mato’	Tiçakiá inkiút, iutén ãó.
25	‘Ele abriu o matteiro e os peixes’	Takiâ impó tép.
26	‘Fez uma festa que todos acharam muito boa’	Iremacikâ tóuacê tiçuáném tmompé.